I Colóquio Internacional Marco Lucchesi

Organizadores:
Ana Maria Haddad Baptista
Federico Bertolazzi

FUNDARTE
TESSERACTUM
TOR VERGATA
UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI ROMA

I Colóquio Internacional
Marco Lucchesi

ORGANIZADORES:
ANA MARIA HADDAD BAPTISTA
FEDERICO BERTOLAZZI

EDITORA DA FUNDARTE
FUNDARTE
TESSERACTUM
TOR VERGATA
UNIVERSITÀ
DEGLI STUDI
DI ROMA

CATALOGAÇÃO DE PUBLICAÇÃO NA FONTE (CIP)
BIBLIOTECA DA FUNDARTE, MONTENEGRO, BR

C719
I Colóquio Internacional Marco Lucchesi [livro eletrônico] / Ana Maria Haddad Baptista, Federico Bertolazzi (orgs.) – Montenegro: Editora da Fundarte, 2024.

ISBN 978-65-89867-83-8

1. Autores brasileiros. 2. Literatura - Coletâneas I. Baptista, Ana Maria Haddad. II. Bertolazzi, Federico. III. Título.

CDU 82.0
CDD 800

Elaborada pelo bibliotecário Marco Túlio Schmitt Coutinho – CRB 10/2587

Coordenação Editorial: Equipe Tesseractum Editorial
Diagramação: Equipe Tesseractum Editorial
Arte da Capa e imagens internas: Stefanie Macutano
Arte final da Capa: Tammy Guerreiro

Primeira Edição, São Paulo, Março de 2024.
Tesseractum Editorial
Site da Editora:
www.tesseractumeditorial.com.br

Nenhuma parte dessa publicação, incluindo o desenho de capa, pode ser reproduzida, armazenada, transmitida ou difundida, de maneira alguma nem por nenhum meio sem a prévia autorização do autor.

SUMÁRIO

ABERTURA DO COLÓQUIO: EMBAIXADOR DO BRASIL EM ROMA:.....08
Renato Mosca de Souza

BREVE APRESENTAÇÃO 11
Ana Maria Haddad Baptista

BREVES PALAVRAS 15
Federico Bertolazzi

HABITAR O ALHURES: AS ERRÂNCIAS DE MARCO LUCCHESI 16
Ettore Finazzi-Agrò

MARCO LUCCHESI: LINGUAGEM POÉTICA QUE (NOS) MOVIMENTA..... 22
Mônica de Ávila Todaro

A PROCURA DO SENTIDO HUMANO NAS OBRAS DO MARCO LUCCHESI: *Os olhos do deserto / Adéus Pirandello* 34
Montserrat Villar González

MARCO LUCCHESI – ANTICANON 41
Dinu Flămând

NIŞÄ DUŞMIÄ *SAID* MET PERMENA NAHITA DRAGIR: OLEKI *SONETOS MARINISTAS* VRITIZI ZA ALTERTIMER TOZ... *ET ALII.* / Amando uma inimiga *senhor* com doce sofrimento: os diversos *Sonetos marinistas* escritos ao modo antigo... *et alii.* 46
Carlos Paulo Martínez Pereiro

MARCO LUCCHESI: LITERATURA E TRAVESSIAS NO MÚLTIPLO CONEXO .. 59
Abreu Paxe

LA BABELE DELLE LINGUE: SARÀ UNA *FELIX CULPA*? 61
Bruno Mazzoni

LETTERATURA È SORELLA GEMELLA DELLA LIBERTÀ: ESPERIENZE IN CARCERE DI MARCO LUCCHESI 66
Fabio Pierangeli

MARCO LUCCHESI: HAICAIS 79
Chica Takeda

LA RIFRAZIONE DEL POETICO..... 84
Stefano Busellato

MARCO LUCCHESI ON THE EYES OF THE DESERT: LETTERS FROM THE HOLES IN THE TENT … 95
Abdulrahman al-Salmi/Salimi

A MELOPOÉTICA NA OBRA LITERÁRIA "ADEUS PIRANDELLO" DE M. LUCCHESI..... 110
Sonia Regina Albano de Lima

NIŞ ADAM BERT UIKAI SPAKATORI DIR KATAPI E KATAPHANÄI: OLEKI RAHASI KAI DEKAZÄI ALECI VUR *O BIBLIOTECÁRIO DO IMPERADOR... ET ALIA*. / Um homem entre sinuosos fragmentos de livros e bibliotecas: estranhos mistérios e incertas verdades em *O bibliotecário do Imperador... et alia.* 118

Alva Martínez Teixeiro

DO INFINITO UNIVERSO DE MARCO LUCCHESI 127

Judite Maria Zamith-Cruz

DIMENSÕES DE TRADUÇÃO DA NOVELA *MARINA* DE MARCO LUCCHESI 138

Wang Xiaoyue

MARCO LUCCHESI, ESCRITOR ENTRE LÍNGUAS E CULTURAS 141

Andreia Guerini

I COLÓQUIO INTERNACIONAL MARCO LUCCHESI

15 E 16 DE JANEIRO DE 2024

ROMA
EMBAIXADA DO BRASIL
PALAZZO PAMPHILI, INSTITUTO GUIMARÃES ROSA ROMA,
PIAZZA NAVONA, 18

ORGANIZADORES:
ANA MARIA HADDAD BAPTISTA
FEDERICO BERTOLAZZI



TOR VERGATA
UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI ROMA

AMBASCIATA DEL BRASILE

IGR
Instituto Guimarães Rosa
Roma

FUNDARTE
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO

TESSERACTUM
EDITORIAL

PROGRAMAÇÃO

SEGUNDA-FEIRA, 15 DE JANEIRO

10:00H ABERTURA DO COLÓQUIO:

Renato Mosca de Souza (Embaixador do Brasil em Roma)

Bianca Sulpasso (Delegada para a internacionalização, Universidade de Roma Tor Vergata)

Saudação de Marco Lucchesi (presencial)

10:30H PRIMEIRA SESSÃO

Ettore Finazzi-Agrò (Universidade Studi La Sapienza/ Roma/ Itália). **Habitar o Alhures: As errâncias de Marco Lucchesi.**

Mônica de Ávila Todaro (Universidade Federal de São João del Rei/ Brasil). **Marco Lucchesi: linguagem poética que (nos) movimenta.**

Montserrat Villar González (Universidade de Vigo/ Espanha). **A procura do sentido humano nas obras de Marco Lucchesi: *Adeus, Pirandello*, *Marina* e *Os Olhos do Deserto*** [vídeo].

Dinu Flămând (Poeta, tradutor e ensaísta/ Bucareste/ Romênia). **Marco Lucchesi: Anticânon.**

12:00 PAUSA / ALMOÇO

13:30H SEGUNDA SESSÃO

Carlos Paulo Martínez Pereiro (Universidade Coruña/ Espanha). **Nişã duşmiã said met permena nahita dragir: oleki *Sonetos marinistas* vritizi za altertimer toz... *et alii.* / Amando uma inimiga senhor com doce sofrimento: os diversos *Sonetos marinistas* escritos ao modo antigo... *et alii.***

Abreu Paxe (Instituto Superior de Ciências da Educação, ISCED), Luanda/ Angola).**Marco Lucchesi: Literatura e travessias no múltiplo conexo** [vídeo].

Bruno Mazzoni (Universidade de Nápoles/Itália). **La Babele delle lingue: chissà, una felix culpa?**

17:00H ENCERRAMENTO

TERÇA-FEIRA, 16 DE JANEIRO

10:00H PRIMEIRA SESSÃO

Fabio Pierangeli (Universidade de Roma Tor Vergata / Itália). **La letteratura sorella gemella della libertà.**

Chika Takeda (Universidade de Estudos Estrangeiros,TUFS,Tóquio/Japão). **Microcosmo** [vídeo].

Stefano Buselatto (Unioeste/Toledo/ Brasil). **La rifrazione del poetico: Alcune considerazione sull'opera di Marco Lucchesi.**

Abdulrahman AI SALMI/SALIMI (Sultanate of Oman Independent Scholar). **Marco Lucchesi: Desert manifestations messages from the tent holes** [vídeo].

Sônia Albano de Lima (UNESP/ São Paulo/ Brasil). **A melopoética na obra *Adeus, Pirandello* de M. Lucchesi.**

12:00H PAUSA/ ALMOÇO

13:30 SEGUNDA SESSÃO

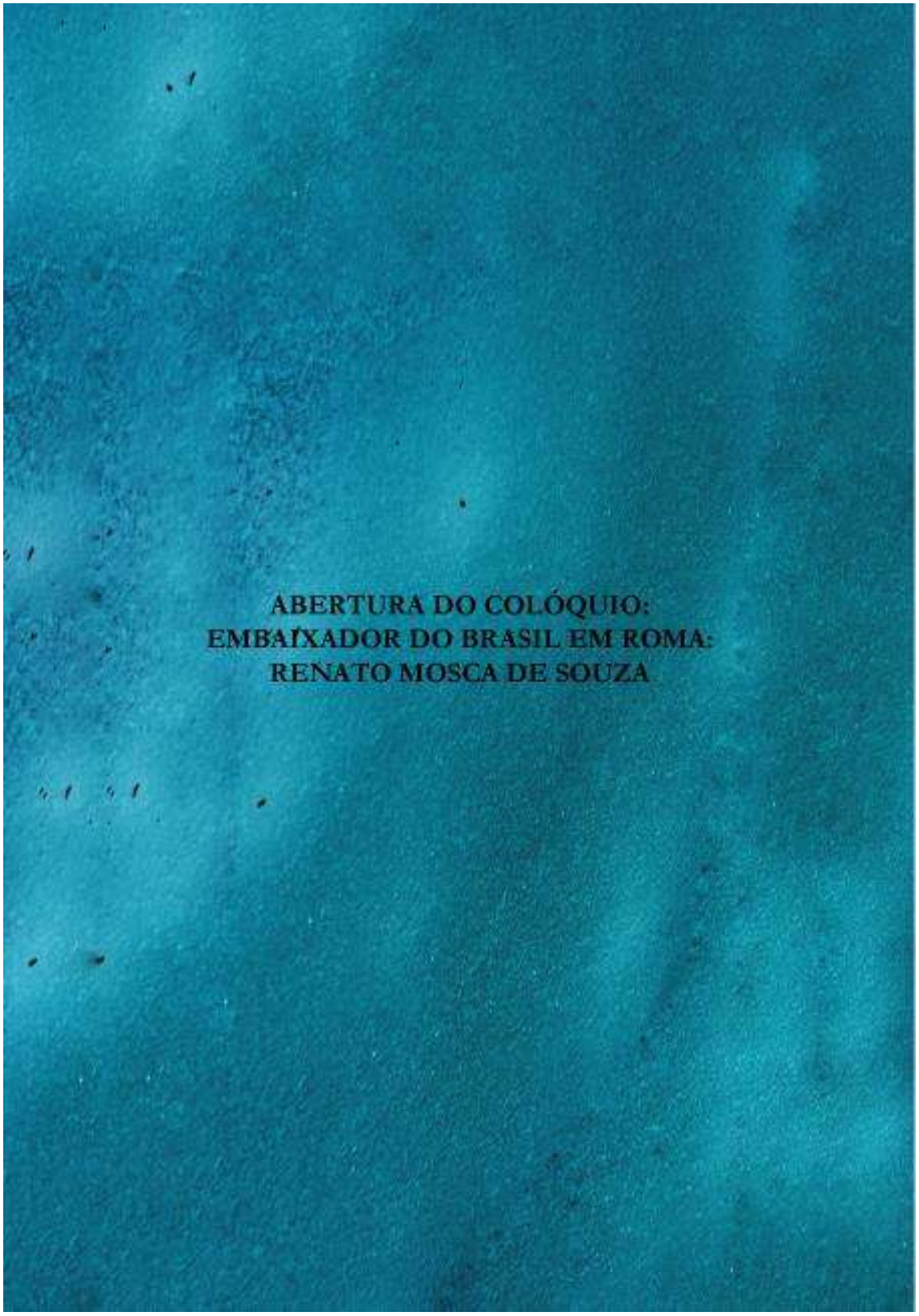
Alva Martínez Teixeiro (Universidade de Lisboa/ Portugal). **Niş adam bert uikai spakatori dir katapi e kataphanäi: oleki rahasi kai dekazäi aleci vur *O bibliotecário do Imperador*... et alia. / Um homem entre sinuosos fragmentos de livros e bibliotecas: estranhos mistérios e incertas verdades em *O bibliotecário do Imperador*... et alia.**

Judite Maria Zamith Cruz (Universidade do Minho/ Braga/ Portugal). **Do infinito universo de Marco Lucchesi.**

Wang Xiaoyue (Universidade de Estudos Internacionais de Zhejiang / China) ***Marina*: Algumas dimensões de tradução** [vídeo].

Andreia Guerini (Universidade Federal de Florianópolis/ Brasil). **Marco Lucchesi, escritor entre línguas e culturas.**

17:00H ENCERRAMENTO


ABERTURA DO COLÓQUIO:
EMBAIXADOR DO BRASIL EM ROMA:
RENATO MOSCA DE SOUZA

I COLÓQUIO INTERNACIONAL MARCO LUCCHESI

Renato Mosca de Souza [1]

Bom dia! Gostaria de agradecer a presença de todos neste I Colóquio Internacional Marco Lucchesi. De início, quero cumprimentar o poeta, acadêmico e presidente da Fundação Biblioteca Nacional, **Marco Lucchesi**, a doutora **Bianca Sulpasso,** delegada para a internacionalização da Universidade de Roma Tor Vergata, o doutor **Federico Bertolazzi,** professor de literatura portuguesa e brasileira na Universidade de Roma Tor Vergata, o professor **Ettore Finnazi-Agrò**, da Universidade de Roma La Sapienza, e a professora e pesquisadora da Universidade Nove de Julho/SP, **Ana Maria Haddad Baptista,** agradecendo-lhes a parceria que têm mantido com o Instituto Guimarães Rosa e com a Embaixada do Brasil em Roma.

Devo dizer que Marco Lucchesi personifica um elo vívido entre o Brasil e a Itália. Primeiro brasileiro de família italiana da Toscana, os versos da *Divina Commedia* e de *Orlando Furioso* povoam sua memória desde a infância. De sólida formação clássica, manteve, ainda muito jovem, interlocução com expoentes da intelectualidade de ambos os países. Representante de duas pátrias e duas línguas, é exemplo notável da conexão entre a herança italiana e o enriquecimento da cultura brasileira.

---

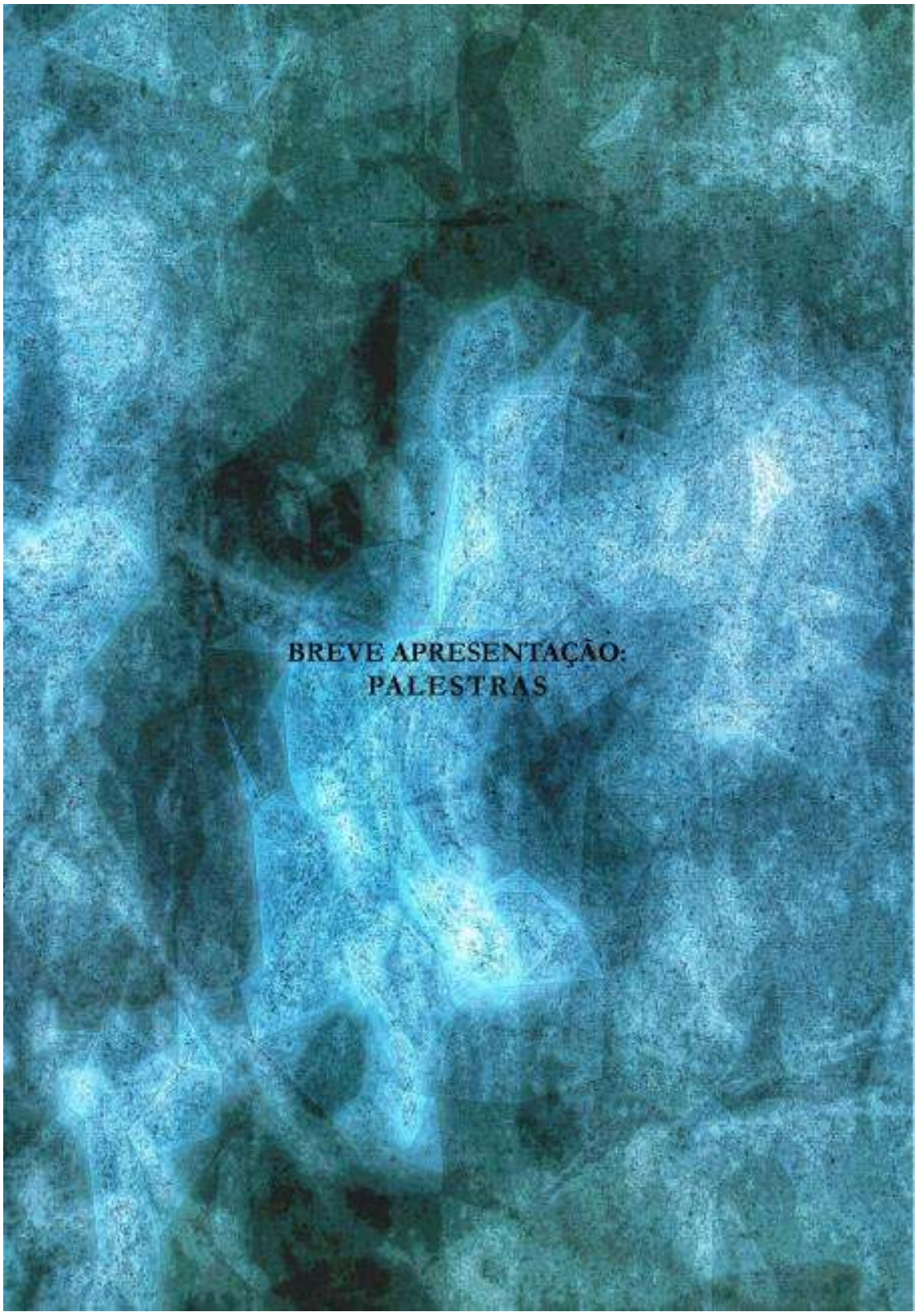
[1] Embaixador do Brasil na Itália, Malta e San Marino.
Destacam-se em sua ampla carreira diplomática: Missões no Brasil: Grupo de Trabalho preparatório da VII Reunião do Conselho do Mercado Comum, em Ouro Preto. Chefe do Grupo de Atenção às Delegações da Reunião de Cúpula Brasil-Comunidade do Caribe (CARICOM), em Brasília. Missões permanentes no exterior: Embaixada do Brasil em Washington, chefe do setor de imprensa, segundo-secretário. Embaixada do Brasil no México, chefe do setor cultural, segundo-secretário. Representação Permanente do Brasil junto à FAO, Roma, conselheiro. Embaixada do Brasil em Caracas, ministro-conselheiro comissionado. Embaixada do Brasil em Liubliana, República da Eslovênia, embaixador. Consulado-geral do Brasil em Vancouver, cônsul-geral.
Condecorações:
10/03/1995 - Ordem do Libertador Bernardo O`Higgins, Chile - cavaleiro10/05/1995 - Ordem do Mérito Italiana, Itália - cavaleiro10/10/2002 - Ordem da Águia Azteca, México - comendador10/10/2003 - Ordem de Nassau, Reino dos Países Baixos - oficial10/12/2003 - Ordem do Mérito, Noruega - oficial12/12/2003 - Medalha Mérito Tamandaré, Brasil10/07/2004 - Medalha Mérito Santos Dumont, Brasil21/04/2006 - Ordem de Rio Branco, Brasil - oficial26/05/2006 - Ordem do Mérito, França - oficial29/04/2008 - Ordem de Rio Branco, Brasil - comendador10/06/2011 - Ordem do Mérito Naval, Brasil - comendador26/10/2011 - Ordem do Mérito Aeronáutico, Brasil - comendador19/04/2012 - Ordem do Mérito Militar, Brasil - comendador10/12/2012 - Legião de Honra, República Francesa - comendador21/04/2013 - Medalha da Inconfidência - Grande Medalha11/08/2015 - Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho - comendador12/08/2015 - Ordem de Rio Branco - grande oficial29/04/2016 - Colar do Cerimonial Brasileiro - Academia Brasileira de Cerimonial e Protocolo (ABCP)23/05/2016 - Medalha MMDC - Movimento Constitucionalista de 193220/10/2021 - Colar da Academia Internacional de Cerimonial e Protocolo (AICP).

Este colóquio oferece a oportunidade ímpar de explorar as diversas facetas deste acadêmico de múltiplas dimensões. Para além de sua expressiva atividade literária, sobretudo na poesia e na ficção, sua obra transita com desenvoltura pelos campos da filosofia, da música, da biologia, da teologia, entre muitas outras áreas do conhecimento, sempre de modo sistêmico, coerente e humanista.

Diante da impossibilidade de sintetizar suas infinitas contribuições, quero destacar um aspecto fundamental de sua missão como presidente da Fundação Biblioteca Nacional, definida pelo próprio Lucchesi como a "diplomacia do livro". O livro é instrumento básico também na construção de pontes entre os povos, enriquecendo o mútuo conhecimento e auxiliando no estreitamento de relações e na superação de diferenças por meio da compreensão das respectivas particularidades.

Ao celebrar o colóquio internacional dedicado a Lucchesi e sua obra, não posso deixar de mencionar a importância da imigração italiana no Brasil. Em 21 de fevereiro próximo, iniciaremos a comemoração dos 150 anos desse movimento populacional que ampliou a diversidade cultural brasileira. Não tenho palavras suficientes para descrever toda a grandeza e a dimensão de Marco Lucchesi, um tributo eloquente à fusão harmoniosa de culturas que enriquecem nossa identidade nacional, sobretudo porque o poeta e acadêmico traz em sua formação o princípio da justiça social, do interesse e do respeito à diversidade e da necessidade de que todo conhecimento, capacidade e talento sejam acompanhados de empatia e zelo pelo nosso semelhante, em especial os mais vulneráveis.

Muito obrigado por essa oportunidade que muito honra o Instituto Guimarães Rosa e a Embaixada do Brasil em Roma.


BREVE APRESENTAÇÃO:
PALESTRAS

BREVE APRESENTAÇÃO

Ana Maria Haddad Baptista [2]

Agradeço imensamente a presença de Renato Mosca de Souza, Embaixador do Brasil, assim como a presença de Bianca Sulpasso, delegada para a internacionalização da Universidade de Roma Ter Vergata. Agradeço a todos os envolvidos na cessão deste espaço físico tão importante, belo e que possibilitou o I Colóquio Internacional Marco Lucchesi. Sabemos, todos nós, o que significa um colóquio. Um espaço com certas liberdades acadêmicas para se discutir, analisar e reconhecer o grau de importância, no caso, da literatura de Marco Lucchesi. Portanto, agradeço veementemente aos palestrantes deste evento.

Agradeço a todos que estão aqui nos assistindo, em especial, aos que não pouparam esforços e vieram do Brasil para este evento tão desejado e, sobretudo, sonhado.

Agradeço, com muito carinho, Federico Bertolazzi. Em todos os momentos, sem exceção, em que organizávamos este evento, foi companheiro, fraterno e, sobretudo, de uma generosidade sem limites.

E como não poderia deixar de ser, agradeço imensamente a presença de nosso poeta Marco Lucchesi. Razão deste nosso encontro e faço ressoar, um pouco, a sua voz, diretamente de *Ficções de um gabinete ocidental*, afinal, como ele mesmo nos diz: "Parte essencial da história da literatura repousa na poética do encontro. Tramada pelos anjos, que movem as letras do livro do mundo, os anjos da cabala, tão abissais em seus mistérios".

Mas, por favor, permitam-me algumas palavras. Prometo que serei breve.

Por que estamos aqui?

O que nos motiva no contexto de um mundo tão conturbado, caótico, quase desprovido de leis, de justiça e com graus de incertezas, talvez, nunca vistos em outros tempos, a falarmos de literatura? Sábias palavras de Marco Lucchesi em *Adeus*, *Pirandello*:

---

[2] Ana Maria Haddad Baptista é mestra e doutora em Comunicação e Semiótica/ PUCSP. Pós-doutoramento em História da Ciência pela Universidade de Lisboa e PUC/SP onde se aposentou. Atualmente é professora e pesquisadora da Universidade Nove de Julho de São Paulo nos programas de pós-graduação *stricto sensu* de Educação. Possui dezenas de publicações no Brasil e no exterior.

"Vivemos de um precário absoluto. Entre os que nos precederam e a quem antecipamos, em trânsito ancestral. Ignoramos a terceira e quarta geração e seremos igualmente esquecidos pelos que não vieram".

Acredito que uma das causas principais é sabermos, mesmo de forma muito subterrânea, que para existirmos enquanto seres humanos, há necessidades que gritam. Transbordam. E apesar de tudo, cremos, penso eu, numa abertura, quase insondável, da necessidade primordial da poesia. Até porque, mesmo considerando a importância de todas as linguagens, a poesia exige e requer um despojamento interior e a nossa recepção de modo autêntico e profundo.

Convida-nos, sabemos disso, a espaços intuitivos, intelectuais e sensoriais, em que podemos nos reconhecer. Estamos aqui porque sabemos, tal qual muitos pensadores já colocaram, que existem contradições infelizes que são derivadas de uma contingência histórica que buscam nos convencer de que tudo está perdido. Mas nem tudo está perdido. Cabe aqui, uma vez mais, um aforismo do Marco em *Paisagem Lunar*: "A severa progressão de uma fórmula pode assustar, como se dentro dela houvesse um demônio, para os que temem a aspereza ilusória de uma selva de cactos. E, de pronto, as coisas se elucidam, quando elaboramos o processo, e tudo se desdobra mediante intensa transição. Segue-se a descoberta de um mundo solidário e transparente que a fórmula pouco a pouco desvela e anuncia".

Logo em seguida vem uma outra pergunta: por que a literatura de Marco Lucchesi?

Preciso falar aos presentes que Marco Lucchesi é autor de vários romances? Preciso falar que ele é autor de *Marina*, uma novela epistolar, seu último lançamento no Brasil, em Portugal, breve nos Estados Unidos e China? Preciso falar de seus inúmeros livros de ensaios extraordinários? E tantos outros livros e livros que integram sua trajetória precoce e que se solidifica cada vez mais? O que dizer de *Paisagem Lunar*? Obra em que o nosso autor reúne seus três diários filosóficos?

De repente surge uma tradução de poetas que muitas vezes jamais suspeitávamos, ou, algum livro inesperado. Afinal, todos nós sabemos, ele transita com tranquilidade, como costumo dizer, pelas escadas de Babel. Mais de 20 línguas. E ainda inventou uma... a Laputar. Tipologias textuais das mais variadas. Diversas. No entanto, ouçamos novamente a voz de Marco Lucchesi numa entrevista concedida a Anna Luiza Cardoso: "Creio que todas se articulem de modo prismático. Um jogo de espelhos em que as partes se convocam e se

entrelaçam. Mas a poesia é lugar do encontro. O coro de vozes. O começo do processo, o sentimento do mundo e suas intensas ressonâncias. A poesia em tudo. Mesmo quando em outro gênero literário ou endereço. As fronteiras caíram. A busca do silêncio e da profundidade me leva a ruídos e superfícies".

Todos nós sabemos, também, que Marco pertence à Academia Brasileira de Letras e que a presidiu, sempre no contexto de seu olhar singular, no período de 2018 a 2021. Atualmente, é o Presidente da Fundação Biblioteca Nacional localizada no Rio de Janeiro que somente em 2023, concretizou projetos dos mais variados com as maiores bibliotecas do Brasil e do planeta.

De tudo o que coloquei, todos nós já sabíamos. Mas existem outras coisas que poucos sabem. Poucos. Porque Marco Lucchesi, para nossa felicidade, é um poeta discreto. Mesmo neste contexto de competição e que Narciso nunca foi tão exacerbado, Marco não renuncia ao espaço de seus valores e de uma profunda ética humanizadora.

Poucos sabem que existe, por exemplo, um grupo de pesquisa, ligado ao CNPq – um órgão importante de fomento à pesquisa do Brasil –, simultaneamente, independente, cuja autonomia jamais dependerá de validade institucional, voltado para a literatura de Marco Lucchesi, coordenado por mim desde 2021. Grupo denominado Marco Lucchesi: práticas das transformações silenciosas. Quarenta e três integrantes provenientes das mais diversas áreas, ou seja: professores, pesquisadores, psicanalistas, advogados, matemáticos, historiadores e outros. Oriundos de várias cidades do Brasil. Também integram o grupo: professores e pesquisadores do Japão, China, Portugal e Espanha. Nem todos sabem que o grupo de pesquisa possui uma intensa produção. Quantitativa e qualitativa. Porque um grupo de pesquisa somente se justifica a partir do momento em que existam, desculpem o termo inadequado por falta de um mais significativo, produções. E o grupo de pesquisa de Marco Lucchesi já realizou mais de dez livros, se contarmos os individuais e os feitos em conjunto, e teremos, brevemente, concluídos, mais cinco. No prelo. Em diferentes editoras.

Poucos sabem, inclusive, que Marco Lucchesi, na prática, virou disciplina em dois programas da área de Educação *stricto sensu* da Universidade Nove de Julho de São Paulo desde 2021. No Brasil, temos o que se denomina Matriz Curricular. E ele faz parte de matrizes das disciplinas.

O que nem todos sabem, inclusive, é que a literatura Marco Lucchesi tem sido, de forma crescente, "objeto", termo quase detestável, mas metodologicamente necessário, de diversas dissertações de mestrado e teses de doutorado. Pesquisas orientadas por professores

de inúmeras universidades. O conjunto de obras de Marco tem não somente inspirado, mas, concretizado projetos de leituras aplicados na prática de escolas de âmbito federal, estadual e municipal no Brasil.

Permitam-me, por favor, uma advertência: cuidado com a literatura de Marco Lucchesi. Ela desvia, transforma, transtorna. Muitos estudantes sob minha orientação de pesquisa foram desviados de seus projetos iniciais depois que leram Marco Lucchesi. E o pior... Marco Lucchesi... não reclame... alguns deles estão aqui, certo, Jaine? Certo, Gabriel? Certo, Clívia?

Creio que existem algumas coisas que Marco, talvez, ignore, até porque sabemos, juntamente com Fernando Pessoa, que: "Somos o que nos supusemos". Talvez, Marco, você não suponha que, tal qual você mesmo coloca no seu belíssimo prefácio de *Doutor Jivago* de Pasternak, que faz parte da essência da arquitetura labiríntica oscilante – oscilante porque musical– que rege seu conjunto de obras, como coloquei um dia em um dos meus ensaios, que a sua literatura exige a **prática efetiva** de uma poesia na qual a permanência da verdade é condição da qual você não abre mão, assim como é uma exigência de alma da sua poesia as transformações onde quer que elas acenem. Faz parte também das concepções que sua literatura elabora, "solidão em estado puro" e não abro mão de tal imagem porque autenticada por sua literatura pelas mais diversas tipologias textuais. Em seu conjunto de obras, dito por você mesmo, insisto, no contexto de Pasternak, o que você nos "ensina", por falta de uma expressão mais exata? Que o amor é inseparável do "que segue pelas águas dos rios e dos mares, pelo curso das estrelas, auroras, madrugadas. Nos olhos da Justiça. Nos olhos do Futuro".

Obrigada por absolutamente tudo Marco Lucchesi!

BREVES PALAVRAS

Federico Bertolazzi[3]

"Um homem tomado pelo sonho", assim Marco Lucchesi definiu em 2018 o amigo comum Nello Avella, no evento em que dele nos despedíamos. A ele quero dedicar este encontro, pois foi ele que proporcionou a amizade que Marco Lucchesi, hoje homenageado, tem ao longo dos anos espalhado ao seu redor.

Marco Lucchesi tem o dom inato de tornar todas as coisas aéreas, de poder enfrentar com leveza mesmo as maiores dificuldades, uma leveza, como a que Calvino descreveu nas suas *Lições para o próximo milênio*, que se deve à sabedoria, ao conhecimento íntimo da máquina do mundo, como o de quem dos seus mecanismos participa e que os reconhece mesmo lá onde os outros não enxergam. O seu multilinguismo é apenas a parte mais evidente desse à vontade com a realidade, esse entendimento com as coisas, "natural como o levantar-se o vento", e que Marco Lucchesi traz sempre.

Organizamos o "I Colóquio Internacional Marco Lucchesi" em Roma, por proposta da cara Ana Maria Haddad Baptista, outra adepta do sonho, que do sonho sabe fazer verdade, à qual agradeço ter-me proposto tal tarefa, tão audaz e tão simples. Agradeço ao Embaixador Renato Mosca a hospitalidade no Auditório do Instituto Guimarães Rosa, sediado no Palazzo Pamphili, barroco no centro do barroco, luminoso, admirável palácio, símbolo múltiplo de um *caput mundi* que a todos nos alberga, há séculos.

Agradeço também a todos os participantes que aqui se juntaram para, com a maior naturalidade e de todas as latitudes, festejar, sem precisar de efemérides, o artista e amigo da comum admiração e afeto. Grande é o prazer de estar aqui com todos, e grande é a honra de partilhar esta grande amizade.

---

[3] Professor de Literatura portuguesa e brasileira na Universidade de Roma Tor Vergata.

HABITAR O ALHURES: AS ERRÂNCIAS DE MARCO LUCCHESI

Ettore Finazzi-Agrò[4]

Para entender Marco Lucchesi e a sua importância no atual panorama brasileiro, acho oportuno colocar e tentar responder previamente a algumas perguntas. A saber: o que significa ser um intelectual hoje? Qual é a sua função na sociedade contemporânea? E sobretudo: qual é, se existe, o seu lugar, a dimensão que lhe é própria num mundo, por um lado, sempre mais líquido e rarefeito e, pelo outro, sempre mais povoado pelos nacionalismos e trabalhado pelas fronteiras, atravessado pelas guerras e regado pelo sangue dos inocentes? As respostas a estas perguntas são, na verdade, sempre difíceis, mas resultam, a meu ver, muito mais complexas hoje de que nos séculos passados.

Considerando apenas o século XX, de fato, é relativamente fácil reconhecer os *maîtres à penser*, aqueles homens e aquelas mulheres que dedicaram a vida deles a mostrar o caminho a ser percorrido, graças à sua capacidade de refletir sobre os erros e as falências do seu tempo, de se opor às obrigações e às censuras decretadas pelo Poder. Apesar deles, como se sabe, apesar da lição que eles tentaram dar aos seus contemporâneos, o "século breve" foi afligido por guerras e ditaduras, por massacres e terror.

A situação atual é, por um lado, semelhante (guerras e ditaduras, sangue e horror assolam ainda o nosso presente) e, pelo outro, bem diferente daquela na qual atuaram os grandes mestres da cultura e da arte ocidentais, dos quais herdamos, certamente, um patrimônio enorme, feito de teorias, de interpretações do mundo e de experiências artísticas incomparáveis, mas um patrimônio ideal tornado quase inacessível ou inaudível, hoje, pela presença de um ruído de fundo que parece querer abafar ou pôr em surdina a voz dos intelectuais. Esse barulho, esse rumor branco é, obviamente, provocado pela digitalização montante dos saberes que se, por um lado, democratiza a cultura, pelo outro, torna quase impossível discriminar entre o alto e o baixo, entre o profundo e o superficial, entre a consistência e a incoerência, entre a validade e a aberração das opções ideológicas e estéticas.

---

[4] Ettore Finazzi-Agrò é Professor Emérito de Literatura Portuguesa e Brasileira da *Sapienza* Universidade de Roma. Ele tem publicado livros e artigos sobre Fernando Pessoa, Clarice Lispector e João Guimarães Rosa e vários ensaios sobre as obras de Manuel Bandeira, de Mário de Andrade e de outros grandes autores portugueses e brasileiros do séc. XX. Autor de mais de 200 artigos, ele organizou (junto com outros) duas coletâneas sobre o "trágico moderno" e, sozinho, outro livro de ensaios em inglês intitulado *Toward a Linguistic and Literary Revision of Cultural Paradigms*. Ele é ainda autor do livro *Entretempos: mapeando a história da cultura brasileira* (Ed. Unesp, 2013). Ele tem sido professor visitante em várias universidades portuguesas e brasileiras e recebeu, em 2014, o título de Doutor *honoris causa* pela Universidade Estadual de Campinas.

Nesse sentido, o mundo hodierno pretende uma nova atitude intelectual, um posicionamento inédito frente aos fenômenos artísticos e socioculturais. Dada, justamente, a rapidez das informações, vista a acumulação irrestrita das opiniões e dos dados, considerando a dificuldade em discernir as mais pregnantes expressões do pensamento e em reconhecer o valor efetivo das obras, a única possibilidade que resta é, para o intelectual, a de contrastar ou de fugir à preensão de um Poder disperso e, ao mesmo tempo, agarrado aos seus privilégios.

De resto, que a função do intelectual seja vinculada à necessidade de "dizer a verdade ao Poder" foi muito bem ilustrada por Edward Said em 1993 nas suas *Reith Lectures* [5] nas quais tratou das "Representações do Intelectual", discriminando entre o amador e o profissional a partir, justamente, da capacidade do segundo de se opor à versão oficial, de se colocar na posição incômoda de quem "arruína as verdades sagradas" – para parafrasear o título de um conhecido livro de Harold Bloom. O homem de cultura, nesse sentido, aquele que em inglês se define como *educated person*, é quem, justamente em nome da sua "educação", se furta a uma definição unívoca, quem recusa qualquer papel pré-constituído em que as elites políticas e socioeconômicas pretendem de o relegar.

O problema, todavia, permanece: como lidar com uma situação que, apesar de tudo, Edward Said podia apenas suspeitar em 1993? De que modo, hoje, pode se posicionar um intelectual e de que modo o podemos reconhecer como tal num mundo multilateral e nebuloso onde dizer a verdade ao Poder não basta, visto que o poder se esfarinha em mil pequenos núcleos e as verdades se dispersam num amontado de quase-verdades, de pós-verdades ou até de mentiras e de *fake-news*?

Talvez a única possibilidade seja aquela indicada por outro grande *maître à penser* do século passado. Com efeito, Roland Barthes, na sua aula inaugural para a cátedra de semiologia literária no *Collège de France*, ministrada no dia 7 de janeiro de 1977, considerava como fugir a um poder que ele já pressentia como plural. Um poder disperso, presente, como ele escreveu:

> *não somente no Estado, nas classes, nos grupos, mas ainda nas modas, nas opiniões correntes, nos espetáculos, nos jogos, nos esportes, nas informações, nas relações familiares e privadas, e até mesmo nos impulsos liberadores que tentam contestá-lo.*[6]

[5] Said, E. W., *Representations of the Intellectual*, New York: Vintage, 1996 (ver, em particular, pp. 85-102).
[6] Barthes, R., *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1980, p.10 (ed. or.: *Leçon*. Paris: Seuil, 1978).

Barthes, diante dessa situação aporética e sem saída, adianta mais uma consideração sobre a função dos homens cultos:

> *Alguns esperam de nós, intelectuais, que nos agitemos a todo momento contra o Poder; mas nossa verdadeira guerra está alhures: ela é contra os poderes, e não é um combate fácil.*[7]

Como se vê, numa perspectiva mais articulada e, em parte, diferente daquela de Said, o grande semiólogo francês descreve aquela situação que, com o crescimento do vozerio e das instâncias ideológicas devido ao uso montante dos meios de comunicação, vivemos na época atual, obrigados a enfrentar a multiplicação e a dispersão descontrolada dos dispositivos de poder.

A única solução possível para esta aporia, a única possível saída dessa situação aparentemente sem saída é constituída, para Barthes, pela literatura, dispositivo, também ele, mas que permite "trapacear a língua": trapaça salutar, esquiva, logro magnífico, como ele a define, permitindo "ouvir a língua fora do poder".[8] É esta, a seu ver, a grande força da literatura, a sua razão de ser e a sua ética, graças à qual o escritor – e, mais em geral, o intelectual – consegue fugir a qualquer papel imposto se servindo de dois expedientes, ou melhor, de dois artifícios ou de duas esquivas: a teimosia e o deslocamento.[9]

Esta longa premissa sobre o lugar do intelectual me permite, enfim, definir – sem nenhuma vontade de definição ou de confinamento – a figura e a obra do meu querido amigo Marco Lucchesi. Porque exatamente a obstinação (no seu sentido bom) e a errância são, a meu ver, as cifras do seu engajamento, do seu compromisso com a literatura e, mais em geral, com a cultura. Não, repare-se, uma atitude divagante ou distraída, mas a combinação rara de teimosia e deslocamento, de insistência e desistência.

Basta, nesse sentido, percorrer a sua bibliografia para constatar como nos seus, há pouco, cumpridos sessenta anos ele tenha praticado quase todas as áreas do saber, mantendo sempre aquela coerência epistemológica e ética que o tornam uma referência no âmbito da teoria e da prática literárias. Para voltar a Roland Barthes e à sua *Aula*, Marco corresponde ao perfil que nele encontramos, ou seja, de quem

> *se encontra na encruzilhada de todos os outros discursos, em posição trivial com relação à pureza das doutrinas (*trivialis *é o atributo etimológico da prostituta que espera na intersecção de três*

[7] *Ibidem.*
[8] *Ibidem*, p.15.
[9] *Ibidem*, p. 25.

> *caminhos). Teimar quer dizer, em suma, manter, ao revés e contra tudo, a força de uma deriva e de uma espera.*[10]

Longe de mim pensar Marco como uma meretriz – apesar da sua sedutora capacidade de falar em público –, mas a sua obra mostra, na verdade, como ele tem sempre se mantido no limiar ilocável entre todas as possíveis teorias, na encruzilhada, justamente, entre todas as possíveis práticas culturais.

Quem olha, também de relance, para a sua produção constata, com efeito, como ela é atravessada por um desejo pujante de experimentação de sempre novos registros expressivos. Um leque de experiências, de fato, que vai da crítica literária à poesia, passando pela prosa de ficção, pelo memorialismo e pela produção de textos de intervenção social – sempre ao lado da sua intensa atividade de tradutor e de organizador de antologias poéticas. Isso, sem esquecer o modo em que ele assumiu cargos públicos prestigiosos: ontem jovem, muito jovem presidente da Academia Brasileira de Letras; hoje ainda jovem presidente da Fundação da Biblioteca Nacional.

Eu já manifestei várias vezes o meu estupor e o meu espanto por essa multiplicidade de atividades culturais, artísticas ou organizativas,[11] mas aquilo que eu quero sublinhar aqui é a coerência intelectual que sempre acompanhou essa pluralidade de empenhos, como se Marco, ao longo dos anos, tivesse ficado fiel ao seu *ethos* tanto privado quanto público, insistindo em esperar um sentido no mesmo gesto com que o sentido era criado. Espera que, nele, sempre foi também esperança, ânsia de um além que ele persegue com obstinação, quase como na *quête* do cavaleiro cortês indo à procura de algo que, pelo próprio fato de ser procurado, nunca é atingido.

E é neste ponto, exatamente, que teimosia e deslocamento, características próprias do intelectual moderno, se encontram e se sustentam mutuamente: na insistência da procura e na desistência em relação a um fim, a um ponto final. Porque o fato de "transportar-se para onde não se é esperado" representa o modo incessante e obstinado para manter-se longe e fora do Poder e dos seus múltiplos dispositivos – experimentando até a possibilidade de se colocar fora da linguagem comum para se furtar ao poder que também nela se esconde, como ainda Barthes indicou e como Marco tentou pôr em prática chegando até a inventar uma língua (im)própria e imaginária que ele denominou de *Laputar*.

---

[10] *Ibidem*, pp. 25-26.

[11] Cf., por exemplo, o meu "Marco Lucchesi e sua inquietação", prefácio ao seu livro *A memória de Ulisses*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 9-12.

A relação com a linguagem se apresenta, aliás, como o ponto de fuga da sua pesquisa intelectual e da sua prática artística, sendo ele um estudioso compulsivo de idiomas. O fato dele ter apreendido e praticado mais de vinte línguas mostra como a sua ideia de cultura passe sempre pelo movimento incessante dentro e em volta das palavras, até chegar àquele silêncio que, protagonista indiscutível da sua poesia, é justamente o resultado de uma sobreposição quase babélica de sons. No fundo, capturar o "poder do silêncio" enquanto ápice e, ao mesmo tempo, avesso de qualquer Poder – um poder, então, que se vive no desapossamento e na inópia –, é, talvez, o resultado mais evidente de uma busca que atravessa idealmente todos os registros expressivos para se refugiar naquele lugar que é fora do discurso dominante, sendo, todavia, a dimensão onde todos os discursos se cruzam.

É desse intelectual obstinado e movediço, dessa *educated person* que da sua formação ítalo-brasileira fez um ponto de partida para explorar, a partir da sua identidade duplicada, o universo das artes, das filosofias, das literaturas, sempre combinando e recombinando linguagens, se subtraindo sempre aos Poderes – até se tornar, sem querer e por paradoxo, figura poderosa no panorama cultural brasileiro, justamente pelo seu fugir a qualquer delimitação e a qualquer regra imposta – é desse homem, enfim, que estamos falando hoje. Mas falar dele não significa, não pode significar de o compreender ou de o prender com outros, porque ele está sempre alhures em relação a qualquer definição estável, ele mora, sem nunca demorar, naquele espaço entre as linguagens, entre as instituições e os dispositivos onde se entrevê finalmente aquele *Aberto* de que falou Heidegger: espaço da inteligência e da arte, espaço integralmente humano.

****

E agora me deixem falar um pouco do meu amigo Marco – não do Marco intelectual, tradutor, romancista ou poeta; não do Marco presidente da ABL ou da Fundação da Biblioteca Nacional, mas daquele jovem que eu conheci quase trinta anos atrás por ocasião de uma palestra dele no Centro Cultural Banco do Brasil no Rio.

Desde então, desde aqueles infindáveis passeios pela Avenida Atlântica, feitos de conversas, de confissões e de felizes coincidências de opinião, eu vejo nele quase uma extensão mais jovem de mim mesmo, uma pessoa que observei, de longe, crescer e se afirmar no meio cultural e artístico brasileiro.

Cada vez que eu o reencontrei – no seu apartamento em Niterói junto com o pai e o seu doce sotaque toscano, na Itália por ocasião das suas viagens, no Brasil quando eu lá ia para participar em congressos ou

para ministrar cursos –, cada vez eu senti Marco como um irmão muito mais novo, ele brasileiro com uma forte ligação com a Itália, eu italiano fascinado pela cultura brasileira.

Ainda agora quando penso em Marco, penso que não seja uma coincidência que ele, carioca e lucchese *de origem, guarde no apelido o nome da cidade dos seus pais. Na verdade, por tudo aquilo que eu disse sobre ele, não é tanto com aquela* Lucca dentro *que eu o identifico, quanto com aquela maravilhosa região fora e ao redor da cidade e dos seus esplêndidos muros, isto é, com aquela* lucchesia *verde e cheia de história pela qual, idealmente, perambula Marco, sempre alhures em relação a qualquer aqui, sempre longe da fixidez e do confinamento num só lugar, sempre no limiar ilocável entre todas as linguagens possíveis e todos os possíveis discursos.*

No fundo, basta apenas acrescentar uma A *ao seu apelido para transpor as imponentes muralhas de Lucca e para transformar a cidade em território, o lugar num espaço – naquele Aberto, talvez, no qual procurarei e encontrarei sempre, obstinado e errante, o meu amigo Marco...*

MARCO LUCCHESI: LINGUAGEM POÉTICA QUE (NOS) MOVIMENTA

Mônica de Ávila Todaro[12]

Compreender o universo singular de Marco Lucchesi e de suas obras é um exercício que exige movimento. Significa deslocar-se, como leitora e leitor, entre referências que passam pela História, Filosofia, Matemática, Astronomia, Física, Geografia, Química, Biologia, Música, Teatro e muito mais.

Para ilustrar o que acabo de afirmar, busco nas obras do poeta alguns pequenos exemplos: História: "Sou regido pelo passado, mas resisto" (*O Dom do crime*, 2010, p.12); Filosofia: " [...] e o nada sobrenada entre infinitos infinitos." (*Poemas reunidos*, 2000, p. 44). Matemática: "[...] Teoremas desmaiam em súbitos jardins sob crepúscilos fugazes." (*Hinos matemáticos*, 2015, p. 13); Música: "Pelas noites tantas em que voltei ao piano." (*Meridiano celeste & bestiário*, 2016, p. 47); Biologia: "E esta árvore severa estranha calcinada solitária evanescente que faz aqui sozinha neste universo de pura celulose e desespero?" (*Sphera*, 2003, p. 33); Química: "A alquimia das cartas" (*Marina*, 2023, p. 59).

Ao registrar suas palavras-poéticas, caminhando por outras veredas, Lucchesi nos instiga a uma experiência sensível que não dicotomiza vida e imaginação. As imagens pendulam nas obras do poeta e nos geram uma totalidade corpórea, típica de quem vê o que lê.

O poeta já nos brindou com o gênero epistolar quando publicou *VIAGEM A FLORENÇA: CARTAS DE NISE DA SILVEIRA A MARCO LUCCHESI*. Para ele, "[...] as cartas deviam pertencer apenas ao rio do tempo." (*Viagem a Florença: cartas de Nise da Silveira a Marco Lucchesi*, 2003, p. 6).

[12] Graduada em Pedagogia. Mestre em Gerontologia e Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pós-Doutora pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades (Each) da Universidade de São Paulo (USP). Docente e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPEDU) da Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). Líder do Grupo de Pesquisa NECCEL (Núcleo de Estudos sobre Corpo, Cultura, Expressão e Linguagens). Coordenadora de Projetos de Extensão: Programa de Alfabetização e Letramento com Pessoas Idosas e Projeto de Criação Artística. Autora de livros infantis e acadêmicos. Tem interesse nas áreas de Educação, Gerontologia e Arte, com enfoque em: Teatro, Dança, Literatura infantil, Corpo, Velhice e Relações Intergeracionais. https://orcid.org/0000-0001-7777-925X.

Em 2023, diante da "possibilidade da morte química dos papéis", o poeta encontra um dever: organizar as cartas trocadas entre Marina e Celso. Correspondência repleta de poética. Uma novela na qual se abrigam cardumes de palavras carregadas de encontro e de dispersão.

Marina é uma obra que faz sentido em um mundo que está sendo construído em meio a cancelamentos e silêncios. Um mundo feito de tempo: passado e presente. O tempo de uma viagem. Viagem sem mapa ou com o mapa das cidades invisíveis. O real que fabrica o voo sobre a memória.

O processo de busca do humano no amor revela outras necessidades em seu fluxo de consciência: chave, porta, bússola, compasso e... O que seria um romance, vira novela. Novela-mar, um novo estilo literário.

No seu estilo único, Marco Lucchesi nos convida a surfar em ondas cada vez mais altas à medida que adentramos em uma literatura interpenetrante. Leio e pareço ter sido lida pelo autor. Leio e preciso escrever sobre o que li.

Sem pressa, desprezo o tempo e os afazeres do dia a dia e do trabalho e mergulho nas águas profundas do texto com medo de delas, e dele, o poeta, sentir falta. Meus passos, feitos pelos olhos, traduzem o movimento permanente de mirar, ler e piscar. Passo a ser. Torno-me. Transformo-me.

Puxo o fio da filosofia, costuro ideias, e vasculho outros livros de Marco Lucchesi: poesias, romances, cartas, traduções, ensaios e textos jornalísticos. Admiro-me, não pela soma matemática do extenso número de obras, mas sim pela grandiosidade de sua literatura. Sinto-me grata pelo encontro com tão surpreendente autor e feliz por ser uma pessoa que habita a leitura desde a mais tenra infância.

Parênteses. Sou filha de escritores. Minha casa foi feita de tijolos de literatura. Nas paredes, estantes com livros. Nas mesas, obras da família. Meu pai, Affonso Ávila, e minha mãe, Laís Corrêa de Araujo, tinham um apreço enorme pelas palavras e pelos livros, seus e de outros autores, algo que herdei. Herança sem valor monetário. Herança eterna feita de travessias, arrebatamentos e intensidades que hoje me arrastam para dentro e para fora de mim mesma e de minhas raízes.

Lucchesi, escritor brasileiro, de raízes italianas, em tudo que faz, fez e fará, registra sua marca única e dá vida às páginas de suas obras. Vida! Existências que ardem sobre a nossa pele. Livros-vivos que contam histórias e que são arte. Obras de arte que descortinam e traduzem

encontros. O que pode a literatura de Lucchesi? O que podem e pedem suas palavras registradas em tantas obras escritas e traduzidas?

Neste evento, falarei de *Marina*, livro publicado em 2023, no qual a correspondência interrompida entre as personagens Celso e Marina foi retomada.

O imortal da Academia Brasileira de Letras está de sentinela. Afirma "viver em um mundo paralelo", mas denuncia o "manicômio a céu aberto". "Índios mortos e a Amazônia devastada" são citados em seu belo texto e, na leitura dele, concordo que "o mundo é uma teia emaranhada".

A imagem de uma teia de aranha chega em mim. Acho interessante contemplar sua maneira tão complexa de produção. Causa que coexiste com outra para determinar o resultado. Tudo na teia. Tudo emaranhado. "Tudo em tudo", como escreve o poeta, brindando-nos com palavras-imagens.

Celso aponta estar "impaciente com Marina". Talvez, suas "ideias confusas" o façam sentir assim. Eu, leitora, mantenho a paciência em meio à impaciência de um tempo-mundo acelerado. Concluo: é preciso buscar, ao ler *Marina*, "Viver e atuar impacientemente paciente, sem jamais se dar a uma ou a outra, isoladamente.", como nos ensinou Paulo Freire na obra *Professora, sim; tia, não*, de 1993.

Não quero interromper a leitura, mas meu cachorro pede, a seu modo, para passear. Meus olhos saem do livro-papel e percorrem o bairro. Nesse outro local, vejo plantas e outros bichos: vacas, cavalos e gatos. Penso, então, que possa estar perdendo tempo afastada de *Marina*. Com passos acelerados, retorno à casa. Vejo o livro e sinto um alívio enorme: ele está à minha espera. As palavras estão nele. Não sumiram. Ninguém apaga, nem apagará a obra potente de Marco Lucchesi.

Assim como me senti afastada de Marina, o poeta também escreve que contou "a ausência [de Marina] em grãos de areia e átomos dispersos". Se Chronos é a personificação do tempo subordinado ao relógio e Kairós é a qualidade do tempo vivido, então ouso afirmar que a troca de correspondência entre Marina e Celso se dá porque o tempo é relativo nesse livro sobre o amor.

Os amores passam. O tempo passa. Envelhecemos. Enquanto uns perdem cabelos, outros ganham peso. Coisas do dia a dia de quem segue vivendo. Há pessoas que guardam segredos

à medida que o tempo passa. Sabemos de Marina, e de seus segredos, porque a troca de cartas com Celso foi eternizada na obra de Lucchesi.

O poeta defende a ideia de que "tudo é eterno" e corporifica a expressão traduzindo-a em: febre, cansaço, calor, abalo sentimental, olhos embaçados, gestos e vozes dissolventes. Os cinco sentidos estão presentes nos livros de Marco Lucchesi. Sentidos formativos das concepções de corpo e das existências.

Os fantasmas do passado, isto é, de um sentimento de 1990, transformam-se e renascem em 2023. O que permanece e se eterniza é o amor entre: Marina e Celso; leitores e livro; poeta e palavras.

Quero, em minha comunicação, aqui e agora em Roma, passear por cada carta acompanhada da curiosidade que me move e que, espero, atravesse cada ouvinte.

Já na primeira carta, está expresso o desejo de que "me esqueçam por completo". Penso que é impossível para Celso se esquecer de Marina. Mesmo que o contato tenha sido (re)estabelecido depois de 8.960 dias. Mesmo que ele não saiba "exatamente o que dizer".

A carta 2 traz frases molhadas pela chuva que cai incessantemente. Frases que "custam a secar" e que "pedem mais tempo". Penso se ainda há tempo para o amor em um país como o Brasil que exige luta diária pelos nossos direitos básicos. Ao menos nessa carta, a esperança e o sonho têm lugares garantidos: "O país há de ficar de pé. E logo voltaremos a sonhar.", escreve o poeta.

Da terceira carta surgem "aromas do silêncio". Sei do que diz Celso. Também sinto o cheiro das palavras não ditas e dos sons do vento que "move as árvores mais jovens".

A revelação de que não se pode "resumir vinte anos" foi feita na carta 4. Concordo que "A linha de uma vida é complexa" por demais para ser resumida. Porém, brindo a grande carga poética presente no pequeno espaço de papel. A última frase desta carta não poderia ser considerada um Haicai? "Brindemos ao poeta, solidão, recife, estrela.". Penso que sim.

A carta 5 referencia a Pangeia (pan, do latim todo; e gea=terra). Como em um quebra-cabeças, Wegener remontou um só continente. Lucchesi, comparativamente, entregou às leitoras e leitores um sentimento repleto de peças antigas, quem sabe da adolescência ou da juventude.

Na carta 6, Celso se diz ilhado, insulado, isolado, perigoso e indeciso. As ideias fazem isto com a gente. Podemos "perder o mundo" nos "restos de pensamento".

Uma pista de Marina surge na carta 7. Ela critica Celso e ele, a seu modo, amplia seu "sistema defensivo". Nega, racionaliza, desloca e projeta. As diversas situações vivenciadas por Celso, tais como contar a ausência, perder os cabelos e tomar cuidado com as mulheres, parecem ter provocado nele reações irônicas. Herodes, citado na carta, se casou com Mariana, como bem sabemos. E Celso? Casará com Marina no final do livro? Afinal, teremos um final feliz como o dos contos de fadas? Ou saberemos da impossibilidade de arriscar-se no amor por quem teima em "dobrar as sentinelas"?

Está escrito na oitava carta: "Mudei muito". Pergunto-me: será que os conteúdos das cartas também mudarão na minha caminhada pela leitura da obra? Ao citar Tolstói, Lucchesi expõe o interior de Celso: "sou um epílogo, sem drama, aplauso e sem cortina.". Sem chegar ao fim da obra, quero saber se Celso seguirá dizendo o que pensa, sem rodeios. Penso isso porque muitas vezes somos habitados pelo silêncio. Quando a cortina do livro se fechar, o que saberei de Celso e de Marina? Retomo a leitura e sei que poderei aplaudir o poeta quantas vezes quiser.

Entre as cartas 9 e 10, breves e brevíssimas, celebro as coincidências. Aqui, onde estou, também chove. "A chuva rebelde que aos males tempera", como escreve o poeta, não é a mesma. Em Minas, não há mar, nem maresia. Porém, é a "chuva que sangra a história do silêncio", pois seu som fere meus ouvidos e me impede de buscar o tom da voz de Celso. É isso! Quase que, como leitora, estava conseguindo imaginar sua voz grave, segura e envolvente.

Vem o anúncio do término da chuva na carta 11. A página, na minha imaginação, tem cor verde, cor de papagaios e de maritacas. Mal consigo distinguir as aves de Lucchesi das que aqui gorjeiam com outros nomes: maitaca, baitaca, cocota, humaitá, maitá, sôia, suia, caturrita. Celso, "calvo e barbudo", afirma ter "as feições de um velho capuchinho" e diz que "Meu tempo começou quando te vi". A leitura de Marina é esse espaço de perplexidade, pois sinto que meu tempo começou quando li Marco Lucchesi.

O pianista Mignone entra em cena na carta 12. Cartola e Lupicínio também. Cultura erudita e Cultura Popular de mãos dadas. Paro de ler para ouvir a segunda "Valsa de esquina". Quatro minutos de olhos fechados. Faço outra leitura, a de quem não precisa de palavras porque sabe ler o mundo sonoro e dele extrai imagens. Fui bailarina. Quis convidar Celso

para sair do papel e comigo dançar um *pas de deux*. Impossível! O passo a dois está restrito a Marina, de sorriso iluminado e que trazia "A Guanabara se escondia nos seus olhos.". O poeta, com sua arte, tece um texto tão imagético que me leva a imaginar o rosto de Marina. Morena, como a de Dorival Caymmi?

Mais e mais arte. A carta 14 (pergunto-me: onde está a de número 13? Erro da editora ou medo do azar?) faz referência a Bosch, Mozart e Verdi. Nesse momento, corro para meu quarto e pego no meu armário a camisa verde feita da estampa do "Jardim das delícias". Celebro, sem culpa, o prazer da leitura que me move para dentro de mim e de meus sonhos.

Volta a cor verde na carta 15. Aqueles olhos verdes, "Olhos que a morte inveja e quer roubar", entraram na minha alma e a literatura passou a ser a máquina do tempo. O poeta retoma "os primeiros passos da democracia" e na voz de Celso ouvimos o grito de "Diretas, já!". Causa concreta e necessária, bradada sem perder a delicadeza do texto. Penso que Lucchesi parece ter uma paixão memorialística, uma espécie de necessidade de marcar alguns dados históricos: "Plano Cruzado, Bresser e Real". Pequena lista que diz muito a quem viveu na década de 1980.

A biblioteca e os livros aparecem na carta 16. São mar! "Semântica e sintática", escreve o poeta. O significado associado ao contexto. As palavras estabelecem relações: superfície, abismo, paredes, fronteira, céu e tempestade.

De repente, na carta 17, uma notícia triste. A morte da mãe de Marina. Carlos Drummond de Andrade escreveu no poema "Para sempre" que "Morrer acontece com o que é breve e passa sem deixar vestígio. Mãe, na sua graça, é eternidade.". Leitora insatisfeita, quero o mesmo que Celso: "Diga os detalhes, por favor.". Detalhes, não há. Só "Morte e amor. Amor e morte".

Adensamento cultural e sentimental em linhas muito bem traçadas na carta 18. O mestre Lucchesi cita o "Sermão do demônio mudo", de Padre Antônio Vieira. Celso registra que "Longe de nós, morremos no silêncio". Não ouço Marina. Sequer sei o que ela responde para Celso. Sei de Marina, por Celso. Boa parte de Celso se explica e boa parte de Marina se esconde.

A carta 19 evoca o imperador romano Marco Aurélio. A máquina do tempo de Lucchesi nos transporta para as escavações no ano de 1889, em Roma. Aparece Crepereia, uma menina cujo corpo, após a morte, foi encontrado conservado. Com ela, estava uma boneca. Celso

compara "As órbitas dos olhos, grandes e vazias" com os olhos verdes de Marina. Lembro da canção de Gilberto Gil: "Não tenho medo da morte, mas sim medo de morrer. Morrer ainda é aqui. Na vida, no sol, no ar.". E penso com Celso: "Pudessem murmurar aqueles lábios..." o quê eles nos diriam?

A morte segue como tema na carta 20. Neste ponto do livro, choro a morte da casa que "Foi demolida. Não restou pedra sobre pedra. Crime perfeito, a casa assassinada.". Choro porque me lembro da casa de meus pais. Lugar outrora batizado por Haroldo de Campos de "Solar dos Ávilas". Lá transitava a nobreza da literatura: Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Décio Pignatari, Murilo Mendes, Lúcia Machado de Almeida, Benedito Nunes e tantas outras pessoas que morreram antes da casa vir abaixo. Preciso respirar para que a memória não me afogue com seus mecanismos de lembrança. Quem mais seria capaz de compreender a morte de uma casa? Penso e sinto. Sinto muito.

Quero seguir lendo e descubro que "A casa não morreu dentro das cartas". O alívio vem da leitura, acredito. Talvez do jogo da alteridade. Sinto o envelhecimento de Celso registrado na cabeça calva. Percebo que salvar os papéis-cartas foi um modo de guardar "parte daquela juventude".

Na carta 21, uma nova descoberta: "Sou um elo entre meus pais e o nada". O nada nega o conceito de ser. O nada realmente existe? Lucchesi transita na "alquimia das cartas" e Celso reside a memória.

Chego na carta 22 como quem está à espreita do que pode acontecer. Os efeitos inesperados do livro em mim e em meus olhos castanhos, comuns, me levam a buscar a imagem da obra de Caravaggio ***Judite e Holofernes***, quadro de inspiração bíblica, pintado em 1599. Nela, a sedutora prepara a morte do tirano. Fortíssima referência que entra no texto para servir à cena da morte de Lívia e do banhista sem nome. Morrer jovem impede o desejo e a experiência de contar os pores do sol vistos. É triste. A vida parece, tal qual o quadro de estilo barroco, um jogo de sombra e luz.

Em *Marina*, tudo tem polo, tudo tem seu oposto. Vida e morte. Som e silêncio. Céu e terra. Embaixo e no alto. Passado e presente. Antes e depois. Lembranças e esquecimentos. Sigo caminhando pela obra como quem anda sobre um solo de acontecimentos.

A carta 23 traz Darwin, Puccini e Hermes. A teoria da Evolução, a ópera italiana e os princípios herméticos fazem a ligação entre a luta pela vida, as "borboletas no alto do morro"

e o plano físico, "canelas e joelhos esfolados". Por que não ouvir mais Puccini? Por que, em Madame Butterfly, a casa com vista para o mar faz Celso lembrar de Marina? Ou ainda: por que o navio de Pinkerton faz recordar o Beagle e revela a esperança da volta do bem-amado? Penso na possibilidade de ver Celso e Marina juntos.

Na curtíssima carta 24, suspensa, pergunto se Celso celebra o amor por Marina, tal qual na canção de Peabo Bryson, ou se o amor é algo sem dono, "Res nullius", e por isso mesmo "uma viagem rumo ao nada". Preciso dizer que o livro me motivou a criar uma *Playlist* eclética composta por diversos estilos musicais: Bolero, Bossa Nova, Clássico, Instrumental, Jazz, MPB e Samba. Agora, ouço as músicas e revivo o clima das cartas.

As músicas que Celso cita reaparecem na carta 25. Ser sentimental não parece ser o caso do personagem, porém ser "leitor de pássaros" é. Pode parecer mentira, mas no ponto em que estou da leitura as maritacas, ou cocotas, invadiram meu quintal. Ao som dos seus gritos, chamam minha atenção para o fato de que deve ser maravilhoso "decifrar tua mensagem". Questiono, curiosa: É Lucchesi um tradutor da língua dos pássaros? Ou apenas o é Celso?

Chego à carta 26. Nela, a referência a Visconti, pintor brasileiro, e a sua obra simbolista 'Gioventú' transpassa a linguagem corporal e o mimetismo. Celso, lançado "num turbilhão", relembra a cena de Marina a copiar os gestos da jovem retratada na pintura. Entro na atmosfera misteriosa de Lucchesi e me pego a pensar na juventude e na sensualidade de Marina. O poeta é criador de fragmentos de um jogo amoroso. É *homo ludens*.

A noite chega na carta 27, mas Celso não dorme. Sem estrelas, nem luz; sem cartas, fotos, agendas, nem flores. Gostaria de perguntar a Celso se o sono é a experiência de uma pequena, breve, morte. Queria pedir a Marina que compreendesse a dimensão do amor de Celso. Não posso. Na fusão entre o poeta e a *poiesis*, a frase "adeus a tudo" traz a morte como horizonte. Nas cartas, a morte vai e vem.

"Marina, essa é uma estranha carta". Celso se refere à carta 28. Ao frequentar "um sem-número de fotos", o personagem teme a passagem do tempo? Ou tem medo de adotar o passado? No tempo presente, sou, como leitora, testemunha do elevado empenho de Lucchesi de potencializar o conhecimento e ampliar nosso repertório cultural. Píndaro, Dionísio Aeropagita... Referências vivas nas palavras do poeta.

Na carta 29, Celso encontra a imagem da dança registrada em uma foto. Ah, a dança... A arte que me fez gente, que me fez ser mais. A bailarina profissional que fui imagina a possibilidade

de convidar Lucchesi para um *pas-de-deux*. Que ousadia! Celso assume a pluralidade de seu ser e, ao final da carta, declara-se, lindamente, para Marina: "Mas todos querem, buscam, sonham com você".

Celso, na carta 30, abre um parêntese para falar sobre a infância. A árvore que aparece nesse ponto da troca de cartas é o abacateiro. Impossível não lembrar da canção de Gilberto Gil: "Abacateiro, serás meu parceiro solitário nesse itinerário da leveza pelo ar.". Árvores são parceiras das crianças, dos pássaros, dos amantes e dos poetas. Paulo Freire louvou a sombra de uma Mangueira; Olavo Bilac nos convidou a envelhecer "como as árvores fortes envelhecem"; Fernando Pessoa nos aconselhou a regar as plantas e amar as rosas porque o "resto é a sombra de árvores alheias"; Manoel de Barros pediu "Senhor, ajudai-nos a construir a nossa casa com janelas de aurora e árvores no quintal. Árvores que na primavera fiquem cobertas de flores e ao crepúsculo fiquem cinzentas como a roupa dos pescadores"; Cecília Meireles escreveu sobre sentir-se "toda igual às árvores: solitária, perfeita e pura." E Marco Lucchesi? Para o poeta, "As árvores são patrimônio dos meninos: escola de subir e descer, sombra-mãe, cabana e trincheira."

A "líquida memória" da juventude vem acompanhada, na carta 31, da referência à ópera de Wagner: "Tristão e Isolda". A paixão dos protagonistas diz dos encontros, desencontros, renúncias, aventuras, contradições e enigmas. Outra coincidência: coreografei Tristão e Isolda nos idos de 1990. Na minha criação artística, coloquei em cena outros pares: homem com homem; mulher com mulher. Penso: Celso ama Marina ou ama o amor e o fato de amar? Tem pena do rei Marcos ou da descoberta do desamor? O pedido final é: "Marina, por favor, destrua esta mensagem.". Diante da finitude do encontro amoroso, ou dos "males do passado", Marco Lucchesi anuncia a finitude da condição humana. Pergunto ao poeta: é possível "morrer com alegria"? E (re)lembro da canção de Gilberto Gil: "Não tenho medo da morte, mas sim medo de morrer. Qual seria a diferença?".

Se na carta 32 Marina "não sabe da eternidade do mundo", tampouco eu sei. Os momentos vividos na casa da praia são rememorados. Alice é a personagem citada com afeto. Marina lembra de seu sorriso. Penso que os sorrisos são marcas identitárias assim como a escolha das palavras numa carta. Reforçar três vezes o adjetivo "lindo" diz muito sobre Marina.

A resposta de Celso, na carta 33, precisamos lembrar, é a de um jovem entre 16 e 18 anos de idade. No entrecruzamento de seus caminhos, a matemática realizou o milagre do encontro

entre Celso e Marina. Um acontecimento! Busco a canção de Chico Buarque para além do trecho citado por Celso. Música símbolo da transição para o primeiro governo civil após 21 anos de ditadura militar. Acredito que Celso e Marina tiveram, um dia, o "direito a uma alegria fugaz". E isso também me alegra, pois "nem tudo se perdeu".

Na tentativa de montar um quebra-cabeça de um "passado que é analógico", Celso vasculha terrenos baldios, agendas, álbuns, cadernos escolares e até o sótão inexistente. A carta 34 me faz lembrar do meu relógio cuco e de sua estética: objeto clássico e atemporal que combina funcionalidade e estilo. Hoje, ele é enfeite que não abro mão. Interrompo a leitura para nadar numa piscina cheia de água. Muito diferente da cena do filme *Nostalgia*, de 1983, na qual o poeta russo exilado Andrei, segurando uma vela, atravessa a piscina vazia de uma estação termal na Itália. Não sou poeta, como Lucchesi. Nado "porque o instante existe". "Não sou alegre, nem sou triste", nem poeta, como foi Cecília Meireles.

Outra referência: Shakespeare. Na comédia *Muito barulho por nada*, a trama gira em torno de um casal de namorados. Lucchesi, por meio das trocas de cartas entre Celso e Marina, na carta 35, escreve: "Rasguei nossa correspondência". Penso que Celso e Marina são um par de personagens antagônicos que abraçam a eternidade por causa da obra do poeta. Ainda bem que existem os livros e os bons escritores!

A técnica japonesa baseada no ato de reparar vasos quebrados, fixando suas fissuras com ouro, ilustra bem a carta 36. Celso não fala apenas de Marina, mas de quem fomos. Afinal, atire a primeira pedra quem não viveu um romance feito de opostos: "luz e sombra, medida e desmedida, a curva e a linha mista, a vaporosa lua e o sol nascente.". Só mesmo um poeta como Lucchesi poderia colocar no papel-livro tão belas e tristes palavras que retratam as cicatrizes que colecionamos de amores irreparáveis.

Com quantos verbos se faz uma carta? Na carta 37, são vinte e cinco: sacudir, despontar, vedar, saber, caminhar, lembrar, deixar, dizer, ver, ferir, proteger, prometer, atravessar, ter, cantar, despertar, morrer, buscar, transmitir, arrebatar, acabar, perder, indagar, aclarar e derramar. Palavras que expressam ações que impregnam todos os nossos sentidos. Ao encontrar a referência da imagem do quadro de Cândido Portinari, "O menino e o pássaro", leitoras e leitores são instigadas e instigados a pensar nas feridas que temos. O texto da carta

amplia o significado de proteção e Celso faz o convite: "Vem saber de meus abismos". Penso: de quantos abismos despencamos e quantas feridas foram geradas ou geramos por amar?

Bicicletas enferrujam. Noções de velocidade são passadas como no quadro "Dinamismo de um ciclista", de Umberto Boccioni. Sou, como leitora, atravessada por uma sensação real de dinâmica, graças à carta 38. Tempo e eternidade. Gosto da ideia de "capítulo de eternidade" e penso que cada carta é um capítulo no qual Lucchesi, por meio dos personagens Celso e Marina, se dedica à análise detalhada do eterno amor que "como teus olhos, não se apaga.". Quem sabe o poeta possa me dizer dos amores que teve. Marinas, com outros nomes? Lembro do poema "Soneto de fidelidade", de Vinícius de Moraes: "Que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure." e parto, ansiosa, para a leitura da última carta.

Quem há de saber se uma carta será definitivamente a última? Quero consolar Celso e a mim mesma. É verdade que os últimos serão os primeiros? O desafio de Virgílio-Orfeu de tentar resgatar a vida de sua amada Eurídice assemelha-se ao de Lucchesi-Celso? Sou apenas uma leitora enfeitada por palavras-flores e enfeitiçada por cartas-recordações. Nada posso contra a terminalidade de uma obra que já é eternidade para mim. Fui Marina de outros escreventes? Algum Celso me amou se afogando nos meus olhos castanhos?

Finalizo minha tentativa de falar do livro Marina, registrando, com a humildade de quem não é poeta, o que penso de Lucchesi:

O menino mar
navegou pelos idiomas.
Italiano, Turco e...
O mar também se fez menino.
Náufrago em si mesmo,
mergulhou nos livros.
Viagem ao centro da terra e...
O menino Lucchesi
nadou de braçado.
Crau, peito e...
Seu marco ficou registrado.

Escreveu, traduziu e...
O homem Lucchesi
remou nas águas agitadas.
Hoje, o homem menino é leme.

Enfim, termino de ler Marina sendo hoje, nesse Colóquio, aquela que treme diante da grandeza e da profundidade da linguagem poética do menino mar que nos movimenta.

São João del-rei, Minas Gerais, Brasil, verão de 2023.

A PROCURA DO SENTIDO HUMANO NAS OBRAS DO MARCO LUCCHESI: *Os olhos do deserto / Adéus Pirandello*

Montserrat Villar González [13]

La poesía ya no sólo es belleza, es resistencia al espanto.

Mientras Gaza está siendo reducida a cenizas por aquellos herederos del sufrimiento infringido por los nazis (Israel), mi cabeza no deja de recordar palabras y sensaciones absorbidas en las lelcturas de *Os olhos do deserto*. Y, aunque ahora es otro el tema que nos ocupa, ese viaje a Beirut, Jordania, el desierto… no deja de tener similitudes con la actual situación en Palestina. "Beiurute foi varrida por uma guerra impiedosa, em que não foram poupadas igrejas e mesquitas, cujas torres parecem mártires empalados no horizonte". ¿Cuántos años y dolor deben pasar para poder observar Gaza con esa mirada? En este momento, el presente que Lucchesi valora tanto, nuestro mundo, sufre heridas que serán incurables para generaciones futuras. Como dice él: "Holocausto dos vivos, se a vida que levam pode se chamar vida". Nombres, Franja de Gaza, Ucrania,… que se unen a aquellos más insidiosos de nuestra historia más reciente: Birkenau, Auschwitz, Bosnia… Rabia y compasión, vergüenza, ante tanta desolación, resignación y horror.

Pero, la vida es una búsqueda, un intento de entender la belleza y el horror que nos rodean y, cuando alguien se decide a llevarla a cabo, se convierte en un devenir obsesivo "inquietante, desordenado, inacabado como lo es el propio pensamiento".

Lucchesi viaja a Oriente, lugar donde nace el sol, donde nacen las lenguas indoeuropeas, donde nacen nuestras palabras y la necesidad de expresión que todos tenemos. Se adentra en

---

[13] Vive em Baiona (Pontevedra) e trabalha como professora de Espanhol como língua estrangeira. No seu tempo livre, é tradutora, poeta, ensaísta, ativista cultural. Nos seus olhos e em sua memória estão sempre presentes as florestas da sua terra natal, o mar e esse sentimento tão galego: "a morriña" (a saudade). Além de diferentes manuais didáticos e traduções de poesia portuguesa e brasileira, publicou vários livros de poemas e participa em diferentes encontros literários, culturais e solidários, assim como em Encontros internacionais de Língua e Literatura.

el desierto: origen y fin de la existencia, herida perpetua, desabrigo y ausencia eterna cuyo conocimiento y superación acompañará en paralelo al conocimiento del islán "língua áspera e suave, caligrafia sinuosa" como si de una duna en movimiento se tratara, y a su tres religiones: Judía, Musulmana y Cristiana, tan cercanas y tan lejanas al mismo tiempo.

Camino iniciático que lo lleva al centro de Beirut, a su lugar de acogida en esta ciudad: "Minha cela fica no coração de Beirute, onde as lágrimas e os gritos da guerra repercutem, silenciosos, no ódio das milícias …". Y me recuerda al Guernica, con toda su destrucción plasmada en cuerpos descuartizados, y a la poesía más social y dramática de nuestro siglo y el pasado y la frase con la que yo pretendo definir la poesía que escribo se hace presente: *La poesía ya no sólo es belleza, es resistencia al espanto*. Y se confunde existencia y palabra, se funden hasta el "Sou-te…És-me…E o negro da tinta, e o branco da página"… y la palabra de mármol, que es origen y fin de nosotros mismos, toma cuerpo. Y la reflexión lleva a la primera letra de un alfabeto.

El desierto es una nada que esconde los orígenes y el fin de todo pacíficamente, frente a la muerte y destrucción que el hombre, y sólo el hombre, puede causar a sus propios congéneres.

"Fora dele, não sei beber senão por metáforas". Una nada que es el inicio de todo ("tenho dentes de Adão") y que lo acerca a la vida de los monjes, a ese deseo de soledad y abandono.

"Amo tudo o que não me é: o alhures, o ainda não", una salvación a través de la belleza cuando todavía tenemos capacidad de asombro.

Y regresa a Beirut, a Leila, como Ulises, finalmente regresa a la casa de Penélope. Todo desgarro necesita de consuelo, de esperanza, de observación de lo hermoso. Todo viajante necesita sentido de pertenencia a algún lugar.

Y aceptando el desorden que representa una búsqueda acepta "os labirintos, porque tal vez, ao percorreêlos, compreenda mina desorden, e dele espero uma força de vida, que não me falta, mas que, às vezes, parece abandonar-me, frente ao desconhecido".

Pero no falta la frustración, la indecisión, la melancolía, la saudade, como no faltaron en el camino de Ulises monstruos y acontecimientos que lo hicieran dudar de su aventura. Y la madre patria se convierte en el único lugar seguro para "não me sentir estranho, hóspede da vida…" Y es que el lugar de origen es asumido desde la infancia como el natural, observado como observamos la piel que nos recubre y que nunca cuestionamos. Esa sensación de pertenencia a esa piel es la que nos infunde seguridad en última instancia.

Son las ruinas de Beirut "tão próximas das minhas" Y AHORA LAS DE LA FRANJA DE PALESTINA, LOS CADÁVERES DE LOS COLONOS ISRAELÍES Y DE TANTOS INOCENTES PALESTINOS... DESTRUCCIÓN EN TIERRA ORIGINAL Y SAGRADA, DESAPARECE GAZA ANTE NOSOTROS EN UN NUEVO HOLOCAUSTO.

Y es, Damasco, la ciudad y el deseo que reconforta a Lucchesi y a la que le pide "abraça este amante da solidão". Y el Ave Fénix o su imagen mítica en Irán, el Simurg, aparece en este intrincado libro para saberse en la búsqueda del paraíso, en el deseo de supervivencia y renacimiento.

Y es el amado, la amada, la ciudad, Leila, la que debe ayudar a este ser doliente en la búsqueda de la verdad, "a vencer estas solidões, este rebanho do medo… abandono". Esta sensación de fragilidad e inconsistencia de ser uno sólo en el abismo del mundo, esta necesidad de sentirse acogido por un lugar, una tierra, unos brazos amigos que ausenten todos los miedos del mundo.

Esencia, vocación solitaria, sufrimiento, noche, incredulidad, inquietud, Dios, melancolía, felicidad, tristeza, sol, piedra, mar, azul, naturaleza, siempre,… son elementos que se presentan en estos pensamientos y que se irán ordenando en un laberíntico recorrido hasta el *inexistente final del* camino de este singular viajero.

PENSAMIENTO DESLIGADO, A GOLPES. Conocimiento de la lengua: conocimiento de la realidad, desentrañamiento de los afectos.

Mundo árabe: viajar al epicentro de la humanidad, la religión, la destrucción, el origen y el fin de todo.

Un viaje, para nuestro autor, necesario, placentero y doloroso al mismo tiempo. Un viaje que le hace anhelar su tierra patria y dejarse seducir por la sorpresa de lo desconocido. No será el mismo, sus ojos, su alma, su valoración de la realidad habrá cambiado. Necesidad de ser más allá de nosotros mismos que los poetas tienen,… el saberse frágiles; el reconocerse finitos e imperfectos; apasionados en el dolor y el placer; irracionales y cambiantes; … esa es la enseñanza del camino.

ADEUS PIRANDELLO

Tres historias paralelas en el pasado, representadas por el viaje de Pirandello a América del Sur, Mario o AB. Y un presente que se intercala a modo de notas de la realidad, similar a las notas que Pirandello y Marta simulan escribirse. Dobles personalidades y un médium que permiten disquisiciones sobre el valor de los seres humanos y sus obras.

Si Pirandello nos dejó a un sinfín de personajes en busca de autor, Lucchesi nos deja a Pirandello y Marta como personajes, seres que sobrevivirán a su autor. Con sus contradicciones, como las contradicciones de la vida misma.

"Com Pirandello, o contrário. Nem santo nem herói: esqueleto vivo, máscara nua, que fere e atordoa sem piedade. Sua obra: mundo luminoso, cheio de ruínas e lacunas. Delas se alimenta, esfaimado. E não barganha o preço das contradições". Un Pirandello con sus propios demonios, genialidad de autor y miedos y soledad de ser humano, ¿quién se salva? ¿quién lo salva? ¿quién salva al ser humano de sí mismo en cualquier caso?

Pero no sólo eso, el propio Lucchesi se convierte en personaje en sus notas de realidad para demostrar la sorpresa y fragilidad del ser humano durante la pandemia.

"Vejo um retrato, em preto e branco, envolto pela névoa..."/"Névoa do tempo" "A nitidez perdida". Una historia que se actualiza en plena pandemia con tintes de realidad, salpicada por las propias reflexiones del autor ante la desolación y los miedos que el COVID nos ha traído, demostrando que los seres humanos somos seres vulnerables, más de lo que hasta ahora creíamos. Y son los demonios de cada uno y los demonios de la humanidad, los que nos acosan.

Pero frente a esta fragilidad humana, Lucchesi juega con la eterna dicotomía de autor personaje: tanto Pirandello como Lucchesi son autores en busca de una eternidad literaria (Unamuno y Niebla). Los personajes sobreviven a los autores. "A obra não conhece fim. E nem tampouco a criatura, ambas crescem mutuamente em volume e abundância. Mas como é triste a eternidade..." "O limite entre real e ficção vida e forma, ator e personagem. Se pudesse, eu mesmo gostaria de saber o lugar da humana condição e força do destino"

La Soledad y la metáfora del Mar: "O mundo agora é o jardim e a maresia fere meu piano de umidade...", señalados, ambos, con la metáfora musical: la música, elemento unitario de las artes. Guía vital en este momento de dudas y silencios.

Y expresa la DUDA SOBRE LA EXISTENCIA con elementos como: Muerte>ESPECIE DE AMOR: desnascer>morrer "Não há novidade alguma em desnascer"

Y Calderón de la Barca aparece en expresiones como: "E ainda: não temos ideia se estamos vivos e se outra vida seria mais fecunda.[...] Talvez tudo não passe de uma forma de morrer, sem apelo a instâncias mais altas, sob a espécie do amor". "Névoa do tempo" "A nitidez perdida". La vida es real, realidad del autor en el siglo XXI, realidad de Pirandello en su viaje a Brasil y su amor por Marta; en la muerte de Mário,… ¿Cuál es la realidad y cuál la ficción? "[…] o limite entre real e ficção vida e forma, ator e personagem. Se pudesse, eu mesmo gostaria de saber o lugar da humana condição e força do destino". Y reaparece el anhelo eterno del autor, saber del destino humano, entender lo más esencial de la vida, saberse a sí mismo aquí y ahora.

Ansiedad que busca consuelo en el amor a las palabras, el amor a la literatura que, en esta ocasión, conocemos por boca de Pirandello "Amo com ímpeto e obstinação o núcleo de suas palavras".

Exilio y peregrinación de nuevo:

Peregrinación por Brasil, exilio temporal. Búsqueda de sí mismo, literaria y humanamente hablando. Viaje en el que Marta significa refugio y obsesión, belleza eterna e ideal. Amor a la palabra. Búsqueda a través de lo literario, de sus personajes. Grandeza de un autor en el mundo interior confuso del ser humano. Búsqueda eterna que continuará en sus personajes, en su obra, incluso después de la muerte física (Medium): "Para ele, o exercício mediúnico é um repertório de máscaras desenhado nos fragmentos de nossa identidade fugidia".

Eternidad literaria frente a muerte física: "Já não lhe assiste, Pirandello, o direito de morrer... simples mortalha sobre o corpo, nenhum anúncio fúnebre,... Si la literatura, la música, el arte en general, expresa aquello que es intangible, esencial y eterno, es Pirandello el ser físico que lo representa: "Pirandello migrou da substância para os acidentes. Ou melhor: deixou que era firme pois descobriu, como disse o poeta, que só o fugitivo permanece e dura."

Y Marta

Marta: ser de luz y de sombras al mismo tiempo, amor y dolor, refugio necesario de Pirandello. Espejismo de un ser perfecto e inalcanzable. Motor y belleza.

"Marta e Picasso são as colunas sólidas da dramaturgia. Pirandello roubou-lhes a alma. Conhecê-lo era quase pactar com o demônio. Seu teatro deixava marcas irremediáveis".

Marta acoge los fantasmas de Pirandello y da cuerpo a ese Pirandello que no sabría vivir sin su reflejo sin distinguir entre realidad y personaje literario: "Pirandello não sabe distinguir princípio e fim, amor e morte. [...] Pirandello ignora se ele próprio é que sonha com Marta ou se é a espécie ancestral que sonha por ele e move estranhos sinais, poucos dias antes de morrer, longe do Rio, na Sicília".

Y en esta intersección de caminos, de miedos, búsqueda, vivencias y reflexiones literarias y humanas, aparece Mario: "...expatriado como seus colegas, diplomatas, pronto a ganhar o mundo e a perder-se. Mania de viagem. Fuga infinita que se nutre de si mesma. Moto perpétuo. Incessante". "...Mário, o vazio que aperta sua garganta" / "Mário indaga suas ínfimas tensões. [...] Mário não possui história. Ou melhor, recusa-se a convoccá-la. Vive apenas do presente..."

Un Mário que podría representar el alter ego de Pirandello: búsqueda, dramatismo, fuga infinita, necesidad de liberarse simulando su propia muerte: creando un nuevo personaje que lo sobrevivirá: AB

Así, podemos concluir con elementos que ya nos resultan familiares en las obras de Lucchesi: Soledad / mar / música / silencio/ exilio / búsqueda literaria / realidad dolorosa y contradictoria (el yo vive en la literatura, el nosotros vive en la pandemia) / DUDA SOBRE LA EXISTENCIA. Muerte>ESPECIE DE AMOR / Realidad o literatura...

Y ese yo literario afirma: "Morremos todos na pandemia. Cada qual a seu modo. [...]Somos personagens em busca de autor. [...]Não posso afirmar que a Marta destas páginas chegou a existir, nem mesmo Luigi, com seus laços de amizade[...] A vida é sonho": Calderón, Unamuno, Torrente Ballester, tradición literaria española.

Búsqueda de unidad en la narrativa literaria, imposibilidad de una vida lineal: pachwork que se construye a lo largo de los días, sin límite, sin fin ni final reconocible, sin guion escrito. El teatro, la novela sí tienen un final determinado. La poesía, la vida son construidos a través de la percepción sensible de cada uno, sin posibilidad de linealidad ni determinación previsible: "A narrativa a que procuro dar vida move-se como um patchwork... Eu me apego a um fio de unidade, como quem amarra, para que não fujam ou se entrechoquem,... Após colar todas

as partes, tão implicado me vejo na história, que não consigo sair. Teria de romper a fina membrana e o precário equilíbrio do desenho."

Y, por fin, esa sensación de vulnerabilidad, de inexistencia, de búsqueda de sentido, de ansias de entendimiento, ese camino sin horizonte alcanzable, sin realidad tangible que nos dé seguridad durante el viaje intenso y no falto de tropiezos que significa vivir.

Pero son la música, la palabra escrita, las artes, en general, lo que nos salva. El alma del ser humano se alimenta de intangibilidad y amor, ese es el verdadero motor: saberse seres finitos cuyo camino consiste en dejar huellas creadas con verdadero amor. El futuro, cuando el cuerpo desaparezca, regalará a los otros las obras que nos sobreviven. Beethoven, Pirandello, Picasso,… Autor u obra, ... La pandemia demuestra que los autores son finitos, el camino, la búsqueda y las obras que nacen de este exilio, es lo que permanece.

Gracias, Lucchesi por ser tan humano, tan frágil, tan reflexivo; gracias por crear palabras que para otros tienen sentidos innumerables.

MARCO LUCCHESI – ANTICANON

Dinu Flămând [14]

Mesdames et messieurs, chers amis,

Tout d'abord permettez-moi de remercier les organisateurs pour cette généreuse invitation; elle me donne l'occasion d'exprimer ici mon admiration pour l'homme particulièrement complexe nommé Marco Lucchesi. Je suis probablement le moins justifié à prendre la parole dans un colloque d'une telle envergure. Car je pénètre timidement dans son grande œuvre, depuis peu de temps, même si je continue à l'étudier, émerveillé par sa diversité et profondeur.

Dans le monde d'aujourd'hui, à une époque qui **imite** l'universalisme plus qu'il ne le **respecte**, où le ton est donné par des canons corporatistes, par la médiocrité d'obédience systémique de la pensée manipulatrice, qui cache mal le dictat de diverses pouvoirs, Marco Lucchesi est le modèle de l'homme universel. Il va toujours aux sources culturelles les plus diverses, il met en lumière leur beauté, leur caractère, universel et spécifique en même temps, parcourant tel les grands conquistadors lusophones riches terres spirituelles sombrées dans l'oubli. Il a appris des langues, des dialectes orientaux et slaves parmi les plus rares, qui complètent sa très solide base de culture classique occidentale, pour mettre en lumière la

[14] Diplômé de la Faculté de Philologie de l'Université "Babeş-Bolyai" de Cluj (1970). Membre fondateur du cénacle puis de la revue Echinox. Il a travaillé dans plusieurs rédactions de journaux et de magazines à Bucarest, dont Amfiteatru et Secolul 20. En 1971, il a été transféré disciplinairement de Centrala carti pour avoir refusé de participer à la purge idéologique des livres; Dans les années 1980, il quitte le pays et se réfugie en exil à Paris, d'où il dénonce le régime oppressif roumain dans la presse écrite et à la radio. Il a vécu en France jusqu'en 2010. Il a été journaliste bilingue à Radio France Internationale, entre avril 1989 et avril 2009. Plus tard, il a commencé à produire des émissions sur l'actualité roumaine et internationale sur plusieurs chaînes de télévision roumaines, notamment sur B1 tv, dans le cadre du programme d'analyse socio-politique « Étape suivante ». ". À partir d'août 2011, il devient conseiller du ministre des Affaires étrangères. En 2013, il est nommé ministre conseiller à l'ambassade de Roumanie à Paris et représente la Roumanie auprès de l'Organisation internationale de la francophonie jusqu'en novembre 2014. Après la chute du régime communiste, il est réintégré dans la littérature de son pays d'origine. Ses volumes de poèmes et de critiques littéraires, ainsi que certaines traductions, ont remporté plusieurs prix nationaux et internationaux. Bourses reçues et participation à des programmes créatifs internationaux: Yowa City, États-Unis, 1983 ; Fondation Kalouste Gulbekian, Lisbonne, Portugal, 1985 ; À Naplouse, France, 2002 ; Centro di studi ligure, Bogliasco, Italie, 2005 ; Organisation Sacatar, Salvador da Bahia, Brésil, 2008. Docteur Honoris Causa de l'Université Western "Vasile Goldis" à Arad, 25.05.2010. Il est citoyen d'honneur de plusieurs localités, dont sa commune natale. En 2019, il a reçu le prix Nichita Stănescu et en 2021 le prix Lucian Blaga. Prix de l'Académie roumaine de poésie (Homme avec une rame sur l'épaule), 2022. Premio de poesía Nuevo Siglo de Oro, Círculo de Poesía, Ciudad de México, 2023.

richesse plénière des zones considérées marginales, dans une époque qui encourage la médiocrité dorée bien centralisé.

Je lui suis particulièrement redevable pour nous avoir choisi, entre autres, nous, les roumains, notre littérature et notre culture, et de nous avoir consacré quelques études d'une grande sagacité en finesse, contribuant d'une manière décisive à rétablir notre légitimité dans le monde de l'esprit, après une longue nuit dogmatique qui tentait de nous exiler dans le néant. Marco Lucchesi est polyglotte car il aime la polyculture. Il n'accepte aucun canon littéraire ou culturel dominant. Dans sa liberté d'esprit absolue, il est l'homme libre de ses propres options, animé également d'une rare dignité culturelle. Sa récente nomination à la tête de la Bibliothèque nationale du Brésil m'a semblé une victoire de la dignité, acte de justice rendu à son caractère moral impeccable. Je le dis en connaissance des choses, comme quelqu'un qui a acquis, au fil du temps, une certaine facilité à détecter, par l'odorat, la présence insidieuse de tout type de dictature. Et si nous assistons aujourd'hui à la dissémination de nouvelles épidémies, de « moralite » idéologique, semblables à celles que j'ai connus autrefois dans le monde communiste réel, je pense que le modèle de rectitude morale et scientifique, celui de Marco Lucchesi, légitime un certain optimisme. Oui, il est encore possible et nécessaire de ne pas céder à la sous-culture. Marco Lucchesi, riche descendant de la Renaissance européenne, va à la source de toutes les cultures qui suscitent son intérêt et actualise une vérité simple: ce sont les cultures qui représentent l'âme des peuples, non la puissance des armes, ni les anciens tropismes de l'héritage colonial.

Cette grande ouverture spirituelle confère à son écriture une liberté distincte. Il existe chez Lucchesi une curiosité admirative qui entretienne le rêve d'une grande communauté spirituelle transnationale et atemporelle. Oui, je pense q'il croit dans le projet de Pessoa du Cinquième Empire, incarné en chacun d'entre nous par l'enrichissement personnel de l'esprit. Sa poésie, sa prose, ses essais, probablement aussi ses compositions musicales, ses diverses interventions publiques se distinguent par la même souplesse mozartienne de pensée, dans l'expression, dans et les associations d'une riche diversité, dans l'argumentation, qui lui permet d'aller à l'essentiel, avec la grâce naturelle des inspirées. On reconnait, certes, l'étendu de sa culture, qui lui facilite, par exemple, l'approche insolite entre la poésie de Gherasim Luca et le mysticisme fulgurant d'un Khlebnikov… deux insurgeants de *Interlíngua* … Mais nul autre n'aurait pu établir une rapproche, aussi plausible que surprenant, entre un poète roumain, mort à Paris, destructeur absolu de sémantique poétique (*um golpe de estado na linguagem* – affirme Lucchesi) et le bizarre russe du début du siècle passé, grand vagabond par les steppes de l'Asie, qui se prenait pour « président du globe terrestre »; dans

le même contexte est convoqué Guimarães Rosa, pour enrichir les exemples de radicalité destructive et reconstructive dans le langage littéraire. Je cite encore Lucchesi: *« no jogo do acaso e da necessidade, no embate de forças criativas, em que o labirinto da etimologia e o esforço apolíneo da gramática se equilibram como numa espécie de trapézio entre galáxias, dionisíacas, irregulares »* … et voilà le poète Lucchesi, en plein extase, solidaire avec ses deux prédécesseurs extrapolés, presque inconnus de la plupart des spécialistes littéraires, participant à son tour dans cette compétition de "inventa-línguas", de l'intérieur du phénomène, arrivé dans le cœur même de la création en non plus dans le commentaire .

J'ai d'abord eu le privilège de me rapprocher de la poésie de Marco et j'ai réussi à compiler une anthologie en roumain, *Meridian celest*, dans une traduction approximative, que je suis toujours tenté de modifier, même si elle a déjà été publiée en deux éditions. Car la poésie de Marco se laisse difficilement fixé dans des mots, comme si elle voulait signaler, en pure perte, le passage fulgurant de l'émotion, riche dans sa précarité, tel la vie inexplicable de l'homme. Ses poèmes sont comme ces immenses réservoirs remplis d'eau par les physiciens, où ils enregistrent le rare passage des neutrinos à travers notre monde matériel, sans en connaître très bien ni leurs natures, ni leurs destinations, d'autant moins comment ces fantômes de la physique interfèrent avec notre pauvre corps humain. Dans le cas de Marco Lucchesi, les neutrinos sont les fantômes de l'émotion pure, à peine saisies par mes mots dans leur trajectoire d'extase, comme si cette émotion allait se réaliser quelque part dans l'espace au-delà de Dieu (cet *ALÉM DEUS* de Fernando Pessoa; que je cite de nouveau). Là je m'appuis sur un autre splendide fragment trouvé dans ses essayes, qui colle parfaitement à son art poétique: "*Procuro a dimensão da lírica na interface com a mística, para atingir a segunda navegação platônica, a poesia da poesia, para correr melhores águas, sob o signo do inefável, da palavra áspera e sutil, segundo os referentes da treva superluminosa, de Dionísio Areopagita.*" Et je soupçonne Lucchesi d'être devenu également un disciple secret de mon compatriote Lucian Blaga, qui s'obstinait à ne pas "écraser la couronne des merveilles du monde", mais seulement tenter d'accroître le mystère inexplicable de ce qui nous entoure.

Voilà un petit exemple:

Ao vivo
sobressalto
a que me entrego

não vejo
o piano a lua
e nem tampouco o céu
tão tímido de estrelas

mas o modo pelo qual
tento
o segredo de uma forma
que me sustenta e rapta

Et voilà ma pauvre traduction:

În acea vie
supriză
în care eu mă abandonez

nu văd
pianul luna
şi nici chiar cerul
atât de timid în stele

ci doar felul în care mă las
tentat
de secretul unei forme
ce mă susţine şi mă răpeşte

J'ai eu du mal, je le reconnais, à saisir cette fulgurance qui effleure, extrêmement légère, les mots, et passe au lecteur la charge de l'émotion, sans commettre la faute de lui conférer un nome:

Peu de temps après, je me suis retrouvé à proximité de Marco Lucchesi, à la Bibliothèque Universitaire de Bucarest, lors d'un colloque consacré à un symboliste roumain presque oublié, Ştefan Petică. Il était mort prématurément; come Cesário Verde, comme Augusto dos Anjos, comme Lautréamont et autres de la famille de Dino Campana, habitants précaires de ce bizarre interrègne qui existent dans plusieurs littératures, où quelques rares

écrivains semblent déborder de leur temps, anticiper l'avenir, prisonniers expansifs de leurs sensibilités atypiques. Dans quelques phrases décisives, Lucchesi plaçait le symboliste, oublié par mes compatriotes et aussi par moi-même, en compagnie d'Aleksandr Blok, Cruz e Sousa, Georg Trakl et Dino Campana, remontant jusqu'à Hölderlin dans son admiration pour quelques pages enflammées, qui ressuscitaient dans l'interprétation de Lucchesi. Personne, chez nous, n'avait révélé de manière aussi décisive le potentiel spirituel de ce poète roumain. Je voyais à l'œuvre un comparatiste de grande envergure, mais je remarquais surtout la lecture sublime accordé à un texte qui me semblait modeste, dont Marco Lucchesi avait su dénicher des potentialités insoupçonnables. Car oui, cela me semble être une autre caractéristique importante de son écriture, Lucchesi mette en jeux sa capacité d'admiration qui complète le travail du spécialiste en littératures comparées. Grâce à cette magie, ils nous rendent plus sensibles.

Je ne pourrai pas résumer en quelque mots l'importance de son travail dédié à la littérature et à la culture roumain, qu'il s'agit de la poésie de Mihai Eminescu, de la philosophie de Emil Cioran, ou bien pour remarquer ses incursions dans les délicates nuances *dor/saudade,* qui fixent aussi notre appartenance au monde de la latinité. Pour situer notre mystérieux poète Bacovia, le comparatiste effectue un détour sur les territoires de Heidegger et conclue par une phrase magnifique de musicologue : « *Os versos de Bacóvia crescem para dentro de si mesmos, segundo uma economia solidária entre os fonemas. Como por acréscimo. Tonalidades delicadas. Progressivas. »* Pour situer l'importance de l'œuvre de Mihai Eminescu, qui fixa la langue littéraire roumaine, la filiation avec Camões, déjà suggéré par Mircea Eliade, est évoqué. Mais comme d'habitude, Lucchesi introduit une surprenante association entre les « *interminados espaços »* du poeme eminescien **La steaua** et la « *poesia escura de Vladimír Holan, sob o impacto de uma jornada sideral.* » Eminescu et Holan; quel arc-en-ciel!

> J'adore surtout sa grande surprise et son étonnement au moment où il découvre et se familiarise effectivement avec la langue roumaine. *« O romeno é uma língua ardente, como os versos de Ovídio, meio-tom acima do latim: na leveza das metafonias, cujos acentos cobrem, como gorros as vogais terminadas em a para protegê-las do sereno da linguagem; com as raízes de iotacismos e rotacismos que se espalham na terra latina em forma de rizomas e tubérculos; na fértil quantidade de ditongos e tritongos, flores do campo coloridas que dão ao romeno um brilho inconfundível ».* C'est un vrai poème. On présume que Ovidius, pour dépasser les affres de son exil à Tomis, aurait écrit quelques textes dans la langue non écrite des daco-scyte, peut-être mettant au travail ce *meio-tom acima do latim.* Si Marco Lucchesi l'affirme, je le crois.

Nişä duşmiä *said* met permena nahita dragir: oleki *Sonetos marinistas* vritizi za altertimer toz... *et alii.* / Amando uma inimiga *senhor* com doce sofrimento: os diversos *Sonetos marinistas* escritos ao modo antigo... *et alii.*

Carlos Paulo Martínez Pereiro [15]

> Obrei quanto o discurso me guiava:
> ouvia aos sábios, quando errar temia;
> aos bons no gabinete o peito abria,
> na rua a todos como iguais tratava
> (Tomás Antônio Gonzaga)

Pode surpreender que o título desta intervenção se sirva da língua laputar lucchesiana. É por isto que, antes de mais, devemos esclarecer que se trata de um *private joke* com o Marco Lucchesi — em que também é cúmplice e partícipe a professora da Universidade de Lisboa Alva Teixeiro. Na verdade, quisemos que utilizar, seguramente de maneira um tanto limitada, o letrado espírito lúdico da língua da ilha de Laputa fosse uma pequena homenagem ao incomum escritor e pensador que motiva este necessário e conveniente colóquio. *Ergo*, eis a razão desse uso da língua ficcionalmente recriada *vur toz patarfiş* ("em modo patafísico"), em 1985, mas que, *aggiornata*, foi divulgada *urbi et orbi* três décadas depois como *Bazati dir Harstä Laputar* (*Rudimentos da Língua Laputar*).

Mas essa utilização pontual do idioma dos conspirativos habitantes da ilha flutuante swiftiana, intitulando estas páginas em *bartuhez* — isto é, em "língua portuguesa" —, também foi motivado pelo viés lúdico do lúcido exercício de reinvenção dos séculos recuados em nós que, em geral, pressupõe o feliz cultivo transcendente do soneto lucchesiano e, em particular,

---

[15] **CARLOS PAULO MARTÍNEZ PEREIRO** (Mera de Oleiros, Galiza – Espanha, 1955), Professor Catedrático de Filologia Galega e Portuguesa do Departamento de Letras da Universidade da Corunha e Investigador Integrado no Grupo de Investigação ILLA, é Doutor pela Universidade de Santiago de Compostela (1990), com tese sobre a obra vanguardista, narrativa e pictórica, de Almada Negreiros. Trabalha no campo da literatura medieval galego-portuguesa e, em paralelo, no campo das literaturas contemporâneas e das relações transitivas entre a escrita e as diferentes artes plásticas, nas literaturas brasileira, galega e portuguesa. Como resultado do seu labor investigador e ensaístico, tem publicado, entre outras, as monografias *As cantigas de Fernan Paez de Tamalancos* (1992), *Au sujet des chevaux in-existants* (1992 / Prémio de Investigação 'Xunta de Galicia'), *Natura das Animalhas. Bestiário medieval da lírica profana galego-portuguesa* (1996), *A Pintura nas Palavras* (1996), *Hospital das Letras. In(ter)vencións e ensaios literarios* (1997), *Razões de fogo, versos fabricados (Sonetos portugueses dos séculos XVI, XVII e XVIII)* (1999), *A indócil liberdade de nomear. Por volta da* interpretatio nominis *na literatura trovadoresca* (2000 / Prémio de Ensaio 'Espiral Maior'), *Querer crer entrever. Expresións críticas de reflexión e lectura* (2007 / finalista do Prémio de Ensaio da 'AELG'), *Camilo Castelo Branco. As duas comédias do Morgado de Fafe* (2008) ou *A man que caligrafando pensa. Do plástico-escritural e da* manuscrita *novoneyriana* (2010 / finalista do Prémio de Ensaio da 'AELG'), assim como, em coautoria com Alva Teixeiro, *Machado de Assis e a* mundana comédia (2017).

a renovada história do sentir amoroso futuro, expressa, em brilhantista *grandeur*, nos dez *Sonetos marinistas* em que, afinal, relativamente centramos este ensaio.

Contudo, deixando já a um lado qualquer espírito lúdico, pode também surpreender a opção pelo referido tema, de entre os inúmeros possíveis do conjunto de uma obra e de uma escrita poética excecional, com uma expressão e estruturação claramente contemporâneas, instalada, por via de regra, nos parâmetros maioritários de uma poética formalmente vária e liberta e de uma profundidade ora imanente, em quanto perdurável e inerentemente humana, mas, assim mesmo transcendente, em quanto elevadamente extraordinária, nos âmbitos da procura e da dúvida de teor, *bref*, spinozista e cioraniana.

Portanto gostaria de começar explicando(-me) os motivos da escolha e emitindo alguns juízos de valor. Na ingente obra poética de Marco Lucchesi que, como tem afirmado Ana Maria Haddad Baptista, *bref*, "[t]iempo y espacio se conjugan como vislumbres de ecos y resonancias en sus silencios en los que la búsqueda del hombre jamás se abstrae"[16], acho que todo leitor pertinaz, máxime com as pretensões críticas de um, por assim dizer, mais engenheiro do que usuário do literário, tem sofrido "el inquieto pase de uma cosa a outra, y la ordenada acumulación del atraso", por utilizar as palavras do grandíssimo poeta andaluz Juán Ramón Jiménez endereçadas ao não menor literato mexicano Alfonso Reyes[17].

Neste sentido, em um espaço tão privilegiado como com certeza é este, em uma assembleia de autênticos *connaisseurs*, expertos intérpretes e, o que não é de menor importância, amigos do *pensum* intelectual e literário do Marco pessoa e do Lucchesi autor do *Carteiro imaterial*, é legitimo interrogar-se como não ter preferido refletir por volta das antologias maiores *Clio*, *Hinos matemáticos*, *Bestiário* ou mesmo a mais recente *Mavi*? Como não ter aprofundado na compreensão de poemas emblemáticos de uma escrita de 'claros enigmas' drummondianos ou de 'mistérica luminosidade' juanramoniana como «A quarta parede», «A contra-flor» ou «Modo inaugural», do também excecional poemário *Alma Venus*? E porque, sabatinando, *à rebours* desse nosso 'ideal' cancioneiro de mão pessoal, temos optado por pobremente comentar aqui o cultivo lucchesiano da, por antonomásia, forma fixa e clássica do soneto e, em particular, da sua prática mimetizante à antiga[18], quando o próprio autor

[16] Cfr. o «Prólogo» de Ana Maria Haddad Baptista à seleta poética de Marco Lucchesi *Elipsis y refracción* / *Elipse e refração*, traducción de Monserrat Villar González (Madrid, Lastura / Alcalima, 2021, p. 8 [pp. 7-8]).
[17] Carta escrita em Havana e datada no dia 31 de março de 1937 (Cfr. Juan Ramón Jiménez: *Cartas literárias,* Barcelona, Bruguera, 1977, p. 210).
[18] O caráter arcaizante que tinge a textualidade bilingue dos *Sonetos marinistas*, vai além da retórica, da metaforização, dos referentes culturais ou dos *topoi* desenvolvidos, mesmo chegando a uso gráfico do 'e' tironiano, a abreviatura do *et* latino (&) nos manuscritos e impressos medievais, renascentistas e barrocos.

parece, em certa medida, secundarizá-lo, ao reduzi-lo à seleta sobrevivente de um exercício escritural nos tempos já idos da sua singularmente plural poesia?

De facto, de um tal rigorismo podem ser prova as anotações autorais como a de que "[o] livro *De passione* foi abjurado pelo autor", ou que os *Sonetos marinistas*, são uma "[r]elíquia de um livro de sonetos e sextinas que não publiquei" (p. 11)[19], ou a referida a *Alma Venus*, advertindo que "[o]s sonetos remontam à primeira juventude" (p. 493).

Gostaria de dizer, em um breve apartado, que lamento (muito)[20] o ineditismo ou o apagamento das dúcteis e rígidas sextinas — a respeito das quais, para o genialmente irreverente Joan Brossa, de quem, tempos passados, sentimos não pouco a sua falta —, na sua «Sextina conceptual», "evidentemente esisteix uma certa analogia entre aquest gènere medieval i la música dodecafónica, escrita segons el principi serial descobert per Arnold Schönberg"[21].

No entanto, mesmo ponderando como positivo, *grosso modo*, o anterior *considerandum* a respeito dos seletos sonetos 'salvados' pelo escrupuloso poeta, em obediência ao impiedoso processo no tempo de pertinaz escrita e reescrita horaciana e de ascético despojamento — purgativo processo, insistimos, presidido pelo princípio arcádico do *inutilia truncat* —, devemos (e queremos) responder às anteriores nossas perguntas, por muito que, como se pode facilmente imaginar, tenham um tanto de retórico.

Em princípio, um primeiro porquê radica em que, se alguém considerar essa poesia sonetística 'menor', no contexto da dimensão incomensurável das várias práticas poéticas lucchesianas, isso só seria admissível no sentido paradoxal em que, lembrando agora aos habitantes da ilha de Brobdingnag, o gigantesco Manuel Bandeira se autodenominara 'poeta menor' — por certo, também cultor de um neotrovadorismo, um neomedievalismo e um neotradicionalismo arcaizante nas formas, mas atualismo nos resultados como, avancemos, o é também o marinismo e o maneirismo dos grandes sonetos de Lucchesi.

---

[19] Ambas as notas provêm do índice explicativo de *Domínios da Insônia – Novos poemas reunidos* (São Paulo, Patuá, 2019). Edição da maior parte da poesia de Marco Lucchesi que, ao longo deste ensaio, utilizamos de modo sistemático para todas as citações da textualidade poética (e não só) nela agrupada, seguidas dos correspondentes números de página.

[20] Mesmo sem a conhecer, não posso evitar o sentimento que me produz a perda dessa escrita sextinária que, mesmo em âmbito brasileiro, já produziu tão ótimos exemplos como o criativo translado para português, realizado por Augusto de Campos, em «O firme intento que em mim entra», do *dir strano e bello* da paragdimática sextina «Lo ferm voler. Qu'el cor m'intra», de Arnaut Daniel — aquele que, por ter desejado 'abreviar o tempo com arte' ("temps breujar asb art"), é opinião comunal que inventou a sextina. Invenção da qual o estudioso Paolo Canettieri explicou, de maneira convincente, a discutida 'razão' da sua estrutura estrófico-rimática como transposição arnautiana da sua querência do jogo de dados e pela soma que se produz entre as caras opostas do dado. Enfim, para esta e outras considerações da, só no caso da produção desaparecida do nosso poeta, 'infausta' sextina, ouso remitir à nossa introdução ao excelente *Sextinario: trinta e seis + 3*, da poeta galega Marica Campo (Santiago de Compostela, Sotelo Blanco / Edoy Leliadoura, 2007, pp. 9-21).

[21] Cfr. Joan Brossa: *Sextines 76*, Barcelona, Llibres del Mall, 1977, p. 45.

Ora bem, há também um segundo porquê de caráter mais abrangente, baseado nesse algo de desejo reivindicante, intrínseco a uma forma de 'versos fabricados' tão capaz de expressar 'razões de fogo'[22], quão dúctil máquina para, nos termos axiomáticos com que Rubem Fonseca intitulou o seu quarto romance, gerar 'vastas emoções, pensamentos imperfeitos'. De facto, noutro tempo e lugar, qualificamos essa consuetudinária forma fixa — acho que sem exagero — como 'um dos maiores acertos literários da história da escrita lírica ocidental: quer pela sua paradoxal e poderosa potencialidade para expressar simultaneamente intensas comoções do sentir e fluídas ocorrências do pensar, quer pela sua não menor ductilidade para inserir, harmónica e elegantemente, a complexa expressão resultante em uma fabricada mecânica versificadora de grande rigor artístico e de enorme exigência criativa'[23].

Em lógica consequência, o centro das desinteressantes reflexões deste breve e excêntrico ensaio perderam intencionalmente muita da esperável aderência académica, *tout court*, ao privilegiar como critérios de seleção mais do que os juízos de valor estéticos 'atuais', com certeza secundarizados mas não banidos, os princípios de caráter trans-histórico, por vigorar nos cultuados sonetos do autor das *Fições de um gabinete ocidental* o que Mallarmé deu em chamar *la totalité d'effet*, aos quais, só no caso dos marinistas, podemos somar o princípio do prazer lúdico.

Até onde alcançamos, essa prática sonetística por nós avidamente frequentada como leitores, não tem sido acompanhada por um esperável e condizente (e suficiente) estudo da mesma, da parte de eruditos, estudiosos e avisados leitores, que nos permitisse partir nestas páginas da senequiana *aliena umbra latentes*.

Contudo, suponho assentada opinião comunal que Lucchesi é um excelentíssimo sonetista. *Inter alia*, porque limita a sua autonomia criativa na desejada obediência a um modelo formal e estrutural preexistente — à maneira da *ars isidoriana,* do estrito cumprimento de 'regras e preceitos rigorosos'[24] — , procurando, por um lado, ultrapassar a 'forma fixa', ao servir-se das múltiplas 'facilidades' do antigamente para a declinação estilístico-retórica, e, por outro lado, convertendo a necessidade em virtude, ao cumprir com as rigorosas e exigentes obrigas desta máquina poética de condensação intelectual e concentração

---

[22] Expressões tiradas do noveno decassílabo ("razões de fogo, versos fabricados") do soneto seiscentista «Vítimas da alma, funerais da vida», de D. Francisco de Portugal (1585-1632). (Cfr. Carlos Paulo Martínez Pereiro*: Razões de fogo, versos fabricados — Sonetos portugueses dos séculos XVI, XVII e XVIII*, A Coruña, Espiral Maior, 1999, p. 38).

[23] *Vid. op. cit.*, p. 10.

[24] "Ars vero dicta est, quod artis praeceptis regulisque consistat" (Isidoro de Sevilla: *Etimologiae*, I,1).

sentimental. Afinal, lembremo-lo, acho que já Braque, a diferença de outros cubistas, se ativo à 'regra que corrige a emoção'.

Dessa feliz obediência formal lucchesiana é um mais do que significativo índice o facto de todos os seus sonetos seguirem a mais fiel 'forma petrarquista'[25] que estabeleceu, quase de maneira impositiva para o futuro, o indiscutido prestígio e a imensa influência do exímio cantor de Laura. Coisa lógica, aliás, pois afinal, quando menos 'amando' e 'expressando o amor', também todos continuamos sendo basicamente petrarquistas, de um modo ou de outro.

Além dos que poderíamos qualificar de peculiares e libérrimas declinações 'parasonetísticas' e exatas apropriações tradutoras, tanto do persa Rûmî, na acurada invocação por volta da exultante libertação pelo 'morrer de amor' de «Morrei, morrei, de tanto amor morrei» (p. 542), como do austríaco Rainer Maria Rilke, na comovente espiritualidade pétrea do hino noturno, publicado em 1996, «Se fui ou ainda sou, teu passo» (p. 599)[26], ao todo e salvo erro, Marco Lucchesi tem publicado trinta e um sonetos. Deles, vinte e um são resultado da sua *inventio*, escrituralmente, por assim dizer, *ex nihilo*, e dez são canibalescas reescritas, em *aggiornata* apropriação tradutora de dois sonetos do francês Joachim du Bellay[27], dada a conhecer em 2019, e de oito do espanhol Francisco de Quevedo, que se remonta a 1992 e que se reproduz em *Domínios da Isônia* com pequenas alterações.

Deixando agora a um lado, as dez criações derivadas, posto que, ao guardarem também fidelidade às opções dos textos históricos de que partem em modo ancilar, possuem mais um condicionamento nesse âmbito[28], constatamos que, de maneira quase sistemática possuem rimas alternadas nos quartetos e rima cruzada nos tercetos (ABAB ABAB CDC DCD)[29].

Enfim, distante das atitudes de qualquer experto em múmias ou quantificador de verdades numéricas, a constatação anterior pretende ser um índice, um simples indício exemplificador da coerência do autor de *Mal de amor* para com as estritas exigências do petrarquismo estruturante (e não só) depositado na forma fixa que tão bem cultiva, e onde o

---

25 Forma que assome a fixação da estrutura devida a Guitone d'Arezzo de quatorze decassílabos, distribuídos em dois quartetos e dois tercetos, à qual o autor do *Canzionere* acrescentou o padrão das ordens rimáticas.

26 Igual que os dez sonetos traduzidos que, a seguir, referimos, ambos poemas estão tirados do conjunto da trajetória poético-tradutória lucchesiana que, revista e acrescentada, se recolhe em *Faces da Utopia: Visitações*, seção final dos 'novos poemas reunidos' em *Domínios da Insônia*.

27 Que, respetivamente, têm como *incipit* «Sacros montes, e vós santas ruínas» (p. 544) e «Astros cruéis, e deuses desumanos» (p. 545).

28 Com as também clássicas soluções maioritárias de rima interpolada e emparelhada (ABBA ABBA) nos quartetos e de rima cruzada (CDC DCD) no caso dos tercetos, com o respeito às variações (CDC DEE e CCD EED) presentes nos poemas de partida das, mesuradamente haroldianas, 'transcriações' de Joachin du Bellay.

29 Com a exceção do décimo e último soneto marinista que, apresentando três ordens de rima, e interpolada no terceto (CDE CDE), altera a constante.

recordo poético vive. Porque, regressando ao autor de *Platero y yo*, não devemos esquecer — coisa, aliás, que Marco Lucchesi, inegavelmente um dos "poetas com voz de pecho y [...] de cabeza", felizmente não esquece — que "[o] soneto no puede tener ya, después de tanto siglo de comprensión, uso y abuso, otra arquitectura que la de nuestro cuerpo desnudo, y el esqueleto dentro y *dócil* [...] Quiero, insisto, um soneto interior, espiritual o realista, que no esté comido todavia por los gusanos de la técnica falsa, la muerte"[30].

Enfim, infelizmente em modo para-abstratizante, impossível e sentenciosa síntese e apenas através de significativos, mas *pouca exempla*, percorramos em apressada descrição os diferentes conjuntos sonetísticos presentes em diversas obras.

Começando pelos mais recentes, os cinco sonetos de *Sphera,* obra publicada em "2003, com variantes em 2016" (p. 11), bebem do "rio-palavra e as águas claras do pensamento — Duas línguas com suas asas: — A antiga entressonhada Babel e a nova entretecida Sião" que, desde a 'coda' «Céu (versão literal)» (p. 225), ilumina retroativamente a obra com "estrelas novas". Nessa amálgama aquático-literal, cabe ainda destacar: [I] a desesperançada invocação do mistericamente astral, em «Ao vivo coração do firmamento» (p. 190); [II] a salvífica e desiludida incerteza de «Nesse jardim de sonhos indormidos» (p. 200); [III] a luminosa e propiciatória emergência de um eu que «Prepara atentamente o magistério» (p. 209); [IV] o tão temido como fascinante eterno retornamento do alquímico, do dântico "transumanar"[31] de «A natureza, em seu amor ardente» (p. 220); e, finalmente, [V] a procura da palavra poética e da indizível divindade, no delicadíssimo poema «Nas águas claras, longe da nascente» (p. 227)[32].

Mas afirmemos também que consideramos de uma invulgar excelência o primeiro e o último soneto dos referidos, pois, dado o pouco espaço e o escasso tempo de que dispomos, para cada um dos conjuntos, cometeremos a ousadia de destacar aqueles que, com oscilantes alicerces éticos e estéticos, temos para nós que — sempre sem diminuir os restantes — alcançam um invulgar grau de excelência, que, por um ou outro motivo, conseguem a altura expressiva e a incomum permanência dos 'sonetíssimos' de outrora e de agora, aqueles 'que leio e que me leem'[33].

---

[30] Respetivamente cartas endereçadas a José Luis Cano e a Enrique Azcoaga, escritas por Juan Ramón Jiménez, por volta de 1949 (ou 1950) e o 27 de janeiro de 1941 (Cfr. *Cartas literarias*, *Op. cit.*, pp. 195 e 265-266).

[31] «Transumanar significar per verba», Dante Alighieri: *(Divina) Commedia — Paradiso*, Canto I, verso 70.

[32] Supostamente 'traduzido' por Paulo Sergio Viana para o português, a partir do 'original' em esperanto «En akvo hela, for de ĝia fonto», ludicamente referenciado ao livro de Marko Lukezi *Domajnoj de sendormeco* (Cfr. Marko Lukezi (Marco Lucchesi): *Alivorte* (*Em outras palavras*), Rio de Janeiro, Forlar Barlur / Dragão, 2021, pp. 34-35).

[33] Modulando *ad hoc* as palavras pronunciadas por Lucchesi a respeito de *O sorriso do caos*: "Leio os livros que me leem" (Cfr. «A vertiginosa aventura da unidade — Entrevista a Floriano Martins», in *Ficções de um gabinete ocidental — Ensaios de história e literatura*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2009, p. 267 [pp. 259-274]).

Já focando o segundo conjunto de seis sonetos (pp. 469-474) — que, lembremos, 'remontam à primeira juventude' do autor —, da obra místico-metafísica *Alma Venus*, publicada em 2000 e revisada em 2008, na verdade, resulta mais do que oneroso destacar algum deles, que, desde os títulos, prenunciam os seus conotados desenvolvimentos temáticos e, ainda, os seus modos: «Dualismo», «O Fim da Tarde, Antero», «*A se stesso*», «Leonardo», «Gala Placídia» e «*Machina Dei*». Mesmo assim, não nos resistimos a destacar o primeiro, aquele que melhor e mais precisamente devém emblema das caraterísticas da penúltima seção, «Cidades», da obra em que se integram os seis, com mais dois poemas em diferente fórmula: refiro-me, portanto, ao impressionante 'sonetíssimo' «Dualismo».

Mas antes de explicar as minhas 'razões' para uma tal apreciação superlativa, permitam-me que reproduza *ipsis letteris* as palavras do autor de *A paixão do infinito* e de *Saudades do paraíso*, em relação ao que quis ser (e foi) o livro na sua globalidade:

> Fascina-me a ideia do eterno retorno. E de modo ambíguo. Porque ao mesmo tempo que me atrai também me assusta. Outra concepção, a do físico Mario Novello, com suas viagens no tempo. Viagens não convencionais: no papel, nos cálculos. Mas viagem. Nas curvas de tempo fechado. Na herança das cogitações de Gödel. Isso tudo em *Alma Vênus*, que é um livro temperado por questões cósmicas, em cujas águas tentei elaborar como paródia um microlusíadas quântico, marcado por elementos de retorno [...], e observações cosmológicas [...] e o problema da matéria [...][34].

Sim, podería dizer-se mais, ou de outro modo, mas não com maior e sintetizada exatidão da essência dessa obra mestra.

No incontornável âmbito dessa 'circularidade retornante', servindo-nos de mais uma voz alheia, convoquemos a de Alexandre de Melo Andrade quem acertadamente afirma que, nos oito poemas de «Cidades» — para ele, «Horizontes», ao utilizar a versão prévia da *Poesia reunida* (2000) —, "a natureza crepuscular surge como representação da transitoriedade e da brevidade da vida", enquanto nos seis sonetos já se transita "entre cromatismos que sugerem escuridão e penumbrismo, e outros a espargirem radiância e luminosidade", concluindo que "o poeta não hesita em aproximar poesia e filosofia, conferindo à poesia a via de acesso a uma realidade cada vez mais superior"[35].

Aproximação filosófica — também de uma filosofia da ciência (em um sentido abrangente), precisaríamos — e prevalência da poesia em que é fácil estabelecer um paralelo

---

[34] As antes referidas conceções, linhas acima, são a da "volta primordial" de Guimarães Rosa, a da "demanda de Ítaca e a do tempo mítico", a do pantempo de Eliot e a do Áion de Jung (Cfr. *op. cit*, p. 264).

[35] Cfr. as páginas 111, 118 e 119 do seu artigo «*Alma Vênus,* de Marco Lucchesi — Em busca do paraíso (im)perdido», *Texto Poético*, 8,12, Revista do Grupo de Trabalho 'Teoria do Texto Poético' (ANPOLL), 2012, pp. 107-121.

com a conceção de Carlos Drummond de Andrade. O poeta itabirano, numa carta, datada o 23 de fevereiro de 1950 e endereçada ao seu genro, o escritor argentino Manuel Graña Etcheverry, afirmava existir "entre ciência e poesia uma relação natural, se não quisermos falar de uma síntese das duas, que é a filosofia. Não há ciência que não acabe em filosofia, nem poesia que não vá ter a ela"[36].

Enfim, além do teor místico-crepuscular gerado pelo redimensionado *topos* do *tempus fugit*, interessa-nos ressaltar do 'sonetíssimo' «Dualismo» o paradoxal jogo de contraposições e de encobertos oximoros, em irreverente sequência da mecânica retórica das *quaestiones*, assim como a natural decorrência que nos conduz passo a passo, entre tempo e individuo e eternidade e cosmos, à 'chave de ouro' da pergunta, sem resposta possível, que encerra em excelência o poema: "Como lograr, meu Deus, reparação, / enquanto segues longe pela estrada, / da nossa irreparável solidão?" (p. 469).

Ora bem, este soneto, como muitos outros textos lucchesianos, de clara e rica leitura em campo branco, está conotado por harmónicos de sentido complementar que provêm de referentes poético-culturais implícitos e explícitos. Explico-me. No caso, entre potentes ecos camonianos e dantescos, podemos entender mais e melhor a poética da viagem, do percurso de regresso à unidade perdida, desde a desolada consciência de perda do (semi)divino transcendente da parte dos humanos 'bichos da terra'. E podemos captá-la também em toda a sua complexidade a partir da citação que preside aos oito poemas de «Cidades»; referimo-nos à citação do autor de *L'avventura della dualità* (2003): "Ti perdo, ti rintraccio, / ti perdo ancora, mio luogo, / non arrivo a te" (p. 468).

Qualquer leitor do exímio poeta Mario Luzi tem presente o complemento contextual dos três versos: a viagem de regresso por terras e céus do pintor sienense Simone Martini, de Avignon a Siena, e dos dois sonetos que retratam aquela Laura (de Noves) que, retratada por ele para Petrarca, se tem identificado com a mítica amada do poeta toscano. *Item mais*, convoca o simbolismo da viagem entre as urbes como uma angustiada *peregrinatio* à cidade que se reveste de mítica Jerusalém perdida e que, nos versos que seguem aos citados por Marco Lucchesi, se "[v]anisce / nel celeste / della sua distanza / Siena, si ritira nel suo nome, / s'interna nell'idea di sé, si brucia / nella propria essenza / e io con lei in equità, / perduto / alla sua e alla mia storia…"[37].

---

[36] Cfr. Lucas Ferraz: *Piauí*, Edição 121, «Calculando Drummond», outubro de 2016, s/p. (https://piaui.folha.uol.com.br/materia/calculando-drummond/).

[37] Cfr. Mario Luzi: *L'Opera poetica,* a cura e con un saggio introduttivo di S. Verdino, Milano, Mondadori / Il Meridiano, 1998, p. 1094.

Enfim, com a tristeza do inevitavelmente veloz recorrido pela sonetística lucchesiana, assinalemos que a resultante do labor tradutor presente em *Faces da Utopia: Visitações* não é de importância menor. Razão pela qual, muito fugazmente focaremos, à maneira de *exemplum* paradigmático, mas também pelo grande valor da versão, o último dos oito sonetos que transladam, com rigor e exatidão poéticos, a textualidade de Francisco de Quevedo: «Em crespa tempestade de ouro undoso» (p. 557)[38].

A versão, tendendo à possível e respeitosa literalidade da equivalência, salva — e, meu deus do céu!, para mim, até melhora na sua fidelidade *in toto* ao original — alguma pequena disfunção do poema quevedesco, por médio das seguintes 'liberdades', entre outras de pormenor: "meu coração, buscando formosura" por "mi corazón, sediento de hermosura" (v. 3); "exibe seu amor e a vida apura" por "su amor ostenta, su vivir apura" (v. 6); "as asas queima pra morrer glorioso" por "arde sus alas por morir glorioso" (v. 10); e, finalmente, a substituição do possessivo original "sus" por o mais englobante "as", no início do verso décimo, que ao criar ambiguidade referencial, permite a incorporação do eu poético ao 'choro' das 'incendidas esperanças': "as esperanças que defuntas choro" por "sus esperanzas, que difuntas lloro".

De todas as maneiras, o realmente importante é que o resultado final da inteligente e sensível apropriação do soneto, das consequências de uma aplicação de um 'ouvido absoluto', vigora também pela preservação rítmica e melódica — e mesmo, rimática, fazendo da necessidade virtude, ao rimar 'paronomasticamente', com 'choro', 'tesouro' e 'ouro' dos versos inicial e final do segundo terceto.

Pode levar a equívoco a explicação introdutória — "Afetos vários do seu Coração flutuando nas Ondas dos Cabelos de Lisis" —, com que Gonzalo de Salas resumira o tema do soneto daquele para quem, o renascimento e o barroco italianos tanto contribuíram à sua conformação intelectual e literária, em paralelo com um 'dolcestilnovista' e 'dantiano' Lucchesi que acrescenta à espessura barroca o peso do maneirismo luso e, especialmente, camoniano (e não só). E pode levar a equívoco, especialmente, nuns tempos como os nossos, em que, perdidos os referentes da *imitatio*, resulta complicado perceber nos construtos retóricos de outrora veículos para a sinceridade do humano, distinguir entre um 'calhamaço' ultrarromântico, sentimentalmente efusivo, e uma maravilha sensitiva e culturalmente expandida, sendo dificultoso perceber a desmesura das referências mitológicas que geram

[38] Os sete anteriores traduzidos têm como *incipit* «Ontem foi sonho; amanhã será terra!» (p. 550), «Foge sem perceber-se, lento, o dia» (p. 551), «Viver é caminhar breve jornada» (p. 552), «Buscas em Roma a Roma, peregrino!» (p. 553), «Amor me teve alegre o pensamento» (p. 554), «Porque derrama noite o sentimento» (p. 555) e «Mandou-me, ai Fábio!, que a amasse Flora» (p. 556).

um tecido de significados e uma eruditíssima "eros-dicção" — Geraldo Carneiro, *dixit*[39] — que, limitando-nos à tradução cocriativa em causa, Lucchesi compartilha com Quevedo.

Por outro lado, acho que a pratica de excelência que observamos na escrita lucchesiana do soneto, sempre nos leva a sentir essa " turbulence immobile " derivada do "jeu virtuose " que faz com que, para Pascal Quignard, no romance *L'amour la mer*, " plus on est habile, et plus l'amnésie de la genèse de l'habilité est totale, plus les exercices qu'elle a coûtés ne peuvent s'apercevoir ", gerando-se uma " facilité qui apparaît aux yeux du monde comme un don qu'on possédait en naissant est une grâce qui ne résulte que d'une impitoyable et constante ascèse "[40].

Afortunadamente, chegaram a nós alguns desses 'exercícios' lucchesianos que, no conjunto dos dez *Sonetos marinistas*, conseguem dar e dar-se uma imagem da referida ascese — isto é, imaginá-la e imaginar-se. Na obra, alternam cinco em português com os cinco em italiano, que, na íntegra, vêm a luz em 1997, enquanto que os cinco na língua de Dante, revistos e sob o título de *Sonetti marinisti*, são republicados no volume *Irminsul* que, dezessete anos transcorridos, recolhe toda a poesia em italiano do autor[41].

Nas «Notas» finais, o autor informa de que "[o]s sonetos foram escritos segundo as regras de outrora. Imaginei um poeta luso-brasileiro em diálogo com um poeta italiano. Entretanto, ao imaginar dois poetas que me habitam (quem sabe os oficiantes de Santa Sofia), decidi-me por uma aparência discursiva, como se fosse um espelho bilíngue" (p. 539).

Com efeito, em uma obra tão bilingue, quão, de me permitirem a invenção do neologismo, *biblingue*, nos referidos 'oficiantes' ecoam, com significativos resultados simbolicamente conotados, os dois que, na nota introdutória a *Bizâncio*, "desapareceram misteriosamente pela porta sul do santuário, levando as patenas e os cálices mais preciosos, para regressarem no dia em que Constantinopla se tornasse novamente cristã, quando, então, retomariam a liturgia do ponto em que fora interrompida..." (p. 498).

Mas também não é alheia a esse processo de expansão relacional, a essa arquitetura invisível resistente a qualquer tentativa de a ignorar, a epígrafe introdutória da obra, recolhendo as proféticas palavras do Padre Vieira: "Vós descobristes ao mundo o que ele era, / e eu vós descubro a vós o que haveis de ser" (p. 525). Expansão que, por seguir nos

---

[39] "A amada finalmente se encarnou / Em rosa, primavera, eros-dicção", versos oitavo e noveno do poema «revisão da rosa-dos-ventos» (Cfr. Geraldo Carneiro: *Poemas reunidos*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira / Fundação da Biblioteca Nacional, 2010, p. 107).

[40] Cfr. Pascal Quignard: *L'amour la mer* (Paris, Gallimard / Folio, 2023, pp. 341, 86 e 87). Romance que explora os mistérios da criação musical e da paixão amorosa, na Europa infausta e enfebrecida do século XVII.

[41] Respetivamente, em *Bizâncio* (São Paulo, Record, 1997) e *Irminsul — Poesie* (Lucca, Accademia Lucchese di Scienze, Lettere e Arti / Paccini Facci, 2014).

termos de profunda figuração alusiva, se enche de sentido como as expressões que, precedentes e sequentes, completam as citadas na extraordinária *História do Futuro*: "Assim como líeis então aquelas vossas histórias, lede agora esta minha, que também é toda vossa" e "[e]m nada é segundo e menor este meu descobrimento, senão maior em tudo". Porque se para Vieira o profeta Isaías podia ser considerado como um "cronista dos descobrimentos de Portugal", Lucchesi, com este poemário ao antigo modo e seguindo regras do antigamente desde o futuro do passado, pode ser considerado um lúdico sismógrafo, retroativo e prospetivo, do sofrer de amor sem reciprocidade, da inelutável morte de amor, dos gravosos efeitos desse "amor que, a nenhum amado amar perdoa"[42]... Sempre Dante!, mesmo, qual ventríloquo na voz defensiva de uma errada Francesca.

Na verdade, os dez sonetos são 'marinistas', revivificam as modas e os modos engenhosos dessa tendencia cultural basicamente italianizante, mas também bebem daquele concetualizante engenho 'maneirista' lusizante, respectivamente, na esteira dos seiscentistas maiores Giambattista Marino e, muito em especial, Luís de Camões. Mas, dito isto, também resulta aliciante poder perceber alguns dos textos italianos, o primeiro, o terceiro e o nono, como 'marinistas' pela sua extraordinária e. mais ou menos, consistente ambientação pictográfica da "procela" e dos "laberinti acquosi" (I), do "mare spumante" (III) ou de "l'isola d'amor" (IX).

Numa enumeração sequencial, poderíamos tentar expor mais uma patética e distorcida síntese temática do amor, por intransitivo, basicamente 'masoquista' e sofrente, que se declina especularmente nessa publicação dual, em que *grosso modo* acompanhamos um repetido confronto do sempiterno *locus amoenus* exterior de um *hostis* externo, e do não menos perene *locus horribilis* interno do *inimicus* interior.

É assim que poderíamos falar [I] da "nera sorte" — antes "scura" (2014) e "trista" (2000) — da "cruel consorte" que, em «Deh, qual furente nume sì rubella» (p. 527), conduz a "abbracciar la morte"; [II] da "gran tristura" e o "grave desfavor" que, em «Dês que vos conheci, ó minha Senhora» (p. 528), provoca o amor não correspondido; [III] do "fato amaro" e carnalizante que, em «Questo límpido ciel, mare spumante» (p. 529), apaga qualquer incerta "beltà cotante" do "sventurato amante", que sabe da "crudel, druda d'Alvaro"; [IV] do "marteiro" e a "solidão" provocados pelo "desprezo" da amada que, em «É de tal arte a dor de minha vida» (p. 530), justifica o desejo de "não ser nado"; [V] do devir sofrente do "vedovo" que, em «La notte è chiara e di soavi accenti» (p. 531), assiste à mudança desta para "tristo manto" que muda o seu em "dolor più grave e scuro"; [VI] da cena de «Na clara fonte

[42] "Amor, ch'a nullo amato amar perdona", Dante Alighieri: *(Divina) Commedia — Inferno*, Canto V, verso 103.

estáveis, Filomena» (p. 532), raiz de sofrimentos por uma "servidão" amorosa de que só ela pode libertar o amado, com a intensificadora pergunta final, interrupta e retórica, "quem há-de?", gerada por uma necessidade métrica mudada em feliz virtude expressiva, em acertada chave de ouro; [VII] do "dolce martoro" de «Sotto i nembi d'amor, pe' campi d'oro» (p. 533), na consciência de uma amorosa *vita brevis* e do "grave sonno" de também uma "vita di caduca sorte"; [VIII] em «Minha Senhor passava dantre as flores» (p. 534), da "fereza" agreste da "Senhor" no arcádico ambiente, de uma ambígua e disfémica Flora; [IX] da urgência de celeridade no amor, em «Cinzia, non indugiar, già soffia 'l vento» (p. 535), antes de que "la cruda Parca" tome conta "di nostra picciol vita vana e mesta"; e, finalmente, [X] da "desventura" de o namorado se encontrar, no "perdimento" de "tanto amar", o "desamor" da amada, em «Senhora, que abalais a fortitude» (p. 536).

Afinal, paupérrima delimitação da riqueza esplendente de uns sonetos que, para qualquer avisado leitor, se expandem em reverberações de cultura e sentido, como para apenas citar uma mostra, quando o "dolce martoro" do sétimo soneto evoca em nós — talvez em inadmissível exagero relacional — a ária «Il mio crudel martoro» da princesa Genevra, namorada de *Ariodante*, na ópera homónima do compositor barroco Georg Friedrich Haendel (HWV 33), com libreto em italiano de Antonio Salvi, a partir do *Orlando Furioso*, de Ariosto.

Enfim, já deixando com um algo de frustração a nossa pobre revisão da excelsa prática poética lucchesiana do soneto, seria bom questionar-nos sobre a vigência e pertinência dessa forma fixa na contemporaneidade e sobre a transposição que o nosso autor tão felizmente efetua desde a anterioridade até à interioridade, e vice-versa. Para tal, acudamos à abrangente 'estelologia' formalizada pelo filósofo Mario Perniola, no ensaio *Del sentire* (1991), dado que define a nossa como uma "época estética" que, gerada em continuidade a partir das formas seiscentistas do sentir (e daí para a frente), nesse âmbito, "não mudou apenas o objecto, mas o modo, a qualidade, a forma da sensibilidade e da afectividade", "substituindo-se o pensar pelo já pensado". Desse modo, temos para nós que é nos paradoxais parâmetros do antigamente agora em foco, da hipertrofiada subversão do formalismo, que Marco foi procurar, com entusiasmo, uma das possíveis e complexas respostas alternativas à questão colocada pelo filósofo piemontês: "por que razão a experiência da arte está tão indissoluvelmente ligada a uma categórica exigência de impessoalidade?"[43].

[43] Cfr. Mario Perniola: *Do sentir*, tradução de António Guerreiro (Lisboa, Presença, 1993, pp. 11, 14 e 56).

Consideram esta afirmação excessiva e hiperbólica, discutível nas suas implícitas contradições? Não excessivamente subtil? Talvez eu também, mas, mesmo obviando a dimensão analítica e polémica, opino que é uma caraterização adequada para quem, como Marco Lucchesi, se distancia de muitos dos restos ultra e pós-modernos, assim como se diferencia em excelência dos modos e modas poéticas de grande parte da poesia brasileira coeva. De facto, adaptando o comentário stendhaliano de que 'escrevia em língua francesa, mas não escrevia em literatura francesa', pode-se afirmar que Lucchesi sim (e não) escreve nas línguas e nas literaturas brasileira e italiana, sim, mas também em muitas outras, sem esquecer as dos paradoxais antigos tempos do hoje.

Cientes desse paradoxo e de que o leitor assistiu, neste amalgamado ensaio, a mais um, o de um saber que, ao ser procura, não sabe, retomando a citação inicial, exculpar-me-ei confessando que, no soneto de Marília de Dirceu, «[o]brei quanto o discurso me guiava». Portanto, só me resta desejar uma renovada leitura dos singulares sonetos lucchesianos, que têm a capacidade, quando menos em parte, de responder, repetida e diferencialmente, a inquietante pergunta que, desde há mais de quatro séculos, nos segue fazendo Sá de Miranda, e que, desde a nossa atualidade, nos podemos seguir fazendo: «Que farei quanto tudo arde?»[44]. Porque, afinal, os sonetos aqui focados, entre outras muitas bondades, literárias e vivenciais, do sentir e do pensar, têm esse "peu de nuit" que, como afirmava Paul Bénichou, precisa toda literatura.

Retomando a língua laputar, confessaremos que, *vur akestäi halepäi saiferi, adin zoliđ fid orenđ çirid işur, dar fur tavor mian enđer kai kunz ne arivoşi*, isto é, que 'nestas árduas páginas, teria sido oportuno um acurado estudo completo, mas a tanto não chegaram meu engenho e arte'.

Muito obrigado pela sua grande paciência e atenção.

[44] Chave de ouro de parte do verso final, com que se encerra o soneto de Sá de Miranda «Desarrezoado amor, dentro em meu peito» (Cfr. *Razões de fogo, versos fabricados, op. cit*, p. 23).

MARCO LUCCHESI: LITERATURA E TRAVESSIAS NO MÚLTIPLO CONEXO

Abreu Paxe [45]

Cumprimento a todos deste I Colóquio Internacional que, de certa forma, é uma homenagem a Marco Lucchesi. Quero agradecer, em primeiro lugar, à organização que me convidou para este evento. Assim como cumprimentar os colegas e a todos os conhecidos que integram este Colóquio.

Eu, na verdade, trago uma proposta de comunicação que vai trabalhar, mesmo de forma subjacente, a questão da literatura e travessias no múltiplo conexo em Marco Lucchesi. Na obra no sentido mais amplo do termo. Ou seja, Marco como acadêmico, assim como criador de poesia e outros gêneros. Um dos pontos que mais interessam especificamente é olhar para a poesia de Marco Lucchesi e apontar certos aspectos que considero importantes.

Vejo um desenho artístico criativo em Lucchesi que é justamente uma capacidade no poder de fazer uma travessia no múltiplo e no convexo. A sua extrema capacidade de trabalhar em meio a línguas que permitem que nós possamos investigar na questão da linguística e nas práticas das línguas eu ele domina.

Gostaria, também, de destacar a forma gráfica de como a poesia de Marco Lucchesi consegue materializá-la e, inclusive, conseguimos recuperar em sua poesia as reverberações. Assim como conseguimos perceber na poesia de Lucchesi a forma de como ele trabalha os diferentes mitos da história.

Nesse sentido, a própria poesia faz as travessias pela cultura da Europa, como por exemplo, nos clássicos. Ele atravessa diferentes culturas e mestiçagens, incorporando, como

---

[45] Poeta, ensaísta e Professor. Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC/SP), Mestre em Ensino de Literaturas em Língua Portuguesa (UAN/Luanda). Formado em Ciência da Educação, Ensino de Língua Portuguesa e de Literatura (UAN/Luanda). Leciona atualmente no programa de pós-graduação nos Mestrados de Línguas e Literaturas Angolanas na Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto (UAN) e nos Programas de graduação e pós-graduação do Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED/Luanda), coordenando a linha de pesquisa em Educação, Cultura: Comunicação e Artes, no Mestrado de Literaturas em Língua Portuguesa. Chefe do Departamento de Línguas e Literaturas Africanas (ISCED) e Presidente do Conselho Científico do mesmo Departamento e Instituição. Diretor do Centro de Estudos Literários Angolanos (CELA) e Consultor para a área criativa da Comissão Interministerial para a Expo-Dubai (2020-2022). Integra o Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura: Barroco, Oralidade e Mestiçagem (PUC-SP). Integra, também, o Grupo Memória da Educação na Bahia (PROMEBA/PPGEduc/UNEB) e o Núcleo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros em Línguas e Culturas (NGEAALC/UNEB), bem com é membro da União dos Escritores Angolanos e do Colégio dos Estudos Literários (ISCED/Luanda). Autor dos livros "A Chave no Repouso da Porta" (2003) e "Vento Fede de Luz" (2007). Tem experiência em Ensino de Língua Portuguesa, e desenvolve pesquisas na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, Ensino de Literatura e nas áreas de Comunicação e Semiótica com ênfase em processos de criação na comunicação e na cultura.

não poderia deixar de ser, as africanas e latino-americanas. Sem deixar de lado Portugal e Itália.

O projeto de escrita do nosso poeta, Marco Lucchesi, é muito interessante e instigante. Em especial, porque faz com que possamos interligar pontes interculturais muito importantes ao mesmo tempo que seu projeto de criação e suas margens.

Conseguimos perceber, no fundo, daquilo que Marco realiza, aquilo que todos nós queremos: a humanidade e projetos em que o corpo, e não podemos dizer nem um homem ou uma mulher, mas, de fato, o corpo, ao atuar sobre ele, criar uma cultura.

Com isso até a própria natureza possa ser como um outro projeto de extensão. Ler a poesia de Marco Lucchesi é fazer os constructos epistemológicos que nos permitem enxergar uma realidade em vias de ser atuante.

Era, na verdade, este breve recorte no tempo e no espaço de uma contribuição possível que eu queria trazer aqui neste Colóquio oportuno que é o primeiro. Abraço amigo e sigamos com muitas saudades!

LA BABELE DELLE LINGUE: SARÀ UNA *FELIX CULPA*?

Bruno Mazzoni [46]

Avere incontrato un po' di anni fa in Romania Marco Lucchesi, entrambi ospiti di un importante Festival internazionale di Poesia - che viene organizzato ormai da più di un decennio a Bucarest, dal Museo Nazionale della Letteratura Romena (MNLR), sotto la direzione del collega e amico Ioan Cristescu - è stata l'occasione per conoscere un intellettuale dalla personalità affascinante per la poliedricità degli interessi culturali e prima ancora, mi piace sottolinearlo, per le qualità umane che si ritrovano agevolmente in lui: la mitezza di tratto della sua persona, dalla voce vellutata, sempre disponibile all'ascolto e al dialogo col prossimo, in una dimensione squisitamente cristiana, e allo stesso tempo l'acutezza di una inesausta *curiositas,* che lo ha portato a spaziare in campi molteplici, dalla poesia alla musica, dalle arti alla teologia, in un *continuum* che non contempla paratie o steccati - come (pure) troppo spesso accade all'interno dei saperi accademici consolidati – e senza che venisse ostacolato, nel suo viaggio odisseico, e contemporaneamente iniziatico, dalla varietà delle lingue con cui ha scelto di interagire nell'arco di più di tre decenni, con una miracolosa, feconda capacità nel frequentare e nell'apprendere idiomi appartenenti a famiglie linguistiche fra loro lontanissime.

---

[46] Bruno Mazzoni (Napoli, 1946-), già professore di Lingua e Letteratura Romena all'Università di Pisa (avendo altresì insegnato nelle Università di Bucarest, UBB/Cluj-Napoca, della Calabria, Roma-La Sapienza, Firenze) e Preside per due mandati della Facoltà di Lingue e Letterature Straniere, è stato membro fondatore dell'Associazione Italiana di Romenistica-A.I.R. ed è *doctor honoris causa* dell'Università di Bucarest e di Universitatea de Vest di Timişoara.
Ha pubblicato studi sulla poesia romena (I. Budai-Deleanu, M. Eminescu, T. Arghezi, I. Barbu, N. Stănescu, A. Blandiana, M. Cărtărescu), ha curato l'edizione critica di un ampio carteggio B.P. Hasdeu-Hugo Schuchardt (Liguori, 1984), di un ampio *corpus* di iscrizioni del cosiddetto "Cimitero allegro" di Săpânţa (ETS, 1999), si è occupato di problemi di storia della linguistica romena e romanza del XIX sec., ha coordinato il volume *Geografia e storia della civiltà letteraria romena nel contesto europeo* (Pisa University Press, 2010, insieme con A. Tarantino).
Per l'attività scientifica e culturale svolta per la diffusione della Romenistica in Italia, gli è stato conferito dal Governo romeno l'Ordine Nazionale "al merito" col titolo di *Comandor* (2002); per la sua attività di traduttore dal romeno ha ricevuto, da parte del Presidente della Repubblica Italiana, il Premio nazionale per la Traduzione del Ministero dei Beni Culturali (2008), è stato insignito infine dall'Università di Pisa dell'Ordine del Cherubino (2013).

Il cattedratico Marco Lucchesi, titolare dell'insegnamento di Letterature comparate nella Facoltà di Lettere dell'Università Federale di Rio de Janeiro – di lui è appena il caso di ricordare, per chi non ne fosse al corrente, il dottorato in Scienza della letteratura conseguito presso il medesimo Ateneo e il post-dottorato in Filosofia del Rinascimento conseguito in Germania, presso l'Università di Köln/Colonia – ha altresì, ai miei occhi almeno, l'indiscutibile merito, piuttosto raro in verità in ambito universitario, di non assumere mai quella supponente postura professorale che è così connaturata alla più parte dei suoi e nostri colleghi, sotto ogni latitudine... senza dimenticare che avrebbe peraltro da parte sua la possibilità di vantare i numerosi premi tributatigli da più parti per la sua attività letteraria, le varie lauree *honoris causa*, la cooptazione in numerose istituzioni di prestigio e in accademie internazionali, per chiudere infine con la Presidenza della Academia Brasileira de Letras (ABL, dal 2018 al 2021) e da ultimo con l'attuale Presidenza della Fondazione Biblioteca Nacional del Brasile (FBN, dal 2023).

Provare anche solo a percorrere la sua bibliografia lascia quantomeno ammirati e allo stesso tempo sgomenti: credo di non ricordare alcun nome - tra le molte personalità che apprezzo e di cui ho grande stima, a livello mondiale! - di un qualche intellettuale contemporaneo che possa esibire uno spettro di pubblicazioni paragonabile al suo, cospicuo per numero di titoli a stampa, ricco per varietà di generi, versatile per le lingue in cui è stato tradotto e per quelle dalle quali Marco Lucchesi ha tradotto in prima persona...

Ad ogni modo, proverò in qualche misura a offrire qui una sia pur succinta contezza di tale mirabile, straordinaria versatilità del nostro amico italo-brasiliano che oggi qui onoriamo e festeggiamo!

Una prima notazione *in limine* mi parrebbe di per sé significativa: nell'osservare già solo gli anni di pubblicazione dei tanti lavori che incontriamo nel suo CV, siamo sorpresi dal fatto che il primissimo contributo, dedicato all'esegesi della prima cantica della *Commedia* dantesca – un poema fondativo che conta, come ben sappiamo, su una bibliografia secondaria sterminata! -, sia stato scritto da un giovane appena ventenne e che è poi apparso come libro già nel 1985. E mi piace ricordare qui che il dialogo che Marco Lucchesi instaurò giovanissimo con l'opera di Dante Alighieri è rimasto un *Leit-motiv* che lo ha costantemente accompagnato nel corso degli anni [si vedano: *A paixao do Infinito* (1994): sintesi della sua tesi dottorale sulla topologia del Paradiso nella Commedia dantesca + la sua traduzione della *Teologia mistica* dello Pseudo-Dionigi l'Aeropagita; *Saudades do Paraíso* (1997, memorialistica);

O Livro de Deus na Obra de Dante (2011), dialogo-riflessione a partire dal libro di Sergio Quinzio, *La sconfitta di Dio* (1992); *Nove Cartas sobre a Divina Comédia* (2013, 2021[2], saggio che analizza le numerosissime rappresentazioni in campo artistico ispirate nel corso dei secoli al poema dantesco)].

Una rassegna dettagliata dell'opera di Marco Lucchesi richiederebbe ben più spazio, nonché competenze anche linguistiche che a me purtroppo in buona misura mancano, proverò dunque a fare qui almeno menzione dei diversi ambiti in cui si è manifestato il suo prodigioso talento, nel corso degli anni...

Primeggia su tutti, a mio avviso, la sua produzione poetica, una costante nell'iter creativo di Marco Lucchesi, con più volumi in lingua portoghese che hanno visto meritorie traduzioni in varie lingue, europee e non solo (tre titoli in traduzione italiana, altrettanti in lingua romena, e altri ancora in inglese, in francese, in spagnolo, in polacco, in svedese, in arabo, in farsi...). Versi, i suoi, che coprono un arco di quaranta anni, se non m'inganno, e che danno testimonianza di una lunga fedeltà fondata su un autentico credo nell'atto di parola, frutto di un Io soggettivo che sa essere al tempo stesso espressione lirica e principio fondante di verità terrene e insieme ultramondane. Una voce poetica che, di certo non a caso, è entrata in iterata consonanza con le voci più alte della lirica europea ed extraeuropea, basti ricordare le brillanti trasposizioni che Marco Lucchesi ci ha offerto dalla lingua tedesca - dall'opera in versi di Hölderlin, Rilke e Trakl -, o dal russo – con le poesie di Pasternak e Chlebnikov -, o dall'ermetismo concettista del romeno Ion Barbu e dalla poesia mistica del persiano Rumi e così via.) Va del resto ricordato che accanto alla produzione in lingua portoghese Marco Lucchesi ha avvertito probabilmente un impulso quasi tellurico a comporre testi poetici anche nella lingua dei suoi antenati toscani, nella lingua del suo amato Dante, dandoci almeno due sillogi, nel 2004 la prima e poi ancora una nel 2014, per quanto mi risulta. E va forse precisato quanto sia difficile tenere il conto del numero e della successione delle tante pubblicazioni a firma di Marco Lucchesi, dal momento che, diversamente da quanto avviene nei nostri spazi editoriali, i suoi libri godono di una sorprendente vitalità, così che non passa anno senza che non s'incontrino ristampe o riedizioni di tantissime sue opere, in versi e in prosa, in Brasile come pure in Portogallo.

Non meno interessante è la produzione romanzesca di Marco Lucchesi, di cui mi auguro sia almeno possibile leggere a breve, qui in Italia, la bella traduzione che il comune amico Stefano Busellato, poeta e filosofo di scuola pisana (ma da un po' di anni imprestato

al mondo universitario brasiliano), ci ha dato di *Adeus, Pirandello*, un originale romanzo del 2021 che prende spunto dalla visita che il grande commediografo italiano ebbe modo di fare in Brasile accompagnato dalla sua musa, l'attrice Martha Abba... dove è appena il caso di notare come il tessuto dell'opera lucchesiana sia intriso, ancora una volta, di figure e vicende della grande storia letteraria, trasposte in chiave narrativa, con l'inserzione di elementi autobiografici e persino congiunturali, com'è qui il caso per la diffusa pandemia da Covid; e non è possibile non constatare, in più occorrenze, il ricorso del Nostro collega e amico a talune interessanti pratiche di intertestualità - un procedimento che ha ampiamente caratterizzato, come è noto, buona parte della letteratura del secondo Novecento e oltre – pratiche che vedono la prosa di Marco Lucchesi dialogare talora con l'opera *Don Casmurro* (1899) di Joachim Maria Machado de Assis, nell'intento di analizzare, sotto il prisma letterario, la complessità dell'esistenza umana (in una chiave che proverei forse a leggere anche alle luce delle tematiche che ci furono illustrate, poco più di cent'anni fa, dai sedicenti *Sei personaggi in cerca d'autore* pirandelliani).

Una ulteriore indiscutibile prova della vocazione eminentemente letteraria di questo poeta-filosofo che abbiamo il piacere di avere oggi qui, ci viene offerta da alcuni importanti volumi appartenenti alla sua produzione saggistica, penso in particolare a *O sorriso do Caos* (1997, 2019[2]: raccolta di articoli su Pasolini, Rimbaud, Saramago, Toynbee); *Teatro alquìmico: Diario de leituras* (1999, 2018[2]); *A memòria de Ulisses* (2006: che contiene circa 50 testi, su scrittori della letteratura universale); *Carteiro Imaterial* (2016, con saggi su Ungaretti, Eliot, Montaigne, Cioran, padre Boff), dove i temi dibattuti fra politica e cultura, come pure fra Oriente e Occidente, ci offrono un eloquente quadro d'insieme che va a costruire per noi un significativo autoritratto poetico di un uomo dalla vasta cultura umanistica qual è Marco Lucchesi.

Una conferma della curiosità onnivora del Nostro autore, e più specificatamente della sua aspirazione all'Assoluto, ci viene poi dal suo saggio *Gli occhi del deserto* (2000, 2019[2]), che ci introduce nel paesaggio reale e simbolico dell'Islam, un mondo al quale Marco Lucchesi è molto legato, se ricordiamo in particolare lo straordinario quanto ammirevole impegno traduttivo che lo ha visto dare alle stampe, nel 2000, una trasposizione in lingua portoghese della poesia che costituisce solo l'iceberg, saremmo tentati di dire, del sufismo mistico, i versi cioè del grande poeta persiano, del XIII sec., Jalal al-Din Rumi (fino alla curatela, nel 2002, del vol. *I cammini dell'Islam*).

Mi piacerebbe a questo punto concludere la presente carrellata, concepita di necessità a volo d'uccello sull'opera multiforme di Marco Lucchesi, con la menzione di un suo scrittoietto del tutto particolare, quale solo una mente geniale, profonda e versatile, poteva in fondo ritagliarsi – (e che potrebbe magari farci pensare a certe libertà ludiche che il nostro Umberto Eco, filosofo e semiotico, amava concedersi). Sto pensando chiaramente dapprima alla sua proposta patafisica, risalente al 2015 (poi ripresa nel '18 e di nuovo nel '23) che, recuperando una *agudeza* swiftiana, l'idea di un'isola fittizia, chiamata Laputa (1726), spinge Marco Lucchesi a farsi 'glottoteta' e a postulare dei giocosi *Rudimenti di lingua LAPUTAR* – così come hanno del resto provato a fare, in anni anche recenti, alcuni nostri eminenti studiosi di lingue semitiche (mi piace ricordare, ad es., a tale riguardo, il *markusko* ideato dall'islamologo Alessandro Bausani, nel fortunato suo libro *Le lingue inventate,* 1974, 2023[2]). È seguito poco dopo, in una chiave che avrebbe di sicuro divertito Jorge Luis Borges, bibliomane per antonomasia, e affascinato magari il nostro Leonardo Sciascia, un amenissimo *Catalogo dalla Biblioteca dell'Eccellentissimo Sig. Umbelino Frasao* (2017, '18, '23), per finire, si fa per dire, nell'ambito delle cosiddette lingue 'artificiali', con la raccolta intitolata *Alivorte* (2021), una silloge di poesie di Marco Lucchesi trasposte in esperanto.

Paradossalmente, con mia grande sorpresa, l'ultima volta che c'incontrammo su Calea Victoriei, a Bucarest, davanti ai magnifici ippocastani della Biblioteca dell'Academia Română, *"Favete linguis"* mi gridò Marco, magari un po' scherzando, al che io gli risposi dal marciapiedi opposto, col mio idioma valacco, "*Aferim*!".

LETTERATURA È SORELLA GEMELLA DELLA LIBERTÀ: ESPERIENZE IN CARCERE DI MARCO LUCCHESI

Fabio Pierangeli [47]

Una istintiva repulsione per ogni forma di cattività accompagna lo statuto inquieto e ribelle della letteratura, specie quella moderna e contemporanea, diventando carattere precipuo della maggioranza degli scrittori moderni e contemporanei. Tra i più amati da chi scrive in ambito novecentesco Camus e Silone, Pavese e Sciascia, Ottieri e Pomilio, Bufalino a Testori.

Quando Doninelli chiede a quest'ultimo quale sia l'episodio da cui comincerebbe a raccontare la sua vita, lo scrittore di Novate risponde con queste toccanti parole, evocando i luoghi materni di Lasnigo in Brianza, non lontani da quelli manzoniani, la grande casa familiare un poco fuori il centro abitato dove un pomeriggio d'estate tornando verso il paese vede scendere dall'alto della strada un uomo con le mani illucchettate in mezzo a due carabinieri.

Una visione indelebile, quell'uomo prigioniero che sfiora così, per sempre, la vita dello scrittore, girandosi verso di lui e pronunciando una parola incomprensibile, probabilmente un semplice saluto, perché la sua faccia, in quel piccolo paese, non era nuova, il bambino Testori lo aveva intravisto su certi campi dove andava a giocare[48].

Questo fatto dovette imprimersi in me con violenza, perché subito mi sentii male, malissimo, e tutto angosciato domandai a mia mamma dove portavano quell'uomo. Lei rispose che lo portavano in prigione perché aveva rubato una mucca. I giorni successivi, a

---

47 Fabio Pierangeli è attualmente professore Associato di Letteratura italiana presso la Macroarea di Lettere e Filosofia dell'Università degli Studi di Roma "Tor Vergata". Dirige la collana «Mosaic viaggio tra le culture» dell'editore Loffredo, dirige, per la parte di Letteratura, la rivista «Studium» (Fascia A dell'Anvur); coordina, per la parte di Letteratura, le Edizioni Studium, è membro dal 2018 del Consiglio scientifico della Biblioteca Nazionale Centrale di Roma, rinnovato per il triennio 2021-2024, dell'Associazione Testori e dal 2015 al 2020 della Fondazione Ippolito e Stanislao Nievo. Dirige la rivista bimestrale internazionale di letteratura italiana stampata a Rio de Janeiro "Mosaico italiano" con i colleghi della Università brasiliana di Santa Catarina, Patricia Peterle e Andrea Santurbano. Ha ricoperto per un triennio il ruolo di Presidente del Corso di Laurea in Scienze del Turismo dell'Università degli Studi di Roma "Tor Vergata" 2015-2018. Viene eletto coordinatore del Corso di studio in Lettere dell'Università degli Studi di Roma "Tor Vergata" per il triennio 2019-2022 e rieletto con secondo mandato dal 2022 al 2025. Ha tenuto diverse lezioni all'estero, in particolare nelle sedi svizzere della Dante Alighieri dal 2004 al 2010, a Boston nella sede della Dante Alighieri e nel Boston College nel 2005.

48 L. DONINELLI, *Conversazione con Testori*, Nuova edizione a cura di D. DALL'OMBRA, Milano, Silvana Editoriale, 2012, pp. 29-30.

tavola, non feci che chiedere di lui, se aveva anche lui una mamma, un papà eccetera. Mi pareva che tutto si fosse lacerato, che la vita stessa si fosse spaccata. Credo che la mia ribellione istintiva ogni volta che vedo qualcuno a cui viene tolta la libertà, e l'odio un po' demenziale che nutro verso tutte le polizie, i carabinieri, gli statuti e gli ordini costituiti derivi da lì. È un *ron ron* continuo. E, ripeto, non c'è giorno in cui - anche tre, quattro, cinque volte - non mi venga fatto di tornare a quel caso.

Un senso istintivo di libertà a favore del primo diritto dell'uomo nella società civile. Con quella notazione sulla demenzialità di una posizione, Testori lascia intuire il rovescio della medaglia: la complessità del medesimo dovere di preservare per tutti tale diritto.
Quali sono le cause che portano a rubare si chiede implicitamente Testori?
Di certo, in un piccolo furto di tal fatta le manette non aiutano nessuno, se non il futuro scrittore e drammaturgo a maturare questo senso urticante contro le forze dell'ordine che lui stesso non può che definire demenziale.

Quando il crimine è più grave, delitti, associazione mafiosa, traffico di droga, proporzionalmente aumenta la responsabilità degli addetti alla procedura penale, ai responsabili degli Istituti di detenzione, in particolare dell'area educativa di fronte a vittime, spesso dimenticate, di crimini efferati. Su questa strada luminosi risultano i tentativi, in particolare di Don Ciotti e della Associazione Libera, di incontro, al culmine del percorso di riabilitazione della persona che ha sbagliato con le vittime o i parenti delle vittime.

Intanto possiamo ricorrere all'esperienza di Pavese per comprendere l'animo di quell'uomo con le manette descritto da Testori.
Non importa se sia in cattività l'intellettuale perseguitato dagli austriaci o dal fascismo o il semplice «ladro di galline». Pavese tratteggia una condizione universale, nel suo transito, prima di arrivare al confino di Brancaleone Calabro, nelle carceri di Torino, Roma e Napoli. Rimane indelebile un ricordo, un flash drammatico, un trauma da cui si scende in una dimensione antropologica segnata dal ritmema l'uomo solo nelle poesie conclusive di *Lavorare stanca*, un'ombra contro la quale il Pavese operoso e positivo lotterà per tutta la vita. Una bambina, al suo passaggio, chiede al padre perché nelle manette non fanno passare la corrente elettrica. Commenta Dario Stefano Dell'Aquila[49]:

[49] *D. S. DELL'AQUILA,* Una breve finestra nel cielo tranquillo. Cesare Pavese a Poggioreale, www.leparoleelecose.it**,** *4 agosto, 2015.*

Forse è questa voce che ancora gli rintrona la testa, o forse sono i quasi due mesi di carcere e la stanchezza del viaggio, ma l'ingresso non è affatto solenne, come si converrebbe ad un detenuto politico. Sulle scale del carcere, proprio all'altezza di un crocifisso, uno "*stramazzo*", un inciampo o un giramento di testa, e giù, lungo disteso, manette, valigia e tutto. Se ci sia stata pietà, commiserazione o altro negli agenti non lo sappiamo. Ma un detenuto in transito non è qualcuno, o meglio qualcosa, a cui ci si "affeziona". Né a lui è dato tempo, per conoscenze, per ricevere una lettera o disfare un misero bagaglio di qualche vestito, un paio di libri e una pipa.

L'interesse per la letteratura in carcere o di ambito carcerario nasce dall'esperienza personale di tutor responsabile per la Macroarea di Lettere e Filosofia del progetto di studio universitario nella Casa Circondariale di Rebibbia, in convenzione con l'Università di Roma "Tor Vergata".

Ne è nata una collana, *Il vagabondo delle stelle*, per UniversItalia editore, di cui il primo volume riprende nel titolo la suggestiva espressione di Marco Lucchesi: *Afferrare le redini di una vita nuova*. Lucchesi allude alla sue esperienze nelle carceri brasiliane e in particolare al rapporto epistolare con un detenuto, estremamente formativo per entrambi[50]: «Ho imparato molte cose durante la corrispondenza bisestile che ho avuto con più di un prigioniero, di cui non ho mai conosciuto il viso e la pena. Un piccolo gruppo di lettere riunito per mera affinità letteraria sulla passione di leggere e una specie di etica del lettore a volte un po' ingenua, ma quasi sempre affascinante». Aggiungendo alla fine del suo intervento che «queste voci dalla prigione mi hanno aiutato a conoscere un po' meglio le cose. E sono d'accordo con uno di loro, quando mi dice che la letteratura è sorella gemella della libertà». Sottoscrivo con commozione nell'affinità, da lontano, di una esperienza che rende la letteratura un veicolo di rinnovamento, di riconciliazione, di bellezza e dignità.

L'arte e la cultura rendono liberi. Un teorema diffuso, con un numero infinito di corollari applicabili alle più diverse situazioni e condizioni, constatabili nel lungo divenire della storia come nella attualità delle società contemporanee.

Nell'universo carcerario l'affermazione va presa alla lettera, non nasconde alcuna metafora. Pone delle questioni urgenti che posso tradurre in un linguaggio semplice, la cui

---

[50] M. LUCCHESI, *La letteratura sorella gemella della libertà*, in *Afferrare le redini d'una vita nuova*, a cura di F. PIERANGELI, Roma, UniversItalia, 2014, p.16.

radice tocca la sostanza del cuore umano, l'opzione per la libertà, senza i condizionamenti del male.

Può servire un libro, un racconto, l'impegno dello studio scolastico, una serie di esami universitari a dirigere e cambiare l'esistenza di un uomo caduto nella trappola della criminalità, del facile guadagno?

Un interrogativo non secondario, se si accetta l'assunto per il quale le reali condizioni strutturali e umane delle istituzioni detentive è lo specchio della dignità sociale di una qualsivoglia Nazione e un interrogativo cruciale per i molti operatori culturali degli istituti penitenziari, in una Italia dove il carcere è la forma predominante per scontare la condanna penale, nonostante i decennali dibattiti sulle pene alternative.

Il riferimento al celebre romanzo carcerario di London, *Il vagabondo delle stelle*, giunge dalla testimonianza resa durante un laboratorio di scrittura da me tenuto nell'anno accademico 2012-2013 dallo studente sicuramente più brillante e capace come, all'unanimità, hanno riconosciuto i colleghi delle diverse discipline del corso di laurea in Lettere a Tor Vergata, dove risultano iscritti la maggior parte degli "inquilini" di Rebibbia[51]:

In momenti come questo io "evado" dal mio "sempre- uguale" presente scrivendo parole, nell'intento di riuscire a esprimere quel poco che so e il quasi niente che ricordo di concetti complessi come la libertà e di concetti inafferrabili come la vita.

Io non sono Darrell Standing (il protagonista del *Vagabondo delle stelle* di London, detenuto nel carcere di San Quentin), ma conosco il significato insito nella sua storia; io so cosa significa essere materia rinchiusa nella materia; io non ho bisogno di immedesimarmi in lui per comprendere cosa sia l'assoluta mancanza di libertà, io, come lui, sono un detenuto. Ho trascorso una buona parte della mia vita in carcere, perciò, come tanti altri compagni di sventura, so bene cosa significa cercare "un modo" per continuare a vivere nella totale assenza di libertà.

La vita intesa nel suo significato più convenzionale è tutt'altra cosa rispetto a quella che noi siamo costretti a inventarci ogni giorno.

Per momenti come questi, la persona detenuta intende, come indica Lucchesi, le esperienze di studio, di lettura e di laboratorio: nel suo caso sono stati lo spunto per mettere

[51] J.D. BONETTI, *Esercizi a vuoto*, in *Afferrare le redini d'una vita nuova*, cit., p.19. Sulla letteratura in carcere si veda anche *Carceri vere e d'invenzione dal tardo Cinquecento al Novecento*, a cura di G. Traina e N. Zago, Acireale-Roma, Bonanno, 2009.

in moto una intelligenza non comune, già evidentemente abituata al ragionamento e alla riflessione.
Ascoltiamo il finale della testimonianza su *Il Vagabondo delle stelle*[52]:

Il carcere è un luogo non luogo dove il tempo non è tempo; il carcere è forse l'ambiente più ostile che esista, il più innaturale per l'uomo. Se forme di vita meno complesse dell'uomo, animale razionale, a volte si lasciano morire piuttosto che rinunciare all'istinto di libertà, figuriamoci cosa significhi per un uomo essere costretto a vivere nella totale immobilità, nella condizione in cui ogni moto è solo di dolore.
In una simile situazione, l'uomo per sopravvivere o diventa insensibile, "materia pura" o per il contrario rinuncia alla propria "corporalità", ormai, incapace di espletare
le sue "funzioni primarie".
"Vivere" chiusi in una cella di due metri per quattro per ventuno ore al giorno, poter abbracciare, baciare i propri amati per solo quattro ore al mese, sapere che questo è il destino che ti aspetta per i prossimi venti, trenta anni o in alcuni casi estremi per sempre, questo sinteticamente è il carcere.
Non è mia intenzione in questa sede inoltrare un critica alla realtà penitenziaria del nostro Paese, mi limito a trasmettere qualche verità, sicuramente di parte, ma sorprendentemente simile a quelle che intende trasmetterci J. London attraverso la sua opera.
La verità di cui offro la mia insignificante ma sincera testimonianza è una della verità del libro: bisogna avere sempre fiducia nelle forze nascoste, a volte inimmaginabili, che l'uomo interiormente possiede, la vita può e deve essere un'avventura straordinaria anche se vissuta in una cella di due metri per quattro.
Darrell Standing trovò il modo per liberarsi dalla sua realtà imprigionante attraverso la "piccola morte". Ogni uomo, costretto, giustamente o ingiustamente, a vivere una simile condizione, continua a cercare un modo per riuscire a vivere quella vita che materialmente non ha…
Guai a non riuscire in questo, l'alternativa è … o la pazzia o il rinunciare a vivere.
Il mio invito per tutti coloro che si sentono materia intrappolata nella materia "per il motivo che sia" è quello di riuscire a trasformare i propri pensieri in farfalle e di farli volare nella memoria e nella fantasia, nel tempo e nello spazio, fare in modo che superino i contingenti sistemi di sicurezza, mura e sbarre, in cui tutti siamo prigionieri, affinché viaggiando

[52] *Ibidem.*

nell'immensità, al loro ritorno possano aiutarci a riscoprire le vere ragioni per cui si deve continuare a vivere.

Con l'immagine delle farfalle, pur con la domanda pressante e sempre più urgente sul domani, è suggellato il valore della cultura (lettura e studio) nel carcere, con l'evidente predilezione degli studenti di Lettere per la storia dell'arte, la letteratura, la storia della fotografia, l'antropologia. Marco Lucchesi, sintetizzando il suo lavoro nelle carceri, compreso il rapporto epistolare con una persona detenuta, parla di letteratura come sorella gemella della libertà: quello che si è perso nelle facoltà di lettere e filosofia, sostiene con un paradosso estremamente calzante, fruttifica nelle carceri. Il valore umanistico del sapere e della letteratura, libero e creativo, si perde nell'abitudine, nella burocrazia, nel disegno del potere di eliminare le diversità.

Si perde ciò che materialmente si possiede e non l'immateriale pensiero fatto di ricordi, sostiene un altro studente universitario recluso giovanissimo, Antonio Dragone, ora iscritto all'università di Parma: i pensieri[53] «permangono nella nostra memoria e ci appartengono al di là di dove ci troviamo o se siamo in un percorso di pellegrinaggio dal sapore mitico-evocativo del più bel periodo della vita umana».

L' intelligenza superiore, alimentata dallo studio e da una conoscenza onnivora, dimostra, in fin dei conti, quanto alla conoscenza libresca vada affiancata la vicinanza e la solidarietà umana, nel caso di Lucchesi e dell'esperienza di Rebibbia rappresentata da tutor giovani che con il loro entusiasmo accedono come volontari negli istituti penitenziari per aiutare nello studio, costruendo, in mondo significativo, in piccoli gesti, una nuova forma di convivenza.

Emblemi di situazioni quotidiane, ancora oggi, in cui lo studio e la letteratura possono accompagnare il cammino della persona detenuta, non potendo però sostituire il nodo cruciale del reinserimento nella società nel quale necessità la possibilità del lavoro e di una abitazione autonoma, per non ricadere nel sistema criminale.

A chi, istruito, magari a livello di una brillante tesi universitaria, si pone il problema di come utilizzarla nell'inserimento nella società.

Così il valore della lettura, del libro dello studio è per moltissimi un cambiamento di vita, accompagnato, elemento fondamentale, da un persona che porta la letteratura in luoghi di reclusione quale corpo vivo soprattutto nel modo con cui si occupa lo spazio e il tempo quotidiano del carcere, nei rapporti interpersonali con gli altri detenuti.

---

[53] *Ivi*, p.113.

L'argomento dei loro discorsi, prima improntati all'ambito del crimine, se non ancora alla logica criminale, lascia il posto all'arte, alla storia della fotografia, alla lettura di libri e di testi teatrali, spesso confortati dalle esperienza dirette di laboratori.

Il lavoro nelle carceri, la maturazione attraverso lo studio di alcune persone detenute che si possono considerare ormai dei veri amici, conduce alla chiarezza esemplare di questa constatazione.

Il nodo gordiano, con il cumulo massiccio dell'ansia, resta il dopo per chi intravvede una fine della pena. Ecco testimonianza senza fronzoli, dura e reale, dell'anonimo di Rebibbia. Vale la pena di citare a lungo[54]:

Negli anni credo di essere stato molto fortunato. Ho iniziato a studiare circa un anno dopo il mio arresto e da allora, non ho mai smesso. Ho avuto la possibilità di incontrare professori, tutor, studenti e volontari, che a volte per curiosità, ma soprattutto per passione hanno deciso di venire in carcere e incontrarci. Non credo di essere in grado di descrivere che cosa tutto questo mi abbia trasmesso, ci sarebbe troppo da scrivere, ma mi è stato molto d'aiuto. Mi ha allontanato, per così dire, dalla routine quotidiana, dai soliti discorsi: processi, malavita. Mi ha dato conoscenza, desiderio, voglia. Quello che più comunemente chiamiamo cultura ha incominciato ad interessarmi. È grazie anche a queste persone che ce l'ho fatta. Il carcere è duro e tende a svuotarti, è noioso, fatto di regole che non esistono da nessun altra parte, che ti allontanano dalla realtà e non ti aiutano affatto a riflettere. Tutto funziona attraverso la burocrazia e le regole, senza tener conto dei sentimenti.

Come ho già detto, sto per raggiungere il traguardo della laurea, un obiettivo importante, a cui sono giunto con molto impegno e fatica; penso spesso a questo evento, soprattutto adesso che è così vicino. So bene che non potrò usare facilmente la laurea che andrò a conseguire, ma a me importa poco, non è il titolo di studio o il voto che ci sarà scritto su a cambiarmi la vita. Quello che considero il vero valore del conseguimento di questo titolo di studio, è il percorso: il rapporto umano con i professori e i loro insegnamenti, le ripetizioni con i miei compagni di corso, la pianificazione del piano di studi. Tutto quello che viene dopo, è solo il traguardo e come tutte le cose che hanno una fine, in galera, lasciano sempre un sapore amaro. Sembra banale quello che dico, ma in carcere quando qualcosa finisce e un po' come se morisse. Vivi con qualcuno ventiquattro ore su ventiquattro, lo ami, lo odi, ma alla fine finisce. Con la maggior parte delle persone che mi sono state vicino durante questi lunghi anni di carcere, so che non ci rivedremo mai più. Conosco la potenza della parola mai

[54]Anonimo di Rebibbia, *Vivere in carcere*, «Mosaico italiano», dicembre 2016, p.12.

per persone nella mia posizione: quello che non fa la vita, lo può fare la legge. La legge può impedirmi di rivedere qualcuno. C'è chi dirà che forse è meglio così, in fondo se degli ex galeotti si incontrano, alla fine non potranno che ritornare a fare reati. Non posso mentire, la recidiva in Italia è molto alta tra gli ex detenuti ed è un problema di non facile risoluzione, ma fortunatamente non la consuetudine. La tragedia però, forse ci affascina più del bene e ne facciamo a volte un simbolo da sbandierare. In qualche modo bisogna dare un volto al male, ma senza cercarne l'origine. La semantica è insita nei gesti, solo che nessuno o quasi si sofferma sui di essi. Le parole, l'arte oratoria, sono più efficaci e arrivano prima. Si guarda il gesto, ma senza soffermarcisi troppo su: senza osservare, senza porsi alcuna domanda.

Alla sfida rinnovata del fascino sinistro e a volte facile del male che affiora nei romanzi di Lucchesi, tra vero e verisimile, spunti letterari e creazione autonoma, *O dom do crime* (2010) *O bibliotecário do imperador* (2013), siamo chiamati a rispondere con le armi umanistiche della bellezza, ma non trascurando il dovere, altrettanto umanamente bello, di sollecitare il mondo della politica e delle istituzioni verso un maggiore impiego di risorse per seguire il percorso dei detenuti sulla soglia della libertà, sostenendoli nella ricerca del lavoro e in pene alternative retribuite o al fine di una retribuzione futura.
La società ne guadagna anche in un senso concreto: meno recidiva, quindi meno crimine di ritorno, meno spese di sostentamento delle carceri.
Cito ancora il contributo di Lucchesi in *Afferrare le redini di una vita nuova*[55]:

All'ordine del giorno, in Brasile, la riforma del codice di processo penale, con tutte le sue sfide, l'efficacia delle pene alternative, davanti al crescente numero della popolazione carceraria, da cui risalta, in contrapposizione, la terribile immagine dei prigionieri di Vitória[56], al limite dell'asfissia, all'interno di un container nel quale ci si litiga la quota minima d'ossigeno. Sono solo alcuni dei molti problemi affrontati da un progetto democratico di sicurezza pubblica che integra diversi settori della società, in un dialogo essenzialmente repubblicano, come insiste l'Ordine degli Avvocati del Brasile così come il Consiglio Nazionale di Giustizia, in un forte ritratto dei nostri giorni. Un punto essenziale sembra del tutto dimenticato: i presupposti di un'educazione alla libertà. Non solo per quelli che vivono da queste parti, ma anche per quelli che si trovano ai margini. La cittadinanza ha necessità di inoltrarsi con passo fermo, tra le mura, nel centro della comunità, del rifugio e della prigione.

---

[55] M. LUCCHESI, *La letteratura sorella gemella della libertà*, cit., p.17.
[56] Capitale dello stato di Espírito Santo in Brasile.

Non bisogna dimenticare che questi estremi, sono materia esclusiva dei così detti specialisti, relegati in secondo piano, in una zona definita come tecnica e, pertanto, perversa, al di fuori di quella minima trasparenza che si esige da una società libera. Dobbiamo creare in modo permanente meccanismi per difendere e perfezionare la democrazia, come afferma, tra gli altri, Boaventura dos Santos. All'interno di quei meccanismi, una strategia forte consiste nell'occupazione capillare del tessuto sociale in regioni remote, per la promozione di una cultura di pace a sostegno e a salvaguardia della diversità.

[…]

Una consegna totale e quasi disperata al libro. Una scommessa di sogno e libertà. Un'altra vita che può risorgere. Fondamenti di una filosofia la cui base indaga su una dimensione che si trova aldilà della giustizia, come ha scritto Agnes Heller. Uno dei miei amici di penna invisibili lavora per l'ampliamento di una biblioteca di un famoso edificio, con più di due mila volumi. Chiede un maggior numero di donazioni, entusiasmando con questa piccola biblioteca di Alessandria, le bizzarrie del sistema carcerario di São Paulo. Promuove, allo stesso tempo la formazione del lettore, in modo che la biblioteca sia un organismo vivo e aperto, progetto di riconquista dello spazio, se non dell'identità, demolita in mille pezzi. Qui Clarice[57] e Dostoevskij camminano fianco a fianco. Come se non bastasse, c'è un progetto di alfabetizzazione per potenziali lettori, vecchi e giovani che non hanno mai frequentato la scuola.

Un altro detenuto, organizza assemblee letterarie, a partire da temi e dibattiti generati da un romanzo o da un racconto. Piccoli seminari, all'interno di celle, producono un insieme di opinioni locali promosse da tutti ad una discussione maggiore, nella quale il rappresentante di ogni gruppo elabora uno schema di lettura. Portati a capire l'errore, a discutere le oscurità dell'uomo e il sentimento di giustizia. Come nel caso de *L'Alienista*, di Machado de Assis, applaudito da tutti per l'idea dell'apertura del manicomio. Per loro è divenuto il saggio di un mondo e di un sogno che li rappresenta, l'iscrizione di un pezzo di vita. O di futuro.

Da un'altra prigione, a Rebibbia, in Italia, mi giunge notizia di un laboratorio letterario[58], dove gli alunni ricevono il frammento di un testo, ad ognuno compete poi l'incarico di produrre un risultato. Come se afferrassero le redini di una vita nuova, sviluppata in un concerto sociale, in una sorta di città del sole. E sempre sotto forma di diario di viaggio. Queste voci

[57] Si tratta della scrittrice brasiliana di origine ucraina Clarice Lispector.

[58] Rappresentante principe è il film-documentario dei fratelli Taviani, *Cesare Deve Morire* vincitore del Festival di Berlino nel 2013, nel quale degli ergastolani di Rebibbia mettono in scena il *Giulio Cesare* di Shakespeare.

dalla prigione mi hanno aiutato a conoscere un po' meglio le cose. E sono d'accordo con uno di loro, quando mi dice che la letteratura è sorella gemella della libertà.

Significativa la scelta per le letture in carcere del romanzo di uno degli autori brasiliani che più profondamente hanno segnato l'ispirazione di Lucchesi che, nelle note al suo intervento citato, sintetizza la trama del romanzo di Machado[59]:

Nel romanzo, il protagonista Simão Bacamarte, un medico che si specializza nel campo della psichiatria, fonda la Casa Verde a Itaguaí, nella quale comincia a internare tutti quelli che lui giudica pazzi. Tra esasperazioni e ribellioni la Casa Verde riceve alla fine l'appoggio della società. Bacamarte decide poi di rivedere il suo criterio di giudizio e comincia a internare sempre meno persone, finché non giunge alla conclusione che i germi della pazzia sono latenti in tutti e che lui è l'unico sano. Giunto a questa definizione decide lui stesso di internarsi nella Casa Verde, dove morirà diciassette mesi dopo, ricevendo onori postumi, nonostante il dubbio collettivo che fosse lui l'unico vero pazzo della Casa.

Un personaggio controverso dunque: nel nome della scienza si decide a giudicare e di fatto imprigionare a suo piacimento. La coerenza, dopo un avvicendarsi di vicende che fanno salire al potere per poco tempo diverse figure insanamente attratte dal miraggio del potere, via via alleati o nemici dei militari e dei Viceré, gli si riconosce la coerenza, così rigida da sfiorare la pazzia. L'apologo è ricco di ironia, quella del paradosso adatto a spalancare metaforicamente le porte delle celle, impegnare le riflessioni dei detenuti sul rapporto tra utopia e scienza, pazzia e verità, nell'idea che la brama di potere e il conformismo latente sono inevitabili nella società umana, trascorsi cento anni e qualche decennio dal libro del grande scrittor brasiliano. Sembra più attuale che mai il momento del romanzo che precede il finale in cui vengono emarginati e richiusi gli operatori del bene, capaci di operare con concretezza e raziocinio per la collettività.

Il riferimento a Machado, sempre nell'ambito di una riflessione sul demone del potere, ha maturato anche nella ispirazione di Lucchesi, tra vero e verisimile nel romanzo tra i suoi più noti e di successo *O Dom do Crime*, ambientato alla fine dell'Ottocento, quasi un dietro le quinte dei personaggi del grande scrittore brasilero. La logica del crimine nasce dalla sete del potere, da quel super ego che alcuni capi mafiosi italiani, con diversi omicidi alle spalle,

[59] M. LUCCHESI, *La letteratura sorella gemella della libertà*, cit., p.16.

"convertiti" al teatro e allo studio hanno denunciato come la principale ragione della scelta di affiliarsi ai clan. Cito per tutti l'autobiografia dell'ergastolano Cosimo Rega, *Sumino 'O Falco*, (edito da Robin nel 2012), realmente, nelle sue terre campane e in parte anche dentro il carcere, signore del crimine. La lenta maturazione passa attraverso un dolore atroce di aver ucciso, per sentire dipendere la vita degli altri dalla sua potenza e arroganza. Nell'ottica di Lucchesi la cultura insegna il dono dell'umiltà e dell'ascolto reciproco, come appare magistralmente nel volume *Cultura da paz* edito da Officina nel 2020 dove possiamo ascoltare una testimonianza umanamente struggente, questa volta dal carcere femminile Nelson Hungria di Rio de Janeiro[60]:

Nessa mesma semana fui ao presídio feminino Nelson Hungria, convidado para dar uma pequena palestra sobre o livro e a liberdade. Uma biblioteca breve e bem escolhida foi a primeira surpresa, além das cores com que as alunas pintaram a escola da unidade. Depois, todos aqueles rostos, atravessados por uma fome de mudança, rostos variados, tantos, boa parte dos quais cheios de comoção.

L'esperienza nella sua autenticità di vita, di cambiamento, di dignità si oppone, quale antidoto di vera cultura, agli show televisivi costruiti su fatti di cronaca o su processi, falsi o veri, o comunque falsati dalla arroganza del mezzo di comunicazione di massa, come già avvertiva Pasolini. Il desiderio di imparare dai libri si vede dai volti attenti quando Lucchesi parla a chi vive un regime di detenzione, di libertà attraverso la letteratura. Una immagine ieratica, il senso, riscoperto nel carcere, delle professioni umanistiche, della stessa definizione di scrittore. Evocati dalla pura bellezza del presente: come mi è capitato anche a me in carcere sono stato subito accolto, nessuno ha chiesto del mio passato o perché avessi scelto di essere lì. Quel che conta, come racconta Lucchesi, è lo scambio di bellezza nel parlare di libri che si

[60] Leggo dalla rivista «L'internazionale», del 22 dicembre 2016 questa notizia redazionale: «Ogni anno nel periodo natalizio le detenute del carcere Nélson Hungria a Rio de Janeiro, in Brasile, partecipano a diverse attività tra cui la decorazione delle celle e la preparazione di uno spettacolo teatrale. L'iniziativa, cominciata circa sette anni fa, comprende una recita, travestimenti e l'allestimento delle celle come se fossero dei palcoscenici.Le detenute partecipano alla preparazione delle decorazioni riciclando i materiali che hanno a disposizione. Alcuni addobbi più raffinati, che non potrebbero produrre da sole, vengono offerti dalle loro famiglie. Le attività sono tutte svolte sotto forma di competizioni, con la possibilità di vincere dei premi. Per esempio la cella con le migliori decorazioni ottiene dei servizi igienici nuovi, mentre chi arriva al secondo e al terzo posto riceve una tv. Il Nélson Hungria è un carcere femminile di massima sicurezza. I preparativi nei giorni che precedono il Natale hanno lo scopo di distrarre le detenute dal pensiero delle loro famiglie lontane e di aiutarle a migliorare la loro autostima». Per altre notizie su questo carcere, per certi versi un modello internazionale https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8750867.

rende visibile nello sguardo «Olhos em que brilha a obstinada luz do "ainda-não", que as faz seguir em frente, com a geografia particular de seus afetos».
Non saprei definire il passo seguente con altri termine se non di "poesia della vita", quando, dal letame e non dai diamanti, nascono fiori. Il presunto letame, in verità, ovvero quello indicato, decretato, etichettato da un superficiale giudizio comune omologato che non sa guardare oltre le apparenze e diffida che si possa sempre cambiare, come l'araba fenice evocata nella prima lettera dei detenuti di Rebibbia ai docenti del progetto, all'inizio della collaborazione tra l'istituto penitenziario e l'Università degli Studi di Roma-Tor Vergata. La poetica dell'incontro, gli occhi del poeta capaci di riandare alla creaturalità, all'origine della umanità di tutti gli essere umani, in particolare quelli che hanno sbagliato e hanno il coraggio di rialzarsi, di trovare negli altri e in se stessi spiragli di luce, perdono e pace[61]:

As perguntas nos aproximam, quebrando um mundo aparentemente dividido, nas malhas processuais ou nas franjas do código penal. Somos regidos pela poética do encontro, da boa vontade. Indago silencioso se a justiça terá olhos suficientes para alcançar essas moças e senhoras, que ainda me emocionam de tal modo que até o momento não sei definir o que vivi. Mas será mesmo preciso definir o que quer que fosse nessa esfera?

Dopo l'incontro letterario sul tema della libertà, Lucchesi si reca a pranzo con la direttrice del carcere e con gli agenti della polizia penitenziaria, il cibo è preparato dai "moradoras" con le loro stesse mani che odorano di quella fame di giustizia nel silenzio lavoro, altra "arma" potentissima di riscatto sociale, di ripresa di dignità[62]: «Penso nas minhas mãos e nas suas, leitor. Penso nas mãos dos juízes e nas de nossas mães. Porque sem compaixão não há justiça».
Le mani, il correlativo del fare, del curare, quello della madre fin dal primo attimo della nascita. E le mani del giudice, chiamato con sempre difficile responsabilità ad operare la giustizia.
Nelle carceri di tutto il mondo al fine di una pena realmente educativa e non solo punitiva andrebbe moltiplicate le occasioni di cultura, di studio di lavoro, anche fuori dal carcere, in vista di un completo reinserimento sociale. La testimonianza di Marco Lucchesi, la sua azione culturale capace di affondare nel sociale per cambiare concretamente la vita delle persone, ne è un esempio luminoso, che attraversa i linguaggi e lo spazio geografico per inserirsi in una

[61] M. LUCCHESI, *Cultura da paz*, Rio de Janeiro, Oficina, 2020, p. 42.
[62] Ivi, p.43.

dimensione umana dove i valori condivisi sono la pace, la compassione, la fratellanza a cui deve associarsi l'amministrazione della giustizia.

MARCO LUCCHESI: HAICAIS

Chica Takeda [63]

Primeiramente, gostaria de agradecer ao Professor Marco Lucchesi e à professora Ana Maria Haddad Baptista por terem me convidado para este maravilhoso encontro.

Hoje gostaria de falar um pouco sobre a coleção de *haicais* do Professor Marco Lucchesi, *Microcosmo*, que foi publicada em maio do ano passado. Gostaria de manifestar minha alegria de ver o *Microcosmo* em minhas mãos. Estou muito feliz com a publicação deste livro porque ele simboliza o estreito laço de amizade cultural entre o Japão e o Brasil. Tive um grande prazer em convidar o Professor Marco em 2016 para a comemoração do centenário do ensino da língua portuguesa na Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio - TUFS, onde leciono. A TUFS foi a primeira universidade do Japão a introduzir o ensino da língua portuguesa em 1916. Na ocasião da visita do professor ao Japão, foram versados muitos haicais desta coleção.

A introdução do *haicai* no Brasil e a criação do curso de português no Japão são quase da mesma época. Segundo o poeta brasileiro de origem japonesa Goga Masuda, a introdução do *haicai* aconteceu em 1919[64]. Então até eu sinto como se o livro tivesse reproduzido essa coincidência de dois acontecimentos, a introdução do ensino de português no Japão e do haicai no Brasil, ambos no início do século XX. O professor Marco, assim como celebrou o início do ensino da língua portuguesa há 7 anos, celebra, desta vez, o encontro entre o português e o haicai. O *Microcosmos* é verdadeiramente uma obra que une os dois países: o Japão e o Brasil.

O *haicai* é um poema que é intimamente ligado à natureza. Por essa razão, há grande presença da natureza no *Microcosmos* e fiquei impressionada com a sua originalidade. A primeira impressão que tive quando li os versos, foi que nele se realiza um belo casamento das duas culturas, a japonesa e a brasileira. O livro é repleto de versos que cantam a natureza tipicamente brasileira: ipê roxo, flores de maracujá, mangueiras altas, maritacas etc.

---

[63] Professora da Tokyo University of Foreign Studies – TUFS (língua portuguesa e literatura brasileira). Doctor of Philosophy (PhD) pela TUFS. Traduziu várias obras da literatura brasileira, inclusive *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro* de Machado de Assis, *Torto arado* de Itamar Vieira Junior e as obras de Milton Hatoum, Chico Buarque, Zulmira Ribeiro Tavares, Jorge Amado etc. Autora de *Chidoriashi no Benshoho* (Dialética do ébrio), TUFS Press, Tokyo, 2013, *Burajirujin no Shoseijutu – Jeitinho no Himitsu* --(O Comportamento do brasileiro – o segredo do Jeitinho). Tokyo: Heibonsha, 2014 etc. Uma das editoras do *Dicionário do Português Contemporâneo*, Hakusuisha, 2014.

[64] 増田 1986, p. 99.

E também se encontram os versos que lembram a tradição japonesa do haicai. Por exemplo:

Noite. Plenilúnio.
Ouço no salto do Sapo
A voz de Bashô.[65]

Este verso que fala do salto do Sapo e da voz de Bashô conjuntamente conjuga claramente com o seguinte verso do poeta japonês.

Furuikeya
Kawazu tobikomu
Mizu no oto.

Ou seja:

O poço antigo
O salto do sapo
O som d'água.

Outro exemplo é "caqui". O verso do professor Marco é:

Disseste *caqui*.
Nada supera o sabor,
Da polpa de um verso.[66]

O *caqui* deste verso deve se referir a duas coisas de níveis diferentes: uma é o fruto do caqui *in natura* e outra é o poema, pois a polpa que o poeta saboreia parece ser de um verso, e não de um fruto. De fato, como insinua o professor Marco, muitos japoneses, ao lerem esse poema, hão de recordar imediatamente o *haicai* do Masaoka Shiki, que é o seguinte:

Kaki kueba

[65] LUCCHESI 2023, p. 29.
[66] *Ibid.*

kane ga nari naru
Horyuji".

Ou seja:

Comendo um *caqui*
Tocam os sinos
No Templo de Horyuji

Assim, neste livro, se veem encontros e diálogos entre o Japão e o Brasil não só da natureza, mas da cultura.

Por outra perspectiva, nesta coleção, além de encontros de duas naturezas diferentes, pode-se observar outro tipo de natureza que todos nós partilhamos. Ao lado das criaturas como flores ou pássaros, observam-se muitas referências que evocam a imensidão do universo, por exemplo, a nuvem densa, a noite funda, a aurora, a neblina da tarde, as altas ondas, o abismo, a Via Láctea, o sono de um deus etc. São naturezas que nos abarcam, não se importando de que país é, que língua fala ou que cultura tem.

E também há outra natureza que nós partilhamos. Na verdade, quando li a coleção do professor Marco, me veio à mente uma obra literária brasileira em particular. Trata-se do conto "O amor", da coletânea de contos *Laços de família*, de Clarice Lispector. É um conto familiar a muitos brasileiros. A personagem principal, Ana, quando andava de ônibus a caminho de casa, depois de ter feito compras, teve um mal-estar ao ver um cego. Quando se percebeu, o ônibus já tinha passado o seu ponto de descida, então desceu e começou a andar, até que chegou ao Jardim Botânico. Sentada num banco, ela deparou-se com uma natureza fascinante.

Ali, no chão, havia "caroços secos cheios de circunvoluções, como pequenos cérebros apodrecidos" e "no tronco da árvore pregavam-se as luxuosas patas de uma aranha". "Os troncos eram percorridos por parasitas folhudos, o abraço era macio, colado". O mundo ali dava "nojo, mas era fascinante". "A crueza do mundo era tranquila". Era um mundo onde se fazia "um trabalho secreto" da natureza selvagem, cheia de vida e vigor. "A moral do jardim era outra".[67]

A natureza que se descreve ali é selvagem. Eu tive a impressão de que a natureza que a coleção do professor Marco apresenta também tem algo de selvagem. No mundo da

[67] LISPECTOR, pp. 25-26.

coleção, dormem "gulosos morcegos"[68], há "besouro no quarto" onde "cintilam morangos silvestres"[69], avançam "rubras formigas"[70], as rosas têm "pura carne"[71], e na veia de sua avó "jorra negro sangue"[72]. E a tinta que escreveu a carta poderia ser sangue. Lembram o mundo pré-civilizatório, cheio de vida e vigor. Se o vasto universo que me referi anteriormente é a natureza que nos envolve a partir de cima, esta natureza compõe a base que nos sustenta a partir do fundo, e isso também supera a diferença de país de origem, língua e cultura.

Como é bem sabido, o Bashô defendia o "Fueki-ryuko". No mundo, por mais que os tempos mudem, sempre jaz algo imutável no fundo. "Fueki-ryuko" significa incorporar elementos novos mutáveis sem esquecer o imutável.

A maneira de apreciar a natureza varia de acordo com a cultura. Por exemplo, o que sente o brasileiro quando insetos cantam? No Japão, isso é um sinal da chegada do outono. Quando ouvimos os insetos cantarem, sentimos um certo alívio com o fim do calor terrível, mas ao mesmo tempo ficamos um pouco tristes por ver o verão passar e apreciamos a passagem das estações.

Na superfície, somos diferentes na maneira de captar a natureza. Mas no fundo sempre há algo invariável e que compartilhamos. Apesar das diferenças culturais, a grande natureza que nos envolve e nos sustenta é idêntica, e é isso, eu acho, que o *haicai* do professor Marco destaca. O *Microcosmo* fez-me reconhecer que somos microcosmos a viver na mesma terra, abraçados no seio do mesmo macrocosmo.

O *Microcosmo* do professor Marcos aborda tanto a diferença como a constância. Atualmente, vivemos numa era global em que estamos constantemente a atravessar fronteiras entre países, línguas e culturas. Numa época em que enfrentamos muitos problemas ecológicos que colocam a Terra em risco, e também na qual a exploração espacial está ativa e a competição se intensifica, este vasto universo e a natureza selvagem são algo que nós todos temos que juntar forças para proteger e acarinhar. O *Microcosmo* nos ensina isso. Eu penso que o *Microcosmo* realizou uma forma que o *haicai* de hoje, na era global, deveria ter.

---

[68] LUCCHESI 2023, p. 15.
[69] *Ibid.*, p. 23.
[70] *Ibid.*
[71] *Ibid.*, p. 21.
[72] *Ibid.*

Referências

LISPECTOR, Clarice 1983. Laços de família. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

LUCCHESI, Marco 2023. Microcosmo. Edição bilíngue em português/japonês. Tradução: Nodoka Nakaia. São Paulo: Tesseractum.

石寒太2011. 「自然と向き合う俳句の世界」　(レクチャーB,自然との距離感-環境芸術のア

プローチ-,環境芸術学会第11回大会), 環境芸術, 2011, 10 巻, p. 10-13, 公開日 2017/10/06, Online ISSN 2432-1990, Print ISSN 2185-4483, https://doi.org/10.24527/iead.10.0_10, https://www.jstage.jst.go.jp/article/iead/10/0/10_KJ00009378725/_article/-char/ja

増田秀一 1986. 「ブラジルのハイカイ」、俳句文学館紀要第４号.

LA RIFRAZIONE DEL POETICO
ALCUNE CONSIDERAZIONI SULL'OPERA DI MARCO LUCCHESI

Stefano Busellato [73]

1. Ouverture

Confesso un mio lieve disagio nel prendere la parola all'interno di questo convegno su Marco Lucchesi, perché ormai da anni sono abituato – e in ciò mi trovo perfettamente a mio agio – a partecipare ad incontri di studio presentando riflessioni e interpretazioni su autori morti. Qui però l'autore è vivo.

È mia opinione che parlare dei morti sia sempre più facile, perché come dice Schiller, i vivi hanno sempre ragione, e l'autore studiato in un convegno, essendo morto, non può alzarsi e prendere la parola per dire che i conferenzieri stanno dicendo sciocchezze o che non hanno capito una riga dei suoi scritti.

Ma vi è un altro motivo per il quale provo un certo fastidio per il fatto che l'autore sul quale stiamo riflettendo oggi sia ancora vivo. Di un autore morto siamo sicuri che non scriverà più, ossia egli ci permette di lavorare su un'opera che è un insieme di testi i quali, per quanto numerosi possano essere, sono finiti e conchiusi. L'autore vivo invece non ci concede questa cortesia. Non ci dice quanto ancora scriverà – quindi quanto ancora ignoriamo su di lui perché ancora non lo abbiamo letto; non ci dice quello che scriverà in futuro – ossia in che misura ciò che scriverà cambierà l'interpretazione che oggi possiamo azzardare su quanto egli ha già scritto. E questi sono solo alcuni dei fastidi che un autore vivo ci dà rispetto a un autore morto, e che appartengono, credo, a una massima che trova indiscutibile conferma nel quotidiano di ciascuno e in qualsiasi nostro rapporto: ossia che avere a che fare con i morti è molto più semplice che avere a che fare con i vivi.

---

[73] Docente di Filosofia presso l'Universitade do Oeste do Paraná (UNIOESTE) di Toledo (Brasile). Specialista del pensiero nietzscheano e di estetica contemporanea. Ha al suo attivo la pubblicazione di monografie su Giordano Bruno, Spinoza, Schopenhauer e Nietzsche e numerosi articoli scientifici su riviste specialistiche nazionali o internazionali. È autore di tre raccolte poetiche (*Tutto è bene quel che finisce*, 2004; *Chi non muore*, 2012, *Sujets sous-entendus* 2022, in edizione francese e portoghese brasiliana). Ha in preparazione una nuova raccolta di versi e un'edizione brasiliana della propria opera poetica. È traduttore dal tedesco, francese e portoghese prevalentemente di testi poetici. Di Lucchesi ha tradotto i testi *Clio*, *Mal de amor*; *Adeus, Pirandello*. È inoltre baritono concertista e librettista di varie opere del compositore Francesco Filidei, con il quale presenterà nel 2025 *Il nome della rosa* alla Scala di Milano 2025 e nel 2026 all'Operá Garnier di Parigi e al Teatro Carlo Felice di Genova.

Quindi, per semplificarmi le cose e per stare più a mio agio, parlando dell'autore Marco Lucchesi, ho deciso di far finta… che sia morto. L'obbiettivo del mio intervento sarà allora quello di cercare di mostrare quanto egli sia vivo.

Non vivo in senso biologico, sono molto ignorante in biologia e non avrei le competenze per dimostrare che qualcosa sia biologicamente vivo; ma vivo in senso culturale, cioè in un senso che può tralasciare la biologia anzi, *contraddirla*. Ho l'impressione infatti che sia una consapevolezza comune a tutti coloro che hanno esperienza della cultura il fatto che quanto più ci circondiamo di autori biologicamente morti, tanto più questi si rivelano molto più vivi dei biologicamente vivi che ci circondano. Credo che un simile concetto sia stato espresso nella forma più chiara sul muro di un liceo classico, quanto, in protesta all'ipotesi di una riforma ministeriale che intendeva cancellare l'insegnamento del greco antico e del latino, comparve la scritta: "Il greco e il latino sono lingue vive, i morti siete voi".

In questo senso, è mia intenzione sostenere che, anche nell'ipotesi (non provata) che Marco Lucchesi sia un autore biologicamente morto, si possa invece dimostrare al di là di ogni ragionevole dubbio scientifico, che culturalmente egli sia un autore vivo.
Ovviamente, fingere che sia morto un autore che in realtà è vivo per dimostrare che egli in realtà è vivo come alcuni dei più vivi autori tra quelli in realtà morti – è un'operazione prettamente pirandelliana.

2. Ruínas.

Dopo Cervantes, è certamente Pirandello l'apice del continuo e vicendevole sconfinamento tra finzione e realtà, del loro rimescolio fino a farne un composto che non conosce precipitato di stabilità ma che diventa reagente per mostrarci finzione quel che diciamo realtà e realtà quel che crediamo finzione.

Vorrei qui seguire, dunque, questo reagente pirandelliano, non solo perché a Pirandello è dedicato uno dei testi più originali di Lucchesi e l'ultimo che personalmente ho tradotto – *Adeus*, *Pirandello*[74]; ma perché – come rivela l'autore, egli sempre ha sentito una peculiare consustanzialità con lo scrittore di Girgenti:

> Cresci à sombra das páginas de Pirandello e nelas busquei matricular-me no entusiasmo da primeira juventude. Hoje, quando as coisas se tornam abatidas e pálidas, Pirandello resiste. Sinto por ele o fascínio de outrora, algo incomum no pregão da bolsa literária.

[74] M. Lucchesi, *Adeus, Pirandello*, Editora Rua do Sabão, Santo André (SP) 2020. In seguito citato come *AP*.

> [Sono cresciuto all'ombra delle pagine di Pirandello, alle quali cercai di inscrivermi nell'entusiasmo della prima giovinezza. Oggi, mentre le cose perdono diventano pallide e smunte Pirandello resiste. Sento per lui il fascino di allora, qualcosa di raro nelle negoziazioni della borsa letteraria] [75].

A rigor di termini, nessuno sceglie i propri autori preferiti. Sono loro che scelgono noi. Poiché l'incontro con un autore preferito è deciso dalle casualità e dalle necessità del *nostro* vissuto personale, e gli autori preferiti sono esattamente coloro che, più di ogni altro, sono riusciti a dare forma, profondità ed espressione alle casualità e necessità del nostro vissuto personale. Se per Lucchesi uno degli autori preferiti è Pirandello, non si tratta dunque di scelta, ma di una *relazione*. Una relazione profonda, che, nonostante le differenze di tempi, generi e stili, permette – pirandellianamente di definire l'opera generale di Lucchesi mediante la definizione che Lucchesi ha dato dell'opera di Pirandello:

> *Sua obra: mundo luminoso, cheio de ruínas e lacunas. Delas se alimenta, esfaimado. E não barganha o preço das contradições.*
> [La sua opera: un mondo luminoso, colmo di rovine e lacune. Di esse si alimenta, affamato. E non negozia sul prezzo delle contraddizioni][76].

Ruínas, *lacunas*, *contradições* [rovine, lacune, contraddizioni] mi paiono essere tra le direttrici fondamentali che formano lo spazio dell'opera di Lucchesi entro il quale l'autore compie le proprie infaticabili esplorazioni.

Le *ruínas* rappresentano la storia, le tradizioni, le testimonianze di mondi e persone che non sono più ma che continuano a parlarci e a insegnare. Ascoltare queste voci è propriamente pensare lo studio e la cultura come valori imprescindibili all'interno della nostra esistenza, ed è questo ascolto che costituisce la veste erudita e còlta con la quale sempre si presentano i lavori di Lucchesi. Ma le *ruínas* sono anche il simbolo della fragilità di ogni costruzione umana, la prova dell'inanità di voler coniugare la nostra finitudine essenziale con un'eternità dalla quale siamo e resteremo eternamente banditi, e guardando alla quale sentiamo spirare il vento – come scrive Pirandello in *Uno, nessuno, centomila*, di un'«affliggente vanità. E vien languore, e malinconia»[77].

---

[75] *AP*, p. 25.
[76] *Ivi.*
[77] L. Pirandello, *Uno, nessuno e centomila*, in *Tutti i romanzi*, Milano 1985 a cura di G. Macchia, II, p. 774.

È l'osservazione di queste *ruínas* quali frantumi di un'eternità agognata a fare spesso alzare lo sguardo di Lucchesi al cielo stellato e a dare tanta importanza nelle sue pagine all'astronomia. È una contemplazione di un firmamento irrimediabilmente distante e deserto, consapevole dello strappo nel cielo di carta che nel *Fu Mattia Pascal*[78] è simbolo della nostra tragedia moderna e che ci rende – scrive Lucchesi in *Adeus*, *Pirandello*, tutti «*Cães andarilhos, uivando para um céu kantiano de estrelas*» [Cani randagi che ululano ad un cielo kantiano di stelle][79]. Ma l'astronomia, per Lucchesi è al contempo lo scrigno che custodisce una possibilità, per quanto esigua e ambigua, di trascendenza: da un lato, dice un suo verso, «*morremos lentamente em camadas de azul*» [Moriamo lentamente in strati d'azzurro][80]; dall'altro: «*As dores deste mundo se atenuam quando olhamos para o céu. Os deuses nos deixaram. Resta um sentimento de infinito. E não é pouco*» [I dolori di questo mondo si attenuano se guardiamo il cielo. Gli dèi ci hanno lasciati. Resta un sentimento di infinito. Non è poco.][81].

L'affratellamento simbolico con le *ruínas* ha un corrispettivo stilistico nella scrittura di Lucchesi, quasi una sua firma di autore che ritroviamo in ognuna delle molte forme espressive che egli utilizza: è la brevità, la frammentarietà, un minimalismo locutivo che si muove sempre con passo gnomico. La scrittura di Lucchesi, come l'oracolo di Delfi del frammento eracliteo (22 B 93 DK), «non dice, non nasconde, ma σημαίνει», indica, mostra, allude. Scrive Lucchesi, «*O fragmento vive da precisão do corte*» [il frammento vive nella precisione del taglio], «*Rompe o silêncio e morre no silêncio: como um raio, no coração da madrugada, iluminando as cercanias, para naufragar depois na escuridão*» [Rompe il silenzio e muore nel silenzio: come un raggio, nel cuore del mattino, illuminando il circostante, per poi naufragare nell'oscurità]; «*O fragmento repele a lógica do excesso. Repousa, ativo, nas artérias da síntese*» [Il frammento repelle la logica dell'eccesso. Riposa, attivo, nelle arterie della sintesi][82]. Le *ruínas,* nella scrittura di Lucchesi significano frantumare il quantitativo del contenuto in un atticismo qualitativo della forma, tessendo la comunicazione attraverso pochissime righe, frasi brevi, parole scelte tra l'infinità di quelle tralasciate. È un decidersi per la concentrazione laconica percepibile anche graficamente nelle sue pagine, fatte di pochi atolli di grafemi nel mare di silenzio che è il bianco della pagina.

---

[78] M. Lucchesi, *Paisagem lunar*, Tesseractum, *São Paulo* 2023 (in seguito, *PL*), pp. 297 e 299.
[79] *AP*, p. 88.
[80] M. Lucchesi, "Conjuncões", in *Mal de amor*, Patuá, São Paulo2018, riunito in *Dominos da insônnia,* (in seguito *DI*) Patuá, *São Paulo* 2019, p. 307.
[81] AP, p. 125.
[82] *PL*, pp. 29, 25, 27.

3. Lacunas.

Per questo le *ruínas* creano, e al contempo spiegano, la seconda direttrice fondamentale seguendo la quale possiamo leggere l'opera di Lucchesi: *as lacunas* [le lacune]. Se le *ruínas* sono frammenti solidi della scrittura, dietro loro appare necessariamente lo sterminato sfondo muto sul quale poggiano e al quale rinviano: l'accennato, il non detto, il taciuto, *as lacunas* appunto.

Ma il silenzio delle lacune non è lo spazio vuoto e privo di contenuto del discorso. Al contrario: è pieno e saturo di quello che il discorso *non può* esprimere. Il «ruidoso bosque do silêncio» [il mormorante bosco di silenzio][83] lo chiama Lucchesi. È Il silenzio delle sirene di Kafka, ancora più terribile del loro canto. È il silenzio drammatico che è cifra del Novecento aperto da *Ein Brief* di Hofmannsthal del 1902 e che segna la *linguistic turn* della filosofia logico-analitica – della quale Lucchesi conosce autori e testi. La settima proposizione del *Tractatus Logico-philosophicus* di Wittgenstein del 1921 è la più iconica espressione di un simile silenzio: «*Wovon man nicht sprechen kann darüber muss man schweigen*» [su ciò del quale non possiamo parlare dobbiamo restare in silenzio]. Ciò rappresenta la fine del sogno ideografico di Frege: il creare un linguaggio esente d'equivoco, biunivoco nel relazionare la parola alla cosa. «*A ideografia deveria levar o raciocínio diretamente aos símbolos, que amalgamam e repercutem um pensamento indiferente ao som e às cores da língua falada*» [L'ideografia dovrebbe condurre il ragionamento direttamente ai simboli, che amalgamano e ripercuotono un pensiero indifferente al suono e ai colori della lingua parlata][84]. Di tale pensiero indifferente, nel quale gli elementi soggettivi del linguaggio vengono programmaticamente epurati, Wittgenstein dimostrò l'essenza tautologica racchiusa nell'esattezza della designazione di un linguaggio che appartiene solo alle scienze naturali, le quali, però, non hanno voce per dire la vita: «Noi sentiamo che, persino nell'ipotesi che tutte le *possibili* domande scientifiche abbiamo avuto risposta, i nostri problemi vitali non sono ancora neppure sfiorati»[85]. L'esattezza riguarda i fatti, ma Lucchesi, assieme al Pirandello dei *Sei personaggi in cerca di autore*, è cosciente che «un fatto è come un sacco: vuoto non si regge»[86]; ossia, come scrive Nietzsche, «i fatti non ci sono, bensì solo interpretazioni»[87]. Qualora volessimo espandere l'esattezza del dire oltre la tautologia, significherebbe – scrive Wittgenstein nella *Conferenza sull'Etica* – «avventarsi

[83] *PL*, p. 149.
[84] *PL*, p. 86.
[85] L. Wittgenstein, *Tractatus Logico-philosophicus*, 6.52.
[86] L. Pirandello, *Sei personaggi in cerca di autore*, Garzanti, Milano 1993, p. 57.
[87] F. Nietzsche, *Frammenti postumi*, 7[60], 1886-1887.

contro i limiti del linguaggio. Quest'avventarsi contro le pareti della nostra gabbia è perfettamente, assolutamente disperato»[88]. «Aliado da luz e cúmplice da sombra: o silêncio tem fome de silêncio» [Alleato della luce e complice dell'ombra: il silenzio ha fame di silenzio»][89]. A differenza di quanto si possa pensare, questi limiti, essendo *del* linguaggio, non vengono attenuati ma *inspessiti* dal plurilinguismo, tanto più un plurilinguismo babelico come quello di Lucchesi, che *aumenta* la coscienza dei limiti del linguaggio ad ogni lingua vissuta, ideoletto praticato, sfumatura padroneggiata. Perciò, il plurilinguismo del traduttore, scrive Lucchesi, è «*capaz de lidar apenas com fantasmas nominais*» [riesce a relazionarsi soltanto con fantasmi nominali][90].

Ma è esattamente *oltre* i limiti del linguaggio che v'è ciò che più conta essere comunicato: la sola cosa che *mediante* il linguaggio ci è dato di fare è *zeigen*, σημαίνει, *mostrare quel che v'è oltre* il linguaggio. Perciò, afferma Wittgenstein, «ciò che può essere mostrato non può essere detto»[91]. Scrive Calvino in *Palomar*:

> Anche il silenzio può essere considerato un discorso, […] ma il senso di questo silenzio-discorso sta nelle sue interruzioni, cioè in ciò che di tanto in tanto si dice e che dà un senso a ciò che si tace[92].

«*O silêncio abre distância entre as palavras, sendo capaz de salvá-las no limite extremo*» [Il silenzio apre distanze tra le parole, capaci di salvarle nell'estremo confine][93]. Tale è la natura delle *lacunes* nelle pagine di Lucchesi e nell'utilizzo che egli compie del linguaggio, dei silenzi che caratterizzano le sue architetture: «*Chaque arome de silence / Est la chanche d'un fruit mûr*» [Ogni aroma di silenzio è la possibilità di un frutto maturo][94]. Le *lacunes* determinano così un secondo e preciso segno stilistico che risulta una costante dell'opera di Lucchesi: la scrittura che rinuncia all'illusione di una comprensione diretta ed esaustiva tra la pagina dell'autore e l'occhio del lettore. È questa la rinuncia amara, ma inevitabile, che caratterizza la più autentica letteratura del Novecento.

---

88 L. Wittgenstein, *Lezioni e conversazioni sull'etica, l'estetica, la psicologia e la credenza religiosa*, Adelphi, Milano 2016, p. 74.
89 *PL*, p. 322.
90 *Ivi*, p. 50.
91 L. Wittgenstein, *Tractatus Logico-Philosophicus*, 4.1212.
92 I. Calvino, *Palomar*, "Del mordersi la lingua", Mondadori, Milano 1994, p. 95.
93 "Be silent", in *AP*, p. 95.
94 P. Valéry, "Palme", in *Charmes*, Crocetti, Milano 1992, p. 122.

Una volta scoperta come ingenua la credenza di un'unione magicamente univoca tra significante e significato, ogni parola pronunciata avrà l'assordante eco dell'equivoco. Consapevolezza questa che in Pirandello è altissima:

> è tutto qui il male! Nelle parole! Abbiamo tutti dentro un mondo di cose; ciascuno un suo mondo di cose! E come possiamo intenderci […] se nelle parole ch'io dico metto il senso e il valore delle cose come sono dentro di me, mentre chi le ascolta, inevitabilmente le assume col senso e col volere che hanno per sé, del mondo com'egli l'ha dentro! Crediamo di intenderci, non ci intendiamo mai![95]

È la consapevolezza dell'intrinseco equivoco che sta nel cuore di ogni espressione che porta Lucchesi a rifiutare ogni indulgenza verso la tentazione della spiegazione: «*Como tocar as prerrogativas do nome, incerto e fugaz, em sua irredutível alteridade?*» [Come toccare le prerogative nome, incerto e fugace, nella sua irriducibile alterità?][96]: «Ofereço ao leitor esse punhado de areia, onde se imprimem indefinidos passos» [Offro al lettore questa manciata di sabbia, sulla quale si imprimono orme indefinite][97]. Allo stesso tempo, dalla coscienza dell'ineliminabile ambiguità linguistica, lo spargere *ruínas* tra gli spazi bianchi delle *lacunas* significa agire sul linguaggio da una distanza che, scrive Adorno, «non è una zona di sicurezza, ma un campo di tensione»[98]. È creando tale tensione che Lucchesi spinge il linguaggio oltre sé stesso, alla ricerca dell'emozione e dell'intuizione originaria che genera l'impulso espressivo: «*Ainda que a palavra nos divida, é o grito que nos une*» [Anche se la parola ci divide, è l'urlo che ci unisce][99].

4. *Contradições*.

Ma accogliere *l'equivoco* come dato generativo e insopprimibile dell'espressione, significa anche percepire la *contraddizione* quale componente effettivo dell'esistenza. E così tocchiamo la terza e ultima direttrice pirandelliana che abbiamo scelto per addentrarci nell'opera di Lucchesi: *as contradições*. Pirandello rappresenta un progetto letterario ed esistenziale di scomposizione dell'unità illusoria in una pluralità che tutto rifrange. Le contraddizioni sono tali solo per chi crede ancora in un'unità normativa fondata sulla permanenza. Per coloro invece che sentono della permanenza l'irrealtà, le contraddizioni

---

95 L. Pirandello, *Sei personaggi in cerca di autore*, cit., p. 50.
96 *PL*, p. 142.
97 *Ivi*, p. 157.
98 T.W. Adorno, *Minima moralia*, §82.
99 *PL*, p. 175.

sono più semplicemente le manifestazioni di un divenire incessante e cangiante. Anche in Lucchesi opera una simile rifrazione, nella quale le contraddizioni entrano tra loro in un dialogo paritetico che parla di una precisa presa di posizione cognitiva sulla *realtà*. Per quanto Pirandello sia stato più volte avvicinato a Freud, vi è una differenza insanabile e inaggirabile che separa i due, ed è precisamente la concezione della realtà. Freud è convinto dell'esistenza di quel che chiama "principio di realtà" e, seppure non troviamo una sola riga in tutti i suoi scritti che lo definisca[100], lo presuppone come dato inamovibile, tra l'altro condannando in base ad esso scrittori, poeti e artisti in generale qualificandoli quali individui che non reggendo al principio di realtà, lo fuggono rifugiandosi nel surrogato infantile della fantasticheria. «Não financio a psicanálise para sequestrar a literatura. Perdem ambas» [Non finanzio la psicanalisi per imprigionare la letteratura. Ci perdono tutt'e due e due], scrive Lucchesi[101].

Colui che teorizzò l'esatto contrario del principio di realtà freudiana fu Robert Musil che, ne *L'uomo senza qualità*, difende quanto chiama il principio di "possibilità":

> se il senso della realtà esiste, e nessuno può mettere in dubbio che la sua esistenza sia giustificata, allora ci dev'essere anche qualcosa che chiameremo senso della possibilità.
> Il senso della possibilità si potrebbe […] definire come la capacità di pensare tutto quello che potrebbe ugualmente essere, e di non dare maggiore importanza a quello che è, che a quello che non è. […] Questi possibilisti vivono, si potrebbe dire, in una tessitura più sottile […] una tessitura […] di congiuntivi: quando i bambini mostrano simili tendenze si cerca energicamente di estirparle, e davanti a loro quegli individui vengono definiti sognatori, visionari, vigliacchi, e saccenti o sofistici[102].

Pirandello presenta una visione della realtà agli antipodi rispetto al principio di realtà di Freud e considera i contrari generati dal principio di possibilità non solo come potenzialità di equivalenti, ma come elementi in atto incessantemente che disciolgono il principio di non contraddizione nel flusso dell'esistere.

È la celebre contrapposizione pirandelliana tra la fluidità della vita che tentiamo costantemente di fermare nella fissità di una qualche forma illusoria. Pirandello lo chiama «il tragico conflitto immanente alla vita», che, come scrive Sciascia nell'*Alfabeto pirandelliano*, è il «conflitto tra la vita e forma, la Forma che raggela e condanna a morte la Vita, della vita che disgrega la forma per rifluire libera e imprevedibile»[103]. «La realtà, io dico, – così Pirandello

---

[100] Tale concetto appare per la prima volta tra i lavori freudiani nello scritto *Precisazioni sui due principi dell'accadere psichico* del 1911.
[101] *AP*, p. 32.
[102] R. Musil, *L'uomo senza qualità*, I, § 4.
[103] L. Sascia, *Alfabeto pirandelliano*, Adelphi, Milano 1989, p. 47.

in un'intervista – siamo noi che ce la creiamo: ed è indispensabile che sia così. Ma guai a fermarsi a una sola realtà: essa si finisce per soffocare, atrofizzarsi, morire. Bisogna invece variarla, mutarla continuamente, mutare e variare la nostra illusione»[104]. «La realtà non è, la realtà va creata, conquistata» dice anche uno dei poeti più cari a Lucchesi, Paul Celan.

Come un altro Agrigentino, Empedocle, vedeva nel conflitto cosmico di *Neikos* e *Philia* il sorgere dei contrari, per Lucchesi le *contradições* sono il dato della rifrazione di una realtà pretesa unica in una pluralità proteiforme non racchiudibile ad unità se non al prezzo della menzogna. E tale rifrazione non riguarda solamente l'oggetto dell'osservazione, ma coinvolge alle radici anche il soggetto osservante: «*Sou habitado de muitas formas, por tensões que contrastam e mal sei definir a parte dominante nesse terreno pantanoso que me encerra*» [Sono abitato da molte forme, da tensioni contrastanti e non riesco bene a definire la parte dominante in questo terreno pantanoso che mi rinchiude][105].

Anche le *contradições* hanno un preciso corrispettivo stilistico quale caratteristica specifica dell'opera di Lucchesi. Dice di *Adeus, Pirandello*, ma può essere allargato ad ogni suo scritto:

> Eu me apego a um fio de unidade, como quem amarra, para que não fujam ou se entrechoquem, contrários, sobrepostos, um rebanho de fragmentos, vozes que se nutrem de um centro móvel.
> [Mi aggrappo a un filo di unità, como chi lega, perché non fuggano o non si scontrino, contrari, sovrapposizioni, un gregge di frammenti, voci che si nutrono di un centro mobile.][106]

La rifrazione della realtà, dalla quale nascono le contraddizioni, è anche quanto spiega la sorprendente pluralità formale di cui è capace Lucchesi: romanzi, racconti, poesie, aforismi, testi filosofici, ludici, memorie, saggi. E ognuna di queste forme, a loro volta nutrite di una pluralità disciplinare vertiginosa. Ha scritto di sé in un verso: «*Sou sempre menos o que fui. E sempre mais o que não sei*» [Sono sempre meno ciò che fui. E sempre più quel che non so][107].

---

[104] L. Pirandello, *apud* N. Borsellino, «Una modernità permanente», in *Sei personaggi in cerca d'autore; Ciascuno a suo modo*; *Questa sera si recita a soggetto*, Garzanti, Milano 1993, p. XXVIII.
[105] *PA*, p. 124.
[106] *Ivi*, p. 154.
[107] «Mal di amor», in *DI*, p. 300.

5. Il poetico.

A quanto visto finora, c'è ancora un ultimo e decisivo elemento da aggiungere. Le *ruínas*, le *lacunas*, le *contradições*, parrebbero condurre all'interpretazione dell'opera di Lucchesi come un agglomerato caotico di rifrazioni laconiche, silenziose, contraddittorie. Se così fosse, la ricostruzione fatta si rivelerebbe allora erronea, poiché non riuscirebbe a dare conto della riconoscibilità e dell'omogeneità che conferisce alla rifrazione degli scritti di Lucchesi un'innegabile coerenza. Ma tornando alla citazione iniziale della descrizione fatta da Lucchesi dell'opera di Pirandello e presa qui come strumento esegetico pirandelliano usato per descrivere l'opera di Lucchesi – manca l'inizio: «*Sua obra:* mundo luminoso*, cheio de ruínas e lacunas. Delas se alimenta, esfaimado. E não barganha o preço das contradições*» [La sua opera: *un mondo luminoso*, colmo di rovine e lacune. Di esse si alimenta, affamato. E non negozia sul prezzo delle contraddizioni]. Tale elemento luminoso è esattamente quanto riunisce la *rifrazione* apparentemente caotica analizzata finora. «*A ordem dentro do caos e o caos dentro da ordem*» [L'ordine dentro il caos, il caos dentro l'ordine][108] scrive Lucchesi; «Rappresentare un caos non significa affatto rappresentare caoticamente», scrive Pirandello[109]. L'elemento luminoso e ordinatore che ritroviamo in ogni pagina di Lucchesi, in ogni forma utilizzata, in ogni disciplina trattata è l'elemento *poetico*, più ampio della forma specifica della poesia – poiché il poetico non è forma ma ricezione e sguardo sulla realtà che si riverbera in ciascuna delle forme scelte per esprimere tale sguardo.

A ben vedere la sintassi del poetico è esattamente quella che si muove per *frammenti*, a differenza della sintassi argomentativa che mira all'insieme; frammenti che nel poetico si amplificano grazie alle *lacune* che li unisce, al silenzio che gli accresce permettendo di accennare, *zeigen*, σημαίνει, oltre ai limiti del linguaggio deduttivo-scientifico grazie alla sua essenza metaforica; il poetico è la sintassi che accoppia grammaticalmente *contraddizioni*, contrari, paradossi creando locuzioni che scandagliano zone lasciate inesplorate dalla grammatica dell'oggettivo. Scrive Pavese: «Anche se proviamo un palpito di gioia a trovare un aggettivo accoppiato con riuscita a un sostantivo, che mai si videro assieme, non è stupore all'eleganza della cosa, alla prontezza dell'ingegno, all'abilità tecnica del poeta che ci tocca, ma meraviglia alla nuova realtà portata in luce»[110]. Il poetico è l'elemento stilistico che Lucchesi diffonde su frammenti, lacune e contraddizioni riuscendo a portare alla luce nuove realtà.

---

[108] *PA*, p. 111.
[109] L. Pirandello, *Sei personaggi in cerca di autore*, cit., "Prefazione", p. 23.
[110] C. Pavese, *Il mestiere di vivere*, 9 ottobre 1935, Einaudi, Torino 2000, p. 8.

«*Dissoluto licor / dissolvente: a poesia é o mar vermelho do real*» [Dissoluto liquore dissolvente: la poesia è il mare rosso del reale][111]. L'analogia, «*ponte que se estende entre o não ser e os harmônicos do nada*» [ponte che si estende tra il non essere e gli armonici del nulla][112]; la metafora, «*viva transumância dos mortais*» [transumanza viva dei mortali][113] – sono gli elementi espressivi del poetico di cui Lucchesi si nutre e che ci offre; sono il luminoso che rischiara le sue pagine: «*Modula/ a pupila nas trevas / em sua tão densa luz / o raio/ do poema*» [«Cambia / la pupilla/ nelle tenebre/ il raggio/ poetico/ nella sua/ così densa/luce][114].

Nella consapevolezza dei *limiti* gnoseologici e ontologici che generano frammenti, lacune e contraddizione, il poetico è quanto permette la superazione di tali limiti e conduce l'espressione di Lucchesi a «*uma derrota vitoriosa*» [una sconfitta vittoriosa] [115].

Ma il poetico è anche l'elemento che Eliot, in una delle citazioni preferite da Lucchesi, riferendosi Dante chiama «educazione dei sensi». Fernando Pessoa, altro genio della rifrazione poetica (non a caso Tabucchi immagina una telefonata tra Pessoa e Pirandello)[116] il cui raffronto con Lucchesi aspetta ancora uno studio, in particolare tra la poetica del sogno del portoghese e la poetica dell'insonnia di Lucchesi – distingue tre tipi di erudizione: «C'è un'erudizione della conoscenza, che è esattamente ciò che si chiama erudizione, e c'è un'erudizione dell'intelligenza, che si chiama cultura. Ma c'è pure un'erudizione della sensibilità»[117]. Lucchesi è autore certamente dotato delle prime due forme di erudizione, ma è la terza, l'erudizione della *sensibilità*, grazie al poetico e alla sua capacità di sondare una realtà sempre cangiante e nascente, che mi permettere di concludere questo mio percorso pirandelliano nella certezza di aver dimostrato – oltre ogni ragionevole dubbio scientifico – che anche se Marco Lucchesi fosse un autore biologicamente morto, egli, come pochi altri, rimane un autore – culturalmente vivissimo.

---

111 «Clio», in *DI*, p. 119.
112 *PL*, 144.
113 *Ivi*, p. 103.
114 «Clio», *DI*, p. 163.
115 PL, p. 320.
116 A. Tabucchi, *I dialoghi mancati*, Feltrinelli, Milano 1997, pp. 9-41.
117 F. Pessoa, *Livro do Desassossego*, ed. Pizarro, §307.

MARCO LUCCHESI ON THE EYES OF THE DESERT: LETTERS FROM THE HOLES IN THE TENT …

Abdulrahman al-Salmi/Salimi [118]

If classical Arab Islamic historians and biographers had been familiar with the Brazilian writer Marco Lucchesi, they would undoubtedly have described him as a leading writer of mystical travel literature. His book *Eyes of the Desert* - a "memoir of a travelling man" written intermittently over a number of years - is a striking example of this genre and covers a wide range of countries and regions of the Arab and Islamic world. It is in many ways similar to the traditional Arab style of writing known as "*tadhkira*", since it is a "travel *tadhkira*" in the old meaning of the word - i.e. "reminiscence", as opposed to its more modern meaning of "ticket" - and it consists of a "diary" of the type travellers and explorers keep as a record of the places they have visited.

The book's Preface characterises the author as "unique", in terms of both his style and his place in contemporary Brazilian literature. He is described as a "rare presence" on his country's literary scene for his ability to explore the "labyrinthine nature of life" and its "twisted, convoluted alleyways". For him, life and literature are so closely welded together as to be inseparable, so that the picture he presents to the reader is one in which the artificial boundaries between the two are completely dissolved - to a point where he is able to say: "Life is literature", as well as its converse: "Literature is life". This implies a rejection of the kind of knowledge that only comes from books - as if we are in the presence of Mephistopheles in Goethe's[119] *Faust* when he says to Faust: "All theory is grey, my friend. But forever green is the tree of life". However, the difference between the two is that the latter statement was dictated to man by the Devil, while the former implies the Divinely inspired suggestion that "There is life in travel" and indeed, that "Life is a journey".

The harshness of Bedouin life in the desert is reflected in the author's stark realism in which he blends poetry and prose – or, to paraphrase the German philosopher Hegel[120], "the poetry of literary expression is combined with the prosaic nature of life". This is a style that endears the author to his reader and creates a sense of familiarity in which the alien world ceases to appear strange. In his depiction of the desert, he creates the same sense of arousal that a man would feel in the company of someone of the opposite sex mainly the mon was their third.

---

[118] Abdulrahman al-Salmi/Salimi. Sultanate of Oman Independent Scholar.
[119] Johann Wolfgang von Goethe 1749-1832.
[120] Georg Wilhelm Friedrich Hegel 1770-1831.

The author is – as the ancients would say, "a creature of the night"; his world is the world of the night, not the day. He cloaks himself in the stars in an infinite nebula. He is also imbued with a sense of "nostalgic longing" in that his writing brings the past back to life in the most literal sense. Rather than being dead and gone, he is saying "we have not buried the past; it is, and always will be, a part of our lives today". As a true and faithful record of everything he has seen and experienced, his memoir will always serve as a chronicle of the ages while teaching future generations that the past has lessons for us today.

Eventually, Lucchesi espouses Tertullian's[121] view that "I am a human being and there is nothing about human beings that I find strange or frightening". Contemplating the differences between people in the different parts of the world that he has visited, he stresses that the differences between our creeds are not important, and nor should they be. First and foremost we are all human beings and for us the right to belong to the human race overrides any other rights of identity or affiliation. Hence in his writings we find Christ represented alongside Muhammad, Buddha and Pythagoras. In other words, he highlights the humanity which is present in all of us, though at the same time he points out that before we come face to face with others, we first need to face up to ourselves because, if I know who I am, I will have no fears about who you might be and who you are in the "I" and "you" dialectic as envisaged by the philosopher Martin Buber[122], whose book *I and Thou* is cited by Lucchesi. The clearest example of this "human blending" is the interrelationship (or "brotherly" relationship) between mankind's languages - Portuguese, Italian, Latin, German and French, Arabic, Turkish and Persian etc. It is a feature of those languages that they do not "exclude" each other, but form parts of an amalgamated whole. Meanwhile, this linguistic symbiosis acquires the transcendental Sufi quality of a *murid* when he listens to the songs of Farid al Din al 'Attar's[123] *Mantiq al Tair* (*The Language of the Birds*), in which all the birds – whatever their species or language – fly to their roosts on the Tree of Eternity, so that the spirit of multilinguality becomes gradually transformed into a series of playful philosophical musings that resemble the songs of Muhyi al Din Ibn 'Arabi[124]:

"A day ago, I was ready to reject my friend if his religion was different from mine

…Yet my heart is now set to accept every shape or form - a grazing ground for gazelles, a monastery,

A temple of idols, a Ka'ba, the Tablets of the Torah, the Holy Qur'an

---

121 Tertullian 160-240.
122 Martin Buber 1878-1965.
123 Farid al Din al 'Attar 1145-1221.
124 Muhyi al Din Ibn 'Arabi 1165-1240.

I embrace the religion of love … love is my faith and my creed."

I- A book of questions, not answers

From the moment he first began to write, Lucchesi showed that he was a man who loved wisdom in the truest sense of the word and that he would seek it out wherever it was to be found. He recognized no boundaries between cultures or barriers between civilizations. The wisdom he sought was to be found not in books, but in life. For him (as the Sufis whose poets he cites in his writings would say) wisdom has always been something alive, like fresh meat, not a dead substance like dried beef or mutton. For him, wisdom is not something to "possess" and "appropriate" as one's own; rather, it is to be shared and used for mutual benefit. The characterisation of Abu'l 'Abbas al Sabti's[125] spiritual order as "an order based on the principle of sharing" would apply equally to Lucchesi himself. What matters to him is liberation from the pressures of history and creed; he wants to see us freed from the shackles of narrow parochialism so that we can enjoy the freedom of those broad horizons that know no boundaries. After all, did not the German philosopher Nietzsche[126] say "More often than not firmly held beliefs are prisons"?

Denizens of the desert are endowed with a wisdom that we should benefit from. If we live with them, we will discover that to some extent – and unlike people who live in settled communities - they do not have a strictly objective view of the world and they tend not to think in abstractions. They have a deeper sense of spirituality. Wherever they may be, and whatever era they belong to, Bedouins, monks, hermits, philosophers and mystics all share this characteristic in common, but in reality it is the desert that unites them – al Ma'arri[127] along with Sheikh Karam, Farid al Din al 'Attar, Father Roger, the *hakawati* (storyteller) Abu Shakir and the poet Talib Hilbawi … Here we find that Eastern poetry joins forces with its Western counterpart – i.e. Rumi[128] with Novalis[129]. In this strange amalgam we find things that are not taught in those Western schools that are only interested in the Western heritage and imbued with all its traditional prejudices and fail to appreciate the fact that that Islam's starting point is a return to first principles: "Arabic has the austerity of German, yet it is also as elegant as French and as supple as Italian. It is a language that evokes tangible objects, a language that brings the real world face to face with the alphabet, whose letters are works of

[125] Abu'l 'Abbas al Sabti 1129-1204.
[126] Friedrich Nietzsche 1844-1900.
[127] Abu'l 'Ala' al Ma'arri 973-1057.
[128] Jalal al Din Rumi 1207-1273.
[129] Novalis 1772-1801.

art in themselves. Indeed, Arabic calligraphy can shape them into all manner of forms … they can assume the shape of a tiger or a bird …" When the author had a dream in which he asked al Ghazali[130] which was the best name, al Ghazali replied "'Abdul Jamil. ("The Slave of the Beautiful One"). Arabic is the language of "the Beautiful One".

To put it in a nutshell, this book is a summary of the author's previous work, while at the same time it looks ahead to what he is going to write in future. It is a strange mixture of poetic musings, confessions, engaging anecdotes and short essays in a medley of different languages. The main character in this book is the desert – the bleak and empty wilderness. And while some may think that no-one sees us in that wilderness, the author knows that there are eyes everywhere. Hence the title of the book – *Eyes of the Desert*. However, we do not see those watchers, though we can sense that they are present.

In such an environment there are no answers, only questions, and that is why this book is first and foremost a book of questions. Just as the thinker and poet Edmond Jabes[131] said "My name is a question" when talking about himself, so too might Lucchesi have said "My book is a question".

In the author's view the desert is the starting-point of life, and at this point on his journey the reader will not need a geographical or historical guidebook. All he will need is a sense of poetic awareness, so that he can open the door onto a primordial and magical world. Because of its magical quality, that world will shun clear-cut definitions and certainties. The author's own journey takes us from the empty wastes of the Berbers and Touaregs in the West to the deserts of the Gulf in the East, from Mauritania and Morocco to Amman, Hebron, Jerusalem, Damascus and Beirut, from Lisbon to the Alhambra, the islands of the Aegean and the waters of Alexandria, and in the process the boundaries between peoples and cultures, between dream and reality, and between life and death, cease to exist, thereby revealing the "insubstantality of man". Indeed, was it not Muhyi al Din Ibn 'Arabi (quoted by Lucchesi) who said: We are no more than an ephemeral letter of the alphabet which will one day revert to the ink that originally gave birth to it?

II- Dialogue and understanding, not division and strife

The book is concerned with "the obliteration of solitude". The author tells us that he overcame the feeling of isolation in the desert by trying to understand Islam (which he

[130] Abu Hamid al Ghazali ? -1111.
[131] Edmond Jabes 1912-1991.

characterises as "the religion of gravitational attraction") and the Arabic language ("austere and gentle at the same time"), as well as the Arabic script, which he describes as "extremely curly and sinuous like the winding alleyways of Damascus and the curved sand-dunes of Chinguetti". The author makes no secret of his emotional attachment to Cairo, Istanbul, Fes and Nouakchott and, even more than them, Jerusalem with its contradictions; that holy city that is sacred to three faiths – faiths according to which, in seeking eternal salvation from the evils of the world, the Jews await the arrival of the Messiah and the Christians wait for the return of Jesus, while the Muslims look forward to the coming of the Mahdi."

Thus, the beacon of hope burns eternally in the mind and soul of the believer.

Lucchesi understands that it is his task to see "that dialogue thrives and to plant its seeds and nurture it". In his view dialogue is the structure of ties that bring us closer together; here he points to the common ground between the spiritual songs of the German mystic and thinker Angelus Silesius and the *Masnavi* of the Muslim Sufi Jalal al Din Rumi. Finally, we discover that the author is only comfortable in his solitude when he is recording the experiences he has gained from his travels and setting them down on paper.

The author describes Chapter 2 as "travel journals". It begins with excerpts from the writings of thinkers including Merton,[132] Bachelard[133], Eberhard[134], Pascal[135], al Ma'arri and Goethe. But perhaps we should start our review of this chapter with the writer Carlo Caretto[136] and his search for a star map so that he can identify the stars and planets because he has to travel at night. For Arab pastoralists a knowledge of such things is of crucial importance.

Lucchesi also refers to the anthropologist Carol Delaney's scepticism of al Tawhidi's comment on "the Hajj pilgrimage of the mind if the physical Hajj pilgrimage is too burdensome"; she maintains that a Westerner understands "pilgrimage" to mean a journey into the future – as if life itself is a continuous pilgrimage – while the Islamic Hajj represents a return to the pilgrim's primeval roots. Lucchesi also quotes Chateaubriand's[137] observation: "Many of my pages were penned by the seas and the deserts". He notes that the Arabs see God as their friend and companion when they travel in the desert and points to the French Orientalist Louis Massignon's[138] deep desire to understand Islam and its essential soul. After referring to Mohammed bin Sirin's[139] comment that whoever dreams that he sees stars falling

---

132 Thomas Merton 1915-1968.
133 Gaston Bachelard 1884-1962.
134 Johann Eberhard 1739-1809.
135 Blaise Pascal 1623-1662.
136Carlo Caretto 1910-1988.
137 Francois-Rene de Chateaubriand 1768-1848.
138 Louis Massignon 1883-1962.
139 Mohammed bin Sirin 653-727.

in the desert will escape from his enemies, while if he sees himself surrounded by stars it is an indication of journeys to come, Lucchesi presents his reader with an intimate and highly personal verse that appears to be about a woman called Laila – a name derived from *lail* (night), since the author is an unapologetic habitue of the night – in which he compares the darkness of the night with the black melancholy of separation and loss.

In Chapter 3, which has the title "Beirut in ruins", the author describes the pain he suffered as a result of Beirut's civil war. The whole chapter is an elegy to that ruined country: Beirut with its doors that are open to the world, the alleyways of Beirut, the Beiteddine Palace, Saint Joseph University, the Holy Lands Monastery … He informs us that he has read most of Massignon's works and that he has studied Turkish, Arabic and Persian. He has spent much of his life like a man possessed (or indeed obsessed), though at first he found everything strange and rather frightening: Beirut's airport area, Hizbullah's mangled tanks, the bullet-scarred buildings in the city centre. The war in Beirut spared nobody – neither churches nor mosques – and the shattered places of worship bear eloquent testimony that it was a cruel unrelenting war. The devastation it left behind was like a Picasso painting: "Beirut's body is my body".

Beirut fell victim to the political manoeuvrings of the great powers. The situation was further complicated by the fact that some forces tried to turn the Palestinian refugee camps into hotbeds of anarchy in which chaos, criminality and ethnic cleansing reigned supreme. Turning to the time he spent in Room 4 at the Holy Lands Monastery, Lucchesi describes the monastery as a refreshing contrast to its surroundings, with its beautiful lush garden, tall trees and wide shady spaces. Then he recalls some of the people he met, like Sheikh Louis, who detested sectarianism and left his hometown of Sidon never to return. He refers to the rise of hatred and intolerance, though he also points to the faint glimmerings of hope that continued to survive among the ruins. He tells us of old Father Roger, who introduces himself as "the hermit" and assiduously copies out the Old Testament in Arabic although he does not know any Eastern languages.

It was in that room that the author immersed himself in the Arabic language. Meanwhile, in al Hamra Street he lost himself among the bookshops before falling in love with the Muslim quarters. In fact, the school that taught him most of what he knew was the street, with its multiform and multi-coloured buildings and its cafes and hubble-bubble stalls where he spent his time reading literature from across the world, including Dante and the troubadours, who passed on the secrets of Platonic love from the Arabs through Arab and Western music and

song. However, while lamenting the loss of that living legacy, he never loses hope in a brighter future.

In the village of Bsharri he visits the tomb of Gibran Khalil Gibran and reminds us of his poignant writings about peace and a world of tolerance born of clarity and understanding in which equal respect is accorded to Christ, Muhammad, Buddha and Pythagoras. This in turn reminds us that the converse - division and strife – is ultimately a recipe for mankind's downfall and destruction.

In the chapter entitled "Mauritania" the author recalls the desert and the gentle breezes from the Atlantic Ocean while the moon shines down from above the minarets. Just as Claude Levi-Strauss found that the tropics induced "melancholia", so too does Lucchesi find "melancholy" in the minarets. He remembers the sandstorms and the faces of the people of Chinguetti, the timeless sandscape interspersed with fragile oases. Among the ceaseless winds and shifting sands Allah is nearer to man than his jugular vein. The sands, he observes, engender two contradictory reactions – peace of mind as well as despair. Here he slips into surrealist mode and adds that the desert Berbers are like guitars whose strings resonate playfully with the winds while the legendary Simurgh bird falls silent.

In reality, the desolate wasteland is inhabited by a motley crew of strange creatures – *afreets* and bloodthirsty murderers – and its mirages create illusions, tangled labyrinths and hints of things to come. Despite all this, however, the author asserts that it is the only place he is able to live in and feel truly alive, because its isolation has a magnetism about it that is irresistibly attractive.

On his favourite topic – solitude and isolation – the author writes: "I understand the Touaregs' solitude and isolation and their detachment from the rest of creation". They are people who have distanced themselves from time. He points to those who are familiar with "life's other face" – wandering ascetics, poets who lose sight of their path when the sun sets, mystical poets whose only companion is the Lord. However, the wastes he writes about are not the preserve of the monks of Egypt or Syria, but rather of the Berbers who know nothing of the compassion or sorrows felt by those who live in monastic communities. The Western sands are governed by other laws. Everything there is free, everything there is pure and everything there is as stark as stark can be.

Nabek – a hospitable refuge

In the chapter entitled "My Brother the Wasteland" the author turns again to his theme of the desert, the stars and the night. For him the wilderness is "a refuge and a promise". He

describes his memories of his visit to the Syrian town of Nabek, where he was hospitably received, and his journey in the company of the monk Brother Domenico: "I belong to these rocks just as they belong to me" … "I am possessed by these rocks just as I possess them. Without a past, devoid of love or passion, the desert is the starting point of life. It all began from these rocks, but what is important here is the liberation of the self from the burden of history – from lifeless relationships, pernicious beliefs and ingrained identities which lead to resentment and hatred of anyone or anything that is different".

He describes the monastery at Nabek as a secure refuge and compares it to "the face of both mother and sea" … "a place in the middle of nowhere, yet its door is always open to guests … between two wastelands: the stony wasteland of Christianity whose stones were collected by monks in their thirst for the unattainable, and the wasteland of the Bedouin and Islam with its raging sandstorms". The author arrives at the monastery not as a guest of the abbot, Father Paolo, but in furtherance of his own personal quest to syncretise Massignon, Gandhi[140] and Charles de Foucauld[141]. He addresses the monks in Arabic as follows: "Thanks to Father Paul. Thanks for your welcome." He is given a room overlooking a precipice and spends his day milking the goats, making cheese, feeding the chickens and looking after the local dogs. He also makes use of the library, where he reads books on Christian and Islamic mysticism while all around him the sandstorms rage.

One of the monks tells him that his aim in life is to seek the face of Christ in Islam and notes that Islam's followers live abstemious lives, are generous with their hospitality to others, whatever their beliefs, and see their guests as envoys of God. In this respect, Lucchesi observes, the monastery in the desert is a light inviting all from near and far and represents a stage on a long journey, as well as a rite of pilgrimage during which the visitor is received as a guest of God. Within its walls people of different faiths and sects come together to pray for God's mercy on behalf of the poor and collect alms from the Muslims as they await the return of the Son of Mary to Jerusalem, while extending thanks to the generous Muslims for the enlightenment they find in the Qur'an and at the same time consoling themselves for the fact that Islam rejects the truths that are to be found in the Bible. This is all expressed through the medium of Arabic prayers in accordance with the Eastern rite with its distinctive chants, prostrations and genuflections.

---

[140] Mahatma Gandhi 1869-1948.

[141] Charles de Foucauld 1858-1916/ Rabi'a al 'Adawiyya 716-801.

The beauty and power of the Arabic language

A chapter is titled "The Book of the World"- focuses on language, writing and calligraphy and begins with the statement: "Arabic is one of the most beautiful of languages and one of the gateways to all that is sacred." As Massignon testifies, Arabic does not suffer from the anaemia that afflicts modern languages. It is a language that combines the strength of iron with the beauty of crystal. Here the author points out that his love of the language began with the Arabic script and he writes of his feeling that the Arabic language is a skin that covers the nakedness of the word with a cloak as thick and heavy as shoe leather yet as translucent as silk, as rough as camel skin, as sharp as a sword and as twisted and winding as a wadi. Arabic words are "the servants of inspiration" and "as harmonious as the stars in the sky". God is the calligrapher of the cosmos. The universe began from letters and God maps out our lives as a calligrapher forms letters on paper.

Thus, the author contemplates the spiritual significance of alphabetical letters in the manner of mystics and poets. He sees God as the First Poet Who wrote "the Book of the World". However, he adds, letters are protean and liable to change their form. The only thing that is constant is the ink with which God wrote His limitlessly miraculous Book. Letters are fragile and have a limited lifespan. According to Ibn 'Arabi we are just glorious letters in the dark skies of nothingness that have yet to evaporate. Although we may exist as separate individuals today, in our earlier incarnations we lived in a primordial sea. Although we exist as letters today, in the end we will inevitably revert to our original form.

In the next chapter – "Mysteries of the Name" – the author contemplates the Arabic language and Arabic names. He begins the chapter by telling us how he loves to wander through the alleyways of Damascus, Tripoli and Alexandria, which he describes as cities that have begun to forget their own identity through becoming to some extent Europeanised. He then tells us about his discoveries in the old quarter of Damascus: its souq, its domes and its mosaics; and the Grand Mosque of Aleppo and its minarets. He also reminisces about the girl Laila, whose name means "Night" but conveys connotations of light. He speaks of the Hajj pilgrimage and the fact that for a Muslim it means life and its essential meaning is a return to one's roots. He adds that we are all pilgrims on a search for God.

Turning to his dream about al Ghazali, he says that once when he was asleep a vision came to him of a sheikh wearing a red turban and sitting in the lotus position, and he suddenly realised to his amazement that that sheikh was al Ghazali – whom he calls the Sufi philosopher-sage. (He notes that some days previously he had read al Ghazali's book *Al Munqidh min al Dhalal - Deliverance from Error*.) At this point the sage tried to find a name that

would best describe the author's state of mind and spirit, but to begin with he was silent. However, after a time he turned to the author and whispered, as if confiding a secret: "'Abdul Jamil". From that moment Lucchesi acquired the name 'Abdul Jamil – and became referred to as "the pilgrim", because he considers himself to be "a pilgrim in the Book of the World". The author informs us that he loves anything that is different from himself; everything that is unfamiliar to him is beautiful and an element of his pilgrimage through life. In this respect we can say that his real name is not Marco Lucchesi but al Hajj 'Abdul Jamil ("Pilgrim Slave of the Beautiful"). So in fact al Ghazali was right. It is beauty that saves Lucchesi from falling into the abyss and he is obsessed by beauty in all its forms. His attitude can be summed up in the words of Rabi'a al 'Adawiyah: "O God; I do not worship You out of fear of Your Hellfire or hope of Your Heaven. If I should worship You for the sake of Heaven, then – O God – deprive me of it; I worship You for Yourself, so do not exclude me from Your Beauty".

In the chapter entitled "Diary" the author tells us that it was the Swiss poet and novelist Hermann Hesse[142] who first awakened his love of the East and that, unlike Dostoyevsky[143], his discovery of the East did not come as a shock to him. Nor did it unsettle him, as it did Claris, or damage him as it did Nietzsche. His discovery of the East struck a chord within him and responded to an inner anxiety in his psyche. That is why so many chapters in this book are inspired by his feeling for the East. At one point we find him living in Amman, at another visiting a fortress and musing on the decline of the Roman Empire. Then we find him reading and commenting on the works of al Ghazali and Ibn 'Arabi, or writing margin notes on the things he has witnessed. We find him learning Persian, feeling homesick for Brazil and observing that the East is a hard taskmaster. We find him suffering from insomnia, visiting Palestine and reacting to it with a combination of bitterness and astonishment. Commenting on the Muslim prayer, he says: "They pray standing up, erect like trees, then they kneel like humans and bow like stones. In doing so they give expression in a single set of movements to the three kingdoms created by God - the mineral kingdom, the vegetable kingdom and the animal kingdom".

[142] Hermann Hesse 1877-1962.
[143] Fyodor Dostoyevsky 1821-1881.

Next, the author quotes excerpts from the works of – among others - Gandhi, Tagore[144], Mariconi, Freud[145], Benjamin[146], Scholem[147] and Zimler[148], and quotes from some of al Ma'arri's and Rumi's poems. He then turns to contemplation on non-existence, the aesthetics of solitude and isolation and the traces of God's Divine fingerprint that can be discerned in the cosmos. He also writes some thoughts on Sheikh Nefzawi,[149] the author of *The Perfumed Garden*, and his observations on female beauty, and Sachiko Murata and William Chittick's *Vision of Islam* and their depiction of God's pardoning of Adam, the first of the prophets and God's vicegerent on earth - a reflection of the fact that there is no original sin in the Qur'an. Lucchesi then points to the similarity between German and Arab poetry in the way they both serenade the night as a symbol of what cannot be expressed in words and asserts that they are both influenced by Neo-Platonism. This reflects Novalis and Rilke's observations on the esoteric and the blind poet al Ma'arri's words on his night of eternal darkness.

Life, death and resurrection

On his journey deals on life, death and resurrection starts with a chapter entitled "Death in the Eyes" the author ponders on life, death and the world in the wake of the massacre of Sabra and Shatila. He wonders what man – the kind of man consumed by hatred and sectarianism - is capable of doing to his fellow man, and reflects on the persecution of the outcast and the fact that he, rather than his persecutor, is held responsible for everything that happens to him. Then he speaks of the local hospitals that are named after places in Palestine – an indication that the dream of return to the homeland is still alive. He unhesitatingly compares what happened in Birkenau and Auschwitz with what he sees happening in Bosnia and describes the sufferings of the sick and injured, the devastation that has descended on the region, the life of the children in the refugee camps and the violations of human dignity everywhere.

In the following chapter, which is called "Waiting", he writes of the living as they wait here on earth for their death and resurrection and remembers how he woke up one morning in Damascus and visited the cemetery of Bab al Saghir. Memories of that visit remind him of the People of the Cave, whose tale he tells as it is narrated in the Qur'an, but in such a way that he himself appears to be one of them. Then he returns to his original theme of the

---

144 Rabindranath Tagore 1861-1941.
145 Sigmund Freud 1856-1939.
146 Walter Benjamin 1892-1940.
147 Gershom Scholem1897-1982.
148 Richard Zimler 1956-.
149 Mohammed bin Umar al Nefzawi 15th c.

cemetery and writes of its tombstones, Islamic burial rites, the Muslims' concept of the Day of Judgement, the alignment of their graves and the traditional prayer when visiting graveyards.

In the chapter entitled "Goliath, the Promised Land" the author reminiscences about the Monastery of St. George and speculates that if the monastery were to close its doors to him, another door would open leading him to think about travelling to Oman and Yemen. At this point he addresses a monologue to the monastery announcing his imminent departure for "new wildernesses and new harbours", which will open new doors for him sooner or later.

Then he states that he is drawn to visit Hebron, Jericho and Judaea, as well as Jerusalem. Jerusalem, he writes, is a city that appears to be asleep, yet it is not sleeping but waiting. There the rabbi awaits the coming of the Messiah, the Muslim sheikh intones his prayers and the Franciscan friar keeps vigil at the tomb of Christ.

At this point Lucchesi leaves Jerusalem for the desert, where he drinks coffee in a Bedouin tent and finds guidance on his journey. He knows that the earth beneath his feet is steeped in blood and history, the cries of the prophets and the silence of the Divine Creator. He goes on to Jericho and arrives at the monastery of St. George after travelling for twelve hours across the desert.

He remembers Jerusalem as "the waiting city"- the city of Jesus's resurrection and Muhammad's Ascension, the city of the abyss, the city in which peace exists side by side with a sense of apprehension, the city that lives in suspense in anticipation of the Messiah, Jesus and the Mahdi. The dream of the Promised Land demands constant vigilance. Anything can happen in the blink of an eye: bells, psalms, calls to prayer … all are calling to the Deliverer and appealing for indulgence towards those who are different so that they can be recognized as their brothers.

In the chapter entitled "The Sheikh of Byblos", the author recalls a meeting with the Azhari Sheikh Qasum in Byblos and his discussion with him on Islam and religions. He also describes how he met two other sheikhs and learnt how Muslims perform *wudu'* (the ablution in preparation for the canonical prayer) and the Friday Prayer in the mosque. Then he describes the sheikh's Friday *khutba* (sermon) from the *minbar* (pulpit) and concludes that the style of the *khutba* bears features in common with the way al Ghazali and Ibn Sina[150] presented their arguments on questions of faith; meanwhile, the sheikh also urged his congregation to perform the Hajj.

[150] Abu 'Ali Ibn Sina 980-1037.

All roads lead to the Kaʻba

At this juncture Lucchesi recalls Jalal al Din Rumi's statement that, even though the routes followed may be different, all roads lead to the Kaʻba – whether from Byzantium, Syria, Persia, China, India or Yemen. His own route he adds is via Rome and Jerusalem. He declares that he yearns to reach the Kaʻba and he asserts the Greatness of God – the God of all those who set their sights on "the Kaʻba of the innermost depths of the heart", on "the inner Rome" … the God of all those whose goal is to do good and who thirst for beauty … the People of the Book, even though they may enter through different doors – whether through the Qur'an, or the Torah; in other words, through the One Book that encapsulates the essence of all other books and guides those who search the muddy, turbulent waters for a compass that will point them to the Ultimate Beauty.

Then, as he is wont to do periodically throughout the book, he returns to his favourite theme – Laila. He speaks to her about mystical symbols, dreams, winds, treasures, stormy seas and survivors of their onslaughts, voyages, chasms, the heavens, tempests, isolation and solitude. Then he presents the reader with his views on beauty, words and script styles - in the Islamic calligraphic tradition and according to the Jewish Kabbalah.

In the chapter he calls "Discords" the author writes of his experiences with "chasms, confusing mazes and the blows of fate": "No. I am not the sort of person who shies away from confusion and complex challenges, because by overcoming them I might come to understand my inner chaos." Furthermore, he adds: "I have a life force that never betrays me, though sometimes it seems to be delivering me into the Unknown." Then he takes us back the recurrent theme of his undying love for Laila – a figure who returns again and again like her namesake, the night – and here we can clearly see the influence of Arabic erotic poetry in the way in which he expresses his love for her. Next, he turns to his mixed feelings about the desert – a mixture of love, fear, desire and dread for a land that he sees as simultaneously familiar and alien, light and dark, and as generating both hope and despair.

In the next chapter, "the Café Novara", Lucchesi explains his "philosophy of existence", which he describes as a distinctive synthesis of antitheses. Existence is based upon two factors: God and the Devil, and love and death. In the darkness of the desert night everything is radiant; everything is perilously momentous yet at the same time inspiring, forbidding yet yielding. Then, turning to the Café Novara in Damascus, which is near a mosque, he says that there you will find mystics, vagrants, storytellers and preachers mingling with the customers as they loll about drinking glasses of tea and smoking hubble-bubble pipes. Everyone there lives in a state of anticipation, sometimes raising their voices in

passionate debate, sometimes falling into silence. You will find travellers there from all around the world, all of whom are welcomed as they enter with the traditional greeting "*Ahlan wa sahlan*". Poets sit around discussing Baudelaire[151], Rimbaud[152] and al Ma'arri and the Divine nature of poetry. After all, is not Allah Himself an Arab poet? The Arab poet Talib said: "There is no language more beautiful or more powerful than ours" before quoting verses from the Holy Qur'an to prove it. Lucchesi ends this chapter with excerpts from some of Talib's verses which he has translated into Portuguese.

In the chapter "Mirror of the Waters" the author contemplates the Bay of Jounieh and the sea off the coast of Byblos and the Phoenician port. Fondly recalling the houses of Beirut among the ruins of that city, he explains that it was the ruins themselves that caused him to fall in love with them. He remembers the ships in the twilight and the church in Jounieh, red-cloaked in fading light of the setting sun. He looks out to sea towards the island of Cyprus – that near but distant land – and describes how he feels an inner peace in his seclusion from the world and a sense of serenity born of solitude. Then, when his thoughts turn to his love of women, he has a deep sense of loss and longing. In the mirror of the gleaming nocturnal waters, he sees the face of his mother and the faces of his old mistresses and forefathers. It is through this meeting between the living and the dead that he is able to live, while at the same time forgetting his inner self.

Damascus

In the following chapter - "The City and Desire" - he reminisces about his return to Damascus, which he regards as a holy city. The journey to Makkah starts from there and it is in Damascus that you can visit the tombs of Hussain and Fatima. It is a city of a hundred and forty thousand cats and countless minarets, surrounded by the pure, clean emptiness of the desert, where Bedouin past and present come to fill their water skins from the waters and gardens of the River Barada. It is a city of roses, incense and perfumes, like a woman one desires, while opening its arms to embrace those who love solitude and seclusion. Seen from the heights of the Mar Musa Monastery the diversity of its bright colours resembles an array of luxuriant carpets and Caucasian turbans, highlighted by the pure white that symbolises Royalty: "Everything in Damascus delights me and makes me tingle with excitement".

---

[151] Charles Baudelaire 11821-1867.
[152] Arthur Rimbaud 1854-1891.

Damascus is a body that arouses desire, a fountain that reminds you that you have a thirst that needs to be slaked. Its greenery brings joy to the eye. Lucchesi adores this city at the approach of dusk … the Umayyad mosque at night when it opens its doors in anticipation of Judgement Day and the descent of Jesus onto its white minaret. How beautiful Damascus is! Its lips are wells filled with cascading water and its eyes are the balm of redemption.

In the final chapter – "*Al Akher*" ("The Last", which is one of the Names of Allah) – symbolised in Sufi poetry by the legendary Simurgh bird, the author contemplates this "cosmic jewel of Sufism" as it appears in Farid al Din al 'Attar's *Mantiq al Tair* and says that the perfume from that jewel permeates the gardens of the world's mystical poetry. Pondering over where the Simurgh fits into the hierarchy of birds, he observes that it represents God Himself, while the other birds symbolise the followers of the Sufi path to the Lord and Creator. Most of them die on the road.

The search for God is essentially man's search for himself within himself. If a person believes that God exists somewhere outside himself, he will never find Him. It is a case of "*La makan wala kayf*" ("No 'where' and no 'how'"). Lucchesi considers the unique beauty of the Simurgh in comparison with the other birds referred to by the author of *Mantiq al Tair* as well as their tragic fates during their search for it. He describes its huge size and majestic presence as an "ocean" and the earthly paradise as no more than a drop of water from it. It is also an intrepid bird that travels huge distances to explore the unknown. Meanwhile, the other birds' gruelling journeys end in death and annihilation.

Then the author lists the attributes associated with the Simurgh, including silence, darkness, the abyss and shadows. He concludes with a final appeal to Laila: "O Laila, will you not rise from your slumber, I beg you, and help me to overcome my solitude and turn the page on my isolation".

A MELOPOÉTICA NA OBRA LITERÁRIA "ADEUS PIRANDELLO" DE M. LUCCHESI

Sonia Regina Albano de Lima[153]

Nossa fala neste Colóquio Internacional tem a proposta de analisar algumas das prosas poéticas da obra literária 'Adeus Pirandello' do escritor Marco Lucchesi, que contêm termos musicais. A interpretação interdisciplinar[154] dessa produção tomou a Melopoética como fundamentação teórica. Essa técnica vem se firmando enquanto ramo de apreciação das artes desde o século XVI, fundindo os vários sistemas artísticos com o objetivo de promover uma análise comparativa entre eles. Nesta fala, tomamos como referência de análise a poesia e a música.

Os sinais de aproximação entre essas duas artes estão presentes nas metaforizações, no ritmo empregado nas duas linguagens e na percepção crítica de suas correspondências interartísticas. Nesse sentido, as finalidades acústicas das sílabas, as palavras, as frases e as propriedades sonoras das locuções verbais são pensadas como fenômenos sonoros e de forma indireta incorporam, em igual medida, a emoção e a subjetividade incorporada à música. Sob esta ótica, os aspectos sonoros contidos no texto, a música pensada como uma forma de expressar os sentimentos humanos mais internalizados e a ordenação temporal atribuída tanto para a criação literária como para a criação musical promoveram a melhor interligação das duas linguagens.

---

153 Sonia Regina Albano de Lima - Doutorado em Comunicação e Semiótica (Artes) pela PUC-SP; pós-doutoramento em Música pelo IA-UNESP; Bacharelado em Direito pela USP; Bacharelado em instrumento (piano) pela Faculdade de Música Carlos Gomes. Foi diretora e professora da Escola Municipal de Música de São Paulo e da Faculdade de Música Carlos Gomes. É docente do PPG em Música do IA-UNESP desde 2005. Possui inúmeras publicações de livros e artigos científicos na área de educação musical, música e interdisciplinaridade. Foi Presidente da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música no período de 2015 a 2019; idealizadora do site www.saber.musical.com.br e de alguns materiais didáticos virtuais. É membro de Conselhos Editoriais e Consultivos de Revistas e Coletâneas nacionais e internacionais relacionados à música. É segunda líder de pesquisa do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Musical (G-PEM-IA-UNESP) e membro pesquisador no Grupo de Pesquisa – CNPq- Fenomenologia da Música da Universidade de Maringá que tem como líder o Dr. Flavio Apro.

154 A análise interdisciplinar desse discurso literário partiu da interpretação subjetiva de cada um dos textos abordados, interligados à criação musical advinda dessa interpretação, acompanhada dos efeitos visuais, compondo uma teia analítica diferenciada. Os efeitos visuais produzidos foram idealizados pela designer gráfico Aline Cardoso Gomes.

O acesso aos vídeos das prosas poéticas está concentrado no link https://sabermusical.com.br/a-musica-na-producao-literaria-do-escritor-marco-lucchesi ou pelo **QR CODE**:

SCAN ME

A análise intertextual das prosas poéticas escolhidas partiu da decifração subjetiva de cada um deles, conectada à composição musical e aos efeitos visuais, fato que permitiu transcender a leitura isolada dos textos contemplados, ampliando e alterando o significado primeiro desta produção. Por vezes, os termos musicais foram empregados pelo autor com o propósito de mitigar as intempéries da vida, relaxar o espírito e a mente humana; outras vezes, reportaram-se a um gênero musical específico ou a uma determinada obra do repertório musical erudito, manifestando a ligação afetiva do autor com a música e um expressivo conhecimento desta linguagem. Nesse sentido, foi importante verificarmos em que medida os termos musicais empregados nas prosas poéticas analisadas estavam alinhados com o texto literário referendado e em que medida a escrita literária adotada pelo autor coadunava-se com a escrita musical contemporânea.

O autor inicia seu discurso utilizando o termo musical *Prelúdio*. Se na música este termo precede uma obra maior ou um grupo de peças, aqui ele utilizou-o como preâmbulo de uma narrativa a ser composta, o que justifica a sua real aplicabilidade no discurso literário. De maneira geral, em todas as prosas poéticas citadas observamos uma escrita composta de frases curtas que expressam sentimentos e emoções que se articulam sob uma perspectiva não cíclica – a mesma escrita adotada em algumas das tendências da música erudita europeia do século XX, tais como o atonalismo livre, a música aleatória, o pontilhismo, entre outras. O poema *Dispersão* expressa de maneira singular essa ligação entre a narrativa poética e a musical:

Dispersão

A narrativa a que procuro dar vida move-se como um patchwork, colcha de retalhos, mosaico bizantino, sem glória e resplendor. Eu me apego a um fio de unidade, como quem amarra, para que não fujam ou se entrechoquem, contrários, sobrepostos, um rebanho de fragmentos, vozes que se nutrem de um centro móvel. Sou um pastor vencido pela dispersão reativa das partes. Quanto mais me aproximo, tudo se afasta. Cresce a taxa de dispersão. Como se precisasse entrar na história, para deter saltos e derivas. Após colar todas as partes, tão implicado me vejo na história, que não consigo sair. Teria de romper a fina membrana e o precário equilíbrio do desenho.

Na prosa poética intitulada *Quase,* o autor fala de um tempo irreverente que se presentifica nas batidas de um relógio tresloucado e que de alguma forma se assemelha a um discurso musical composto por notas dispersas em um ritmo descontínuo, mas, que de alguma forma, faz sentido aos nossos sentidos – um misto de subjetividade e objetividade presente em um único contexto.

Quase

Assim, após uma quase dedicatória, seguido por violetas e bromélias, sob o rumor da história, ***colho as notas de uma quase narrativa****, nas batidas de um relógio rebelde.*

Na prosa poética *Coda*, M. Lucchesi descreve o mundo e nossa atuação nele, como algo que por vezes parece morrer, mas que, por razões diversificadas, continua vivo e sempre se recria, assumindo novas formas e uma nova existência. Na música, esse termo é empregado como forma de concluir uma obra ou parte dela – uma cauda que parece concluir um determinado ciclo, mas que, de alguma maneira, dá início a outro.

Coda

Esse mundo perdido, que se vai, sem deixar rastro, esse mundo estranho e solitário, dentro do qual agimos e estamos, esse mundo que se decompõe vagaroso e fatal, esse mundo atende pelo nome de Mário.

No texto *Sinfonia*, o autor rememora os compassos iniciais da III Sinfonia de Beethoven que ecoam em nossos ouvidos como teclas marteladas ao piano que, de alguma forma, simulam um pensamento que se revolta contra uma crença que habita o planeta em razão da instauração do coronavírus e que aos olhos do poeta se afigura totalmente irreal. A escuta dessa composição lhe permite aplacar seu inconformismo quanto a situação e trazer maior quietude à sua alma.

A *Sinfonia*, a partir do classicismo, é um gênero musical composto de 4 (quatro) movimentos interligados entre si, de forma a criar um discurso musical coerente, apesar das características específicas contidas em cada um desses movimentos. Um deles, geralmente o primeiro, abriga a 'forma sonata' que comporta uma exposição de dois temas compostos por duas melodias de caráteres distintos, um desenvolvimento, uma reexposição do tema e a coda. Poderíamos defini-la como uma conversa musical, dotada de perguntas e respostas tal a lógica discursiva adotada – análoga àquela empregada no discurso verbal. Os dois temas da forma sonata, embora contrastantes e antagônicos, apresentam uma unidade temática. Tanto no desenvolvimento como na reexposição, os dois temas presentes na exposição movimentam-se continuadamente em razão das modulações, desenvolvendo um discurso musical equilibrado que termina na *Coda.*

SINFONIA 2020

Segundo o delírio político, o coronavírus foi produzido num laboratório da China comunista para dominar o mundo... e outras delícias esquizoides. Volto ao piano, mais intenso, para a Terceira de Beethoven. Teclas marteladas.

Em outra narrativa, intitulada *Sonata*, mais uma vez o autor reporta-se a outra composição de L. Van Beethoven – a Sonata do Adeus –, obra destinada ao Arquiduque Rodolfo de Habsburgo, aluno e amigo dileto do compositor, que em razão da Guerra

instaurada entre a Áustria e a França teve sua partida decretada em circunstâncias bem penosas. A composição manifesta o sentimento doloroso que subsiste em qualquer despedida. Marco Lucchesi toma para si essa melodia, imbuído do mesmo sentimento de separação, da mesma dor e da mesma incerteza quanto ao seu retorno.

SONATA

Mário assume seu destino. Propõe uma sonata de adeus. Some sem deixar vestígios. Como os rastros de Mara em Copacabana. A cada dia perdemos nossas marcas, dilacerados na memória do que fomos e do que poderíamos ter sido.

Na narrativa *Requiem,* M. Lucchesi revive um dos gêneros musicais destinados a homenagear os mortos. Nesse sentido, o texto parece apontar para a morte do mundo, do homem e de sua própria obra.

REQUIEM

Morrem antigos palácios. Desabam velhas casas. Formamos uma procissão de mortos. Sonâmbulos do agora, presas inertes de um mundo que termina. Se uma cidade pouco a pouco se desfaz, a obra de Pirandello aumenta sua demografia.

A predileção de Marco Lucchesi pelas composições de L. V. Beethoven manifesta-se na prosa poética intitulada *Arte da Fuga*, quando em meio a uma tumultuada atividade profissional, o autor recorre a Grande Fuga de Beethoven, no intuito de usufruir de um descanso emocional frente ao enfrentamento de uma carga de trabalho um tanto insana. Nesse caso o termo *fuga* pode ter sido empregado não só como uma forma de fugir dos problemas acumulados, como também o de transcender essa situação, partindo de um discurso musical que contempla um tema que se expande em uma intrincada teia sonora.

A Fuga consiste em uma técnica composicional em que determinado tema é desenvolvido a partir de um contraponto imitativo. Desta maneira, várias vozes integram a composição, formando um todo intenso e complexo. A Arte da Fuga de Beethoven inicialmente foi escrita para um quarteto de cordas e dedicada ao Arquiduque Rodolfo; mais tarde, o próprio compositor fez uma transcrição para piano a quatro mãos. Ouçamos um trecho desta obra.

ARTE DA FUGA

As turnês não impedem seu trabalho: escreve em alto-mar, nas ferrovias, em quartos de hotel, durante as representações, noite e dia, raptado pelo ritmo, pela força do pensamento, pelo coro de vozes que atordoam sua audição, demiurgo e porta-voz do coro de seres que condenam seu estado larval. Penso na orelha de Pirandello e a Grande Fuga de Beethoven.

A versatilidade poética de M. Lucchesi aflora mais intensamente quando em um texto de não mais que 5 linhas, denominado *Consanguínea*, estão presentes ideias diversas que se complementam ao final do discurso, entre elas, a brasilidade atribuída ao violão e a descrição de uma paisagem igualmente brasileira que acompanha a solidão da personagem. Nessa diversidade de pensamentos, M. Lucchesi traz para a escuta a transcrição para o violão da composição de R. Schumann intitulada o Carnaval, que inicialmente foi composta para o piano, consolidando mais uma vez a brasilidade deste instrumento musical e o poder que a música tem de romper com a solidão e o silêncio dolorido de nossas almas.

CONSANGUÍNEA

Tarde deserta. Havia um silencio mineral, sem folhas erráticas, sem vento. Ia ansioso para alcançar o azul de seus olhos. O violão rompe o silencio, prestes a inundar de pranto aquelas árvores tão brasileiras, fustigadas pelo sol, cáusticas e ardentes. Alguém dedilha o Carnaval de Schumann. Tão consanguínea a solidão de Marta.

Da mesma forma como Marcos Lucchesi inicia seu romance poético, reportando-se a um gênero musical introdutório – o Prelúdio, ele finaliza sua obra com a narrativa intitulada *Destino*, onde ele avalia questões sociais, emocionais e psíquicas que foram e serão alteradas pós pandemia. Apesar de trazer ao leitor um triste relato, o autor deixa transparecer um pensamento alvissareiro de quem está pronto para aceitar e transformar o futuro, fato que pode levar a humanidade a galgar um novo patamar, um novo futuro e um novo convívio social. A frase final: "Estou pronto para a Grande Fuga" expressa essa verdade. É como se até então ele não tivesse condições emocionais para compreender essas questões, mas depois de suas reflexões ele finalmente se sente capacitado para administrá-las.

A Grande Fuga, op. 133, de Beethoven, por duas vezes foi referendada por Marcos Lucchesi. Nela o compositor L. V. Beethoven transcende o modelo tradicional atribuído à fuga, articulando duas ideias musicais, e não uma só, em todo o processo criativo, ou seja, uma metalinguagem. Anteriormente, a fuga partia de uma única ideia musical denominada sujeito, que era articulada por outros instrumentos. De certa forma poderíamos entender que Beethoven nesta composição mesclou a fuga e a sonata em um único gênero musical.

Destino

Morremos todos na pandemia. Cada qual a seu modo. Uma parte do que fomos. Uma geração. Os mortos reclamam seu quinhão. E são estes que enterram os vivos. Somos personagens em busca de autor. Ou da força do destino. Não posso afirmar que a Marta destas páginas chegou a existir, nem mesmo Luigi, com seus laços de amizade. Se me permite, leitor, desconfio que você exista. Seu índice abstrato supera o das personagens. Quanto a mim, antes mesmo de Pirandello, me despeço. A vida é sonho. Um nenhum e cem mil. Preciso de uma orelha: que me esclareça algumas pistas. As coisas secretas demoram nas frases, ao longo da branca superfície. Não saio do jardim. Volto ao piano. Sem partitura. Bebo o silencio que me assalta. Estou pronto para a Grande Fuga.

Ainda que nossa fala tenha se preocupado em expressar o quanto a produção literária de Marcos Lucchesi está conectada com boa parte da produção musical beethoviniana, há que se mencionar seu profundo conhecimento e acertabilidade no emprego dos termos musicais utilizados em seu discurso. Basicamente o autor fez da música um discurso apropriado para expressar as emoções e os sentimentos mais internalizados dos homens. Concluímos nossa apresentação com uma produção musical interdisciplinar que de maneira simplória retrata a relação que existe entre o som e a poética:

Som e Palavra

Qual canção que chora, qual poesia que inflama?
Língua mãe, língua pátria...
Os sons falam palavras, as notas gotejam dor.
Ora triunfa a alegria, ora viceja a paz.

Qual frêmito poetar, o som fala de amor.
São irmãs, são parceiras, são cúmplices que cantam e riem de mãos dadas.
Choram em profusão,
como se o mundo nelas brincasse,
assim como os dados são lançados ao vento.
São imagens, canções...
São artistas desmedidos,
seres encantados que pincelam a vida, sem dar explicação[155]

[155] Som e Palavra é uma poesia de autoria de Sonia R. Albano de Lima.

NIŞ ADAM BERT UIKAI SPAKATORI DIR KATAPI E KATAPHANÄI: OLEKI RAHASI KAI DEKAZÄI ALECI VUR *O BIBLIOTECÁRIO DO IMPERADOR... ET ALIA.* / Um homem entre sinuosos fragmentos de livros e bibliotecas: estranhos mistérios e incertas verdades em *O bibliotecário do Imperador... et alia.*

Alva Martínez Teixeiro [156]

> Quando ho incontrato il commissario mio omonimo, confesso di non essere rimasto sorpreso. Tra tanti suoi colleghi, prima o poi era normale che sbucasse fuori anche lui. Piuttosto mi ha stupito la caparbietà, l'ostinazione con cui l'ho visto […] sempre devoto a un infantile sogno di giustizia.[157]
>
> [Valerio Magrelli: *Il commisario Magrelli*]

Antes de mais, gostaria de assinalar que o facto de o título desta intervenção figurar, *ab initio*, em língua laputar lucchesiana pretende ser uma homenagem ao intelectual ímpar que, felizmente, aqui nos reúne. Na verdade, trata-se de um uso muito pobre que deriva do letrado espírito lúdico daquele que, *vur toz patarfiş* ("em modo patafísico"), em 1985 concebeu e trinta anos depois, revisados, propôs os *Bazati dir Harstä Laputar* (*Rudimentos da Língua Laputar*).

Mas também o uso da língua da ilha de Laputa é motivado por outra razão. A ficção sobre a que pobremente refletirei a seguir fez com que, por uma associação de ideias, como aquelas que por vezes encontramos no romance visado, me lembrasse de que "há perguntas tão antigas quanto o tempo" ("there are questions just as old as time") "e [que] o que pode vir depois / é deixar ir e deixar que nenhuma resposta seja uma resposta" ("and what might come after / it's letting go and letting no answer be an answer"), como afirma num excelente

---

[156] **Alva Martínez Teixeiro** (A Corunha, Galiza – Espanha, 1982), Professora de Estudos Brasileiros da Universidade de Lisboa, Diretora do Mestrado em Estudos Brasileiros da mesma universidade e 'Professora Associada Estrangeira' do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Rio Grande do Sul, doutorou-se com a tese 'europeia' *A obra literária de Hilda Hilst e a categoria do obsceno* (2010, Prémio 'Extraordinário'). Especialista em literatura brasileira e nas relações de transitividade interartística da Modernidade e da Contemporaneidade, é autora de livros monográficos sobre Raduan Nassar (*Maktub*, 2006), Vicente Risco (*A pretensa nostalxia da autoridade*, 2007, Prémio de Ensaio 'Ramón Piñeiro'), Hilda Hilst (*O herói incómodo*, 2009), Sophia Andresen (*Nenhum vestígio de impureza*, 2013), ou Lygia Fagundes Telles (*A linha de sombra de uma suspeita lição de zoologia*, 2014, Prêmio Internacional de Monografias do 'Itamaraty'), tendo coorganizado, com Dirk-Michael Hennrich e Giancarlo de Aguiar, a obra *Vicente e Dora Ferreira da Silva. Uma vocação poético-filosófica* (2015) e coeditado, com Carlos Pereiro, o volume *Machado de Assis e a 'mundana comédia'* (2017).

[157] "Quando conheci o comissário meu homónimo, confesso que não fiquei surpreso. Entre tantos de seus colegas, mais cedo ou mais tarde, era normal que também ele surgisse. Pelo contrário, fiquei maravilhado com a teimosia, a obstinação com que o vi [...] sempre devotado a um sonho infantil de justiça" (Valerio Magrelli: *Il commisario Magrelli*).

poema o cantante de jazz norte-americano Kurt Elling, não por acaso intitulado «Esperanto»[158].

Enfim, já expressando-me em *bartuhez*, isto é, em "língua portuguesa", no ano de 2013, Marco Lucchesi publicou o seu segundo romance, *O bibliotecário do Imperador*[159], em relação ao qual alguns críticos, leitores e comentadores do 'sagrado' *savoir faire* literário, formularam algumas — poucas e imotivadas — ressalvas a respeito da, por assim dizer, 'dificuldade' de discernimento — isso, sim, sempre reconhecida como 'fascinante' — entre realidade e ficção, na arquitetura epidérmica do romance e entre as diferentes vozes que estruturam um discurso articulado num fluxo entrecruzado e sinuoso. Por essas razões, é de grande interesse, para mim, refletir sobre as virtudes ou as limitações dessa real 'dificuldade' — diga-se desde já, a reflexão será marcada por um absoluto distanciamento em relação aos *diktats* apriorísticos da literatura pretensamente *comme il faut*, mas realizada por uma fiel seguidora da tradição filológica nietzschiana da 'arte de bem ler'.

Vamos, no entanto, começar pelo princípio. E no princípio está o livro e a biblioteca, o *ex-libris* e a livraria, o bibliófilo e o pesquisador — isto é, em termos borgesianos, *el mundo* —, como transuntos vitais e ficcionais das potencialidades e das limitações do ser humano e do Brasil, do carioca e do Rio — isto é, nos mais amplos termos bocaccianos, da *umana cosa*. *Ergo*, um *totum revolutum* ficcional do qual ousaríamos dizer que nele "a ordem — na desordem — se restaura"[160], aplicando ao caso uma das apócrifas anotações, tão de Artaud quão de Spinoza e, especialmente, de Nise da Silveira, que, recentemente, o sempiterno 'rato de biblioteca' e atual diretor da colossal Biblioteca Nacional brasileira atribui ao alienista Simão Bacamarte.

No empolgante romance, que não admite "fronteira entre vida e imaginação", narra-se ou, melhor, procura-se narrar a história reinventada de um teimoso herói, uma história "entranhada nos fatos, subvertida nos meios e orientada para os fins" (p. 97). Romanceia-se, enfim, uma parte da vida da figura historicamente cinzenta do bibliotecário do Imperador D. Pedro II, Inácio Augusto César Raposo, incidindo em especial nas consequências da Proclamação da República, em 1889, e do exílio imperial na Europa para o destino e preservação da extraordinária biblioteca do igualmente excecional soberano. Na verdade, daqueles tempos e daquela biblioteca, afortunadamente, sabemos mais do que as *raisons d'être*

---

158 Oitava composição do álbum *Live in Chicago* (Los Angeles, Blue Note, 1999), de Kurt Elling, musicada pelo compositor Vince Mendoza.

159 Neste ensaio, os números de página das citações remetem à primeira edição do romance, publicada pela paulistana Editora Globo, no ano de 2013.

160 Cfr. Marco Lucchesi: «Notas do Dr. Bacamarte», in *Ocupação Machado de Assis*, São Paulo, Itaú Cultural, 2023, p. 88 [pp. 87-89].

— únicos rastros da mítica Biblioteca de Alexandria, da qual, como lembrou Alberto Manguel, infelizmente "[t]udo o que dela sabemos, tudo o que resta da sua grandeza, dos seus mármores e dos seus pergaminhos, são as suas diversas *raisons d'être*" (" Tout ce que nous en savons, tout ce que reste de sa grandeur, de ses marbres et de ses rouleaux, ce sont ses diverses *raisons d'être* "[161]).

No entanto, para avaliar o modo como se narra, é necessário tomar em conta que o processo indagativo das circunstâncias da progressiva frustração e do inelutável suicídio do bibliotecário, atirando-se debaixo das rodas de um comboio em 1890, preside à recuperação e à reinvenção desse trecho do passado memorial. Neste sentido, é interessante considerar o carácter simbólico que circula sob os rios da ficção: as correspondências que sibilinamente se estabelecem entre, por exemplo, a entrega aos novos governantes das chaves da biblioteca, que ficara aos cuidados de Inácio, e o fim de uma era de estabilidade com a instabilidade provocada pela histórica mudança de regime.

No entanto, partindo da ressalva de que, para mim, reduzir este inventivo romance, propositadamente inclassificável, à categoria de romance histórico só faz sentido na medida em que ele utiliza, como complementar energia externa, a ancoragem na realidade sócio-histórica, retomo a exata síntese que o professor Marcelo Franz realizou a respeito dos procedimentos e intenções da ficção. Isso sim, afinal, uma feliz explicação em que, sob a perspetiva das exigências e parâmetros do 'moderno romance histórico', afirma-se, com razão, que preside à ficção um "empenho relativizador [...] a serviço da construção da dúvida a respeito dos fatos históricos situados no tempo em que transcorre a ação", acrescentando com lucidez que

> [p]ara compor os nexos da narrativa, o leitor é provocado a todo momento, emaranhando-se nos fios de uma narrativa de muitas vozes em que o real e a ficção se sobrepõem. [...] Não bastasse isso, essas vozes ainda se apresentam em constante interação, discutindo tanto os fatos narrados como o livro em processo e as condições da sua realização. Num viés pós-moderno — voltado para a problematização das categorias ficcionais —, os conceitos de autor, narrador e até leitor são constantemente postos em xeque [162].

Um viés pós-moderno, com efeito, a que contribui o questionamento das estruturas ficcionais maiores, mas também o estremado cuidado no tratamento dos resquícios menores,

---

161 Cfr. Alberto Manguel: *La Bibliothèque, la nuit*, essai traduit de l'anglais par Christine Le *Bœuf*, Arles (Le Mejan), Actes Sud (Babel), 2009, p. 37.

162 Cfr. Marcelo Franz: «"Despistando sempre, apagando as provas, assaltando afrontosamente os bolsos do futuro": análise de *O bibliotecário do Imperador* de Marco Lucchesi sob a perspectiva do romance histórico», in *Pergaminho*, 1,1, Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes – AICLA, 2021, p. 72 [pp. 65-76].

deixados pelo entrecruzamento da literatura e do documental, da história e da vida, nos quais o escritor se explica por aquilo que lê e vive, reinventa e reproduz em significativa diferença.

É por isto que, no capítulo nono, em que o narrador pretende — e consegue — abordar "em poucas linhas o ocaso do Império" (p. 31), observamos um vívido e humaníssimo afresco das ações e reações do visconde de Ouro Preto, integrando diálogos com citações documentais — por via de regra, *ipsis litteris* — e reconstruindo "aquele dia fatídico" de 15 de novembro de 1889 da Proclamação da República, a partir dos textos dos Anais da Câmara dos Deputados, na agenda do governo ou nas vozes da imprensa.

No entanto, no final do capítulo, há uma significativa exceção a essa 'fidelidade' restauradora, quando, no dia seguinte, o foco é deslocado para Rafael, "antigo liberto de D, Pedro" e velho tutor do imperador que, com 98 anos de idade, morre praticamente com a monarquia, devido à surpresa provocada pelas infaustas notícias que lhe transmite um angustiado e confuso Inácio, prenunciando que "[s]eis meses depois seria a vez do bibliotecário, investido de grave e crescente desespero" (p. 34).

Desta vez, a informação, que gera a trágica cena da morte do Anjo Negro, nos jardins do Paço de São Cristóvão, alicerça-se *cum variatonem* no documento biográfico-livresco de *O Negro da Quinta Imperial* (1927), do poeta Múcio Teixeira, ao incutir um tom formal e um modo respeitoso na interlocução entre os dois servidores imperiais, apagando um "tu" e mudando o "menino" do diálogo 'inventado' pelo poeta de outrora por um mais adequado "Senhor" concebido pelo narrador de agora:

> — "Seu Raposo, você enlouqueceu? […]
> — Rafael, (tu) não sabes que ontem foi proclamada a República e que teu Senhor ['menino'] está preso no Paço da Cidade? [...]
> — Que a maldição de Deus caia sobre a cabeça dos algozes do meu Senhor ['menino']!"
> (p. 34).

Uma década após a sua publicação e mudando e complexificando o ângulo da visão e, portanto, mesmo a sua substância, estou firmemente convencida de que o propositadamente confuso e incompleto discurso ficcional em amálgama de *O bibliotecário do Imperador* não foi suficientemente compreendido na altura do seu surgimento. Nomeadamente, a peculiar utilização da polifonia no romance, com a centralidade do 'narrador-pesquisador', na feliz (anti)tradição do uso de narradores problemáticos e desconfiáveis. Uma figura narrativa que, em âmbito brasileiro, se liga à incontornável matriz machadiana e possui sucessivas e atualizadoras declinações tão extraordinárias como, para só mencionar três diferentes, a das 'narradoras ébria e observadora' do conto «Tigrela» (1977),

de Lygia Fagundes Telles, a do 'narrador-tradutor' de *O enigma de Qaf* (2004), de Alberto Mussa, ou a da 'narradora traída' de *Nada a Dizer* (2010), de Elvira Vigna.

Apesar de não ser objeto deste ensaio, parece-me interessante constatar que o romance em apreço é o painel central de um tríptico ficcional carioca que, discorrendo entre as últimas décadas do oitocentos e as primeiras do novecentos da, na altura, capital federal brasileira, se abre com o machadiano *O Dom do Crime* (2010) e se encerra com o pandémico *Adeus, Pirandello* (2021). Uma constatação que, na verdade, é mais um elo, uma retomada e uma renovação das cadeias dos usos e tendências estéticas e ideológicas da literatura brasileira contemporânea. Estou a referir-me, *inter alia*, ao interessante cultivo dos ciclos relativos à ficcionalização da grande história e da pequena 'estória' do passado carioca, que, neste caso, pelo seu teor indagatório, procedimental, ambiental e memorial, pode ser relacionada com o excelente «Compêndio mítico do Rio de Janeiro». Nele, o também borgesiano Alberto Mussa — autor, aliás, da iluminadora e exata orelha da livresca ficção bibliotecária — revisita, a partir do crime e em cinco excelentes romances, os cinco últimos séculos da capital fluminense.

Convém lembrar, igualmente, o referente 'alheio' à escrita brasileira do aproveitamento de um Miguel de Unamuno, inventor da 'nivola' e do 'nadaísmo' — para João Guimarães Rosa, no entanto, "invenções próprias de um [em alegoria literária] sertanejo" que "vivia com a língua e pensava no infinito"[163] — ou de um Luigi Pirandello que, não por acaso, se interroga sobre "o limite entre real e ficção, vida e forma, ator e personagem"[164], no trecho «Cisterna» do romance lucchesiano cujas tramas amorosa e misteriosa partem dos quinze dias que o grande dramaturgo siciliano passou no Rio do ano de 1927.

Neste sentido, o nosso 'canibal' autor serve-se desse recurso compartilhado da 'personagem à procura do autor' para naturalizar, em parâmetros vitais e literários, um dos momentos fulcrais do romance[165], emblematizando a inusitada harmonia da 'amálgama de vida e ficção' — destacada lucidamente por Mussa na referida orelha do volume —, com os

---

163 Cfr. Günter Lorenz: «Diálogo com Guimarães Rosa», *Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro*, São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 2013, p. 324.

164 Cfr. Marco Lucchesi: *Adeus, Pirandello*, Santo André / SP, Rua do Sabão, 2021, p. 19.

165 Um momento em claro e natural *continuum* da onipresença ficcional de uma canibalesca fabulação literaturizadora, que funciona mais por aquilo que evoca no leitor do que pelo que diz o narrador-autor. Dessa presença, gostaria de destacar, pela sua inegável capacidade de sugestão e encantamento, "a página da guerra dos livros" (p. 97) da Boa Vista, na maior parte do vigésimo capítulo do livro. Nela, evocam-se, de modo extraordinário, batalhas diversas e conotadas, nas prateleiras e estantes imperiais, a partir das menções e referências magmáticas a obras e passagens de autores como Vieira, Barleus e Hans Staden, ou Gregório de Matos e Cláudio Manuel da Costa, Rocha Pita e José Mirales, Alencar e Teixeira e Souza, Camões e Castilho, Gonçalves de Magalhães e Castro Alves (pp. 67-68).

diálogos do esfíngico Inácio e do narrador-autor-investigador Marco, projetado desde o exterior do livro a partir do interior da pessoa Lucchesi.

Essa é uma consideração que, em certa medida, também explica a pretensa 'dificuldade' antes referida: é, de facto, mais um recurso que quer responder à questão central de "como atingir/ essa / ilusão errante?" ("*kiel atingi / tiun / vagantan iluzion"?*[166]) — em que um passado, que já não é, transita para um presente que o contém e ultrapassa.

Para Kundera, a memória fotografa e não filma, e, como é sabido, o processo mnésico é reconstrutivo e não reprodutivo, dupla razão pela qual as lembranças criam momentos singulares de alternativa lucidez. De facto, na narração lucchesiana, recupera-se uma *inventio* factual do passado, a partir das enumerações conotadoras e dos silentes documentos — especialmente epistolográficos e no perfeito estilo dos modos e modas do 'antigamente' —, mas é talvez por isto que, desde a contundência do presente, a textualidade ficcional reconstrói o que foi e/ou poderia ter sido outrora, à maneira do tecido cerebral que reconstrói aproximativamente o que se viveu. E, portanto, reconstruindo-o, o magma discursivo, derivado de um revitalizante e intrusivo narrador onisciente e onipotente e de um meta-relato distante de qualquer visão integrada e totalizadora (e/ou totalitária para o leitor), pode integrar elementos sem nenhuma relação com a verdade — além da sugestão —, nem, mesmo, com "a verosimilhança, que é muita vez toda a verdade" — como disse o Machado casmurriano. Este é, portanto, o resultado da forma distorcida do processo mnésico: um desvio, uma limitação que a ficção ultrapassa, gerando falsas *nuances* — insisto, como o cérebro cria falsos e *flous souvenirs*.

Gostaria de acrescentar, em natural deriva, que, se vale tudo para a impossível apreensão da factualidade passada, mesmo as incongruências, essa (con)fusão de vozes e diálogos críticos se naturaliza nessa espécie de *Pantempo* eliotiano em que se instala o discurso. *Mentis tempus*, aliás, que se impõe de forma clara quando o narrador intrusivo, numa passagem intersecular, se presentifica como personagem partícipe — a de um Marco Lucchesi, pesquisador e escritor, inequivocamente corporizado na ficção. Esta evidência nas dobras do tempo representa o final de um percurso de interlocuções de defesa ou de ataque, mais ou menos gritantes, da parte da personagem Inácio e do narrador-investigador Marco. Dessas interlocuções, perante qualquer possibilidade conclusiva, destacam-se as amostras de desencantada frustração do último, derivadas da escassa 'ajuda' do primeiro, a respeito dos dúbios vazios e dos rastros incompletos que o seu percurso histórico e vital deixou:

---

[166] Versos finais do sétimo poema «*Nenia sekreto troviĝas*» («Não há segredo»), publicado em esperanto por Marco Lukezi (Marco Lucchesi), na obra lúdica *Alivorte* (*Em outras palavras)* (Rio de Janeiro, Forlar Barlur / Dragão, 2021).

> Vejo-me aborrecido com sua decisão de deixar a cena, pouco antes do fim do ato, longamente planejado e consumado, sem aviso prévio, fora de enredo, a produzir graves resultados ficcionais, trajando terno escuro, chapéu e casimira. Como se de mim suspeitasse, digamos, cem anos antes, e mais obstinado se mostrasse, e foragido, nas dobras do tempo, despistando sempre, apagando as provas, assaltando afrontosamente os bolsos do futuro. Como se recusasse o diálogo, evitando as intenções que me levaram a desenhá-lo... (pp. 71-72).

Essa acronia 'pantemporal', por outro lado e desde o início, discorria subterraneamente pela obra de maneira indireta e indicial. A título de exemplo, podemos lembrar a abertura do romance que apresenta um «Prefácio do revisor», mas de um 'revisor' editorial muito interventivo e agressivo[167]. Esse revisor, ao interpelar a um autor do século XXI, deve ser situado na altura do processo de editoriação do livro como produto. No entanto, o expressivo teor para-machadiano do prefácio e a sua confissão da sua escassa compreensão da literatura moderna o instalam anacronicamente no contexto oitocentista.

Mais ainda: podemos ponderar também a função unificadora das distorções e deslocações que comporta o onipresente ludismo, os deslumbrantes jogos de engenho que, dirigidos ao leitor, atravessam o brilhantismo da, paradoxalmente, breve e concentrada, mas também grande e expandida obra. Limitada pela extensão desta intervenção, destacarei apenas um exemplo, agora do ilustrado final do livro. Trata-se do desenho de Rita Solieri de um macabro *ex-libris* atribuído ao Barão de Jururuba — inventado a partir do nome da enseada e bairro de Niterói — que reaparecerá na descrição de uma obra[168] do *Catálogo da Biblioteca do Excelentíssimo Senhor Marquês Umbelino Frisão*, compilado por Marco Lucchesi sob o pseudónimo de Doutor Lúcio Marchesi. Um trabalho lúdico que, como figura no colofão, é uma "mui judiciosa compilação dos livros do Marquês [que] remete ao ano de 1984, no intervalo das aulas da UFF, revista e atualizada em janeiro de 2017, para os festejos dos 300 anos do *De mysterio imbecillitatis* de Anselmus Fanarius e dos 72 anos da edição do clássico *Filosofia da litosfera*".

---

167 Um revisor que, critica o 'autor' e avisa também o 'leitor' das insuficiências de um livro 'atrapalhado': basicamente que o autor não sabe, assim como que "não entende sobre muita coisa" (p. 12), e que diz, por exemplo, o que se segue: "Descobre-se que o livro, que antes parecia um rio caudaloso, não passa de um logro, de um simples riacho, quase sem água. Tentei preveni-lo [o autor], mas sua vaidade não permitiu sequer uma troca de palavras. (...) Sinto saudades dos escritores antigos, dos que sabiam tecer uma narrativa densa e ao mesmo tempo ágil" (p. 13).

168 "43. LUBACK, Leovigild. *De voetfetisjisme: bekentenissen van een amateur.* Amstelodami: Uitgeverij van de Voeten van Vrouwen, 1991 // 20 x 14; ex libris do Barão de Jurujuba, índice onomástico, capitais ornamentadas, pequeno abismo favorecido por uma colônia de traças, varando o livro desde a capa, 140 pp", in *Catálogo da Biblioteca do Excelentíssimo Senhor Marquês Umbelino Frisão (*Doctor in Utroque Jure, Sátrapa do Larapistão, Grão-Mestre dos Incunábulos Imateriais, Pontífice da Imaculada Ordem das Traças, Intérprete da Filosofia Urânia), *compilado pelo Doutor Lúcio Marchesi (pseud. de Marco Lucchesi)*, Rio De Janeiro, Balur, 2017, p. 45.

O *ex-libris* do barão pode ilustrar ainda a explicação de outro processo funcional do romance: o dos implícitos ecos e harmónicos literários machadianos (e não só)[169] que, para qualquer *lletraferit*, produz uma leitura cúmplice. O encerramento do livro, em que "[a]borrecido com os detalhes da morte [de Inácio], o barão de Jururuba chegou ao fim da história, após seu *ex-libris* na última página deste livro e saiu da casa para tomar chá com seus amigos no Colombo" (p. 109), evoca numerosos momentos, não só pelo estilo, mas também pela 'displicente e significativa frieza' dalguns comportamentos, protagonizados pelos narradores-personagens machadianos.

Entre esses paralelismos, podemos lembrar o do conto «Mariana», publicado originalmente no *Jornal das Famílias*, em 1871, ano em que se promulgou a Lei do Ventre Livre. Na ambígua ficção, com o pano de fundo da batalha abolicionista, Coutinho conclui a triste narração aos amigos do "incidente" que finalmente levara à morte da (sua) escrava Mariana, apaixonada por ele. Imediatamente a seguir, a voz narrativa do seu amigo Macedo, recém-chegado de Europa e quem nos translada o relato do "incidente", evidencia a absoluta indiferença que podem representar as palavras que encerram o texto: "Mas daí a pouco saíamos pela Rua do Ouvidor fora, examinando os pés das damas que desciam dos carros, e fazendo a esse respeito mil reflexões mais ou menos engraçadas e oportunas. Duas horas de conversa tinha-nos restituído a mocidade"[170].

Em conclusão, ousarei assinalar as sete virtudes ficcionais que, tenho para mim, fazem com que o inteligente e excelente romance *O bibliotecário do Imperador*, por um lado, ultrapasse a inegável complexidade com o filtro de um prazeroso ludismo e, por outro lado, subjugue pelo sugerido *décor* local, contundente escrita poética e ímpar capacidade expressiva.

Passo a enumerar, portanto, essas virtudes, que, para uma mais completa compreensão e um maior prazer, alicerçam, como se deduz do até agora exposto, a exigência incontornável de uma muito atenta e lúdica — mesmo cultural e erudita — leitura: o *aggiornamento* da 'tradição da antitradição' dos narradores desconfiáveis; o seu compromisso com o património e a memória, tanto histórica quanto 'estórica'; a absorção, na estrutura textual do romance, da crise do indivíduo contemporâneo e de uma cómica e subtil reflexão sobre a identidade; a incorporação de certas caraterísticas da pós-modernidade em sentido restrito — isto é, a contingência e a incerteza, entendidas como natureza ética do texto, assim como a impossibilidade de uma identidade única, fixa e estável; o questionamento dos

---

169 Ou aqueles muitos outros referidos de maneira explícita, de que é exemplo o "capítulo do livro de Flora, de Émile Zola, que antecipa a morte de Inácio. O trem. O relógio. A insônia" (p. 52).

170 Cfr. Machado de Assis: «Mariana», *Contos de Machado de Assis*, vol. V, João Cezar de Castro Rocha (Org.), Rio de Janeiro, Record, 2008, p. 88.

conceitos de identidade e de alteridade; a emergência de narradores-protagonistas em crise e 'descentrados'; a construção de um artefacto literário baseado numa articulação conflituosa entre ficção e realidade, na escrita do problemático protagonista-investigador-escritor; e, por último, o irónico e refinado questionamento borgesiano das relações culturais, de diálogo e apropriação literárias.

Dito isto, gostaria de insistir, além de na incontornável consideração do meta-ficcional, na estratégica importância e na relevância arquitetural da indagação, indubitável motor, gerador e compactador, da amálgama de sinuosos fragmentos, estranhos mistérios e incertas verdades da realidade e da ficção desta *chef-d'œuvre*.

Com essa consideração de incomum excelência deveria, não sem esforço, concluir qualquer aplicada leitura de *O bibliotecário do Imperador*. Contudo, se me permitirem uma última analogia literária, retomando a epígrafe inicial, gostaria de sugerir que o pesquisador Lucchesi se corresponde com o romancista Marco Lucchesi, tal como o *commissario* Magrelli com o poeta Valerio Magrelli: estão em equivalência um com o outro como *ariosteschi e calviniani inquirenti*, pois, perante os enigmas que ambos, ora ficcional ora poeticamente, indagam, "[s]eria necessário um Astolfo, / para ir e encontra-los na lua ("[s]ervirebbe un Astolfo, / per andare a scovarli sulla luna"[171]).

Enfim, regressando ao ilhéu laputar, *vur akestäi dezakäi saiferi, adin zolid fid orend çirid işur, dar fur tavor mian ender kai kunz ne arivoşi*, isto é, 'nestas incertas páginas, teria sido oportuno um acurado estudo completo, mas a tanto não chegaram meu engenho e arte'.

Muito obrigada pela sua paciência e atenção.

[171] Versos finais do poema «XX (Che fine fanno i delitti impuniti?)» da obra *Il commissario Magrelli*, de Valerio Magrelli (Torino, Giulio Einuadi Editore, 2018).

DO INFINITO UNIVERSO DE MARCO LUCCHESI

Judite Maria Zamith-Cruz[172]

Mundos concatenados: realidade, ciência e literatura

A ficção permite que vivamos num mundo deveras alterado, em que se encontra um *ailleurs* ("em outro lugar") e a alteridade (o *outro* diferente de *mim*).

No século XXI, Marco Lucchesi trouxe-nos ao rumo incerto de exploradores e viajantes, outros atores e históricos conhecedores.

O mundo também passou a ser contingente. Encontra-se outro tempo, nem controlado, propício e "oportuno" (no grego, *kairós*, oposto a *cronos*).

Viveremos invariantes lutas agonísticas, ainda que a janela de observação seja progressivamente ampliada por cérebros, valores e sociedades. Experienciamos já o que do *mal* passe por interações na relação a contextos "descontrolados".

Encontram-se a precisar de ajuda muitas vidas. "Uma vida não vale uma outra". Essa era a expressão do existencialista Alberto Morávia[173], em quem aprendi a contrastar ação e pensamento, na formação em psicologia narrativa.

As órbitas ficcionais multiplicam os géneros que se mesclam com a vida.

Se na poesia é possível o isolamento, o romance encara pessoas e ocupa-se de pessoas-personagens.

O belo e o simbólico paracosmos

Começarei por reconhecer como um nome não seja somente uma condição de ser, dada a estranheza que tive ao ler o primeiro livro de Marco Lucchesi[174]. No caso, era o talento ou *dom* adquirido duma personagem-*pessoa*, *Ulisses*. O nome, o mito, Homero, a história do Brasil, encontrava-se num "espectro" de *O dom do crime*… As armadilhas da aparência eram a base de apoio invisível do "ser do ente". Pensei na epopeia de Ulisses e na expressão de

---

[172] Judite Maria Zamith Cruz é Professora Auxiliar, aposentada da Universidade do Minho – Portugal, onde trabalhou no Instituto de Educação, Departamento de Psicologia da Educação e Educação Especial, realizando investigação nos domínios da sobredotação, desenvolvimento, com formação em modelos clínicos experienciais, cognitivo-emocionais, na filosofia da mente e nas mais recentes neurociências.

[173] Morávia, Alberto e Elkann Alain. *Vida de Morávia*. Lisboa: Livros do Brasil, 1992, p. 126.

[174] Marco Lucchesi. *O dom do crime*. Santo André (SP): Rua do Sabão, 2020.

Parménides ("Aí se encontram as portas"), quando nos ofuscam pensadores "pré-socráticos" a desvendarem o não vislumbrado.

E fui procurar saber se alguém se chamaria Ulisses, no Brasil, cerca de 1900. Deparei ser aquele advogado o Conde Ulisses Viana, o narrador do crime.

Mas aquele *desagradável* senhor do livro não dominaria mais do que "uns poucos versos de Giacomo Leopardi", na transição do século XIX? *Ulisses*, acentuaria… talvez, "infinito…", do poema de Leopardi **(1798 — 1837).** Outro surpreendente fenómeno foi ter passado por um "morto-vivo", quando haveria demasiados fantasma e mitologias.

Quanto aos outros mundos ideais, tomei em atenção os "esqueletos vivos"[175], que são as belas criações, as obras eternas. No estranhamento, Marco Lucchesi fomenta o "inquietadoramente estranho" (*uncanny*), bem como o pensamento crítico e fá-lo-á com ironia.

Assim colocado, o belo, uma das mais complexas categorias filosóficas, implica, pois, sensibilidade a pistas do mundo literário, social e emocional, mas também cognição e educação. No escritor, acresce o seu modo de desenrolar uma profusão de teorias, mapas e *histórias do que não se vê*. Os significados linguísticos mudam-nos e mudam as realidades percetivas. Os seus leitores continuarão a desenvolver um manancial de pontos de vista, sejam estéticos, sejam metafísicos.

Na filosofia, no teatro ou na ciência novas fronteiras abalroadas, assim viveremos no "mundo autónomo das ideias"[176], ainda que sem o coração em "paz"[177], quando possuímos tensões antagónicas e crenças arreigadas.

No "infantil *paracosmos*"[178], tão "irreal" quanto o surrealismo, ainda se arrasta uma "marca" *má*. Na filosofia foram etiquetadas imagens mentais de "fantasmagorias" e, da psicologia ao senso comum, multiplicaram-se "loucuras". O poder da imaginação nem sempre foi aceite e, no ângulo do que não se vê, não se *vê* o abstraído belo, como não se veem aplicados os argumentos para o "bem-estar" de muitos. Lá longe, o mais negro caos[179] da humanidade povoa mundos reais. Mundos virtuais, literários e científicos, transcendemo-nos e pode parecer que educar seja a derradeira solução no incerto advir.

---

175 Marco Lucchesi. *Adeus, Pirandello*, Santo André (SP): Rua do Sabão, 2020, p. 26.
176 *Adeus, Pirandello*, p. 120.
177 *Idem*, p. 143.
178 Um *paracosmos* é um mundo imaginário detalhado na mente. A fantasia pode envolver humanos, animais e coisas reais ou incorporar entidades imaginárias, *aliens* e seres doutros mundos, numa geografia, história e estranha linguagem, sendo que a experiência de um paracosmos, desenvolvida na infância, possa durar meses ou anos.
179 *Adeus, Pirandello*, p. 76, p. 89.

Ao longo dos anos, interroguei-me e desenvolvi modelos na defesa duma "autonomia de ideias"[180], mas ateia-as a interações e à exigência de comunicação. Tendo-me interessado pelo que pouco conheço, da metafísica à cosmologia, também comecei por apreciar em Marco Lucchesi a exigência de a história não ser esquecida[181] e ganhar em ser contextualizada.

Antes de ler *Adeus Pirandello*, era-me desconhecido o valor conferido pelo autor a "notas" [182] e "erratas" perdidas. Foi quando encontrei novas "pistas"[183] sobre a sua metodologia científica, ampliadas anotações mínimas no formato e, enganando-me ou errando. Os limites são instáveis para o que digamos, pelo valor implícito das palavras, na expressão literária e na conotação pessoal.

Já no domínio do teatro à narrativa, o autor ter-se-á sentido grato pela "matrícula no entusiasmo da primeira juventude", lendo "páginas" de Pirandello[184]. Tornou-se novo e viável unir o teatro do teatro ao seu romance[185] histórico e ficcional.

Nós, seres humanos simbólicos, vivemos numa "pluralidade de mundos", desde o mundo imaginário dos deuses às mitologias. A arte e a ciência propiciam-nos a leitura e a escrita, por aproximações, progressivamente fundamentadas em factos (sociais) totais e em dados empíricos.

E interrogamo-nos mais: "mas como surgiu a ideia de infinito?"

Acredito que a realidade plural tenha tido origem no vestígio do texto de Epicuro (nascido, aproximadamente em 342 a.C.), dirigida ao remetente, um bom amigo, o discípulo historiador. A missiva incompleta, "Carta a Heródoto", ensaiava a abordagem a *tudo*, ao inóspito absoluto. Nesse fragmento de Epicuro, num brusco movimento de génio, Platão (aproximadamente, 427 – 347 a.C.) fez emergir o *outro mundo* – a metáfora da caverna. E em *Fedro* o espírito/mente já faria parte da natureza, em que se digladiara ordem e caos, no contrastado diálogo de oponentes. Não tardariam outras extrapoladas representações,

---

[180] *Idem*, p. 120.
[181] *Ibidem*, p. 39, p. 81.
[182] *Adeus, Pirandello*, sobre dúvidas na decidida morte de Mário Guerra (p. 48, p. 88, p. 102); na exigência de sabermos "escutar" (p. 49, p. 69) e ler "erratas" (p. 49); na posse que estejamos duma "lanterna" para analisar os factos sociais (p. 77); na capacidade de decisão (p. 88); e não sabendo tudo (p. 102); podermos ficar "sem palavras" (p. 107); viver no "mundo autónomo das ideias" (p. 120); viver com o coração em "paz" (p. 143); antes da nota dos factos exatos (p. 153).
[183] *Ibidem*, p. 156.
[184] *Ibidem,* p. 25.
[185] Li que Pirandello foi um homem de teatro, mais do que teria sido um grande escritor. No que cruzasse realidades vivificantes – eternidade, ilusões, história e ficção, temos a sua estranha personagem, num dado espaço e situação, onde *isso* se realize. Isso foi algo de hipotético, deixada a fenda entre "ser humano social" e "ser humano real". A literatura de Lucchesi irá dizer-nos mais, por vários ângulos da faceta pública e privada e da palavra: diz do romance histórico, diz do que seja até fora da literatura e chega a acentuar o modo como o diz. *Pirandello* real seria um homem "duvidoso". *Vida de Morávia*, pp. 268-269.

pensamentos ou ideias. Com Epicuro, enfim, ficava demarcada a exigência de base/fundamento, inclusive discutido o "vazio" (um nada, enquanto existimos).

Competências de síntese e abstração

Ao longo do desenvolvimento humano, aprendi a considerar o pensamento sincrético em criança "concreta" e, dessa forma didática, discrimina-se essa mescla de saberes, da análise e, no final dum estudo, coloca-se uma síntese.

No que prime pela escrita de síntese, Marco Lucchesi chega a remover símbolos concretos para nos colocar um legado imaterial e obra aberta. Quando "abstrair" signifique "remover", parece recolocar a seguir alusões do "figurado" objeto ou espaço. Aos meus olhos, efetua uma rápida menção a alguém, a uma figura emancipadora histórica ou um alusivo acontecimento. Utiliza então entidades abstratas de um extenso subterrâneo orgânico de seres sociais-reais, no que se me coloca a procura dum manancial de informações. No que desconheço, alio a imaginação/fantasia de qualquer leitor.

Um pensador da envergadura de Lucchesi assume uma postura dialética, num arco de significações plausíveis e implícitos enigmáticos.

Li repetidas vezes *Hinos matemáticos*, nova via de calibração de limites, pedindo ajuda a matemático, dito que o pensador coloque a margem instável entre "formas e números". Nas letras poéticas e nas matemáticas Lucchesi supera obstáculos entre fronteiras lógicas[186].

Penso que uma "ordem explicada" ou "desdobrada" das coisas é lógica e integre abstrações. Quando as entendemos[187], trocam-se com os nossos referenciais (a nossa pequena janela de observação, como que saída do telhado, uma metáfora de mansarda?).

A compreensão vem com a linguagem ainda assim sofisticada, com a ligação à intersubjetividade e diálogo[188]. Noutra ordem das coisas – a ordem implicada[189] - é o contrastante de mundos, tantas vezes por aceder ou inacessível.

Julgo ter compreendido que o escritor possa ter consubstanciado o tema dialético amor-ódio. Em *Adeus Pirandello*, saliento a brecha entre missivas de um ideal amor-perfeito, do ser que é real - o dramaturgo algo duvidoso, subtil e enganoso.

---

186 Todos temos argumentações lógicas, analógicas e paralógicas. Na linguagem oral, aprendi a dividir as palavras em diálogos lógicos, tangenciais e a "salada de palavras".
187 Bohm, David. *Wholenesse and implicate order*. London: Routledge, 1980.
188 Gadamer, Hans-Georg. *Truth and method* (2nd. revised ed.). New York: Crossroads, 1990.
189 *Wholenesse and implicate order*.

Talvez seja Pirandello (1867 – 1936) o escritor italiano ainda mais conhecido no estrangeiro. Essa foi uma realidade social que é opinável. Na minha opinião, terá vivido o amor *vazio* da atriz Marta Abba, com quem trocou uma correspondência por cartas.

É possível que especialistas e críticos literários tenham muitos argumentos e contactos com o homem e a obra, para que em Pirandello "um pai não fosse verdadeiramente um pai" (ou um drama de origem, em *Sei personaggi in cerca d'autore*). Li-o em Alberto Morávia[190]. Quem diz "pai", diz "profissional", ou seja, pessoa com muitos papéis familiares e sociais. Os papéis colidem com a pessoa real. Pergunte-se: Abba é quem foge de Pirandello[191]?

No capítulo *Ilusão*, lê-se o seguinte: "como se podem amar em camadas, vagas e oscilantes, dois corpos, que se afastam velozes, pequenos feixes de luz - intransitivos -, mais frios e impassíveis do que as estrelas fugidias?"[192]

Vivemos uma *desconfiança* ocidental de que nem sejamos "mestres do destino"[193]. Pirandello poderia escolher as suas personagens, apontando uma sociedade conservadora (o *oitocento*), em início de novo século. Lucchesi seleciona e discrimina, personalidades históricas e caracteriza as personagens ficcionais, no que seja dado ao leitor viver a ilusão duma faceta real ("alguém"), que é deveras subtil no *self* ("eu" mental e subjetivo).

A metáfora da mansarda: janelas cognitivas

No movimento de indefinidos ou infinitos olhares para alguém, a minha janela de observação – "mansarda" - veio a ampliar "sinais", a partir de dentro e de fora da matriz do autor. Lucchesi, como poucos, alcançará a perceção ampliada a outras mansardas, ilimitadas extensões de saberes e fantasias. Com os seus ritmos de escrita, coloca-nos várias dimensões de análise da obra e até parâmetros complexos e perspetivas inexplicáveis.

No que vai além do estudo que prefixa, podemos analisar a raiz da palavra, o radical, o tema, o significado da palavra, a relação entre reinos.

Penso no reino abstrato, no designado de *suprarracional* – um *sobreconsciente*[194]. Nesse universo total, nem se encontra o inconsciente, nem o consciente.

No Ocidente, herdámos um universo parcial. Dos gregos houve o inicial dissenso que se prolonga para a teoria dos números ou para uma leitura ampliada do genuíno caos.

---

190 *Vida de Morávia*, p. 268.
191 A fuga surge no modelo freudiano de "recalcamento", entre outras interpretações.
192 *Adeus, Pirandello*, p. 29.
193 Hayek, Friedrich. *Studies in philosophy, politics and economics*. Chicago: University of Chicago Press, 1967, p. 93.
194 *Studies in philosophy, politics and economics*, p. 45: sobre da "primazia do abstrato".

Nos primórdios dos tempos, a surpresa era desmedida com os irracionais[195] (transcendentes) - um efetivo caos na vida. Buscou-se ordem, regra e medida, "a" adequação. Nesse sentido, nem todas as vidas, no fundo, podem continuar a ser ditas de "erradas", quando seja salientado "algum fragmento, ainda que misterioso de ordem"[196].

Em *A espiral e os sonhos de meninos*[197], Marco Lucchesi salientara as "janelas cognitivas" que se nos abrem, além da matemática. O escritor interessa-se pela "analogia do ser[198], relação inversa da extensão[199] e da compreensão e de uma série de outras decorrências no campo da cosmologia, da metafísica e da teologia". Impõe-nos questões abstratas[200], algo cujo conhecimento nem é direto e concreto.

E quando o pensador diga que "o índice abstrato do humano supera o das personagens"[201]? Dobro o olhar para o real, entre a contradição social e real. Logo, tenho a mansarda da psicologia e a "evidência" de campo social. Mas saberemos alguma vez da distância do humano aos seus "amores suspensos"[202]? No vivido subjetivo, há os amores "perdidos"[203] e os amores "platónicos"[204], quando o enamoramento perdure em imaginação.

Todavia, no enamoramento e no amor, o que seja "universal" cristalizou demasiados dogmas e interdições, retrocessos e tabus.

Referenciais são como janelas de observação que herdámos, portanto, mas aprendemos e escolhemos uns ou outros. Albergamos crenças, modos de ver o mundo – ideias para "como o mundo funciona". No amor, mas não só, são múltiplas as realidades pessoais-sociais, em que ideias mudam com um custo enorme para condutas "desviantes".

Marco Lucchesi designou já de "fatia do real" à realidade[205]. Apreendemos partes de "fatias", quando olhemos duma janela como a da *minha casa*. Dali posso distinguir a realidade

---

195 Os números reais ou complexos são transcendentes se não forem algébricos, dito que não sejam raiz de nenhuma equação polinomial a coeficientes inteiros. Como não podem ser esses números escritos na forma de fração são irracionais.

196 A expressão "algum fragmento, ainda que misterioso de ordem" é um modo de falar sobre a vida, por parte do escritor italiano Alberto Morávia. *Vida de Morávia*, pp. 342-343.

197 Lucchesi, Marco. *Hinos matemáticos*, Rio de Janeiro: Dragão, 2015, p. 48. Na p. 23: "O imaginário {nuvem bosque pensamento} é o atalho cristalino da matemática".

198 *Hinos matemáticos*, p. 49: Deus e *outro* são enunciadas, na "busca [existencial]" e numa faceta "intelectual", no que a função semelhante é colocada entre "ser" e entidade.

199 Sobre essa relação inversa, se nos afastarmos do individual, alcançaremos dele menor compreensão.

200 Friedman, Maurice. *To deny our nothingness - contemporary images of man*. New York: Delacorte Press, 1967. Friedman, Maurice. *The hidden human image: A heartening answer to the dehumanizing threats of our age*. New York: Delacorte Press, 1974.

201 *Adeus Pirandello*, p. 156.

202 *Idem*, p. 136.

203 *Ibidem*, p. 14.

204 *Ibidem*, p. 50.

205 *Ibidem*, p. 9: "Se houver chance de atingirmos uma fatia do que chamamos pretensamente de real".

do real, na medida em que aquela seja sustentada na perceção subjetiva e fantasia criativa, havendo "mansardas" para o real, infinitamente mais amplas e abertas.

À fronteira permeável da realidade, como um referencial, teoria ou mapa concetual, designei de "mansarda", mas poderá ser uma "caixa" que temos para o mundo, lugar circunscrito no qual opera um espaço fenomenológico-existencial em que façamos interpolações sobre o "real".

Por conseguinte, um referencial abrange padrões conhecidos, formações educativas, influências, teorias e modelos/paradigmas.

O que mais me surpreendeu ao ler *Adeus, Pirandello*?

Erro e engano-me, quando leio um fragmento de *nada* e logo passo a outro, sem refletir.

Do que li em Marco Lucchesi, primeiro, tive o ensejo para sair fora de mim. No inspirador revolver de temáticas inusuais, recriei personagens, mas não só. Abri a fronteira do existir a outros e, entretanto, voltei ao clássico método científico.

Para o efeito, ampliei umas "notas" do livro de sibilino valor, *Adeus Pirandello*: "Prefiro o lugar das erratas [à fatia do real]: novos ângulos, cruzamentos". Numa das informações sucintas li um indecidível "acerto" ou "erro" e pensei no contrastado ensaio e erro repetitivo e no cognitivo *insight* (intuição), na dúvida metódica, na hesitação e ambivalência que me tolhem.

Passei a interrogar-me sobre a morte de uma pessoa-personagem, Mário Guerra. Matar-se será uma decisão pessoal[206]. Pode não ter vivido ou ido para outro lugar… Contrapõe-se ser e não ser. Morto é *não ser*, o "nada". Em "o ser do ser"[207], outro tipo de ser é o não limitado e eterno.

Um nomeado por Marco Lucchesi, bem audaz e que foi "apresentador" do universal? Transcendeu o seu tempo, indo *contra o vento* dum *outro*, o eterno. Encontro *Ulisses*[208].

---

[206] *Ibidem,* p. 48, p. 88, p. 102.
[207] Marco Lucchesi, *Marina*. Santo André (SP): Rua do Sabão, 2023, p. 62: "PS.: 'Potência de todas as potências, ato de todos os atos, vida de todas as vidas, alma de todas as almas, ser de todo o ser'".
[208] *O dom do crime*. O narrador omnipresente, *Ulisses*, representa o *outro* que enfrentou perigos e riscos do mar, explorando o mundo de Homero.

Giordano Bruno[209], Fontenelle[210], Newton[211] ou Pirandello foram outros visionários em mundos diversos e sem rumo certo. Como escritores, serão "navegadores" por caminhos sem guia e sem antecipação. A filosofia nem terá igualmente um só trilho, em Lucchesi.

As suas erratas exigem a aprendizagem de sabermos "escutar"[212] autores, factos históricos e documentados. Ao não deixar de ler as "erratas"[213] do autor, acendi a "lanterna" (como na visão de Pirandello).

Por conseguinte, analisam-se detalhadamente dados científicos em domínios que vão de factos pontuados a factos totais[214] (como na visão de Marcel Mauss). Nem sabemos tudo[215], nem aprendemos sempre bem do muito que ficou desatualizado. No espanto, chegaremos a ficar "sem palavras"[216], quando conte mais a surpresa do que o conhecimento prévio.

E no estranhamento, atingi a "nota" sobre a possibilidade dos factos serem exatos[217], no que o rigor seja explicitado por Lucchesi.

Para a "errata", o seu alerta iria para o erro cometido, no sentido de *mea culpa*, passada já por confissão e desejo de não mais pecar (por errar). Mas também "a errata perdeu o norte"... Quanto ficará por corrigir, perdidas as leituras de "notas" e "erratas"[218]. Sem as correções e os ajustamentos intersubjetivos, poderemos persistir no erro e na defesa de absolutas verdades.

Atraem-me as contradições e subtextos. Gosto de descobrir cifradas mensagens nas "entrelinhas", o que não elimina possíveis sombras e "névoas"[219]. Nessa obra de viagem de Pirandello, o autor alude às desatadas "rudes tempestades", decorrentes ou provocadas por "mágoa da distância" [220 entre pessoas] em presença.

---

[209] No final do século XVI, Bruno faria a viragem de pensamento que lhe custou a vida. O cientista voltaria a convocar a ideia de "pluralidade dos mundos habitados", em *De l'infinito universo et Mondi*. Com ele, o universo seria infinito e sem centro. O "pluralismo cósmico" implicou que os planetas pudessem ter vida própria, sendo que estrelas fossem deles muito distantes e cercadas pelos seus exoplanetas.

[210] De Fontenelle, Bernard le Bovier. *Entretiens sur la pluralité des mondes*. Paris: Hermann, 2017. O dramaturgo, ainda em 1686, ter-se-á visto a braços entre insólitas conjeturas doutras paragens: "Eis um universo tão imenso que estou perdido nele. // Não sei mais onde estou. // Eu simplesmente não sou nada. // O nosso mundo é assustador na sua insignificância."

[211] No caso de Newton (1642 – 1726/27), o seu génio terá feito avançar a ciência cerca de 200 anos. O isolado caminheiro fez o percurso infinito, para seguir um movimento retilíneo, homogéneo e uniforme. O mundo clássico permanecia, com Newton, formado de corpos a ocuparem posições bem definidas e únicas, sendo que tais corpos fossem maciços.

[212] *Adeus, Pirandello*, p. 49, p. 69.

[213] *Idem*, p. 49.

[214] *Ibidem*, p. 77.

[215] *Ibidem*, p. 102.

[216] *Ibidem*, p. 107.

[217] *Ibidem*, p. 153.

[218] *Adeus, Pirandello* alude o seguinte: "a errata perdeu o norte" (p. 10); e a "ampliar o valor das notas" (p. 69).

[219] *Idem*, p. 16.

[220] *Ibidem*, p. 135.

Nova incerteza: no "campo incerto de gravitação [amorosa]"[221], a questão da intimidade/proximidade afigura-se bem furtiva e "platónica"[222]. Tendo a passar aos meus referenciais e ao limite constatado certo: na teoria geral newtoniana, a atração emocional diminui pela distância dos corpos. Localizo o século XVII e Newton (1643 – 1727). O génio explicaria a causa determinista de movimentos, anteriormente fenómenos inexatos[223] e avançou com a clássica lei da gravitação universal.

Enlaçados fundamentos científicos e históricos com ilusões e ficções, o grande escritor coloca até mesmo *tudo em tudo*, ao salientar a exigência de *dúvida metódica*[224] sobre mundos, mundos-mosaicos[225] indefinidos. Um mundo alternativo é ainda um *mundo possível*, mesmo raro, nos reinos de *boas* possibilidades. Infelizmente, em geral, não é o "caso". Um *mundo possível* será "qualquer estado de coisas que poderia ser o caso"[226], quando sempre houve quem fosse revirar o *pré-mundo*. O "golpe" de genialidade? Franceses partiram da literatura: "fórmula de *tontons fringueurs*"[227]. Indica o audacioso, o porte da pessoa que, num golpe de génio, vá contra o "meta-universo" e adiante o passo e a visão consensualizada do seu tempo.

O que surtiu efeito doutra representação ocidental de algo *fora duma caverna*?

Acima do (in)consciente: a primazia do abstrato

Sentimos o impacto da distância ao conhecimento tradicional ou clássico de ciências cognitivas. Todavia, no domínio cognitivo, o século XX abriu uma janela inovadora com o pensamento de um conservador economista, cuja inteligência foi brilhante na psicologia. Friedrich Hayek abordava vários campos de estudo e usava o "suprarracional" e a teoria da "primazia do abstrato"[228]. A abstração, com localização cerebral dispersa, seria capaz de suplantar a riqueza da experiência e da sensação. Uma faceta "suprarracional" da mente vinha

---

221 *Ibidem*, p. 134: Marta Abba, alguém no "ocaso indeciso ... povoada das almas penadas de Pirandello"... Na p. 36: Pirandello é "satélite de e Marta, num campo incerto de gravitação".
222 *Ibidem*, p. 50: o tocante amor, imutável e a eternidade, pejada de imagens de perfeição.
223 Há muito que se constatava no firmamento/céu que havia um movimento dos corpos celestes, numa trajetória eterna e circular. Ignorava-se, sem uma explicação exata, que os objetos caem, se forem soltos de uma certa altura, a partir do solo.
224 *Ibidem*, p. 102, na incerteza de Descartes, de Mário Guerra ou de Pirandello.
225 *Ibidem*, p. 78. Mosaico, no grego, foi "obra de musa". Deixou a analogia a pessoa, personagem, astro ou cidade, quando precisemos duma nova ontologia ("que há ali") e duma nova epistemologia ("como sabes desvelar o mundo").
226 Hankinson, Jim. *O especialista instantâneo em filosofia*. Tradução de Desidério Murcho. Lisboa: Gradiva, 1996, p. 74.
227 Um romance intitulado *Grisbi or not grisbi*, publicado em 1955, escrito por Albert Simonin. A comédia francesa, em 1963, teve o título *Les Tontons Flingueurs*, na realização de Georges Lautner.
228 *Studies in philosophy, politics and economics*, 1967.

a qualificar, portanto, o significante reino de infinitas cognições e emoções. Nesse gerador duma "soma da distância"[229] enquadraria um "cânone cerebral" para o não concreto e inesperado e surpreendente.

Acresce que o que nos transcenda na *leitura* daquela época afasta-se da revalorizada "informação". Donde ser urgente que o processo cognitivo-emocional de transferência de conhecimento da pessoa particular chegue em tempo a outras. Como leitores de Marco Lucchesi, podemos alcançar uma extensa informação e congratularmo-nos com a abertura à compreensão e ao significado e sentido.

Acresce que, para o enfoque transdisciplinar, seja a dificuldade maior em relação a consensos, quando nem o alcancem outros antigos e isolados: o *evolucionismo* de Darwin[230], os "mundos paralelos" de Hugh Everett (1930-1982), a computação de Alan Turing (1912 — 1954) ou a epistemologia e os "três mundos" de Karl Popper.

Portanto, dominam as imagens humanas explícitas, mecânicas e computacionais. Descartadas essas matrizes, no pensador Lucchesi encontram-se imagens de segunda ordem – uma ordem do sensível e a regra *sobreconsciente*"[231]: duas facetas duma mesma moeda. Há o que se encontre além e acima da consciência. O *acima* do que determinam as "qualidades" sensoriais e as perceções externas implica nem sempre ser observado o roteiro inverso[232].

Acresce dizer que entidades esquemáticas são letras maiúsculas e números. Nos irracionais[233], a mente do escritor pode ter dado aquele salto cognitivo que escapa a toda a articulação lógica, racional e consciente. Para captar *isso*, Marco Lucchesi utiliza inúmeras mansardas.

Utilizarei outra metáfora visual, no que vi geometrizado para a perspetiva linear. O que se passou foi impor-se-me a sugestiva escultura da britânica Barbara Hepworth (1903 – 1975), com funções incógnitas e relacionados elementos radiais.

---

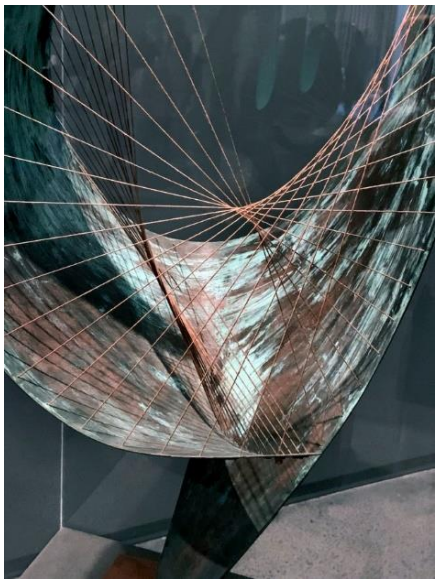
229 *Ibidem*, p. 36.

230 A seleção natural trouxe a inovadora ideia de que espécies descendem umas das outras, com comum antepassado.

231 *Studies in philosophy, politics and economics*, p. 45: da "primazia do abstrato".

232 Sempre se tende para o movimento contrário, quando seja dada primazia ao externo ao cérebro, alcançado por via sensorial e experiencial.

233 Um número irracional não pode ser expresso como uma função de dois outros.



Escultura de Barbara Hepworth.
Fonte: https://artblart.com/tag/barbara-hepworth-sculpture-with-colour-and-strings/

Nessa abstração, encontro afinal o furo que desengancha, o que tem pontas enroscadas, irradiantes para fora, musicais e que chegam a criar tensão cá dentro. Da obra do pensador e historiador, deparo com totalidades em que as extremidades possam ficar atadas a ciciantes palavras, na "defesa da audição"[234]. Será preciso observar, olhar e escutar atentamente.

Em síntese, na escuta atenta do belo e do sensível e da leitura da lúcida e poética obra de Marco Lucchesi, será que retirei os "ruídos que desaceleram"[235]. Intentei criar outras relações nos "cruzamentos" de arte e ciência. Tive o intuito de imprimir velocidade às "erratas"[236], mas cheguei a parar. Refiz o texto, mostrando "novos ângulos" de leitura do rolar dos mundos do autor, que nos façam refletir e sentir.

---

234 *Adeus, Pirandello*, p. 9.
235 *Ibidem*, p. 9.
236 *Ibidem*, p. 9.

DIMENSÕES DE TRADUÇÃO DA NOVELA *MARINA* DE MARCO LUCCHESI

Wang Xiaoyue [237]

Recebam, todos os presentes, meus sinceros cumprimentos neste momento tão importante. Ou seja, o Primeiro Colóquio Internacional sobre o grande escritor brasileiro Marco Lucchesi. Agradeço, em primeiro lugar, ao Marco Lucchesi pela oportunidade. Agradeço ao professor Federico Bertolazzi e à professora Ana Maria Haddad pelo convite para participar deste evento que, seguramente, deverá se repetir ao longo dos anos e do tempo.

Creio que todos os presentes sabem que diversas obras de Marco Lucchesi, tanto ensaios, como poesias, romances e outras tipologias textuais de sua autoria, já foram traduzidos para mais de 20 idiomas.

A mim coube, para minha grande felicidade, traduzir a novela epistolar *Marina*, lançada em junho de 2023, pela Editora Rua do Sabão de Santo André, São Paulo. Gostaria, neste momento, de colocar algumas situações que vivi durante o processo de tradução de *Marina*. Do português para o chinês.

Li Marina diversas vezes. Faço questão de destacar que a cada leitura de *Marina* a mim parecia estar lendo um livro novo. Cada vez que o reli senti sensações diferentes. É uma grande honra ter a oportunidade de ser a tradutora deste livro. No momento em que recebi o convite para traduzi-lo, não imaginava que o trabalho fosse me custar tanto tempo. Tradutora por quase 10 anos, penso que sou uma tradutora experiente, e um livro como *Marina,* quantitativamente breve, não seria um processo muito intenso.

No entanto, quando comecei o trabalho, notei que desta vez seria diferente. No início, planejava ler e traduzir ao mesmo tempo, mas logo depois disso, "esqueci" do trabalho de tradução e passei a ler com toda a atenção. A tradução por si mesma estava me atrapalhando. Eu queria aprofundar no livro. Apreciar as palavras, frases e ideias, voando juntamente com

[237] Graduou-se na Universidade de Estudos Internacionais de Jilin da China, mestrado na Universidade do Minho de Portugal. Professora de português da Universidade de Estudos Internacionais de Zhejiang desde 2016. Tem publicado vários artigos e relatórios sobre o ensino de português e sobre os estudos dos países de língua portuguesa, em especial, do Brasil. Tradutora com mais de 10 anos de experiência, tanto escrito como oral. Em 2023 traduziu o livro *Marina* do Marco Lucchesi. Tem uma paixão bem profunda pelo Brasil e a língua portuguesa.

os pensamentos de Marco Lucchesi. Apesar de saber que não estivesse entendendo tudo no momento, era uma experiência fantástica!

O autor escreve coisas, pelas cartas, sobre nosso cotidiano de uma forma que nunca imaginei. Isso me causou uma surpresa agradável! E quando terminei a leitura do livro, exatamente como a escritora Ana Miranda escreveu no posfácio, me senti de volta ao chão. O autor me levou para uma viagem, em que encontrei amor, infância, família, felicidade e eternidade. Senti-me semelhante à Alice. Entrei num país de maravilhas.

Voltando à tradução do livro, fiquei bem animada, queria traduzir o livro para que mais pessoas pudessem ler e experimentar esse universo que o autor nos criou. Quando comecei a ler o livro pela segunda vez, e desta vez, embora soubesse o final da história, percebi que estava lendo um livro novo. Havia muitas coisas que não entendia ou nem notei pela primeira vez.

Apesar da aparente brevidade de *Marina,* existe uma densidade textual onde, inclusive, transitam músicas, quadros, personagens de obras. Este livro é mais de um livro. Contém, em si mesmo, uma porção de obras fantásticas. Senti, acima de tudo, uma grande responsabilidade como tradutora. Ou seja, a ponte entre o autor e os leitores e a necessidade de transmitir o melhor possível as expressões e imagens do livro de língua portuguesa para a língua chinesa.

Assim, durante o processo de tradução, li o livro como um desafio de compreendê-lo em sua essência. Para traduzi-lo em chinês, houve muitas vezes em que eu estava apenas decodificando as palavras. Mas mesmo em tais momentos, passei a entender melhor a palavra "labirinto", que encontrei muitas vezes nos ensaios de crítica literária sobre Marco Lucchesi, e cada vez que eu conseguia compreendê-lo melhor, ficava muito feliz e alegre.

O processo de leitura foi semelhante ao de um problema matemático. Eu era fraca e não tinha nenhum interesse em matemática quando estava na escola secundária. No entanto, desta vez, senti muita felicidade no momento de encontrar soluções. Sinto-me satisfeita por dominar a língua portuguesa. Com isso, pude ler *Marina* e atravessar um universo labiríntico para transmitir aos chineses.

Destaco, entre tantas outras coisas do livro, os trechos em que Marco Lucchesi nos fala de crepúsculo, de pedras, de infância, de árvores. As imagens e expressões dele me deixaram

muita surpresa. Vejo que apesar das diferenças de língua e cultura, entre o Brasil e China, temos as mesmas sensações perante o mundo, o que é fundamental para a comunicação entre os países e um dos principais critérios de universalidade que marcaram as literaturas grandiosas, como é o caso de Marco Lucchesi.

Tenho estudado português por quase quinze anos, trabalhando como professora e tradutora de português, mas nunca fiz um estudo específico sobre literatura. No entanto, no processo de tradução de *Marina*, ao analisar o livro e o autor, agora existe uma raiz de literatura no meu coração.

Encontrei beleza e profundidade em Marco Lucchesi. Sinto-me honrada em deixar os leitores chineses conhecerem este grande autor e a sua obra. Seguramente, a tradução não está perfeita. Penso que, como todas as traduções e as grandes obras artísticas e literárias, se trata de um trabalho inacabado.

MARCO LUCCHESI, ESCRITOR ENTRE LÍNGUAS E CULTURAS

Andreia Guerini [238]

Marco Lucchesi vive entre línguas e culturas e essa relação é inerente à sua existência. Não por acaso, Walter Carlos Costa, ao descrever o perfil desse intelectual ítalo-brasileiro, diz "três traços parecem definir o Marco Lucchesi intelectual: paixão por tudo o que é artístico e literário, ilimitada curiosidade por línguas de todos os tempos e lugares, e interesse por uma miríade de disciplinas" (2017, p. 7).

Para este texto, vou me concentrar em apenas um dos traços, embora os três estejam intimamente interconectados, ou seja, me limito a destacar a "[...] ilimitada curiosidade (de Marco Lucchesi) por línguas de todos os tempos e lugares".

Essa ilimitada curiosidade por línguas de todos os tempos e lugares aparece em muitos momentos da biografia do autor e é descrita por ele próprio quando, por exemplo, no livro *Palavra de escritor-tradutor*, ao contar e (re)criar as suas "memórias", ele diz: "Minhas raízes afundam na Toscana. Dali se origina minha família" (2017, p. 25). Essa família migrou para o Brasil, e Marco Lucchesi nasceu em dezembro de 1963, "em Copacabana, sem irmãos. Sua primeira língua foi o italiano, em casa, junto com o português" (2017, p. 25).

Nascer bilíngue, segundo Marco Lucchesi,

> não significa conhecer duas línguas, mas ser habitado por ambas, significa pertencer a duas casas, a alçadas complementares e contrárias, com a percepção do significante que antecede a expressão, o amplo vestuário para um mesmo significado e os alfaiates lexicais sem férias nem remuneração. [...]. (2017, p. 28).

---

[238] Andréia Guerini é professora titular de Estudos Literários e Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tem doutorado em Literatura sobre Giacomo Leopardi, que resultou no livro *Gênero e tradução no* Zibaldone *de Leopardi*, publicado pela Editora da USP. Coordena a tradução para o português do *Zibaldone di Pensieri* de Leopardi. Foi professora visitante na Università degli Studi di Padova (2009-2010) e na Universidade de Coimbra (2017-2018). Desde 2002, é editora-chefe da revista *Cadernos de Tradução* e, a partir de 2024, é curadora da *Revista Machado de Assis - Literatura Brasileira em Tradução,* da Biblioteca Nacional. Foi coordenadora em diferentes gestões da PGET (Pós-Graduação em Estudos da Tradução) da UFSC. Coordena diferentes projetos de pesquisa, envolvendo diversas universidades nacionais de várias regiões do país e estrangeiras. Publicou extensamente, em livros e periódicos especializados, literatura italiana, literatura comparada, literatura brasileira traduzida e estudos da tradução. Nos últimos anos, tem se dedicado a pesquisar a recepção de literaturas de língua portuguesa em diferentes sistemas culturais. É pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Conhecer duas línguas, ser habitado por elas que são complementares e contrárias, toca diretamente às culturas e às suas especificidades e às suas diferenças. E esse conhecer línguas vai se expandir para muitas outras línguas/culturas, como veremos, embora a língua materna, ou, no caso, as línguas maternas (italiano e português) sejam as línguas primeiras do afeto do seu mundo interior, conforme poeticamente descrito nos primeiros parágrafos do discurso de posse de Marco Lucchesi na Academia Brasileira de Letras em 2011 e que transcrevo abaixo:

> [...] sou um brasileiro recente. Nasci anfíbio. Tenho duas línguas e dois corações. Metade adesão. Metade abandono. Trégua feroz. E surda guerra. Um solo a duas vozes. O violino e o contrabaixo. E já não sei qual dessas vozes melhor me pronuncia. Um verso de Luzi e outro de Drummond. O Maracatu de Mignone e os crisântemos de Puccini.
>
> Duas pátrias e duas línguas.
>
> A primeira veio dos olhos castanho-claros de minha mãe, onde sorvi a língua toscana: a melodia sinuosa das colinas que impedem que os de Lucca vejam os de Pisa, como disse Dante; o aroma puríssimo do azeite das terras de Massarosa e o céu em chamas, à beira do crepúsculo; verbos e palavras antigas (…); a altura das vogais, como a da torre da igreja de Pieve a Elici, onde me perco num sonho de ascensão. Minha memória absorve passagens da *Divina Comédia*, como a de Paolo e Francesca [...] A outra língua é a portuguesa, a que aprendi a amar duas vezes, como brasileiro e filho de italianos. Língua de matriz antiga, de ínvios mares e sertões bravios, do Esmeraldo de *situ orbis*; subúrbios da Leopoldina e praias antigas, como Icaraí, Adão e Eva, Jurujuba; língua de nações indígenas e africanas; língua de Vieira, contra as armas de Holanda; do magma de Guimarães Rosa; das tempestades que varrem a obra de Clarice; do abismo em que flutua o delírio de Brás Cubas. Todos repercutem em meu destino de escritor. (https://www.academia.org.br/academicos/marco-lucchesi/discurso-de-posse).

Essa relação com as duas línguas foi ainda metaforicamente recriada por Marco Lucchesi, a partir daquilo que ele chamou de um processo tradutório de um fragmento de Trakl:

> O rio-palavra e as águas claras do pensamento
> Duas línguas e suas asas:
> A antiga e entressonhada Babel e a nova entretecida Sião
> E o mesmo rio-palavra respira essas distâncias: as lágrimas de Camões e a brisa dos Sertões (água escrita de terra!)
> O abismo e a vertigem do riso e do socorro…
> O verbo celeste
> E o rosto inascido…
> Água para o teu fundo semântico jardim,
> onde brilha a Rosa Uardi…

> Um Céu e duas pátrias
> Um Céu em que florescem estrelas novas. (2017, p. 91)

Desse bilinguismo, o mundo de Marco Lucchesi vai se expandindo para outras línguas e culturas, contato que vai sendo construído ao longo da infância e, concretamente, a partir da primeira viagem à Itália, que aconteceu em 1974, quando Marco tinha 11 anos. Essa viagem desencadeia, como Marco Lucchesi relata, "uma revolução copernicana" (2017, p. 29), dele para ele mesmo. E essa revolução acontece pelo impacto da "História, da Idade Média, do Renascimento" (2017, p. 29).

Essa conexão cultural ampliada para e pela História renasce em Marco Lucchesi e lhe mostra que a História tem uma potência "[...] de uma língua mil vezes maior que o léxico familiar" (2017, p. 29).

Assim, a ilimitada curiosidade pelas línguas e culturas vai se materializando não apenas pelo viés da História, curso que mais tarde frequenta na Universidade Federal Fluminense, mas também pelo viés da literatura e pelo contínuo estudo das línguas.

As portas das línguas/culturas, da(s) história(s), vão direcionando e "(des) orientando" Marco Lucchesi ao mundo da literatura, da escrita literária. Aliás, a sua relação com a história teve implicações na "forma de ler e traduzir o mundo, para além das traduções em paralelo que começava a realizar com maior disciplina" (2017, p. 34), já nos anos de graduação.

Aos 21 anos, Marco conhece o poeta da "Máquina do Mundo", a quem diz dever "[...] o estímulo a escrever os seus versos e a prosseguir os estudos sobre Dante e as traduções de Hölderlin" (2017, p. 32).

Esse mundo da literatura, que envolve leitura, criação, crítica, tradução, e estudo contínuo dos grandes nomes da literatura mundial, mas também da filosofia, da teologia, da música, da matemática, da geometria, foram alimentando a sua ilimitada curiosidade e ampliando o seu mundo linguístico-cultural e o seu prodigioso talento.

E assim como Leopardi, nos seus anos de "studio matto e disperatissimo", Marco Lucchesi leu "com método e voracidade", e foi se formando por/em uma biblioteca enorme, dividida entre as suas duas casas, no Brasil e na Itália.

Nessa "divisão", ou nesse estar "entre", acontece, aos 24 anos, uma crise de identidade (2017, p. 39), que foi abrandada pela doutora Nise da Silveira (2017, p. 40), conforme relata Marco Lucchesi "[...] O encontro com Nise da Silveira foi um acontecimento que me levou a meditar sobre os obscuros caminhos interiores, aqueles que levam ao secreto manancial das criaturas, além da superfície e do rumor das coisas.[...]". Esse contato ainda lhe abriu as portas para o

estudo da alquimia. E a alquimia será uma das chaves para esse colecionador de línguas pensar/refletir sobre a tradução (2017, p. 99).

A ilimitada curiosidade por línguas e culturas, e por "tudo", em sua demanda enciclopédica, o fez ser autodidata, como Leopardi, em diferentes matérias/disciplinas, e, naturalmente, em mais de 20 línguas.

O bilinguismo inicial de Marco Lucchesi foi habitado pelos "fantasmas" da sua nau peregrina e foi também o ponto para encontrar uma terceira língua/morada, o romeno, e ainda para entrar no mundo de Babel, assim recordado por ele:

> Meu interesse inegociável pelas ruínas da Torre, desde a infância, aumentou com o aparelho de ondas curta RCA que ganhei de presente, através do qual sintonizava as mais estranhas estações do globo, aos dez, onze anos de idade. Foi como abrir-se a uma nova dimensão. (2017, p. 56)

Então, já aos 12 anos, além do piano, começa a estudar francês, alemão, russo, e o esperanto que antecede essas outras línguas, pois de acordo com Marco "[...] ninguém domina um idioma". E continua "Ao atingir-se razoável intimidade com uma língua estudada, passa-se para o seu domínio". Por isso, diz ele, "trago comigo mais de vinte domínios ou vinte fantasmas. Casas vazias, casas habitadas" (2017, p. 57).

O fato é que as diferentes línguas proporcionaram várias conversões, como talvez as de Leopardi, e abriram para Marco Lucchesi "horizontes sonoros, às vezes duros, como o árabe, escuros como o turco e sinuosos como persa" (2017, p. 58). Outras línguas foram sendo adicionadas, mas também ele foi se conduzindo para outras línguas antigas, e, mais recentemente, para o Nheengatu (tupi-moderno).

Por isso, não causa estranheza o fato de Marco Lucchesi, na sua atual gestão como diretor da Biblioteca Nacional, ter "incentivado e apoiado" a tradução da Constituição da República Federativa do Brasil para o Nheengatu, iniciativa histórica da ministra Rosa Weber. Aliás, deve-se destacar o fato de Marco Lucchesi, junto com outros pesquisadores de línguas indígenas, como José Ribamar Bessa Freire, Luis Geraldo Sant'Ana Lanfredi, Andréa Jane Silva de Medeiros e Luanna Marley, ter coordenado a tradução desta edição, que se encontra disponível em: https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/ConstituicaoNheengatu_WEB1.pdf.

Mutatis mutandis, poderíamos aqui comparar o nosso homenageado com um personagem ilustre da história do Brasil, o imperador D. Pedro II (1825-1891), que viveu entre diferentes línguas, tendo atuado como tradutor e patrocinador das artes, literaturas e ciência. Era um

conhecedor de diferentes idiomas, como o árabe, sânscrito, hebraico, siríaco, grego, latim, francês, além de línguas indígenas como o tupi (incentivou o uso da língua tupi nas escolas) e o guarani, o que indica sua valorização da heterogeneidade e da diversidade dentro e fora do seu próprio país.

O multilinguismo e o multiculturalismo de Marco Lucchesi serve para conhecer o mundo, serve para formar a sua imensa biblioteca, de mais de 100 mil livros, mas também serve para ajudar a comunicar com aqueles a quem ele chama de "órfãos da língua-mãe", como os prisioneiros e refugiados, "que é a língua que nos abastece de futuro e de passado" (2017, p. 61-2), ou ainda a sua ilimitada curiosidade por línguas de todos os tempos e lugares o faz refletir sobre elas, já que "cada língua tem as suas propriedades [...] cada língua é um fenômeno, um sistema irredutível, uma gravidade absoluta" (2017, p. 68), e/ou a refletir sobre tradução, pois como sugere Marco Lucchesi "cada língua forma um sistema que constitui o que se poderia chamar de 'condição poliglota', como se houvesse várias línguas dentro de uma única língua" (2017, p. 75).

Não satisfeito com esse trânsito entre diferentes línguas e culturas, e ao procurar "no sabor das outras línguas /o verbo escuro de tamanha ausência" (2017, p. 86), em 2015, Marco Lucchesi publica, "como uma verdadeira necessidade" (2017, p. 68), o livro *Rudimentos da língua laputar: proposta patafísica*. Na apresentação desse livro, ele diz:

> Foi árduo o trabalho de recuperar os documentos antigos, que abordavam, embora de modo fragmentado, a estranha língua praticada pelos míticos habitantes da ilha de Laputa.
>
> Trata-se de uma língua perdida, que procurei, como paciente e desesperado arqueólogo, trazer de volta a nossos dias, na medida de minhas forças, apesar dos inúmeros entraves criados pela mistificação do livro *Gulliver's Travels*.
>
> Sou o primeiro a reconhecer-lhe a insuficiência, baseada num forte conjunto de lacunas. E, no entanto, orgulho-me de haver fixado certos pontos da sintaxe e da morfologia laputar. A que se soma um breve glossário extraído de documentos incertos e disparatados.
>
> Teria sido oportuno um acurado estudo etimológico, mas a tanto não chegaram meu engenho e arte. (2015, p. 5)

Neste livro, Marco Lucchesi inventa um sistema linguístico, exercitando a sua liberdade, demonstrando o seu amor pelas línguas e culturas, matéria-prima da sua literatura, até porque uma língua/cultura sempre pode se complementar e se somar a outras e é a forma de valorizar o campo da alteridade, e também: "A beleza do Rosto. A luz dos olhos. O seio da hospitalidade" (2017, p. 109).

Marco Lucchesi parece seguir os passos de Leopardi, quando, no fragmento 95 do seu *Zibaldone di pensieri*, diz:

> Dominar várias línguas traz uma maior facilidade e clareza para pensar consigo mesmo, porque nós [95] pensamos falando. Ora, nenhuma língua tem tantas palavras e modos para corresponder a todas as infinitas particularidades do pensamento e exprimi-las. Dominar várias línguas e poder, em consequência, exprimir em uma o que não se pode exprimir em outra, ou ao menos tão apropriadamente ou concisamente, ou o que não nos vem tão logo à mente para exprimir em uma outra língua nos dá uma maior facilidade para explicar a nós mesmos e para entender a nós mesmos, aplicando a palavra à ideia que, sem essa aplicação, ficaria muito confusa na nossa mente. Encontrada a palavra em qualquer língua, visto que sabemos seu significado claro e já conhecido pelo uso de outrem, assim a nossa ideia torna-se clara e estável e consistente e permanece bem definida e fixa na mente, e bem determinada e circunscrita. Algo que eu experimentei muitas vezes, e que se vê nesses mesmos pensamentos escritos ao correr da pena, onde fixei as minhas ideias com palavras gregas, francesas, latinas, segundo me respondiam mais precisamente, e me ocorriam mais rapidamente. Visto que uma ideia, sem palavra ou modo de exprimi-la, foge ou vaga em nosso pensamento como indefinida e mal conhecida por nós mesmos que a concebemos, com a palavra ganha corpo e quase uma forma visível e sensível e circunscrita.

Conhecer diferentes línguas, para esse escritor entre culturas, é uma verdadeira necessidade que serve para aproximar os seus afetos e endereços multiplicados em semblantes e páginas (2017, p. 68) e, como Leopardi, poder exprimir/expressar/dizer em uma língua o que não se pode exprimir/expressar/dizer em outra.

Para finalizar, mas à guisa de continuação, o estar entre línguas/culturas para o poeta Marco Lucchesi não é um caso psiquiátrico, como ironicamente o nosso homenageado responde ao ser perguntado por Christina Queiroz, em entrevista publicada na revista Fapesp em novembro de 2023, se era verdade que ele fala 22 línguas, mas sim um caso de amor, de sensibilidade, e mesmo de "audácia", como ele mesmo afirma, um desejo de comunicar com outras pessoas, de abrir espaços de diálogo, em uma agenda multilíngue, que incline à cultura do encontro e da hospitalidade, pois a "intenção" ou melhor a vontade, me parece, é abolir as barreiras da comunicação, é ampliar as fronteiras, é alongar horizontalmente a torre, e o movimento que parece sintetizar esse escritor entre línguas e culturas, esse rio-babel, está ou parece estar em um axioma de sua autoria: "Aprender uma língua para depois desaprendê-la. Erguer uma casa, desde as fundações, pra bem mais tarde desabitá-la. Do texto de partida ao de chegada: transumância verbal" (2017, p. 95).

Referências

Guerini, Andréia; Simoni, Karine, Costa, Walter Carlos (Org.). Palavra de escritor-tradutor: Marco Lucchesi. Florianópolis: Escritório do Livro, 2017.

Leopardi, Giacomo. *Zibaldone de pensamentos*. In Guerini, Andreia (Org.) https://zibaldone.cce.ufsc.br/obra/index.php.

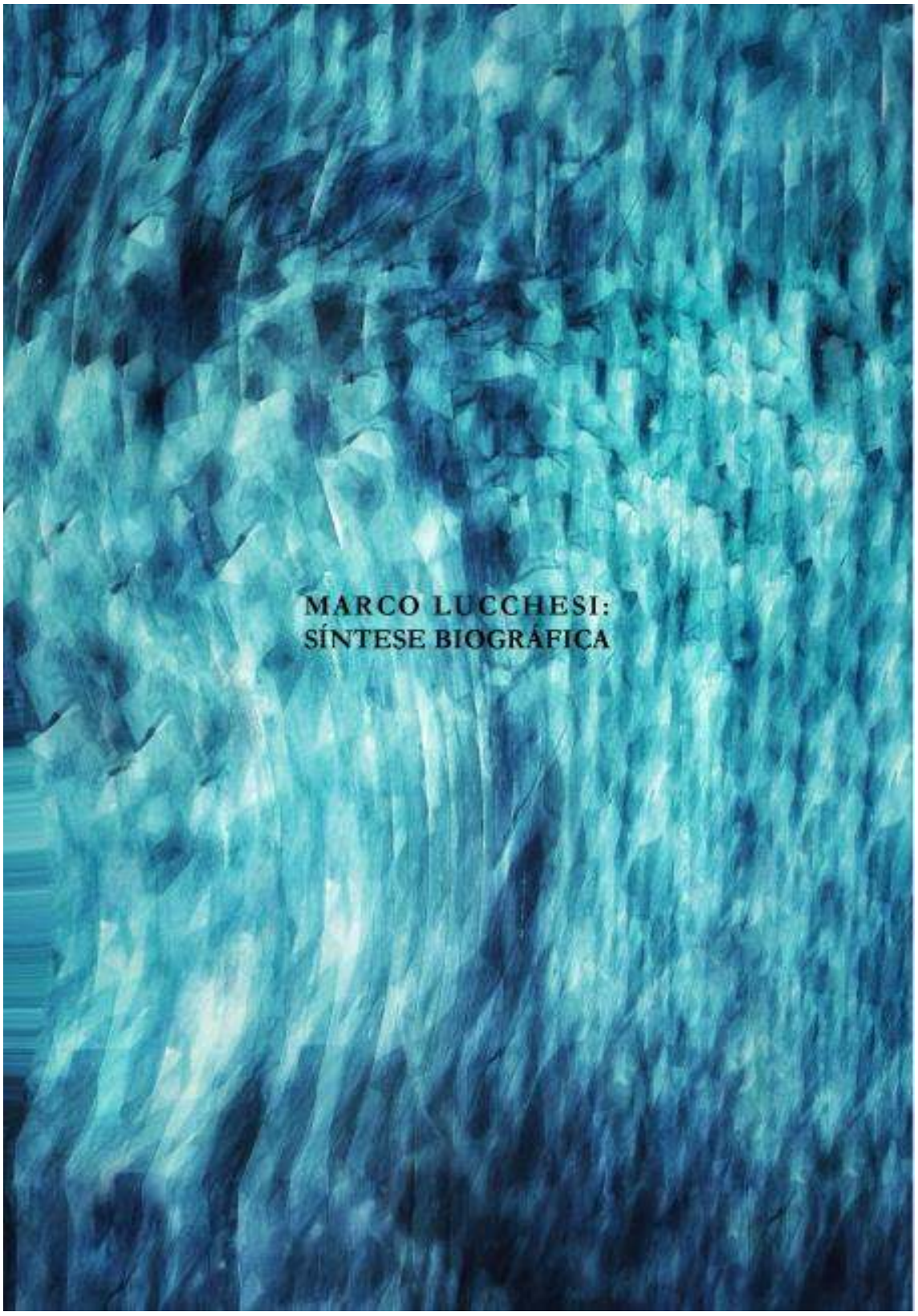
Lucchesi, Marco. "Direitos Linguísticos". In *Carteiro Imaterial.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2016, p. 26-31.

Lucchesi, Marco. *Rudimentos da Língua Laputar: proposta patafísica*. Rio de Janeiro: Dragão, 2015.

Queiroz, Christina. "Marco Lucchesi: o poeta de fronteiras". In https://revistapesquisa.fapesp.br/marco-lucchesi-o-poeta-de-fronteiras/

https://www.academia.org.br/academicos/marco-lucchesi/biografia

https://www.marcolucchesi.org/


MARCO LUCCHESI:
SÍNTESE BIOGRÁFICA

Marco Americo Lucchesi nasceu em 9 de dezembro de 1963, no Rio de Janeiro. Filho de Elena Dati e Egidio Lucchesi. A partir de oito anos de idade morou em Niterói. Sua verdadeira paixão pelo conhecimento dos mais de vinte idiomas que domina vem desde criança. Assim como sua paixão pela música. Seu sonho, desde menino, era se comunicar com o mundo. Fez isso das mais diversas formas. Ora por cartas, ora por outros meios de comunicação.

Pertence à Academia Brasileira de Letras, que ficou sob sua presidência de 2018 a 2021. Nessa medida, cumpriu um de seus principais objetivos, entre tantos outros que poderiam ser citados. Ou seja, uma ampla distribuição de livros por todas as regiões do Brasil. Ajudou em formação de bibliotecas. Acordos assinados que favorecessem a literatura e, consequentemente, a leitura, em especial, nas comunidades mais desfavorecidas social e culturalmente. Inclusive, fora do Brasil. Sua presidência foi muito além dos muros da Academia Brasileira de Letras. Assinou parcerias e convênios que favorecem a comunicação necessária entre países do Ocidente e Oriente.

Atualmente é Presidente da Fundação Biblioteca Nacional.

Professor titular de Literatura Comparada na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Formou-se em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e recebeu os títulos de Mestre e Doutor em Ciência da Literatura, pela UFRJ. Realizou estágio de pós-doutorado, Capes/Daad, no Petrarca Institut da Universidade de Colônia, Alemanha, centrando sua pesquisa na filosofia do Renascimento. Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Foi professor-visitante da Fiocruz, das universidades de Roma II, Tor Vergata, de Craiova, na Romênia, de Concepción no Chile. Em 2016, recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Tibiscus, de Timisoara, e, em 2020, o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Aurel Vlaicu de Arad.

Ministrou palestras pelo Brasil e em diversas universidades no mundo: Sorbonne-Paris III, Orientale di Napoli, Universidade de Salamanca, La Sapienza (Roma), Universidade Jagelônica de Cracóvia, Universidade de Colônia, PUC de Santiago, Universidade da Malásia, Universidade Nova de Lisboa, Universidade de Buenos Aires, Universidade de Los Andes (Mérida, Venezuela), Tuffs (Tóquio), Universidade Islâmica de Delhi, além de um sem-número de seminários, feiras de livro e encontros literários, na Bolívia, Paraguai, Sérvia, México, Peru, Colômbia, Itália, Suécia, Líbano, Arábia Saudita, Índia e Oman.

Seu conjunto de obras tem sido objeto específico de pesquisas, temas de dissertações de mestrado e teses de doutorado, seminários e cursos de extensão em diversas universidades, redes municipais, estaduais e federais públicas na formação continuada de professores. Assim como disciplina, desde 2021, integrante de matrizes curriculares, nos programas de pós-graduação *stricto sensu,* na área da Educação (mestrado, doutorado), da Universidade Nove de Julho de São Paulo.

Importante observar que todas as obras de Marco Lucchesi, ficcionais ou não, instigam e provocam, de forma permanente, elementos que vão muito além do texto em si mesmo. Para se ler Lucchesi é preciso pesquisar em diversas áreas. Os livros do autor instigam, sobretudo, o exercício do pensamento, da investigação e da reinvenção permanente. Tal qual, como muitas vezes, sugeriu Paulo Freire. Um dos motivos pelos quais sua literatura tem sido alvo de cursos e palestras, em especial, nas redes públicas de ensino, como mencionado anteriormente, para a formação de professores.

Em se tratando de um escritor vivo e contemporâneo, a Fortuna Crítica de Marco Lucchesi é digna de ser destacada. Integram-na uma pluralidade de tipologias textuais, tais como: livros, teses de doutorado, dissertações de mestrado, ensaios experimentais, artigos acadêmicos, resenhas publicadas em jornais e revistas acadêmicas ou populares.

Destaque-se um grupo de pesquisa denominado Marco Lucchesi: Práticas das Transformações Silenciosas, ligado ao CNPq, cujo objetivo específico mais importante é, justamente, por meio de pesquisas teóricas e práticas, evidenciar a importância do escritor, em especial, na esfera educacional. Possui 43 integrantes das mais diversas áreas. Professores e pesquisadores do Japão, China, Portugal e Espanha integram, inclusive, o referido grupo. Entretanto, a predominância dos integrantes vem da área educacional. Vale ressaltar que o grupo possui diversas produções individuais e coletivas.

O conjunto de obras de Marco Lucchesi tem proposto de forma fundamentada, na teoria e na prática, clubes de leitura em escolas públicas e privadas, bibliotecas, que instigam, entre outras coisas, reorganização e atualização constante de procedimentos e estratégias que estimulem a formação de novos leitores.

Poeta, romancista, memorialista, ensaísta, tradutor e editor, em sua ampla produção, contemplada por diversos prêmios, destacam-se: *Sphera*, *Meridiano Celeste & Bestiário, Hinos Matemáticos, Mavi*, *Domínios da Insônia, Clio* (poesia). *O Dom do Crime*, *O Bibliotecário do Imperador*,

Adeus, Pirandello (romance). *Marina (novela).* Integram seu conjunto de memórias*: Saudades do Paraíso* e *Os Olhos do Deserto*. *A Memória de Ulisses*, *Cultura da paz* e *O Carteiro Imaterial,* entre outros, fazem parte de seu conjunto de ensaios. *Paisagem Lunar* é uma obra que reúne seus diários filosóficos.

Traduziu diversos autores, dentre os quais, publicados em livro, dois romances de Umberto Eco, a *Ciência Nova*, de Vico, os poemas do romance *Doutor Jivago*, obras de Guillevic, Primo Levi, Rumi, Hölderlin, Khliebnikov, Trakl, Juan de la Cruz, Francisco Quevedo, Angelus Silesius. Graças ao amplo conhecimento de mais de vinte idiomas, criou, inclusive, uma língua artificial denominada "laputar".

Seus livros foram traduzidos para o árabe, romeno, italiano, inglês, francês, alemão, espanhol, persa, russo, turco, polonês, hindi, sueco, húngaro, urdu, bangla, latim, japonês e chinês.

Em se tratando de um escritor vivo e contemporâneo, a Fortuna Crítica de Marco Lucchesi é digna de ser destacada. Integram-na uma pluralidade de tipologias textuais, tais como: livros, teses de doutorado, dissertações de mestrado, ensaios experimentais, artigos acadêmicos, resenhas publicadas em jornais e revistas acadêmicas ou populares. Inúmeras coletâneas e livros com foco exclusivo no conjunto de obras do autor, como, por exemplo, *Marco Lucchesi: a estética do interdisciplinar, Marco Lucchesi: a estética do labirinto, Marco Lucchesi: estrela-poética-labirinto.*

Para além de sua atividade artística, sobretudo na poesia e na ficção, enquanto pesquisador seus projetos se fundamentam, com frequência, numa concepção multidisciplinar. Abrangem a filosofia, a literatura, a música, a filosofia da matemática, a teologia, a astronomia e as artes em geral.

Editor das revistas *Poesia Sempre*, *Tempo Brasileiro* (de 2007 a 2015 – vol. 171 a 203) e *Mosaico Italiano* (de 2005 a 2008 – ed. 21 a 52). Entre 2012 e 2017 foi diretor da fase VIII da *Revista Brasileira* da ABL, tendo coordenado a publicação dos números 70 a 93. Membro do conselho da Editora da UFRJ (2016-2020), assim como de várias revistas científicas e literárias no Brasil, na América Latina e na Europa. Presta diversas consultorias e preparou originais para as editoras Record, Nova Fronteira, Nova Aguilar, José Olympio, Civilização Brasileira e Bem-Te-Vi.

Deve-se ressaltar que enquanto editor de revistas, tanto nacionais como estrangeiras, objetivamente, buscou um diálogo em continuidade entre os diversos países dos quatro continentes. Sempre buscou o tão desejado diálogo entre Ocidente-Oriente. Ou seja, Marco Lucchesi, evidentemente, por dominar um número incomum de línguas, favorece intensamente o intercâmbio entre as nações.

Notabilizou-se também dentro do setor de Coordenação Geral de Pesquisa e Editoração da Biblioteca Nacional, responsável pela edição de catálogos e fac-símiles no período entre 2006 e 2011. Foi membro do Conselho Nacional de Política Cultural do Ministério da Cultura (2015-2017). Editor das coleções "Espelho do Mundo" e "Memórias do Futuro", editora Rocco.

Colunista do Jornal de Letras de Lisboa, da Revista Humanitas (mensal), Off The Record e do jornal Comunità italiana. Foi também colunista mensal da revista Filosofia, Ciência e Vida, colunista mensal em O Globo de 2010 a 2018, e de outros periódicos no Brasil e no exterior. Foi dramaturgista em montagens teatrais cariocas. Organizou seminários para o Centro Cultural Banco do Brasil e Funiarte, assinou a curadoria de exposições na Biblioteca Nacional, Câmara dos Deputados e Museu Vale do Rio Doce. De 2014 a 2021 foi responsável pelo programa Música de Câmara na Academia Brasileira de Letras.

Digna de menção a sua atuação em defesa dos direitos humanos, como sua constante presença em comunidades e prisões cariocas, mediante projetos literários e educativos. Convidado pelo Conselho Nacional de Justiça a integrar o GT para a elaboração do Plano Nacional de Fomento à Leitura nos Ambientes de Privação de Liberdade. Por conta das atividades que desenvolve, em 2017 foi homenageado com o nome de duas bibliotecas: a biblioteca da Escola Estadual Profa. Sonia Maria e a biblioteca da Escola Estadual Angenor de Oliveira Cartola, ambas no Complexo Penitenciário de Bangu 4, Rio de Janeiro. Em 2018 recebeu também, em reconhecimento, o nome da biblioteca do Colégio Salesiano Santa Rosa, Niterói, Rio de Janeiro, onde foi aluno no Ensino Médio.

Pertence a diversas instituições, dentre as quais se destacam a Academia das Ciências de Lisboa (sócio correspondente), Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Académie de la Latinité, Accademia Lucchese di Scienze, Lettere e Arti (sócio correspondente), Academia Paraguaya de la Lengua Española (sócio correspondente), Associação Mundial de Esperanto (comitê de honra), Sociedade Brasileira de Geografia, Sociedade de Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente, Movimento Humanos Direitos, Pen Clube do Brasil, Academia

Fluminense de Letras, Academia Amazonense de Letras (sócio honorário), Academia Norte-Riograndense de Letras (sócio correspondente), Academia Espírito-santense de Letras, Academia Alagoana de Letras (sócio benemérito), Academia de Letras de Aracaju (sócio correspondente), Gabinete Litterario Goyano (sócio honorário), Academia Niteroiense de Letras, Instituto Histórico e Geográfico de Niterói, Cenáculo de História e Letras de Niterói. Associado à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Prêmios e Distinções

. Medalha da ordem nacional do Mérito Científico, 2023.

. Medalha Rui Barbosa, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2023.

. Medalha do Mérito Santos Dumont, 2023.

. Comenda Mérito Acadêmico, Escola Superior da Magistratura do Amazonas, 2023.

. Medalha do Mérito Naval da Marinha do Brasil, 2023.

. Cidadão Honorário de Massarosa, Câmara Municipal de Massarosa, 2022.

. Doutor Honoris Causa, Universidade Aurel Vlaicu de Arad (Arad, Romênia), 2020.

. Prêmio Internacional da Latinidade, Academia Romena e Museu Nacional de Literatura Romena, 2019.

. Comendador da Ordem da Estrela da Itália, 2019.

. Comenda Ib Gato Falcão, da Academia Alagoana de Letras, 2019.

. Medalha do Mérito Cívico Afro-brasileiro, Faculdade Zumbi dos Palmares, 2019.

. Medalha Prof. Kosciuszko Barbosa Leão, da Academia de Letras do Espírito de Santo, 2019.

. Prêmio Mérito Cultural VI Feira Literária Capixaba, Universidade Federal do Espírito Santo, 2019.

. Prêmio Faz a diferença, categoria livro, jornal *O Globo*, 2019.

. Prêmio George Bacovia – Festival Internacional de Poesia. Bucareste, 2018.

. Prêmio IFEC – Instituto Interamericano de Fomento à Educação, Cultura e Ciência, 2018.

. Medalha Tamandaré, da Marinha do Brasil, 2018.

. Prêmio A Sociedade Aplaude, *Grupo Fluminense Multimídia,* 2018.

. Medalha Amigo da Marinha, 2018.

. Distinção de Honra no Instituto Cultural Romeno, 2018.

. Prêmio Intelectual do ano, Associações Fluminenses de Cultura, 2018.

. Prêmio Sou de Niterói, Categoria Cultura, jornal *O Globo, 2018*.

. Embaixador da Poesia, Festival Internacional de Poesia em Iasi (Romênia), 2017.

. Doutor Honoris Causa, Universitatea Tibiscus (Timisoara, Romênia), 2016.

. Prêmio Jabuti de Poesia, Câmara Nacional do Livro, 2014.

. Prêmio Machado de Assis, União Brasileira de Escritores, 2012.

. Diploma de Alto Mérito do Consulado da Romênia do RJ, 2012.

. Prêmio Brasília de Literatura, Bienal Brasil do Livro e da Leitura (Brasília), 2012.

. Prêmio Pantera d'Oro, Prefeitura de Lucca (Itália), 2011.

. Prêmio Orígenes Lessa, da União Brasileira de Escritores, 2010.

. Medalha Simões Lopes Neto, Governo do Estado do RS, 2010.

. Prêmio Ars Latina de ensaio, Sociedade Ars Latina de Craiova (Romênia), 2009.

. Prêmio Alceu Amoroso Lima: Poesia e Liberdade, pelo conjunto da obra poética, 2008.

. Medalha da Academia Maranhense de Letras, 2008.

. Prêmio Mário Barata de ensaio, União Brasileira de Escritores, 2008.

. Prêmio João Fagundes de Meneses de ensaios, União Brasileira de Escritores, 2007.

. Prêmio Alphonsus de Guimarães de poesia, da Fundação Biblioteca Nacional, 2006.

. Prêmio Marin Sorescu, Prefeitura de Craiova (Romênia), 2006.

. Título de Cavaliere della Stella della Solidarietà della Repubblica Italiana (Itália), 2005.

. Prêmio Costa e Silva de Poesia, União Brasileira de Escritores, 2004.

. Prêmio Jabuti de Poesia, Câmara Nacional do Livro, 2003.

. Premio Nazionale per la Traduzione, do Ministero dei Beni Culturali da Italia, 2003.

. Prêmio da Câmera de Comércio de Lucca, (Itália), 2002.

. Prêmio Jabuti de Tradução, Câmara Nacional do Livro, 2001.

. Premio San Paolo Città di Torino de poesia (Itália), 2001.

. Prêmio União Latina, 2000.

. Premio Speciale del Presidente della Repubblica Carlo Ciampi: Prometeo d'Argento (Itália), 2000.

. Prêmio Eduardo Frieiro - da Academia Mineira de Letras, 2000.

. Premio Speciale Marcello Binacchin, Società Marcello Binacchin (Itália), 2000.

. Premio Internazionale di Poesia Cilento, Associazione Cilento di Poesia (Itália), 1999.

. Comenda Espatário da Trebizonda, 1999.

. Prêmio Paulo Rónai de Tradução, Biblioteca Nacional, 1996.

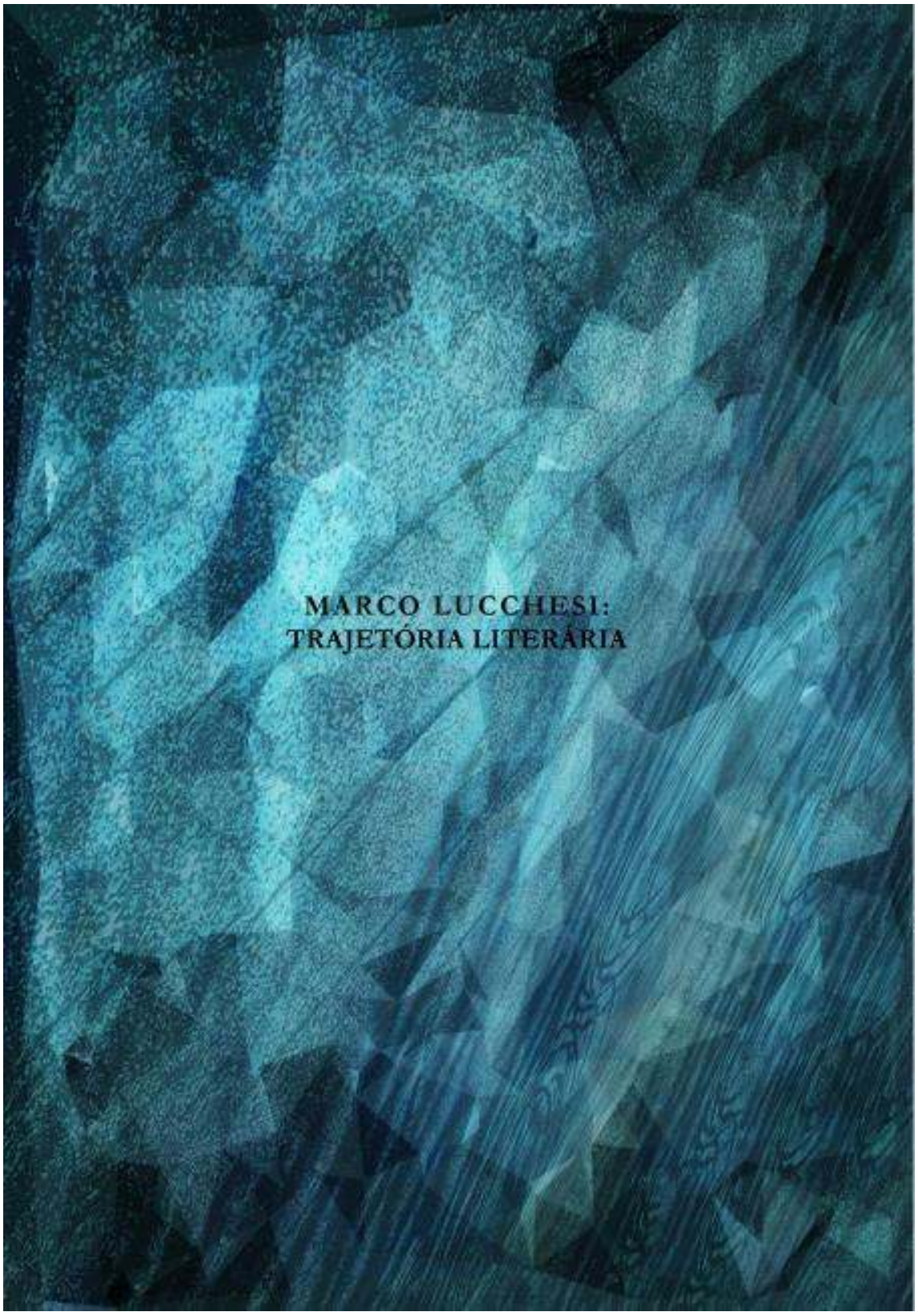
. Mérito da União Brasileira de Escritores, 1995.

. Medalha Tiradentes da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, 1994.

. Medalha da Associazione Lucchesi nel Mondo, da Camera di Commercio di Lucca (Itália), 1991.

. Medalha José Cândido de Carvalho, Prefeitura de Niterói, 1990.

. Medalha José Geraldo Bezerra de Meneses, Prefeitura de Niterói, 1988.


MARCO LUCCHESI:
TRAJETÓRIA LITERÁRIA

Poesia

Mavi. Guaratinguetá, SP: Penalux, 2022. [Posfácio de Alva Martínez Teixeiro].

Domínios da insônia. Novos poemas reunidos. São Paulo: Patuá, 2019. Prefácio de Ivone Martins e ilustrações de Rose Marie Silva Haddad. [poemas éditos e inéditos reunidos. Inéditos: *Al-Ma´arri: Vestígios* e *Mar Mussa*].

Mal de amor. São Paulo: Patuá, 2018. Prefácio de Montserrat González. Orelha de Clóvis Da Rolt. Gravura de Anna Maria Maiolino. Ilustrações de Rose Marie Silva Haddad.

Antologia de Marco Lucchesi. Coleção grandes poetas contemporâneos. Rio de Janeiro: Luz da Cidade, 2018. Audiobook. Duração: 0:28:56.

Rebis. Brasília: Poexílio, 2017. Seleção de poemas em edição de colecionador.

Hinos matemáticos. Rio de Janeiro: Balur, 2015. Prefácio de Ubiratan d'Ambrosio. Fractais de Rodrigo Siqueira do Grupo Fractarte. 2ª ed. E-book. São Paulo: CODES, 2018. 3a. ed. São Paulo:Tesseractum. E-Book, 2023. 4a. ed. São Paulo: Tesseractum, 2023.

Clio. São Paulo: Globo, 2014. Prefácio de Alfredo Bosi. Orelha de Ettore Finazzi-Agrò. Ilustração de Ana Miranda. Segundo lugar do Prêmio Jabuti 2015.

Meridiano celeste & bestiário. Rio de Janeiro: Record, 2006. Prefácio de Letícia Malard. Orelha de Moacir Amâncio. Prêmio Alphonsus de Guimarães da Biblioteca Nacional 2006. Finalista do Prêmio Jabuti 2007.

Sphera. Rio de Janeiro: Record, 2003. Prefácio de Eduardo Portella. Orelha de Antonio Cicero. Prêmio de Poesia Da Costa e Silva da UBE, 2004. Segundo lugar do Prêmio Jabuti 2004. Pré-finalista do Prêmio Portugal Telecom 2004.

Poemas reunidos. Rio de Janeiro: Record, 2001. Orelha de Constança Hertz. Finalista do Prêmio Jabuti 2002.

Alma Venus. Niterói: CIF, 2000. Prefácio de André Seffrin.

Bizâncio. Rio de Janeiro: Record, 1997. Prefácio de Foed Castro Chamma. Orelha de Ivan Junqueira. Comenda Espatário da Trebizonda. Finalista do Prêmio Jabuti 1999.

Poemas Italianos

Irminsul. Lucca: Maria Pacini Fazzi Editore, 2014. Prefácio Raffaele Nardi.

Hyades. San Marco in Lammis: Levante, 2004.

Lucca dentro. Lucca: Maria Pacini Fazzi, 2002. Prefácio de Dante Maffia.

Poesie. Roma: Grilli, 1999. Ilustrações de Rita Solieri. Prêmio Cilento 1999. Prêmio Marcello Binacchin 2000.

Romances

O dom do crime. 1a. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010. 2a. ed. Santo André (SP): Rua do Sabão, 2022. [a primeira edição do livro recebeu o Prêmio Machado de Assis da UBE, 2011; segundo lugar do Prêmio Brasília, 2012; finalista do Prêmio São Paulo, 2011].

Adeus, Pirandello. Santo André-SP: Rua do Sabão. Quarta capa de Antônio Torres. 2020.

O bibliotecário do imperador. São Paulo: Globo, 2013. Orelha de Alberto Mussa. Prêmio Machado de Assis da UBE, 2013. Finalista do Prêmio São Paulo 2014. 2ª. Edição Santo André (SP): Rua do Sabão, 2023.

Novela

Marina. Santo André: Rua do Sabão, 2023. [Obra eleita pela Revista Quatro cinco um dentre os dez melhores livros de 2023].

Ensaio

Nove cartas sobre a Divina Comédia: navegações pela obra clássica de Dante. 1a.ed. Rio de Janeiro: Casa da palavra; Fundação Biblioteca Nacional, 2013. 2ª ed. ampliada. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

Cultura da Paz. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2020.

Carteiro imaterial. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016. Orelha de Carlos Pereyro.

O livro de Deus na obra de Dante. Uma releitura na Baixa Modernidade. Cadernos de Teologia Pública. São Leopoldo: Unisinos, ano VIII, n. 65, 2011.

Ficções de um gabinete ocidental. Rio de Janeiro: Record, 2009. Prefácio de Mary del Priore. Orelha de Aniello Angelo Avella. Prêmio Ars Latina de Ensaio (Romênia) 2010. Prêmio Orígenes Lessa da UBE 2010.

A memória de Ulisses. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. Prefácio de Ettore Finazzi-Agrò. Orelhas de José Castello. Prêmio João Fagundes de Meneses da UBE 2007. 2ª ed. E-book. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Teatro alquímico: *Diário de leituras*. 1a. ed. Rio de Janeiro: Artium, 1999. Orelhas de Andrea Lombardi. Prêmio Eduardo Frieiro da Academia Mineira de Letras 2000. 2a. ed. revisada E-book. São Paulo: BT Acadêmica, 2018.

O sorriso do caos. 1a. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997. Orelha de Luciana Villas-Boas. 2a. ed. revisada E-book. São Paulo: BT Acadêmica, 2019.

A paixão do infinito. Niterói: Cromos, 1994. Prefácio de Antonio Carlos Villaça. Orelha de Nise da Silveira.

Breve introdução ao Inferno *de Dante*. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1985. Prefácio de José Inaldo Alonso. Orelha de Antonio Carlos Villaça.

Diários Filosóficos

Paisagem Lunar. 1a.ed., E-book. Belo Horizonte: Tesseractum, 2021. 2a. ed. impressa, 2023. [reunião dos três livros Trívia, Vestígios e Arena Maris].

Arena Maris. 1a. ed., E-book. Belo Horizonte: Tesseractum, 2021. 2a. ed. impressa, 2021.

Vestígios: Diário filosófico. 1a. ed.,E-book. Belo Horizonte: Tesseractum, 2020. Prefácio: Ciprian Văcan. 2a.ed. impressa, 2021.

Trívia. Diário filosófico. São Paulo: Patuá, 2019. Prefácio de Manuel Tavares e ilustrações de Rose Marie Silva Haddad.

Memória e Testemunho

Os olhos do deserto. 1a. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. Prefácio de Per Johns. Orelha de Michel Maffesoli. 2a. ed. revisada, E-book. São Paulo: BT Acadêmica, 2019.

Saudades do Paraíso. 1a.ed., Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1997. Prefácio de Ivo Barroso. Orelha de José Castello. 2a.ed. revisada E-book. São Paulo: B.T. Acadêmica, 2019. Prefácio de Ana Maria Haddad Baptista. Ilustrações de Rose Marie Silva Haddad.

Textos Lúdicos

Alivorte. Prefácio de Paulo Sérgio Viana. Rio de Janeiro: Balur Dragão, 2021. Disponível em: https://uea.org/l/teko/libroj/Alivorte_Marko_Lukezi.pdf. [Tradução de Paulo Sérgio dos poemas de Marco Lucchesi e Textos de Marco Lucchesi em esperanto].

Catálogo da Biblioteca do Excelentíssimo Senhor Marquês Umbelino Frisão. 1a.ed., Rio de Janeiro: Balur, 2017. 2a. ed. revisada E-book. São Paulo: CODES,2018. [pseudobiblia] 3a. ed. revisada. E-book. São Paulo: Tesseractum, 2023.

Bazati dir Härstä Laputar/ Rudimentos da língua laputar (proposta patafísica). 1a. ed. Rio de Janeiro: Forlar Balur Dragão, 2015. 2a. ed. revisada E-book. São Paulo:CODES, 2018. [língua artificial] 3a. ed. E-book. São Paulo: Tesseractum, 2023.

Obras Organizadas

Literatura e Ciência. São Paulo: Tesseractum, 2020.

Poéticas do ensaio. (coorganização com Ana Maria Haddad Baptista). São Paulo: Pasavento, 2018.

Melhores crônicas de Euclides da Cunha. São Paulo: Global, 2011.

Roteiro da poesia brasileira: anos 2000. São Paulo: Global, 2009.

Formação de leitores e construção da cidadania: Memória e presença do Proler. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

Melhores poemas de Walmir Ayala. São Paulo: Global, 2008.

Machadiana da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

O canto da unidade: em torno da poética de Rûmî. [Tradução Marco Lucchesi e Rafi Moussavi]. Rio de Janeiro: Fissus, 2007. Prêmio Mário Barata de Ensaio da UBE. Finalista do Prêmio Jabuti de Tradução 2008.

Caminhos do Islã. Rio de Janeiro: Record, 2002. Indicação ao Prêmio Portugal Telecom 2003.

Giacomo Leopardi poesia e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

Artaud: a nostalgia do mais. Rio de Janeiro: Numen, 1989.

Catálogos organizados

Memórias do Futuro: um olhar sobre a coleção do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Vitória: Museu do Vale, 2023.

Alma do Mundo: Leonardo 500 anos. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2019.

ttps://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/alma-do-mundo-leonardo-500-anos/?tipo=todos-objetos

Dante 700 anos: os olhos de Beatriz. Rio de Janeiro: Ventura Artes Gráficas, 2021.

Rio de Janeiro, 450 anos: Uma história do futuro. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

Biblioteca Nacional 200 anos, uma defesa do infinito. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

Euclides da Cunha, uma poética do espaço brasileiro. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

Machado de Assis, cem anos de uma cartografia inacabada. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

Correspondência Passiva

À sombra da amizade: cartas de Israel Pedrosa a Marco Lucchesi. Niterói: Eduff, 2021. [Organização de Felipe Lima].

A longa noite síria: uma voz no deserto. Rio de Janeiro: Balur, 2015. [Orelha de Faustino Teixeira].

Viagem a Florença. Cartas de Nise da Silveira a Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. [Orelha de Ana Miranda].

Livro de entrevista

BAPTISTA, Ana Maria Haddad; GONZÁLEZ, Montserrat Villar; FUSARO, Márcia; HUMMES, Júlia Maria; DAL BELLO, Márcia Pessoa. (orgs.). *Marco Lucchesi:* poeta do diálogo. 1a.ed. E-book. Belo Horizonte: Tesseractum, 2022. 2a. ed. Impresso, 2022.

GUERINI, Andréia; SIMONI, Karine; COSTA, Walter Carlos. *Palavra de escritor-tradutor: Marco Lucchesi.* Florianópolis: Escritório do Livro, 2017. Prefácio de Walter Carlos Costa. Ed. digital disponível em: http://www.escritoriodolivro.com.br/publicacoes/LucchesiDigital.pdf

Obras traduzidas | Exterior

Clio. Porto/Lisboa: Edições Esgotadas, Ltda, 2023.

Marina. Porto/Lisboa: Edições Esgotadas, Ltda, 2023.

Adiós, Pirandello. Madri (Espanha): Lastura Ediciones, 2023. [Tradução de Montserrat Villar Gonzáles].

Marco Lucchesi: traducción de fragmentos de "Paisagem Lunar". Buenos Aires: Alpialdelapalabra, 2024. [tradução de Demian Paredes].

El Don Del Crimen. Buenos Aires: Interzona, 2023. [Tradução de Demian Paredes].

Clio. Buenos Aires, Argentina; Cuenca Equador: La Caída, 2023. [Tradução de Edgar Saavedra].

Microcosmo. São Paulo: Tesseractum, 2023. 1a. ed. E-book. 2a. ed. impresso. [Tradução de Nodoka Nakaia].

Peregrinări memorabile prin bibliotheca universalis. Romênia: Napoca Star, 2023.
[Seleção e tradução de George Popescu].

21 poemas/Wierszy. Belo Horizonte: Tesseractum Editorial, 2021. Ed. em E-book [Apresentação e tradução para o polonês de Henryk Siewierski].

Il nome dei gatti: dall'universo al multiverso, a cura di Federico Bertolazzi. Roma: UniversItalia, 2021. [Introduzione di Fabio Pierangeli. Traduzione di Chiara Mancini].

Mal de Amor. Costa da Caparica, Lisboa: Edições Gandaia, 2022.

Mal D´Amour. Belo Horizonte: Tesseractum Editorial, 2021. Ed. em E-book [Tradução para o francês de Christophe Mileschi].

La indecisa aurora. 13 poemas de Marco Lucchesi. Revista Cultural. Peru: Vallejo & Co. 18 mai, 2021. [Tradução de Montserrat Villar González].

Elipsis y refracción. Madri (Espanha): Lastura Ediciones, 2021. [Tradução de Montserrat Villar González].

Mal d´Amore. Belo Horizonte: Tesseractum Editorial, 2021. Ed. em E-book [Tradução de Stefano Busellato].

Vicino ala distanza. Belo Horizonte: Tesseractum Editorial, 2021. Ed. em E-book [Tradução e introdução de Stefano Busellato].

Céu em chamas. Belo Horizonte: Tesseractum Editorial, 2020. Ed. em E-book. [Organização e tradução para o árabe de Safa Jubran].

In my most distant lands. São Paulo: BT Acadêmica, 2020. Ed. em E-book. Organização de Márcia Fusaro e Sonya Gupta. Prefácio de Márcia Fusaro. Traduções de Renato Rezende (inglês); Mangalesh Dabral (hindi); Anisur Rahman (urdu); Anuradha Acharjee (bangla).

Meridian celest & alte poeme. Ediţie bilingvă. [Tradução, prefácio e notas de Dinu Flămând]. Bucaresti (Romênia), Tracus Arte, 2018. [antologia de *Meridiano Celeste* e *Clio*] / Belo Horizonte: Tesseractum Editorial, 2022 [Ed. E-book].

5 poemas de Marco Lucchesi, leídos el 8 de octubre de 2014 en la Residencia de Estudiantes. [Tradução de Antonio Maura]. Madri (Espanha): Ed. Poesia em la Residencia, 2014. [antologia de poemas de *Meridiano Celeste*].

Surasul haosului. [Tradução de George Popescu]. Craiova (Romênia): Editora Aius, 2013. [antologia de poemas italianos].

Oriente/Ocidente. [Tradução de Ángeles Godínez Guevara] Cidade do México (México): Universidade Autónoma de Mexico, 2012. [antologia de ensaios].

Prieteniala Patru Mâini. [Tradução de George Popescu]. Craiova (Romênia): Autograf, MJM, 2005. Ilustrações de Viorel Pîrligras. [antologia de poemas].

Hyades. [Tradução de George Popescu]. Craiova (Romênia): Autograf, MJM, 2005. Ilustrações de Viorel Pîrligras. [título original: *Hyades*].

Isfahan. [Organização e tradução de Rafi Moussavi]. Teerã (Irã): Ministério das Relações Exteriores do Irã, 2003. Edição Brasileira: *Isfahan*. Rio: Shams, 2006. [antologia de poemas de *Sphera*].

Gradinile Somnului. [Tradução de George Popescu]. Craiova (Romênia): Scrisul Românesc, 2003. [título original: *Poesie*].

Erwartunglischt. [Organização e tradução de Curt Meyer-Clason]. Curitiba / Berlim: Leonardo Verlag, 2003. Orelha de Luis Montez. Ilustração de Miguel Coelho. [antologia de poemas de *Alma Vênus*].

Discorso della presa di possesso del seggio n. 15 nella Academia Brasileira de Letras. *Sincronie*: rivista semestrale di letterature, teatro e sistemi di pensiero, Manziana [Itália], v. 13, 25-26, jan./dez. 2009. P. 75-89. [Discurso de posse de M.L. na Academia Brasileira de Letras].

Edições fac-similares organizadas

Ostensor Brasileiro. [1845 e 1846] Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2011.

Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar, de Manuel de Andrade Figueiredo. [1722] Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2010.

Divina Proportione, de Luca Pacioli. [1494] Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

Oração apodíctica aos cismáticos da pátria, de Diogo Gomes Carneiro. [1641] Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

O Espelho: Revista Semanal de Literatura, Modas, Indústria e Artes. [1859] Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

Frutas do Brasil, de Frei Antonio do Rosário. [1702] Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

Medicina teológica, de Francisco Melo Franco. [1794] Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

Arte da língua de Angola, de Pedro Dias. [1697] Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2006.

Participação em Antologias Poéticas

GLAZ, Sarah (Org.). *Bridges 2023 Poetry Anthology*. Phoenix (USA): Tessellations Publishing, 2023.

FLAMAND, Dinu. *Cadeira à janela*. Lisboa: Guerra e Paz, 2023.

PEDRO, Mbate. *Tudo é sempre despedida*: 50 poetas brasileiros contemporâneos. Lisboa: Cavalo de Ferro, 2022.

ANTOLOGIA POÉTICA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Brasília: Edições Câmara, 2020.

GLAZ, Sarah (Org.). *Bridges 2020 Poetry Anthology. A collection of poems with strong links to mathematics by the poets featured at Bridges 2011 – 2020 poetry readings*. Phoenix (USA): Tessellations Publishing, 2020.

FRAZA Poezja Proza Esej. PORTRETY: *Viva a literatura, Viva o Brasil, Viva a Polônia*. Rok XXVIII nr 1-2/2020 (107-108). [Antologia de autores brasileiros e poloneses].

QUEIROZ, Mirna; TONUS, Leonardo. *Da diáspora para a terra natal*. Abu Dhabi: Kalima, 2019. [Antologia de autores brasileiros em árabe, em prosa e poesia].

KUMAR, Abhay (org./trad.) *New Brazilian Poems. A Bilingual Anthology after Elizabeth Bishop/ Antologia bilíngue de 60 poetas brasileiros*. New York, 2018.

TEIXEIRA, Faustino; BERKENBROCK (orgs.) *As orações da humanidade. Das tradições religiosas do mundo inteiro*. Petrópolis: Vozes, 2018.

GUERINI, Andréia; SIMONI, Karine. *Nulla che non possano i versi. Antologia de poesia italiana entre o Brasil e a Itália.* Florianópolis: UFSC/PGET, 2018.

GLAZ, Sarah (Org.). *Bridges 2018 Poetry Anthology. A collection of poems with strong links to mathematics by the poets featured at Bridges 2011 – 2018 poetry readings*. Phoenix (USA): Tessellations Publishing, 2018.

DRĂGHINCESCU, Rodica (Org.). *Grenzporträts*. Berlin (Alemanha): Klak Verlag, 2017.

MATEUS, Victor Oliveira. (Org.) *Salamanca, raíz de piedra y letras*. Salamanca (Espanha): Fundación Salamanca Ciudad de Cultura y Saberes, 2017.

HYPERION. *Revistă de cultură,* anul 35 n. 7-8-9. Botoşani (Romênia): Fundaţia Culturală Hyperion, 2017.

FESTIVALULUI INTERNATIONAL DE POEZIE BUCURESTI (FIPB). *Antologie editia a VIII-a*. Bucareste (Romênia): Editura Muzeul Literaturii Române, 2017.

MATEUS, Victor Oliveira (Org.). *Cintilações da sombra III*. Fafe (Portugal): Labirinto, 2015.

FERENC, Pál (Org.). *Nagy Vilagy*. Kesztölc (Hungria): Nemzeti Kulturális Alap, 2014.

CALINA, Nicoleta (Org.). *Stefan Petica. La 100 ani după*. Craiova (Romênia): Aius, 2014.

CAPUTO, Rino; LONGO, Nicola (Org.). *Raccolta di scritti per Andrea Gareffi*. Roma (Itália): Nuova Cultura, 2013.

BONAFFINI, Luigi & PERRICONE, Joseph (Org.). *Poets of the Italian diaspora*. Nova York (EUA): Fordham University Press, 2013.

COHN, Sérgio (Org.). *Poesia.br*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2013.

FRESSIA, Alfredo. (Org.). *La otra*. Coyacan (México), n. 15, 2012.

OLSSON, Magnus William; SCHUBACK, Marcia (Orgs.). *Lyrik Vännen*. n. 1. Estocolmo (Suécia): Wahlström & Widstrand, 2012.

PORTOCARRERO, Celina (Org.). *Amar, verbo atemporal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

MARIANACCI, Dante; MINORE, Renato (Orgs.). *L'italiano degli altri*. Roma (Itália): Newton Compton, 2010.

MATEUS, Victor (Org.). *O prisma das muitas cores* - Antologia de Amor Portuguesa e Brasileira. Fafe (Portugal): Labirinto, 2010.

MAURIN, Thomas. (Orgs.). *Versschmuggel: Contrabando de versos*. São Paulo: Editora 34, 2010.

ALKAN, Tozan (Org.). *Ceviri Edebiyati*. Istambul (Turquia): C.N., 2009.

MARTINS, Floriano; BELLIARD, Basilio (Orgs.). *Máscaras de Orfeo: poesía brasileña y dominicana*. São Domingos (República Dominicana): Ediciones de la Secretaria de Estado de Cultura, 2009.

MARTINS, Floriano; NERES, José Geraldo (Orgs.) *Antología de poesía brasileña*. Madri (Espanha): Huerga y Fierro Editores, 2007.

FESTIVAL INTERNATIONAL DE POEZIE A LUMII LATINE. (Org.) *Ars amandi*. Bucareste (Romênia): Institutul Cultural Român, 2006.

PROENÇA, Domício (Org.). *Concerto a quatro vozes*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SALVADO, Antonio; ALENCART, Alfredo Pérez (Orgs.). *Os rumos do Vento/ Los Rumbos del Vento*. Fundão (Portugal): Trilce, 2005.

PEREIRA, Geraldo (Org.). *Pescando peixes graúdos em águas brasileiras*. Goiânia: Diálogo Poético, 2004.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana (Org.). *Poesia Straniera: Portoghese e Brasiliana*. Roma (Itália): Biblioteca di Repubblica, 2004.

MARCHIS, Giorgio de (Org.). *Criação e crítica: homenagem de 8 poetas e 8 ensaístas a Giulia Lanciani*. Lisboa (Portugal): Caminho, 2003.

BERKENBROCK, Volney; TEIXEIRA, Faustino (Orgs.). *Sede de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MAFFIA, Dante. (Org.). *Poesia a Lucca*. Lucca (Itália): Maria Pacini Fazzi, 2002.

VIEIRA, Ana Thereza (Org.). *Rota e temporis*. Roma (Itália): Grilli, 2001.

Participação em livros de ensaio

Grafites do Trágico. *In:*SILVA, Amós Coelho et al. *Um semeador no campo das humanidades:* Junito Brandão e seu legado na mitologia. Rio de Janeiro: Vozes, 2024. [capítulo de livro].

Dante in Brasile. *In:* Atti dei convengni Lincei: La ricezione della Commedia dai manoscritti ai media. Roma: Bardi Edizione Editore Commerciale, 2023. [capítulo de livro].

Homenagem a Miguel Real. *In*: LUÍS, Carla Sofia Gomes Xavier; ANNABELA, Rita; LUÍS, Alexandre António da Costa. (orgs.). *Miguel Real – 40 anos de Escrita: Literatura, Filosofia e Cultura*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2022.

Na distância, colho essas flores para você. *In*: ARROCHELLAS, Maria Helena; BARROS, Marcelo; TAVARES, Sinivaldo S. (orgs.). *Artesão do convívio na teias das relações: Beozzo 80*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

La mathesis dispersa de Cioran. *In*: CARANNANTE, Irma; ROTIROTI, Giovanni; VALCAN, Ciprian (orgs.). *Emil Cioran*: *Zile de Studiu la Napoli / Giornarte di Studio a Napoli 2019-2020*. Timişoara: Editura Universităţii de Vest; Milano:Criterion Editrice. 2021.

Joaquim Cardoso: a mais longa viagem. *In*: BAPTISTA, Ana Maria Haddad et al. (orgs.). *Educação, Artes e Literatura: reminiscências*. Belo Horizonte: Tesseractum Editorial/ Fundarte, 2021.

Astúcias de Clio. *In*: SALOMÃO, Sonia Neto; JOBIM, José Luis; CELANI, Simoni (orgs.). Voci del passato nella complessità della memória. Miscelanea di studi in onore di Silvano

Peloso. *Luso Brasiliana/Sapienza Università di Roma*. Roma: Edizioni Nuova Cultura. Ano IV, n.6. 2020.

Karta a Evanildo Bexara. *In*: SANTOS, Denise Salim; BARBOSA, Flávio de Aguiar; HUE, Sheila. (orgs.) *Homenagem a Evanildo Bechara 90 anos*. Cátedra Evanildo Bechara. Liceu Literário Português. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2020.

Aforismos "Teologias da distância". *In*: BINGEMER, Maria Clara; VILLAS BOAS, Alex. (orgs.). *Teopoética: mística e poesia*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Paulinas, 2020.

Nello Avella citadino dela Roma tropicale. *In*: BERTOLAZZI, Federico; TROGNONI, Claudio (orgs.). *Veredas: atti del Convegno Internazionale di studi in memoria di Nello Avella.* Cattedra Agustina Bessa-Luís, Università degli Studi di Roma "Tor Vergata". Roma: UniversItalia, 2019.

Alma do mundo: Leonardo, 500 anos. *In*: PESSOA, Fernando (org.). *Encontros com a arte contemporânea*. Vila Velha, ES: Museu Vale, 2019.

O infinito e a flor azul. *In*: PORTELLA, Eduardo; LUCCHESI, Marco. (orgs). *Revista Tempo Brasileiro n. 200*. São Paulo: BT Acadêmica, 2019.

Tempos árduos, intérprete luminoso. *In*: MASSI, Augusto; GIMENEZ, Erwin Torralbo; MAZZARI, Marcus Vinicius; MOURA, Murilo Marcondes de. *Reflexão como resistência: homenagem a Alfredo Bosi*. São Paulo: Companhia das Letras; Edições Sesc, 2018.

Aforismos para Leonardo Boff. *In*: ARROCHELLAS, Maria Helena; BARROS, Marcelo. *Ternura Cósmica*. Leonardo Boff, 80 anos. Petrópolis: Vozes, 2018.

Umberto Eco e o marquês Umbelino: uma fantasia livresca. *In*: BAPTISTA, Ana Maria Haddad; LUCCHESI, Marco. (orgs.) *Poéticas do ensaio*. São Paulo: Pasavento, 2018.

"Pórtico": João Guimarães Rosa: Sertón muy ocultado. *In*: HERNÁNDEZ, Ascensión Rivas. *João Guimarães Rosa. Un exiliado del lenguaje común*. Salamanca (Espanha): Ed. Un. Salamanca, 2017.

In bratele zeilor. *In:* PRESURĂ-CĂLINA, Nicoleta (Org.). *Ştefan Peticã – 140*. Restituiri. Craiova (Romênia): Universitaria, 2017.

Creio na minha fome. *In:* TEIXEIRA, Faustino; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Orgs.). *Em que creio eu*. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

ROGGERO, Rose; D'AMBROSIO, Ubiratan (orgs.) *Signos Artísticos em Movimento*. São Paulo: BT Acadêmica, 2017. [capítulo de livro].

Cleonice Berardinelli: 100 anos (pera leyxar Cleõoyçe alegre). *In:* SANTOS, Gilda; OLIVEIRA, Paulo Motta (Orgs.). *Genuína fazendeira – Os frutíferos cem anos de Cleonice Berardinelli.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016.

Notas do Dr. Bacamarte. *In:* Ocupação Machado de Assis. São Paulo, Itaú Cultural, 2016.

Interviu cu Marco Lucchesi. *In:* VALCAN, Ciprian (Org.). *Cioran un aventurier nemişcat*. Bucareste (Romênia): Editora All, 2015.

Discours de Marco Lucchesi. *In:* DISCURSOS NA ACADEMIA FRANCESA. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2015.

Ubaldo e Policarpo. *In:* LIMA, Dalva Tavares (Org.). *Viva o povo brasileiro e João Ubaldo*. Salvador: Ed.UFBA, 2015.

Direitos Linguísticos. In: BAPTISTA, Ana Maria Haddad; HUMMES, Júlia Maria Hummes; DAL BELLO, Márcia Pessoa; D'AMBROSIO, Ubiratan (orgs.). *Tempo Memória na Educação*: Reflexões. São Paulo: BT Acadêmica, 2015. [capítulo de livro].

Lettere della prigione. *In:* PIERANGELI, Fabio (Org.). *Afferrare le redini di una vita nuova*. Roma (Itália): UniversItalia, 2014.

QUINTAS, Fátima (Org.). *César Leal*. Recife: Academia Pernambucana de Letras, 2014.

A dromologia do Orlando Furioso. *In:* REIS VELLOSO, João Paulo (Org.). *A Renascença, primavera do humanismo moderno: lições para o Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Altos Estudos, 2014.

Cultural pluralism and linguistic rights in Latin America. *In:* ACADEMIA DA LATINIDADE. (Org.) *Post-Regionalism in the Global Age*: Multiculturalism and Cultural Circulation in Asia and Latin America. Rio de Janeiro: Educam, 2014.

A matemática e o sonho dos meninos. VIOLA, Alan Flávio (Org.). *Crítica literária contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

Arabe classique ou dialectal? *In:* ACADEMIA DA LATINIDADE (Org.). *L'Europe et le legs de l'Occident*. Rio de Janeiro: Educam, 2013.

Marco Lucchesi. *In:* KAHLMEYER-MERTENS, Roberto. *Conversações com intelectuais fluminenses*. Niterói: Nitpress, 2010.

FOGEL, Gilvan (et alii). *Emanuel Carneiro Leão*. Rio de Janeiro: Hexis, 2010.

La poesia della matematica. *In: Analele Universitatii din Craiova*. Craiova (Romênia): EUC, 2009.

O relógio de Florença. *In:* MELLO, Luis Carlos (Org.). *Nise da Silveira: encontros*. Rio de Janeiro: Azougue, 2009.

SEREGNI, Jerôme (et alii). *Las palabras pueden*. Bogotá (Colômbia): Unicef, 2007.

Mario Peixoto and the sea. *In:* KORFMANN, Michael (et alii). *Ten contemporary view son Mario Peixoto´s limite*. Munique (Alemanha): MV, 2006.

Concertul acelei Weltliteratur nu se poate lipsi de vocea României. *In:* COANDE, Nicolau (Org.). *Celalat Capat*. Bucareste (Romênia): Curtea Veche, 2006.

Rûmî: a dança da unidade. *In:* TEIXEIRA, Faustino. (Org.) *No limiar do mistério: mística e religião*. São Paulo: Paulinas, 2004.

Diálogo entre Ciência e Arte. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. vol. 13.

La memoria elittica di Günter Grass. *In:* BERTOZZI, Roberto (Org.). *Günter Grass dal Tamburi al Gambero*. Penne (Itália): Tracce, 2002.

Filmar Barocco. *In:* AVELLA, Aniello Angelo. *Parola immagine e utopia. Scritti in onore di Manoel de Oliveira*. Aquila: Japadre, 2002.

Traduções

ALKAN, Tozan. *Babel.* São Paulo: Attar Editorial, 2023. [Seleção e tradução de Marco Lucchesi].

IQBÃL, Mohammed. *Prelúdio*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2021. [antologia].

Areopagita, Pseudo-Dinonísio. *Teologia Mística*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2021.

BARBU, Ion. *Margens da noite*: poemas de Ion Barbu. São Paulo: Patuá, 2021. [antologia]

SILESIUS, Angelus. *Moradas*. Goiânia: Martelo Casa Editorial, 2017. Estudo introdutório de Faustino Teixeira [antologia].

RÛMÎ, Jalāl *al-Dīn*. *A flauta e a lua. Poemas de Rûmî*. 1a.ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016. (nova edição reunida de *A sombra do amado: poemas de Rûmî* e *O canto da unidade: em torno da poética de Rûmî*). 2a. ed., 2016. [antologia].

POPESCU, George. *Caligrafia Silenciosa*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015 (edição revista do livro publicado pela editora Shams, fora de comércio, em 2007). [título original: *Caligrafia Tacuta*].

GUILLEVIC, Eugènne. *Euclidianas*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2014. Posfácio de Ubiratan d'Ambrosio. [título original: *Euclidiennes*].

KHLÉBNIKOV, Velimir. *Eu e a Rússia* (edição revista e ampliada de *Poemas de Khlébnikov*, publicado em 1993). Rio de Janeiro: Editora Bem-Te-Vi, 2014. Prefácio de Valerii Bossenko. [antologia].

RÛMÎ, Jalāl al-Dīn. *A sombra do Amado*: *Poemas de Rûmî* (Tradução Marco Lucchesi e Luciana Persice). 3ª edição. Rio de Janeiro: Fissus, 2003. Orelha de Leonardo Fróes. Prêmio Jabuti 2001. [antologia].

PASTERNAK, Boris. "Versos de Iúri Jivago". *In: Doutor Jivago*. [Tradução de Zóia Prestes] Rio de Janeiro: Record, 2002. [título original: Доктор Живаго].

ECO, Umberto. *Baudolino*. Rio de Janeiro: Record, 2001. Finalista do Prêmio Jabuti. [título original: *Baudolino*].

CRUZ, Juan de la. *Pequena antologia amorosa*. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000 (edição revista da primeira seção de poemas do livro *Faces da utopia*). [antologia].

RÛMÎ, Jalāl al-Dīn. *A sombra do Amado*: *Poemas de Rûmî* (Tradução Marco Lucchesi e Luciana Persice). Rio de Janeiro: Fissus, 2000. Orelha de Leonardo Fróes. Prêmio Jabuti 2001. [antologia].

COTRONEO, Roberto. *Presto con fuoco*. Rio de Janeiro: Record, 1999. [título original: *Presto con fuoco*].

VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*. Rio de Janeiro: Record, 1999. Prêmio União Latina 2000; Premio Speciale del Presidente della Repubblica Carlo Ciampi: Prometeo d'Argento. [título original: *Scienza nuova*].

LEVI, Primo. *A Trégua*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. [título original: *La tregua*]

ALFIERI, Vittorio. *Esboço do Juízo Final*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1997. [título original: *Esquisse du Jugement Universel*].

RILKE, Rainer Maria; TRAKL, Georg. *Poemas à Noite*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996. Orelha de José Mário Pereira. Prêmio Paulo Rónai da Biblioteca Nacional. [antologia].

SÛSKIND, Patrick. *Um Combate e outros Relatos*. Rio de Janeiro: Record, 1996. [título original: *Drei Geschichten und Betrachtung*].

ECO, Umberto. *A Ilha do Dia Anterior*. Rio de Janeiro: Record, 1995. Finalista do Prêmio Jabuti 1996. [título original: *L'isola del giorno prima*].

Faces da Utopia. Prefácio de José Lívio Dantas, Eberhard Müller-Bochat, Luiz Antônio Pimentel. Niterói: Cromos, 1992. Orelha de Angelo Longo. Edição trilíngue. [totalmente revisto e incluído em *Domínios da Insônia*].

HÖLDERLIN, Friedrich. *Patmos e outros poemas de Hölderlin*. Niterói: Grupo Setembro, 1987. Prefácio de Dalma Nascimento. [antologia].

Paratextos (seleção)

"MUNDO SA TURUSU" WA Á. Constituição em Nheengatu/ STF, 2023. [prefácio em português e curadoria].

FLĂMÂND, Dinu. *Intimidade distante*: antologia 1983-2010. São Paulo: Tesseractum, 2022. [Prefácio].

MATHERS, Edward Powys. *A mandíbula de Caim*: torquemada. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022. [Prefácio].

SARAMAGO, José; FUKS, Julián. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. [Posfácio] [e-book e versão impressa].

A ALMA do Rio. *In:* PEREIRA, Merval; FILHO, Alberto Venancio; WEHLING, Arno. (orgs.) *Onde moravam os acadêmicos*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2021. [Prefácio].

FIGUEIRA, Ricardo Rezende; PRADO, Adonia Antunes; PALMEIRA, Rafael Franca. *A Escravidão na Amazônia*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2021. [Prefácio].

BOCCACCIO, Giovanni. *As dez melhores histórias do Decamerão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. [Apresentação].

CAVALCANTI, Geraldo Holanda. *O livro das origens: uma leitura descomprometida do Gênesis*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2021. [Orelha].

MELVILLE, Herman. *Moby Dick*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020. [Prefácio].

COSTA, William. *Pensar o mundo, para mudá-lo. Biografia, Celso Furtado*. Empresa Paraibana de Comunicação, Academia Brasileira de Letras. Brasil. João Pessoa: Editora A União. 2020. [Prefácio].

SÊNECA. *Como manter a calma*: *um guia clássico para lidar com a raiva*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2020. [Apresentação].

COLASANTI, Marina. *Mais longa vida*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2020. [Orelha].

REVISTA CIÊNCIA E CULTURA. Apresentação: duas palavras. Vol.72. n. 1. São Paulo. jan/mar 2020. [Apresentação].

D´AMBROSIO, Ubiratan. *Ubiratan D´Ambrosio: memórias esparsas em movimentos*. [Organização de Ana Maria Haddad Baptista]. São Paulo: BT Acadêmica, 2020. [Posfácio].

BUZZATI, Dino. *Um amor*. [Tradução de Tizziana Giorgini]. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. [Prefácio].

RIBEIRO NETO, Amador. *Poemail*. São Paulo: Patuá, 2019. [Orelha].

CALADO, Alder; DEPLAGNE, Luciana; SIMONI, Karine. (org. e trad.) *Sobre as doenças das mulheres* [*De passionibus mulierum*, de Trotula di Ruggiero]. Florianópolis: UFSC/PGET, 2018. [Quarta capa].

PORTINARI, Candido. *Poemas*. Rio de Janeiro: Funarte, 2018. [Prefácio].

VASCONCELOS, Eugênia de. *Sete degraus sempre a descer*. Lisboa: Guerra e Paz, 2018. [Posfácio].

RUBRA, Dênis. *É muito cedo pra pensar*. Rio de Janeiro: Rubra, 2017. [Orelha].

TEIXEIRO, Alva; PEREIRO, Carlos. *Comédias machadianas num ato*. Corunha (Galícia): Universidade da Coruña, 2017. [Prefácio].

RÓNAI, Paulo. *Não perca o seu latim*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017. [Prefácio].

CARVALHO, José Candido de. *Rei Baltasar*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2016. [Prefácio].

MARTINS, Floriano. *Um novo continente: poesia e surrealismo na América*. Fortaleza: Arc edições, 2016. [Orelha].

TEIXEIRA, Faustino. *Na fonte do amado: malhas da mística cristã*. São Paulo: Fonte editorial, 2016. [Prefácio].

FOSCOLO, Ugo. *As últimas cartas de Jacopo Ortis*. [Tradução de Andréia Guerini e Karine Simoni]. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. [Estudo].

MODIANO, Patrick. *Remissão da pena*. [Tradução de Maria de Fátima Couto]. Rio de Janeiro: Record, 2015. [Orelha].

TEIXEIRA, Faustino. *Mística e literatura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. [Prefácio].

ASSIS, Machado. *Textos inéditos em livro*. Mauro Rosso (Org.). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2014. [Prefácio].

CAVALCANTI, Geraldo Holanda. *Os dedos de Norma*. Rio de Janeiro: Record, 2014. [Orelha].

CIORAN, Emil. *O livro das ilusões*. [Tradução de Jose Thomaz Brum]. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. [Orelha].

JUNQUEIRA, Ivan. *Essa música*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. [Orelha].

LEMOS, Valéria Pinto; OLIVEIRA, Alexandra Almada de; CHEVALIER, Gabriela de; ROCHA, Quézia Júnia de Moraes. (Org.) *Os exames censórios do Conservatório Dramático Brasileiro: inventário analítico*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), 2014. [Estudo].

MELLO, Luiz Carlos. *Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatria rebelde*. Rio de Janeiro: Automática Edições - Hólos, 2014. [Prefácio].

NAZARENO. *Aqui do lado de dentro*. Rio de Janeiro: Luciana Caravello, 2014. [Apresentação].

MIRANDA, Ana. *Semíramis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. [Orelha].

TEIXEIRA, Faustino. *Buscadores cristãos no diálogo com o Islã*. São Paulo: Paulus, 2014. [Orelha].

CAVALCANTI, Geraldo Holanda. *A Herança de Apolo*. Rio de Janeiro: Record, 2013. [Orelha].

GULLAR, Ferreira. *Poema sujo*. 15ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013. [Orelha].

HORTA, Luiz Paulo. *De Bento a Francisco: uma revolução na igreja*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. [Posfácio].

MELO FRANCO, Afonso Arinos de. *Tramonto*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. [Orelha].

MINCU, Marin. *O diário de Drácula*. [Tradução de Talita Tibola]. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. [Prefácio].

MIRANDA, Ana. *O peso da luz*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2013. [Orelha].

OMAR KHAYYAM. *Rubaiyát*. [Tradução de J. B. de Mello e Souza]. Rio de Janeiro: Topbooks, 2013. [Apresentação].

ASSIS, Machado de; MALARD, Letícia (Estabelecimento de texto). *Esaú e Jacó*. 2ª ed., rev. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. [Posfácio].

CASSAS, Luís Augusto. *A poesia sou eu: poesia reunida*. Rio de Janeiro: Imago, 2012. [Prefácio].

GALESANU, Dumitru. *Fugăsprerosu = poeme*. Bucareste (Romênia): Tracus Arte, 2012. [Prefácio].

MERQUIOR, Joé Guilherme. *Verso e universo em Drummond*. São Paulo: É Realizações, 2012. [Ensaio].

PADILHA, Tarcísio. *A ontologia axiológica de Louis Lavelle*. São Paulo: É Realizações, 2012. [Orelha].

TEIXEIRA, Faustino. *Caminhos da mística*. São Paulo: Paulinas, 2012. [Prefácio].

TEIXEIRA, Faustino. *Buscadores do diálogo. Itinerários Inter-religiosos*. São Paulo: Paulinas, 2012. [Prefácio].

COSTA E SILVA, Alberto. *Ao lado de Vera*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. [Prefácio].

LIMA, Diógenes da Cunha. *Natal: uma nova biografia*. Natal: Infinita Imagem, 2011. [Orelha].

SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. *Olho a olho: ensaios de longe*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011. [Orelha].

SEREBRIAN, Oleg. *Cânteculmarii*. Bucareste (Romênia): Cartier, 2011. [Quarta-capa].

VILAÇA, Marcos Vinicius. *De novo presidente*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011. [Orelha].

PIÑON, Nélida. *O coração presumível da América*. Rio de Janeiro: Record, 2011. [Orelha].

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia: Inferno*. [Tradução de Jorge Wanderley]. São Paulo: Abril, 2010. [Estudo].

LITTELL, Robert. *De Mandelstam para Stálin*. [Tradução de Mauro Gama]. Rio de Janeiro: Record, 2010. [Orelha].

ESPINHEIRA FILHO, Rui. *Sob o céu de Samarcanda: poemas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Fundação Biblioteca Nacional, 2009. [Orelha].

MIRANDA, Ana. *Yuxin: alma*. São Paulo: Companhia das Letras: sesc, 2009. [Orelha].

PATRAQUIM, Luís Carlos. *Pneuma: poesia*. Lisboa (Portugal): Caminho, 2009. [Prefácio].

NORÕES, Everardo. *Retábulo de Jerônimo Bosch*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. [Orelha].

CARDOZO, Joaquim. *Joaquim Cardozo: poesia completa e prosa* (org. de Everardo Morões). Rio de Janeiro: Nova Aguilar; Recife: Massangana, 2007. [Estudo].

CAVALCANTI, Geraldo Holanda. *Encontro em Ouro Preto*. Rio de Janeiro: Record, 2007. [Orelha].

GUERINI, Andréia. *Gênero e tradução no* Zibaldone *de Leopardi*. São Paulo: edusp, 2007. [Prefácio].

BLOCH, Ernst. *O princípio esperança: volume ii*. [Tradução de Werner Fuchs]. Rio de Janeiro: eduerj/ Contraponto, 2006. [Orelha].

CARVALHO, Luiz Fernando Medeiros de; BRASILEIRO, Cristiane (Org.). *Retrato do artista enquanto sempre*. Niterói: Niterói Livros, 2006. [Prefácio].

ECO, Umberto. *Entre a mentira e a ironia*. [Tradução de Eliana Aguiar]. Rio de Janeiro: Record, 2006. [Orelha].

NEJAR, Carlos. *Riopampa: moinho de tribulações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2006. [Prefácio].

VILLAÇA, Antonio Carlos. *O nariz do morto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. [Orelha].

BRITO, Ronaldo Correia de. *Livro dos homens: contos*. São Paulo: Cosac Naify, 2005. [Orelha].

CAMPAILLA, Sergio. *O paraíso terrestre*. [Tradução de Eugenia Maria Galeffi]. Rio de Janeiro: Versal, 2005. [Prefácio].

ECO, Umberto. *A misteriosa chama da rainha Loana*: romance ilustrado. [Tradução de Eliana Aguiar]. Rio de Janeiro: Record, 2005. [Orelha].

MEIRELLES, Domingos. *1930: os órfãos da revolução*. Rio de Janeiro: Record, 2005. [Apresentação].

MUSSA, Alberto. *O enigma de Qaf*. Rio de Janeiro: Record, 2004. [Orelha].

I giorni e le idee: Leopoldo Paciscopi alla Palazzina Mangani. Florença (Itália): Il Ponte, 2003. (Catálogo de exposição) [Prefácio].

MAHFUZ, Nagib. *Miramar*. [Tradução de Safa Abou Chahla Jubran]. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2003. [Orelha].

PEDROSA, Israel. *O universo da cor*. Rio de Janeiro: SENAC, 2003. [Prefácio].

PASTERNAK, Boris. *Doutor Jivago*. [Tradução de Zóia Prestes] Rio de Janeiro: Record, 2002. [Prefácio].

GRASS, Günter. *A ratazana*. [Tradução de Lya Luft]. Rio de Janeiro: Record, 2002. [Orelha].

MAHFUZ, Nagib. *O jogo do destino*: romance. [Tradução de Ibrahim Georges Khalil]. Rio de Janeiro: Record, 2002. [Estudo].

PEIXOTO, Mário; MELLO, Saulo Pereira de (Org.). *Poemas de permeio com o mar*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002. [Apresentação].

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética* (organizada pelo autor). 48ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. [Prefácio].

MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente: por uma sociologia da vida cotidiana*. [Tradução de Alípio de Souza Filho]. Natal: Argos, 2001. [Orelha].

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. [Tradução de M. F. Sá Correia]. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001. [Orelha].

MONTALE, Eugenio. *Diário póstumo*. [Tradução de Ivo Barroso]. Rio de Janeiro: Record, 2000. [Prefácio].

BURROWES, Patrícia. *O universo segundo Arthur Bispo do Rosário*. Rio de Janeiro: fgv Editora, 1999. [Orelha].

HESSE, Hermann. *Felicidade*. [Tradução de Lya Luft]. Rio de Janeiro: Record, 1999. [Prefácio].

AZEVEDO, Álvares de. *Macário*. Rio de Janeiro: Artium, 1998. [Prefácio].

ECO, Umberto. *Cinco escritos morais*. [Tradução de Eliana Aguiar]. Rio de Janeiro: Record, 1998. [Orelha].

FURTADO DE MENDONÇA, Celso. *Os equivocados & outros poemas*. Niterói: Cromos, 1998. [Orelha].

TASSO, Torquato; BUENO, Alexei; LYRA, Pedro. *Jerusalém libertada*. [Tradução de José Ramos Coelho]. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998. [Estudo].

CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*. [Tradução de Patrícia Burrowes]. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. [Prefácio].

LIMA, Jorge de; BUENO, Alexei (Org.). *Jorge de Lima: poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. [Estudo].

LIMA, Jorge de. *Calunga*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. [Posfácio].

LONGO, Angelo. *No bosque do santuário*. Niterói: Cromos, 1997. [Orelha].

FICINO, Marsilio. *O livro do amor*. Niterói: Centro de Investigação Filosófica, Clube de Literatura Cromos, 1996. [Estudo].

GARAUDY, Roger. *Minha jornada solitária pelo século: memórias*. [Tradução de Luciana Persice Nogueira]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. [Posfácio].

LACERDA, Rodrigo. *A dinâmica das larvas: comédia trágico-farsesca*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. [Orelha].

MAZARIN, Jules. *Breviário dos políticos*. [Tradução de Ana Thereza Vieira]. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1997. [Estudo].

BEVILACQUA, Alberto. *O eros*. [Tradução de Mario Fondelli]. Rio de Janeiro: Record, 1995. [Orelha].

FURTADO DE MENDONÇA, Celso. *Os que não vieram*. Niterói: Cromos, 1995. [Prefácio].

SILVEIRA, Nise da; LUCCHESI, Marco. *Cartas a Spinoza*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. [Prefácio].

Roteiro

A Divina Comédia. Filme de Adriana Varella sobre espetáculo de Regina Miranda. Rio de Janeiro, 1992.

Poemas Musicados

LUCCHESI, Luana. *Irminsul.* (peça para piano), 2021.

LAPA, Fernando. *De outras estrelas*. (seleção de poemas), 2019.

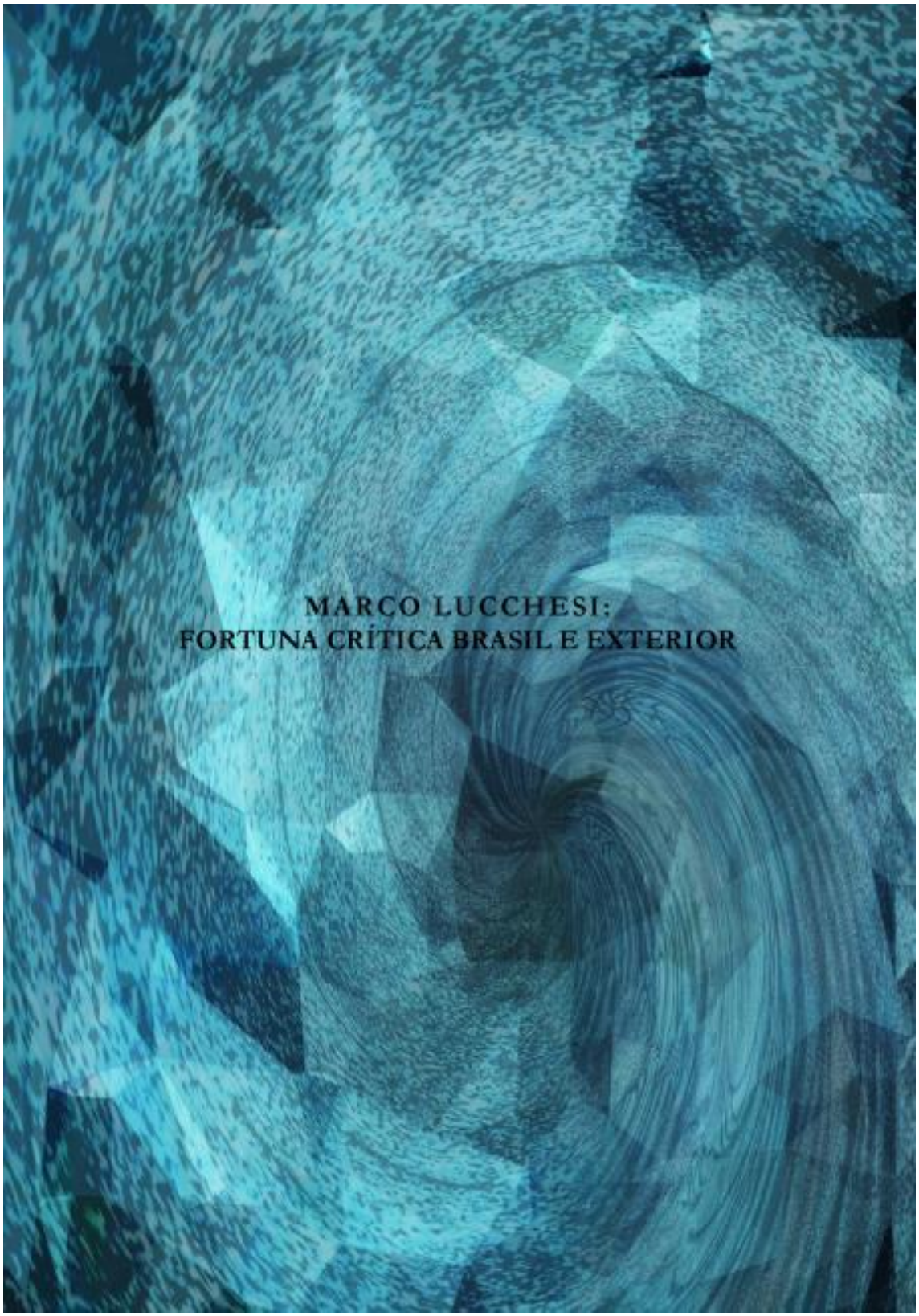
TEIXEIRA, Estêvão. *Mistérios do som: Uma leitura de Rûmî para flauta* (tradução de *Poemas de Rûmî*), 2016.

LAPA, Fernando. *Como Perder-se em Tanta Claridade*? Peça para mezzo-soprano, saxofone alto, acordeão, percussão, guitarra, piano e quarteto de cordas (seleção de poemas de *Sphera*), 2015.

SOTUYO, Pablo. Poema "Cantiga de amor" (do livro *Alma Vênus*), 2015.

VIANA, Marcus. Poema "Artista" (tradução de Rûmî para o português). CD "Poemas Místicos de Rûmî", música de Marcus Viana e voz de Leticia Sabatella). Belo Horizonte: Sonhos & Sons, 2008.

CINTRA, Pedro. Poema "Romança à Noite" (tradução de Georg Trakl para o português),1993.


MARCO LUCCHESI:
FORTUNA CRÍTICA BRASIL E EXTERIOR

Brasil

A LÍNGUA Portuguesa é uma filosofia de interpretação do mundo, diz acadêmico brasileiro em Paris. *UOL*, Brasil, 10 maio 2022. [artigo em jornal on-line].

A PASÁRGADA de um 'carioca sorriso'. *O Globo*, Rio de Janeiro, 12 maio 1996. p. 8. Jornais de Bairro. [artigo em jornal].

ABELHA, Cristina. Espreitando Khliébnikov nas esquinas da vida. *A Gazeta*, Vitória, 20 ago.1993. Caderno 2. [artigo em jornal].

ABL: Marco Lucchesi é empossado na presidência. *O Fluminense*, Niterói, 15 dez. 2017. [artigo em jornal].

ABL TERÁ nova diretoria ano que vem. *RJTV 2ª Edição*, Rio de Janeiro, 4 dez. 2015. [reportagem em telejornal].

ABRANCHES, Sérgio. Um livro, uma biblioteca e um bibliotecário. *Comunità Italiana*, Niterói, 20 nov. 2017. [artigo em revista].

ABREU, Gilberto de. Faces da utopia. *O Fluminense*, Niterói, 10 dez. 1991. Segundo Caderno. [artigo em jornal].

ACADEMIA Brasileira de Letras assina convênio para criar bibliotecas em quilombos do RJ. *G1*, Rio de Janeiro, 07 jul. 2019. [artigo em jornal online].

ADRIANO, Andreas. O pessimismo cósmico de Leopardi. *Gazeta Mercantil*, Curitiba, 24 maio 1996. Livros. [entrevista em jornal].

AFONSO, Borges. Escritor doa seis livros para um museu. *O Globo*, 23 mai 2019. [artigo em jornal].

AGÊNCIA BRASIL. Comunidades quilombolas terão bibliotecas nas escolas no estado do Rio. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08 jul. 2019. [artigo em jornal].

AIKAWA, Adriana. *Ação e contemplação na* poética de Marco Lucchesi. *In:* GUERINI, Andréia; SIMONI, Karine. *Nulla che non possano i versi.* Antologia de poesia italiana entre o Brasil e a Itália. Florianópolis: UFSC/PGET, 2018. [ensaio crítico].

ALÉM DOS FANTASMAS. *Comunità Italiana*, Niterói, 30 nov. 2016. [artigo em revista].

ALFANO, Bruno. A literatura não é um manual de bons costumes. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 fev. 2020. [entrevista em jornal].

ALKAN, Tozan. *Revista Virüs*. Istambul-Turquia: Metro Mtbaacilik Ltda. Sti, 2021. [Seleção e tradução de poemas de M.L. para o turco].

ALMEIDA, Joel Rosa de. Os males de amor de Marco Lucchesi. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; *Marco Lucchesi: Estética do Interdisciplinar*. São Paulo: Patuá, 2020. [capítulo de livro dedicado a M.L.].

ALMEIDA NETO, Jac de. Artaud. *Jornal pra Valer*, Niterói, set. 1989. [artigo em jornal].

ALMEIDA, Carol. Poesia e música na Fundaj. *Jornal do Comércio*, Recife, 18 nov. 2003. [artigo em jornal].

ALMEIDA, Sônia. Apresentação de Marco Lucchesi na Academia Maranhense de Letras. *O Estado do Maranhão,* São Luís, 6 jun. 2008. [artigo em jornal].

ALMENDRA, Viviani Aparecida Zornetta. *Marco Lucchesi: por uma educação literária transformadora*. 223f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2023. [dissertação de mestrado].

ALMENDRA, Viviani Aparecida Zornetta. E-book. *Marco Lucchesi: por uma educação literária transformadora*. São Paulo: Akahad Editorial, 2024.

ALONSO, José Inaldo. Dante em Niterói. *A Tribuna*, Niterói, 5 maio 1986. Artes Fluminenses. [artigo em jornal].

ALONSO, José Inaldo. *In:* LUCCHESI, Marco. *Breve introdução ao Inferno de Dante*: poesia e teologia. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1986. p. 7-10. [prefácio].

ALVES, Chico. Fiquemos alerta contra a censura, diz presidente da Biblioteca Nacional. *Uol*, 21 maio 2023. [entrevista em blog].

AMÂNCIO, Moacir. Harmonia e Brilho. *In:* LUCCHESI, Marco. *Meridiano celeste & bestiário*. Rio de Janeiro: Record, 2006. [orelha].

AMARANTE, Dirce Waltrick do. Tradução é a arte de naufragar com dignidade e nobreza. *Jornal Opção*, ed. 2213, Goiânia, 9 dez. 2017. [artigo em jornal].

AMORIM, Kacianna Patrícia de Jesus Barbosa. Obliteração e resiliência: a sobrevivência de livros e bibliotecas. In: BAPTISTA, Ana Maria Haddad Baptista; CRUZ, Judite Maria Zamith (orgs.). *Práticas das transformações silenciosas*. ePub. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2022. [capítulo de livro].

ANDRADE, Alexandre de Melo. O dom do crime: a literatura como território das (co)incidências. Resenha de: LUCCHESI, Marco. O dom do crime. Rio de Janeiro: Record, 2010. *Revista Água Viva Revista de Estudos Literários,* Brasília, v. 1, n. 2, 2011. [resenha em periódico].

ANDRADE, Alexandre de Melo. Alma Vênus de Marco Lucchesi: em busca do paraíso (im)perdido. *Revista Texto Poético*, Goiás, v. 8, n. 12, p. 107-121, 2012. [artigo em periódico].

ANDRADE, Fábio Cavalcante de. *A transparência impossível:* lírica e hermetismo na poesia brasileira atual. 332f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. [capítulo de tese dedicado a M.L.].

ANDRADE, Fábio Cavalcante de; LUCCHESI, Marco. Entrevista com Marco Lucchesi. *In:* ANDRADE, Fábio Cavalcante de. *A transparência impossível. Lírica e hermetismo na poesia brasileira atual*. 332f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. [entrevista em tese].

ANDRADE, Fábio; LUCCHESI, Marco. Entrevista com Marco Lucchesi. *Crispim*: Revista de crítica e criação literária, Recife, n. 1, p. 73-75, 2006. [entrevista em revista].

ANDRADE, Rafael. Autor brinca com a possibilidade de crime real ter inspirado Dom Casmurro. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 01 jan. 2011. [artigo em jornal].

ANDRÉ, Carminda Mendes. Campinas, 09 de setembro: Caro Marco Lucchesi. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; *Marco Lucchesi: Estética do Interdisciplinar*. São Paulo: Patuá, 2020. [capítulo de livro dedicado a M.L.].

ANTONINI, Patrizia. ANSA-Entrevista - Constituição ganhará versão em língua indígena. Terra, 20 maio 2023. [entrevista em blog].

ANTUNES, Maria Eduarda. Colóquio Debate sobre Arte Literária. *Diário de Pernambuco*, Recife, 18 nov. 2003. [artigo em jornal].

AOS 54 ANOS, Marco Lucchesi surpreende por conquistar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, o mais jovem imortal. *Revista Família Cristã*, n. 986, São Paulo, fev. 2018. [artigo em revista].

APOLINÁRIO, Débora de Freitas Ramos. *Do século XIX ao XXI: a composição ficcional de Marco Lucchesi em* O Dom do crime. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Letras). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018. [tese dedicada a M.L.].

APOLINÁRIO, Débora de Freitas Ramos. *Marco Lucchesi e Os olhos do deserto*: a experiência poética do caminhante. 98f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. [dissertação dedicada a M.L.].

AS PONTES ecumênicas na poética de Rûmî. *Revista Instituto Humanitas Unisinos on-line*. São Leopoldo, n. 435, dez. 2013. [entrevista em revista].

ASSEF, Marlova Gonsales. *Poetas-tradutores e o cânone da poesia traduzida no Brasil (1960-2009)*. Tese. Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012. [passim].

ASSUMPÇÃO, José Carlos. O gênio Artaud na intimidade de quatro artistas. *O Fluminense*, Niterói, 28 set. 1989. Segundo Caderno. [artigo em jornal].

AVELAR, Marcelo Castilho. A máquina de criar metáforas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 fev. 1995. Caderno Espetáculo. [artigo em jornal].

AVELLA, Aniello Angelo. *In:* LUCCHESI, Marco. *Ficções de um gabinete ocidental*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. [orelha].

AVELLA, Aniello Angelo. Marco Lucchesi: Il Poeta italo-brasiliano premiato al Quirinale. *Comunità Italiana*, Niterói, 3 jun. 2003. [artigo em revista].

AVIZ, Fernando de. Eco em Lucchesi. *SeteDias*, Niterói, fev.1995. [artigo em jornal].

AVIZ, Fernando de. Faces da Utopia. *SeteDias*, Niterói, 15 maio 1993. [artigo em jornal].

AVIZ, Fernando de. O prazer de ler. *SeteDias*, Niterói, 12 set. 1992. [artigo em jornal].

BAGGIO, Hugo. Hölderlin de Marco Lucchesi. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, maio 1988. Segundo Caderno. [artigo em jornal].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad; CRUZ, Judite Maria Zamith (orgs.). *Marco Lucchesi: Prismatic Fascination of Silence*. ePub. São Paulo: Akhad Editorial, 2024. [coletânea de ensaios dedicados a M.L.].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad (org.). *Paulo Freire e Marco Lucchesi: Educação, Memórias e Diálogos Interdisciplinares*. ePub. São Paulo: Akhad Editorial, 2024. [coletânea de ensaios dedicados a M.L.].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. *Estética do Interdisciplinar*. 1a. ed., São Paulo: Patuá, 2020. [livro de ensaios sobre a obra de M.L.] 2a. ed. revista e ampliada. São Paulo: Átopos, 2023.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. *Marina*. Eccos - Revista Científica, São Paulo, n. 66, p. 1-11, e 251 61, jul./set. 2023. [resenha da obra Marina].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad; CRUZ, Judite Maria Zamith (orgs.). *Marco Lucchesi: Práticas das transformações silenciosas*. ePub. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2022. [coletânea de ensaios dedicados a M.L.].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Marco Lucchesi e Semana de Arte Moderna. *Revista Humanitas*. n. 151. São Paulo: Editora Escala, 2022. [ensaio sobre M.L.].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Educação: de algumas leituras que me atravessam. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad et. al. (orgs.) *Educação, Artes e Literatura: reminiscências*. Belo Horizonte: Tesseractum Editorial/Fundarte, 2021. [capítulo de livro].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad; HUMMES, Júlia Maria; DAL BELLO, Márcia Pessoa (orgs.). *Marco Lucchesi:* estrela-poética-labirinto. Ed. e-book e impresso. Belo Horizonte: Tesseractum Editorial /Montenegro-RS: Fundarte, 2021. [livro de ensaios sobre a obra de M.L.].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. *Marco Lucchesi*: star-poetics-labyrint. Tesseractum Editorial. Belo Horizonte, 2021, (e-book). 2ª. Edição impressa, 2023. [livro de ensaios em língua inglesa sobre M.L.].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Marco Lucchesi: o diálogo entre o Ocidente e o Oriente. *Revista Nizwa*. n. 105. Muscat; Ministério da Informação/ Sultanato de Omã, 2021.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Cioran: da solidão. O que é solidão? *In:* CARANNANTE, Irma; ROTIROTI, Giovanni; VALCAN, Ciprian (orgs.). *In: Emil Cioran: Zile de Studiu la Napoli / Giornarte di Studio a Napoli 2019-2020*. Timişoara: Editura Universităţii de Vest; Milano: Criterion Editrice, 2021.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Ondulações rumo ao insondável. *Revista Humanitas*. n. 140. São Paulo: Editora Escala, 2021. [ensaio sobre M.L.].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. É possível um diálogo entre literatura e matemática? *Revista Língua Portuguesa e Literatura*. n. 84. São Paulo, Editora Escala, 2020 [artigo em revista].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Cultura da Paz: uma resenha por Ana Haddad. Oficina Raquel, 05 nov. 2020. [resenha sobre livro de M.L.].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Marco Lucchesi: o diálogo interdisciplinar. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; Sonia R. Albano de Lima (orgs.) *Arte, Filosofia e Educação: possibilidades de um diálogo interdisciplinar*. Belo Horizonte: Tesseractum Editorial, 2020. [capítulo de livro].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad (org.). *Marco Lucchesi: Estética do Interdisciplinar*. São Paulo: Patuá, 2020. [livro coletânea de ensaios dedicados a M.L.].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; *Marco Lucchesi: Estética do Interdisciplinar. Marco Lucchesi ou a estética da pluralidade-diversidade*. São Paulo: Patuá, 2020. [prefácio dedicado a M.L.].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Remédio para a vida é desnascer. Filosofia, literatura e estética. *Revista Filosofia ciência e vida*, n. 153. São Paulo: Escala, 2019. [resenha sobre livro de M.L.].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad; FUSARO Márcia; LAURITI, Nádia Conceição. *Estética do Labirinto: por uma poética de Marco Lucchesi.* São Paulo: BT Acadêmica, 2019. (e-book).

BAPTISTA, Ana Maria Haddad; FUSARO, Marcia; LESSA, Verônica (orgs.). *Marco Lucchesi: Ensaios Escolhidos - Meta-Ensaios*. São Paulo: Alma Mater, 2019. 104 p. [livro de ensaios sobre a obra de M.L.].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad; FUSARO, Marcia; LESSA, Verônica (orgs.). Das preliminares. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; FUSARO, Marcia; LESSA, Verônica (orgs.). *Marco Lucchesi: Ensaios Escolhidos - Meta-Ensaios*. São Paulo: Alma Mater, 2019. 104 p. [prefácio].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. *Mal de amor. Por uma estética das sutilezas*. São Paulo: Escala, ed. 148, 2019. [artigo em revista].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Dos estilhaços da memória. *In:* LUCCHESI, Marco. *Saudades do Paraíso*. São Paulo: B.T. Acadêmica, 2019. E-book. Ilustrações de Rose Marie Silva Haddad. [prefácio].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad; FUSARO, Márcia; LAURITI, Nádia Conceição. *Estética do labirinto. A poética de Marco Lucchesi*. São Paulo: Patuá, 2018. [livro coletânea de ensaios dedicados a M.L.].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Estética do labirinto-tempo-memória na literatura de Marco Lucchesi. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; FUSARO, Márcia; LAURITI, Nádia Conceição. *Estética do labirinto. A poética de Marco Lucchesi*. São Paulo: Patuá, 2018. [capítulo de livro dedicado a ML].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Marco Lucchesi: por uma estética da amizade. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; FUSARO, Márcia; LAURITI, Nádia Conceição. *Estética do labirinto. A poética de Marco Lucchesi*. São Paulo: Patuá, 2018. [posfácio].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad; FUSARO, Márcia; LAURITI, Nádia Conceição. Cintilações-pluralidade-espessura. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; FUSARO, Márcia; LAURITI, Nádia Conceição. *Estética do labirinto. A poética de Marco Lucchesi.* São Paulo: Patuá, 2018. [prefácio].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. O diálogo interdisciplinar na poética de Marco Lucchesi ou a estética do labirinto. *In: Poéticas da Educação*. São Paulo: BT Acadêmica, 2018. [capítulo de livro].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. O diálogo possível entre Oriente-Ocidente/Ocidente-Oriente. *Revista Filosofia, Ciência e Vida*. São Paulo, vol. 139, 2018. p. 28-29 [artigo em revista].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Das cinco fórmulas poéticas que envolvem o belo e o sublime na educação. *In:* BAPTISTA, Anna Maria Haddad; NAVAS, Diana; HUMMES, Julia Maria; DAL BELLO, Márcia Pessoa. *Educação & o Belo e o Sublime*. São Paulo: Big Time, 2017. [capítulo de livro].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. A Filosofia de um poeta**.** *Revista Filosofia, Ciência e Vida*, São Paulo, n. 128, 2017. p. 5-11. [entrevista em revista].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. A palavra poética. *Revista Filosofia, Ciência e Vida*, São Paulo, v. 110, 2015 p. 26-27. [artigo em revista].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Breve viagem por uma ilha que voa e a língua Laputar. *Revista Filosofia, Ciência e Vida*, São Paulo, [s.d.]. [artigo em revista].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Encontro com Marco Lucchesi. *Agulha Revista de Cultura*. 30 ago. 2017. [entrevista em revista].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Marco Lucchesi: um convite à estética do labirinto. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, 2018. [artigo em periódico].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Memórias de um deserto. *Revista Filosofia, Ciência e Vida*, São Paulo, v. 107, p. 26-27, 2015. [artigo em revista].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Nove cartas sobre a Divina Comédia: uma reserva poética. *Revista Filosofia, Ciência e Vida*, São Paulo, v. 121, 2016. [artigo em revista].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. O Carteiro Imaterial ou uma reserva de signos sensíveis. *Revista Filosofia, Ciência e Vida*, São Paulo, v. 124, p. 22-23, 2017. [artigo em revista].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. O diálogo interdisciplinar na poética de Marco Lucchesi ou a estética do labirinto. *Revista Filosofia, Ciência e Vida*, São Paulo, v. 129, p. 44-50, 2017. [artigo em revista].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Por uma estética da solidão. *Revista Filosofia, Ciência e Vida*, São Paulo, v. 121, p. 52-58, 2016. [artigo em revista].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. *O diálogo interdisciplinar na poética de Marco Lucchesi ou a estética do labirinto/* Parte I e II. set. 2017. [artigo em homepage].

BARBAZIA, Cecilia Helena Giansanti de Carvalho Ferreira. *Marco Lucchesi: educação e a poesia da Matemática.* São Paulo: Tesseractum, 2023.

BARBAZIA, Cecília Helena Giasanti de Carvalho Ferreira. Marco Lucchesi's mathematical poetry. *In*: BAPTISTA, Ana Maria Haddad; VALCAN, Ciprian; FUSARO, Márcia (orgs.) Education and Research Topics. São Paulo: Tesseractum, 2023. [capítulo de livro - e-book].

BARBAZIA, Cecilia Helena Giansanti de Carvalho Ferreira. *Marco Lucchesi*: educação e a poesia da matemática. 107f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2022. [dissertação de mestrado].

BARBAZIA, Cecilia Helena Giansanti de Carvalho Ferreira. A poesia matemática de Marco Lucchesi. *In*: BAPTISTA, Ana Maria Haddad Baptista; CRUZ, Judite Maria Zamith (orgs.). *Práticas das transformações silenciosas*. ePub. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2022. [capítulo de livro].

BARBOSA, Viviane Rasga. O jovem brasileiro e a leitura literária: o poder (trans) formador da palavra (inclusive) em Marco Lucchesi. In: BAPTISTA, Ana Maria Haddad Baptista; CRUZ, Judite Maria Zamith (orgs.). *Práticas das transformações silenciosas*. ePub. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2022. [capítulo de livro].

BARBOZA, Lilian Cristina de Souza. Constelações poético-matemáticas. *In*: SOUZA, Ricardo de. *Marco Lucchesi*: literatura e matemática. Prefácio Ubiratan D' Ambrosio, Ana Maria Haddad Baptista. Belo Horizonte: Tesseractum Editorial, 2021. [capítulo de livro dedicado a M.L.].

BARROS, Luiz Antonio de. Índice remissivo. *In:* KAHLMEYER-MERTENS, Roberto Saraiva. *Índice remissivo do romance "O dom do crime", de Marco Lucchesi (exclusivo para o Literatura-Vivência)*. Literatura-Vivência, Toledo, 29 fev. 2012. [índice remissivo].

BARROSO, Ivo. A "sinistra via" de Marco Lucchesi. *In:* LUCCHESI, Marco. *Saudades do paraíso*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1997. p.7-13. [prefácio].

BARROSO, Ivo. A "Via Sinistra" de Marco Lucchesi. *In:* LUCCHESI, Marco. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 387-392 [posfácio].

BARROSO, Ivo. Umberto Eco aventureiro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 jan. 1995. Caderno Ideias. [artigo em jornal].

BASSI, Rafael. O dia em que conheci Marco Lucchesi. *Rayuelas & Cafés*, Porto Alegre, 19 jan. 2017. [artigo em blog].

BECKER, Elizamari Rodrigues Becker; CAVALLO, Patrizia. Experiência de leitura, recepção e tradução: o romance A Ilha do Dia Anterior, de Umberto Eco, no Brasil. *In:* RODRIGUES, Roberta Rego. O universo polissêmico e fronteiriço da tradução literária. Caderno de Letras. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: Editora UFPel. 2014. n. 23, Jul-Jan [artigo em revista].

BÉRGAMO, Mônica. Biblioteca Nacional tem recorde inscritos em prêmio literário de 30 mil. *Uol*, São Paulo, 13 ago. 2023. [artigo em jornal digital].

BERLENDIS & VERTECCHIA lança "Euclidianas", com tradução de Marco Lucchesi. *Communica Brasil*, São Paulo, 09 out. 2014. [artigo em homepage].

BERTOLAZZI, Federico. Sete di totalità. *Comunità Italiana*, n. 240. Niterói: ed. Comunità, 2018. [artigo em revista].

BERTOL, Rachel. Machado de Assis outra vez. *O Globo*, Rio de Janeiro, 19 set. 2008. Prosa & Verso. [artigo em jornal].

BESSA, Pedro Pires. Marco Lucchesi. *Jornal Agora*, Divinópolis, 19 set. 2013. [artigo em jornal].

BEZERRA, Elvia. *Meu diário de Lya*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002. [passim].

BEZERRA, Elvia. *Um amor assim delicado*. Correio IMS. [artigo em homepage].

BIBLIOTECA DO FÁBIO. *O bibliotecário do imperador, de Marco Lucchesi*. 17 fev. 2015. [artigo em blog].

BIBLIOTECA DO FÁBIO. *O Dom do Crime*. 03 maio 2011. [artigo em blog].

Biblioteca Nacional tem encontro com parceiras africanas. *Agência Brasil,* Rio de Janeiro, 21 agost. 2023. [artigo em jornal digital].

Biblioteca Nacional recebe Constituição de 1998 em nheengatu. *Agência Brasil,* Rio de Janeiro, 25 agost. 2023. [artigo em jornal digital].

Biblioteca Nacional recebe Constituição de 1988 em nheengatu. *PMT,* Mato Grosso, 25 agost. 2023. [artigo em jornal digital].

BICHARA SOBREIRA, Ivan. Saudades do Paraíso. *A União*, João Pessoa, 10 Set. 1997. [artigo em jornal].

BLOT, Nicole. Nova membro de la Honora Patrona Komitato de UEA: prof. Marco Lucchesi. *Esperanto-Indre*. 11 ago. 2021. [artigo em jornal].

BONAFFINI, Luigi; PERRICONE, Joseph. *Poets of the Italian Diaspora. A Bilingual Anthology*. Introduzioni di Sante Matteo e Francesco. *In: Annali d'italianistica*. Volume 35. 2017. Italian Bookshelf. [artigo em revista].

BOSI, Alfredo. Clio e insônia na poesia de Marco Lucchesi. *In:* LUCCHESI, Marco. *Clio*. São Paulo: Globo, 2014. p. 11-15. [prefácio].

BOSI, Alfredo. Leopardi. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1996. Caderno Ideias. [artigo em jornal].

BOSSENKO, Valerii. Vielimir Khliébnikov no Brasil e em Astrakhan. *Comunità Italiana*, Tradução e redução do original russo por Maria Aparecida Botelho Pereira Soares. Niterói, 11 set. 2007. [artigo em revista].

BRAGANÇA, Aníbal. *Livraria ideal*: do cordel à bibliofilia. Niterói: EdUFF, 1999. [passim].

BRAGA, Thallys. Depois do Deserto: A Biblioteca Nacional volta a ter um presidente respeitável. *Revista Piauí*, São Paulo, jul. 2023. [artigo em revista].

BRASIL, Jorge Luís. Porta-voz de "louca" poesia russa. *O Fluminense*, Niterói, 27 maio 1993. Segundo Caderno. [entrevista em jornal].

Brasil distribui milhares de livros pelo mundo como ato diplomático. *Uol,* São Paulo, 07 setemb. 2023. [artigo em jornal].

BRASIL, Ubiratan. A divertida e complicada erudição de Baudolino. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 4 fev. 2001. Caderno de Cultura, p. 2. [artigo em jornal].

BRASIL, Ubiratan. O místico amor de Rûmî pela tolerância ilimitada. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 5 ago. 2000. Caderno Dois. [artigo em jornal].

BRITES, Claudio. Claros fragmentos de uma história viva: um ensaio inconsapevole sobre a obra. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad et. al. (orgs.) *Educação, Artes e Literatura: reminiscências*. Belo Horizonte: Tesseractum Editorial/Fundarte, 2021. [capítulo de livro].

BRITO, Luiza França. Diálogo imaginário: Paulo Freire e Lucchesi. *In:* Comunità Italiana. n. 266, set. 2020. [artigo em jornal].

BRUM, Angélica. A face menos conhecida do Islã. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 set. 2001. Caderno B. [artigo em jornal].

BUENO, Alexei. *Uma história da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff, 2007. [passim]

BURROWES, Patrícia. Alma Vênus. *In:* LUCCHESI, Marco. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 359-360. [posfácio].

CAGIANO, Ronaldo. Recensão crítica a "Mal de Amor", de Marco Lucchesi. *In: Revista Colóquio/Letras*. Recensões Críticas, n.º 203, Jan. 2020, p. 263-266. [resenha em periódico].

CAINELLI, Clivia Martins de Oliveira. A magia do encanto nos versos de Marco Lucchesi em Domínios da Insônia. In: BAPTISTA, Ana Maria Haddad Baptista; CRUZ, Judite Maria Zamith (orgs.). *Práticas das transformações silenciosas*. 1a. ed. ePUB 2022. 2a. ed. 2023 impresso. São Paulo: Tesseractum Editorial. [capítulo de livro].

CAINELLI, Clívia Martins de Oliveira. Cena I - A Flauta e a Lua. *In*: CAINELLI, Clívia Martins de Oliveira. 9 livros vertiginosos. São Paulo: Tesseractum Editorial. 2023. [capítulo de livro dedicado a ML].

CAINELLI, Clivia Martins de Oliveira. O intenso e singular estilo de Marco Lucchesi em o Bibliotecário do Imperador. In: BAPTISTA, Ana Maria Haddad Baptista; CRUZ, Judite Maria Zamith (orgs.). *Práticas das transformações silenciosas*. 1a. ed. ePub, 2022. 2a. ed. 2023 impresso. São Paulo: Tesseractum Editorial. [capítulo de livro].

CAINELLI, Clivia Martins de Oliveira. *Nove Cartas sobre livros de Marco Lucchesi*. ed. e-book. São Paulo: Átopos, 2023.

CALABRÒ, Corrado. I Lumi del Secolo. *Comunità Italiana*. Niterói, jul. 2005, p. 2. Revista Mosaico. [poema dedicado a M.L.].

CALDAS, Dorian Gray. Marco Lucchesi ou a paixão do infinito. *Jornal O Galo*, Natal, jun. 2002, p. 6. [artigo em jornal].

CALDAS, Maria. Escritor busca as metáforas no meio do caminho. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 jun. 1996. Caderno Boa Viagem. [entrevista em jornal].

CAMPOS, Antonio. Unidos pelo Mediterrâneo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 out. 2011. [artigo em jornal].

CARDOSO, Anna Luiza. Entre armas e livros, qual a dúvida? *Conversa com (A)Gente*. Villas-Boas & Moss. 13 abr. 2021 [entrevista em revista].

CARNEIRO, Paulo. Universo de Eco volta em aventura ao ar livre. *Diário do grande ABC*, Santo André, 11 fev. 1995. [artigo em jornal]

CARRIERI, Marcos. A Biblioteca dos brasileiros para o mundo. *ANBA*, São Paulo, 28 set. 2023. [artigo em jornal digital].

CASEMIRO, Luciano. Personagens da cidade nas memórias de Marco Lucchesi. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 ago. 1997. Suplemento de Niterói. [artigo em jornal].

CASSAS, Luís Augusto. Marco Lucchesi, o peregrino querubínico. *O Estado do Maranhão*, São Luís, 6 jun. 2008, p. 3. [artigo em jornal].

CASTELLO, José. A poesia errante e sem volta de Marco Lucchesi. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 out. 2001. Caderno Dois. [artigo em jornal].

CASTELLO, José. *In:* LUCCHESI, Marco. *A memória de Ulisses*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. [orelha].

CASTELLO, José. *In:* LUCCHESI, Marco. *Saudades do paraíso*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1997. [orelha].

CASTELLO, José. Intelectual exemplar. *Folha do Povo*, Campo Grande, 23 jul. 2000. [artigo em jornal].

CASTELLO, José. Lucchesi, O Mendigo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 dez. 2014. Prosa & Verso, p.4. [artigo em jornal].

CASTELLO, José. Marco Lucchesi renova a arte da tradução. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 23 mar. 1995. Caderno Dois. [artigo em jornal].

CASTELLO, José. Mariana e o Meteorito. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 mar. 2007. Prosa & Verso, p. 4. [artigo em jornal].

CASTELLO, José. Obra é equiparada a Shakespeare e Dante. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 5 ago. 2000, Caderno Dois. [artigo em jornal].

CASTELLO, José. Um poeta em moto contínuo. *Valor Econômico*, Rio de Janeiro, 28 dez. 2012. Cultura & Estilo. [artigo em jornal].

CASTELLO, José. Versos de Lucchesi reverenciam grandeza passada de Bizâncio. *In:* LUCCHESI, Marco. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 356-358. [posfácio].

CASTELLO, José. Versos de Lucchesi reverenciam grandeza passada de Bizâncio. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 10 maio 1998. Caderno Dois. [artigo em jornal].

CASTRO, Cintia Salomão. O gênio que rege a casa dos imortais. *Comunità Italiana*, Niterói, 22 jan. 2018. Revista Mosaico. [artigo em revista].

CASTRO, Cintia Salomão. Cartas de Amor para Dante. *Comunità Italiana*, Niterói, 2013. [entrevista em revista].

CASTRO, Manoel Antônio de; CUNHA, Helena Parente. Parecer do livro *Meridiano Celeste & Bestiário* de Marco Lucchesi ao Prêmio de Poesia Alphonsus de Guimaraes da Biblioteca Nacional, jan. 2006. [inédito].

CASTRO, Gustavo de. Entrevista a Marco Lucchesi. *Comunità Italiana,* Niterói, fev. 2003. Revista Mosaico. [artigo em revista].

CATUNDA, Márcio. Afinidade definitiva com Marco Lucchesi. *In:* CATUNDA, Márcio. *Emoção Atlântica*. Rio de Janeiro: Oficina, 2010. [poema dedicado a M.L.].

CAVALCANTI, Geraldo Holanda. *O cântico dos cânticos*: um ensaio de interpretação através de suas traduções. São Paulo: Edusp, 2005. [passim].

CAVALLO, Patrizia. O romance L'Isola del giorno prima e seu tradutor Marco Lucchesi; O tradutor Marco Lucchesi. *In: Fidelidade em tradução:* análise das traduções brasileiras de três romances de Umberto Eco. 187f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. [dissertação de mestrado]

CAZES, Leonardo. Livro reúne poemas do autor clássico persa Jalâl ad-Din Rûmî: "A flauta e a lua" traz também ensaio fotográfico de Riccardo Zipoli sobre a região. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 ago. 2016. Prosa & Verso. [artigo em jornal].

CHAMMA, Foed Castro. Nostalgia de Bizâncio. *In:* LUCCHESI, Marco. *Bizâncio*. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 07-10. [prefácio].

CICERO, Antonio. *In:* LUCCHESI, Marco. *Sphera*. Rio de Janeiro: Record, 2003. [orelha].

CIMENTI, Jaime. O livro do mundo e o mundo dos livros. *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 15 jan. 2010. [artigo em jornal].

COMO A TRADIÇÃO ORAL vem sendo mais valorizada no Brasil. *Terra*, São Paulo, 12 de ago., 2023. [artigo em jornal eletrônico].

CONSTITUIÇÃO FEDERAL ganhará versão em língua indígena. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 21 abr. 2023. [artigo em jornal].

CONVERSA COM Marco Lucchesi – Presidente da ABL. Mundo século XXI, 30 mai 2019 [artigo em homepage].

COSTA, Cecília. Em busca do fantástico reino de Preste João. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 set. 2001. Prosa & Verso, p. 3. [artigo em jornal].

COSTA, Cecília. Marco Lucchesi: Lucidez, Leveza, Ludismo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 set. 2001. Prosa & Verso, p. 3. [artigo em jornal].

COSTA, Vivian. Presidente da ABL fala da relação entre matemática e poesia em conferência na 72ª Reunião Anual da SBPC. *Jornal da Ciência* (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência). 06 nov. 2020 [artigo em jornal].

COSTA, Fernando Elviro. *Cem perfis com amor e humor*. Niterói: Cromos, 1992. [poema dedicado a M.L.].

COSTA, Walter. Marco Lucchesi, memória fulgurante. *In:* GUERINI, Andréia; SIMONI, Karine; COSTA, Walter Carlos. *Palavra de escritor-tradutor: Marco Lucchesi*. Florianópolis: Escritório do livro, 2017. [prefácio].

COSTA, William. Marco Lucchesi. *Jornal O Norte*, João Pessoa, 13 jan. 2005, p. C- 4. [artigo em jornal].

COUTINHO, Afrânio; SOUZA, Jose Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global, 2001. [verbete sobre M.L.].

COZER, Raquel. Brasil ganha bons romances históricos que recriam lacunas entre colônia e império. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 11 jan. 2014. [artigo em jornal].

CRUZ, Rogério de Souza. *Releituras contemporâneas da obra de Machado de Assis: Silviano Santiago, Marco Lucchesi, Chico Buarque e Gustavo Bernardo*. Tese. Programa de Pós-graduação em Estudos da Literatura. Universidade Federal Fluminense, 2019. [parte de tese dedicada a M.L.].

CRUZ, Judite Zamith. Marina*:* Lucchesi, Marco. Santo André (SP): Rua do Sabão, 2023. *Eccos-Revista Científica,* São Paulo, n. 67, p. 1-32, e25392, out./dez. 2023. Ensaio Disponível em: https://doi.org/10.5585/eccos.n67.25392

CUNHA Alécio. Marco Lucchesi retorna ao oriente médio: peregrinação do tradutor e ensaísta é a sequência mais densa de *Saudades do paraíso*. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 08 out. 2001. [artigo em jornal].

CUNHA, Alécio. A marca inconfundível de Marco Lucchesi. *Hoje em dia*, Belo Horizonte, 10 ago. 1997. [artigo em jornal].

CUNHA, Alécio. A marca inconfundível de Marco Lucchesi. *In:* LUCCHESI, Marco. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 383-384. [posfácio].

CUNHA, Alécio. Autor diz que a paixão pela Literatura é sua forma de conhecimento do mundo. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 17 fev. 2001. [artigo em jornal].

CUNHA, Alécio. Evocação pluricósmica dos poemas de Rûmî. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 22 ago. 2000. [artigo em jornal].

CUNHA, Alécio. Lucchesi oferece seu diário de leituras. *Hoje em dia*, Belo Horizonte, 16 nov. 1999. Caderno Cultura. [artigo em jornal].

CUNHA, Alécio. Lucchesi oferece seu diário de leituras. *In:* LUCCHESI, Marco. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 412-414. [posfácio].

CURITIBA, Andreas Adriano de. O Pessimismo Cósmico de Leopardi. *Livros. Caderno da Gazeta Mercantil*, Curitiba 24-25-26 maio 1996. [artigo em jornal].

DANIEL, Isaura. As muitas pátrias de Marco Lucchesi. *Agência de Notícias Brasil-Árabe (ANBA)*. Câmara de Comércio Árabe Brasileira, São Paulo, 29 fev. 2020. [artigo em jornal].

DANIEL, Isaura. *Antologia brasileira será lançada este mês em Abu Dhabi*. São Paulo: Câmara de Comércio Árabe Brasileira, 06 abr. 2019 [passim].

DAVID, Luiz Antônio Lopes; GUSMÃO, Antônio Carlos Marones de; VIANA, José Antonio Rodrigues. (orgs.). Universidade Federal Fluminense. Superintendência de Documentação. Centro de Memória Fluminense. *Coleção Marco Lucchesi: catálogo bibliográfico v.2*. Niterói: 2019.100 p. (Cadernos do Centro de Memória Fluminense, n. 24). [catálogo].

DA ROLT, Clóvis. Um enxame de palavras no coração: Marco Lucchesi e a aventura da escrita. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; *Marco Lucchesi: Estética do Interdisciplinar*. São Paulo: Patuá, 2020. [capítulo de livro dedicado a M.L.].

DA ROLT, Clóvis Da Rolt. *In:* LUCCHESI, Marco. *Mal de amor*. São Paulo: Patuá, 2018. [orelha].

D'AMBROSIO, Ubiratan. *In:* GUILLEVIC, Eugene. *Euclidiennes*. Tradução de Marco Lucchesi. São Paulo: Berlendis e Vertecchia, 2013. [posfácio].

D'AMBROSIO, Ubiratan. *In:* LUCCHESI, Marco. *Hinos matemáticos*. Rio de Janeiro: Dragão, 2015. p. 09-11. [prefácio].

D'ANGELO, Giuseppe. Viaggio poetico alla ricerca delle radici. *Comunità Italiana*, Niterói, 10 dez. 2000. [entrevista em revista].

DANTAS, José Lívio. Cântico espiritual de João da Cruz. *In:* LUCCHESI, Marco. *Faces da utopia*. Niterói: Cromos, 1992. p. 15-17. [prefácio].

DE OLIVEIRA, Pedro Paulo Tavares; MAIOLINO, Marcelo. Entrevista com Marco Lucchesi. *In:* Imprensa Nacional. Novos rumos da comunicação pública. Ano 2, n.8. Jul/ago 2018. [Entrevista em revista].

DICK, André. Invenção - Marco Lucchesi. *Revista Instituto Humanitas on-line*, São Leopoldo, p. 30 -32, 19 maio 2008. [entrevista em revista].

DINIZ, Marcelo. Peregrinação pela língua de Dante. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 out. 2004. Caderno Ideias, p. 4. [artigo em jornal].

DIPP, Carlos Eduardo; HARTMANN, Michelle. A ressocialização pela literatura: um discurso pela liberdade. *Revista Expressão*, Curitiba, v. 3, n. 1, 2014. [artigo em periódico].

DUEK, Paulo Saul . Hello, Pirandello: Marco Lucchesi and the invitation to dramaturgy. *In*: BAPTISTA, Ana Maria Haddad; VALCAN, Ciprian; FUSARO, Márcia (orgs.) Education and Research Topics. São Paulo: Tesseractum, 2023. [capítulo de livro - e-book.].

ECKEL, Ana Clara Pacheco de S.Thiago. *A relação do/a preparador/a de textos e do/a tradutor/a com o texto traduzido: um diálogo necessário*. 152f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. [dissertação de mestrado].

ENTREVISTA com Marco Lucchesi. *Tribuna de Minas*, Juiz de Fora, 20 jul. 2016. Cultura. [entrevista em jornal].

ENTREVISTA com Marco Lucchesi. *O Guesa errante*. São Luís, 4 jun. 2008, p. 3. [entrevista em jornal].

ERBER, Laura. Marco Lucchesi desvenda a gramática de um idioma imaginário. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 jan. 2016. Prosa & Verso. [artigo em jornal].

ERTHAL, Luiz Augusto. Pistas da formação de um intelectual. CEME conclui a catalogação dos 2 mil volumes da coleção Marco Lucchesi. *Jornal Toda palavra*, Niterói, ago. 2018, ano III, n. 31, p. 5. [artigo em jornal].

ERTHAL, Marcia. Muito além do senso comum. *O Fluminense*, Niterói, 2 set. de 1992. [artigo em jornal].

FARIA, Álvaro Alves de. Marco Lucchesi: presidente da ABL e o direito ao sonho. *Caliban. Revista de Letras, Artes e Ideias*. 22 jun. 2020. [entrevista].

FARIA, Álvaro Alves de. A Poética do brilho: Marco Lucchesi constrói uma poesia limpa, sem alarde; é silencioso em seu ofício de revelar o universo. *Jornal O Rascunho*, Curitiba, set. 2003, p.6. [artigo em jornal].

FARIA, Álvaro Alves de. Alma, Tempo e Viagem. *Jornal O Rascunho*, Curitiba, 28 nov. 2006. [artigo em jornal].

FARIA, Álvaro Alves de. *Babel*: 50 poemas inspirados na escultura Torre de Babel, de Valdir Rocha. São Paulo: Escrituras, 2007. [poema dedicado a M.L].

FARIA, Álvaro Alves de. Futuro que me atrevo a desenhar. *In: Pastores de Virgílio*. São Paulo: Escrituras, 2009. [entrevista em livro].

FARIA, Álvaro Alves de. Um livro feito de luz. *In:* LUCCHESI, Marco. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 353-355. [posfácio].

FARIA, Álvaro Alves de. Um livro feito de luz. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 21 mar. 1998. Caderno de Sábado. [artigo em jornal].

FERRARI, Manoela. Acadêmico Marco Lucchesi assume presidência da Fundação Biblioteca Nacional. *Jornal das Letras*, n. 289, Rio de Janeiro, mar. 2023. [artigo em jornal].

FERREIRA, José Eduardo L.F. Uma Poética da Biblioteca em Marco Lucchesi. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; *Marco Lucchesi: Estética do Interdisciplinar*. São Paulo: Patuá, 2020. [capítulo de livro dedicado a M.L.].

FIALHO, Renato; FREIRE, Milton. Utopia é inversão: vou-me embora pra Pasárgada. *Inverta*, Rio de Janeiro, abr./maio 1992. [entrevista em jornal].

FIGUEIRA, Marcia. Aventura nos mares do sul. *A Gazeta*, Vitória, 19 fev. 1995. Livros. [artigo em jornal].

FIGUEIREDO, Livia. Marco Lucchesi: "Ser brasileiro é uma condição de risco e insalubridade". Jornal Niterói, Rio de Janeiro, 21 dez. 2020. [artigo em jornal].

FIGUEIREDO, Cláudio. Umberto Eco volta à Idade Média. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 ago. 2001. Caderno B, p. 2. [artigo em jornal].

FILHO, Miguel de Frias e Vasconcellos. Por um poema visual: Hinos Matemáticos de Marco Lucchesi. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; FUSARO, Márcia; LAURITI, Nádia Conceição. *Estética do labirinto. A poética de Marco Lucchesi.* São Paulo: Patuá, 2018. [capítulo de livro dedicado a ML].

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. *In:* LUCCHESI, Marco. *Clio.* São Paulo: Biblioteca Azul, 2014. [orelha].

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. Marco Lucchesi e sua inquietação. *In:* LUCCHESI, Marco. *A memória de Ulisses*. Rio de Janeiro, 2006. p. 09-12. [prefácio].

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. Marco Lucchesi e la sua inquietudine. *Comunità Italiana*, Niterói, fev. 2004. Revista Mosaico. [artigo em revista].

FISCHER, Catarina Justus. Fantasia a quatro mãos: ensaio a duas ou mais vozes, em cânone, coral e solo. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; FUSARO, Márcia; LAURITI, Nádia Conceição. *Estética do labirinto. A poética de Marco Lucchesi*. São Paulo: Patuá, 2018. [capítulo de livro dedicado a ML].

FISCINA, Luciano. Intimidade Culliman. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; *Marco Lucchesi: Estética do Interdisciplinar*. São Paulo: Patuá, 2020. [capítulo de livro dedicado a M.L.].

FONTANA, Mário. Imortal Marco Lucchesi dá show ao piano da Academia Mineira de Letras. Belo Horizonte: *Estado de Minas*, 14 nov. 2019 [artigo em jornal].

FORTE INFLUÊNCIA. *O Fluminense*, Niterói, 14 dez. 2017. [artigo em jornal].

FLORES, Rudney. Um olhar sobre o Oriente: Marco Lucchesi relata a experiência de sete anos de viagens pelo deserto. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 9 jan. 2001, p. 3. [artigo em jornal].

FRANCA, Belisário. *Cadeira 15: Literatura, irmã gêmea da liberdade*. Canal curta! Brasil, 2017. 26 min. [Documentário].

FRANÇA, Sérgio. Umberto Eco cria através da história. *Comunità Italiana*, Niterói, 5 nov. 200l, p. 9. [artigo em revista].

FRANCHETTI, Paulo. Nostalgia da unidade nos versos medidos de Lucchesi. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 31 ago. 2003. Caderno Dois, p. D – 7. [artigo em jornal].

FRANCISCO, Severino. Um pessimista de coragem titânica. *Jornal de Brasília*, Brasília, 26 ago. 1996. Livros. [artigo em jornal].

FREIRE, José Ribamar Bessa. A pátria grande, as patriazinhas e suas línguas. *Taquiprati*. 16 abr. 2023. [artigo em blog].

FREIRE, José Ribamar Bessa. Os livros, as armas e os barões assinalados. *Taquiprati*. 13 dez. 2020. [artigo em blog].

FRÓES, Leonardo. A sombra do amado. *In:* LUCCHESI, Marco. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 374-375. [posfácio].

FRÓES, Leonardo. *In:* LUCCHESI, Marco. *A sombra do amado*. Poemas de Rûmî. Tradução de Marco Lucchesi e Luciana Persice. Rio de Janeiro: Fisus, 2000. [orelha].

FRÓES, Leonardo. Nova edição de Rûmî. *Comunità Italiana*, Niterói, 16 jul. 2017. [artigo em revista].

FUSARO, Márcia; BATISTA, Moisés Galvão. Cultura da Paz. *Eccos - Revista Cientifica*, São Paulo, n. 58, p. 1-5, jul./set., 2021. [artigo em revista].

FUSARO, Márcia. Minhas memórias dos livros de ninguém. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad et. al. (orgs.) *Educação, Artes e Literatura: reminiscências*. Belo Horizonte: Tesseractum Editorial/Fundarte, 2021. [capítulo de livro].

FUSARO, Márcia. *In:* LUCCHESI, Marco. *In my most distant lands*. Ed. em E-book. São Paulo: BT Acadêmica, 2020. [prefácio].

FUSARO, Márcia. A Flauta, a Lua e as Cartas. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; FUSARO, Márcia; LAURITI, Nádia Conceição. *Estética do labirinto. A poética de Marco Lucchesi.* São Paulo: Patuá, 2018. [capítulo de livro dedicado a ML].

FUSARO, Márcia. Sobre encontros poéticos. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; FUSARO, Márcia; LAURITI, Nádia Conceição. *Estética do labirinto. A poética de Marco Lucchesi.* São Paulo: Patuá, 2018. [posfácio].

FUSARO, Márcia; LAURITI, Nádia Conceição. *Estética do labirinto. A poética de Marco Lucchesi.* São Paulo: Patuá, 2018. [capítulo de livro dedicado a ML].

FUSARO, Márcia. Contar se confunde com narrar. *Revista Brasileira*, ano 5, n. 88, p. 41-48, jul./set. 2016. [artigo em periódico].

FUSARO, Márcia. Da literatura epistolar à e-pistolar: panorama em rede(finições). *Tríade*: Revista de Comunicação, Cultura e Mídia, Sorocaba, v. 4, n. 8, p. 40-55, dez. 2016. [artigo em periódico].

GANDOLFI, Leonardo. Nova tradução de antologias revigora musicalidade de Rûmî. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 03 set. 2016. Ilustrada. [artigo em jornal].

GANDRA, Alana. Biblioteca Nacional terá polo na Estação Antártica Comandante Ferraz. *Agência Brasil,* Rio de Janeiro, 01 julh. 2023. [artigo em jornal digital].

GARCIA, José Roberto. Da tradução: Marco Lucchesi e Haroldo de Campos. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad. (org.). *Tempo-Memória: Educação, Literatura e Linguagens*. São Paulo: B.T. Acadêmica, 2019. [capítulo de livro].

GARUVA, Borges de. O Eco insular da consciência. *A Notícia*, Rio Grande do Sul, 30 abr. 1995. Anexo. [artigo em jornal].

GENNA, Antonella. Una lettura poetica. *Comunità Italiana*, Niterói, 20 jul. 2000, p.18-20. Revista Mosaico. [artigo em revista].

GONDIM, Silvana Monteiro. Movimentos Interdisciplinares e a Literatura: Diálogos em Marco Lucchesi. In: BAPTISTA, Ana Maria Haddad Baptista; CRUZ, Judite Maria Zamith (orgs.). *Práticas das transformações silenciosas*. ePub. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2022. [capítulo de livro].

GIRON, Luiz Antônio. Baudolino, refém da fantasia. *Gazeta Mercantil*, Curitiba, ago./set. 2001, p. 10. [artigo em jornal].

GIRON, Luiz Antônio. Kepler está entre nós. *Época*, São Paulo, 08 maio 2012. [artigo em revista].

GOBBI, Nelson. Nos seus 500 anos de morte, da Vinci é celebrado em mostras no Rio e em Sao Paulo. Rio de Janeiro: O Globo, 22 out 2019. [citado em artigo de jornal].

GÓES, Ancelmo. Presidente da ABL e sua reconstrução do Museu Nacional. *O Globo*, 21 mai 2019. [artigo em jornal].

GÓES, Joaci. Uma mente brilhante. Salvador: Jornal Tribuna da Bahia, 03 out 2019 [artigo em jornal].

GONÇALVES, Ninil. Maví. *Revista Humanitas*, São Paulo, n. 157, 2022. [resenha].

GONÇALVES, Ninil. Marco Lucchesi e o silêncio das esferas. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; FUSARO, Márcia; LAURITI, Nádia Conceição. *Estética do labirinto. A poética de Marco Lucchesi.* São Paulo: Patuá, 2018. [capítulo de livro dedicado a ML].

GONÇALVES, Roberta. Triunfo Indígena. *Comunità Italiana.* Niterói (RJ), n. 302, set. 2023. [artigo em revista].

GONDIM, Silvana Monteiro. Educação-tempo & memória: Estética do Labirinto e interdisciplinaridade em Lucchesi e Freire. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad. (org.). *Tempo - Memória: Educação, Literatura e Linguagens*. São Paulo: B.T. Acadêmica, 2019. [capítulo de livro].

GONDIM, Silvana Monteiro. O Bibliotecário do Imperador – escritos de ficção, história e memória no presente em que "estamos sendo". *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; FUSARO, Márcia; LAURITI, Nádia Conceição. *Estética do labirinto. A poética de Marco Lucchesi.* São Paulo: Patuá, 2018. [capítulo de livro dedicado a ML].

GONDIM, Silvana Monteiro. Interdisciplinaridade: Paulo Freire e Marco Lucchesi. São Paulo: Universidade Nove de Julho. 2021. [Tese de doutorado em Educação].

GONDIM, Silvana Monteiro. *Interdisciplinaridade*: Paulo Freire e Marco Lucchesi. Belo Horizonte: Tesseractum Editorial, 2021.

GONZÁLES, Montserrat Villar. Prefácio. *In:* LUCCHESI, Marco. *Mal de amor*. São Paulo: Patuá, 2018. [prefácio].

GONZÁLES, Montserrat Villar. Caminar para ver, caminar para creer. Os olhos do deserto, Marco Lucchesi. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; FUSARO, Márcia; LAURITI, Nádia Conceição. *Estética do labirinto. A poética de Marco Lucchesi*. São Paulo: Patuá, 2018. [capítulo de livro dedicado a ML].

GRANDA, Alana. Comunidades quilombolas terão bibliotecas nas escolas no estado do Rio. Jornal Brasil em folhas, 09 jul. 2019. [artigo em jornal].

GRECO, Alessandro. Um método para as ciências humanas. *Gazeta Mercantil*, Curitiba, 25 fev. 2000. Livros. [artigo em jornal].

GROSSO, Cristina. L'universo in un respiro. *Comunità Italiana*, Niterói, fev. 2007, p. 11. Revista Mosaico. [artigo em revista].

GRZICH, Mirna. A sombra do amado: Rûmî, poeta místico comparado a Dante e Shakespeare ganha tradução. *Isto É Gente*, Rio de Janeiro, 31 out. 2000. [artigo em revista].

GUEDES, Maria Estela. A diversão de Marco Lucchesi. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; FUSARO, Márcia; LAURITI, Nádia Conceição. *Estética do labirinto. A poética de Marco Lucchesi.* São Paulo: Patuá, 2018. [capítulo de livro dedicado a ML].

GUERINI, Andreia. Poesia e prosa de Giacomo Leopardi. Resenha de: LUCCHESI, Marco. Poesia e prosa de Giacomo Leopardi. São Paulo: Nova Aguilar, 1996. *Fragmentos*. Florianópolis, v. 7, n. 2, jan./jun. 1998. [resenha em periódico].

GUERINI, Andréia; COSTA, Walter Carlos. Entrevista com Marco Lucchesi. *Cadernos de Tradução.* Florianópolis, v. 2, n. 6, 2000. [entrevista em periódico].

GUERINI, Andréia; COSTA, Walter Carlos. Entrevista com Marco Lucchesi. *In:* GUERINI, Andréia; COSTA, Walter Carlos; TORRES, Marie-Hélène. (Orgs.). *Vozes tradutórias: 20 anos de Cadernos de Tradução*. Florianópolis: DLLE/UFSC, 2016. [entrevista em livro].

GUIMARÃES, Ana Claudia. Juliete Binoche e Cédric Kahn visitarão Niterói no fim de novembro. Rio de Janeiro: *O Globo*, 16 nov. 2019. [passim].

GUGLIOTTA, Simone. O deserto além do espaço geográfico. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 8-9 out. 2000. Cultura. [artigo em jornal].

GUIMARÃES, Ana Claudia; LIMA, Ludmilla de. Lucchesi, simples e imortal. *O Globo*, Niterói, 22 dez. 2017. [artigo em jornal].

GUIMARÃES, Ariadne. O jovem tradutor de Umberto Eco. *Mulher de Hoje*, Rio de Janeiro, jun. 1995. [entrevista em revista].

GUIOTTO, Zelmar. Marco Lucchesi conversa com a equipe do Jornal Rascunho. 06 nov. 2018. [entrevista em homepage].

GURGEL, Nonato. Marco Lucchesi e sua metafísica das alturas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24. jan. 2004. Prosa & Verso, p. 2. [artigo em jornal].

GURGEL, Rodrigo. Giacomo Leopardi nos leva a visitar abismos. *Jornal de Jundaí Regional*, 25 ago. 1996. [artigo em jornal].

HAMMER, Rodrigo. Palavras sobre a paixão humana. *Diário de Natal*, Natal, 4 abr. 2002. Suplemento Muito, p. l. [artigo em jornal].

HAMMER, Rodrigo; PACHECO, Hayssa. Quando a poesia se encontra. *Diário de Natal*, Natal, 25 jul. 2001. Suplemento Muito, p. l-3. [artigo em jornal].

HAUCK, Tamara. Marco Lucchesi: tradutor que morreu em beneficio da poesia. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 17 mar. 2002. O Poeta e seu Espelho, p. 6. [artigo em jornal].

HAUCK, Tamara. Entrevista a Marco Lucchesi: O Poeta e o seu espelho. *Diário Catarinese*, 17 mar. 2002. [entrevista em jornal].

HAUCK, Tamara. Por um presídio repleto de livros. Diário Catarinense, Florianópolis, 17 mar. 2002. [artigo em jornal].

HELENA, Mirtes. A alquimia da tradução. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 30 jul. 2000. Caderno Espetáculo. [entrevista em jornal].

HERTZ, Constança. A poesia do infinito. *In:* LUCCHESI, Marco. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Record, 2000. [orelha].

HERTZ, Constança. Abismos de luz e trevas. *In:* LUCCHESI, Marco. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 365-369. [posfácio].

HO, Manthielle. Lembranças de uma grande família. *Comunità Italiana*. Niterói, abr. 2012. [artigo em revista].

HOLANDA, Pergentino. Operação Lucchesi. *O Estado do Maranhão*, São Luís, 9 jun. 2000. Caderno Alternativo. [artigo em jornal].

HORÁCIO, Luíz. Versos entre o mar e a solidão. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 jun. 2006. Prosa & Verso. [artigo em jornal].

HUGUENIN, José. *Clio, novo livro de poesia de Marco Lucchesi*. AVL Academia Volta-redondense de Letras. dez 2014. [ensaio crítico].

HUGUENIN, José A.O.; WOLKOFF, Gisele G. A Transdisciplinary Approach: The Picture of Dorian Gray from the Viewpoint of Physics. *In: BEI Journal: The Brazilian Journal of Irish Studies / Associação Brasileira de Estudos Irlandeses*. n.1. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. [passim].

IANELLI, Mariana. Ode à Alegria. *Comunità Italiana*, Niterói, fev. 2022. [artigo em revista]

IANELLI, Mariana. A celebração do afeto: Marco Lucchesi lança coletânea de poemas e outra de textos críticos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 mar. 2007. Prosa & Verso, p. 5. [artigo em jornal].

IANELLI, Mariana. A suavidade épica de Marco Lucchesi é reunida em 'Clio'. *Estadão*, São Paulo, 24 jan. 2015. [artigo em jornal].

INSTITUTO DE TERRAS e Cartografia do Rio e Academia Brasileira de Letras fazem convênio. *O São Gonçalo*, Rio de Janeiro, 11 jul. 2019. [artigo em jornal].

JOHNS, Per. O irmão deserto de Marco Lucchesi. *In:* LUCCHESI, Marco. *Os olhos do deserto*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 09-14. [prefácio].

JOHNS, Per. O irmão deserto de Marco Lucchesi. *In:* LUCCHESI, Marco. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 394-398. [posfácio].

JOHNS, Per. Poeta nômade à procura de si mesmo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 5 maio 2001. Prosa & Verso, p. 4. [artigo em jornal].

JUNQUEIRA, Ivan. Destino: Bizâncio. *In: O fio de Dédalo*: ensaios. Rio de Janeiro: Record, 1998. [capítulo dedicado a M.L.].

JUNQUEIRA, Ivan. *In:* LUCCHESI, Marco. *Bizâncio*. Rio de Janeiro: Record, 1997. [orelha].

JUNQUEIRA, Ivan. Tasso e a Gerusalemme Liberata. *In:* TASSO, Torquato. *Jerusalém libertada*. Tradução de José Ramos Coelho; organização, introdução e notas de Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998. [orelha].

JUSTEN, Jaime. Tesouros Pessoais. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, [s.d.]. [artigo em revista].

KAHLMEYER-MERTENS, Roberto. É assim que se ora. *A Tribuna*, Niterói, 26 ago. 2008. [artigo em jornal].

KATO, Daniela. Marco Lucchesi: poemas reunidos. Resenha de: LUCCHESI, Marco. Poemas Reunidos. Rio de Janeiro: Record, 2000. *Revista do Centro de Estudos Brasileiros*, Porto, n. 3, p. 83-84, 2002. [resenha em periódico].

KAZ, Roberto. Correspondências. *O Globo*. Rio de Janeiro, 20 dez. 2015. [entrevista em jornal].

KELLIS, Ivo. A paixão do infinito. *Stilete*, Revista da Sociedade de Psicanálise Stilo Freudiano, Niterói, 27 nov. 1994. [entrevista em revista].

KLINTOWITZ, Jacob. A formação da galáxia. *Comunità Italiana*. Ano XXVII. n. 274. Rio de Janeiro, maio de 2021. [artigo em revista].

KLINTOWITZ, Jacob. A formação da galáxia. *In:* LUCCHESI, Marco. *À sombra da amizade: cartas de Israel Pedrosa a Marco Lucchesi*. Niterói: Eduff, 2021. [prefácio].

La Armada de Brasil pone livros en sus cañones para difundir su cultura por todo el mundo, incluida Italia. *Gente d'Italia,* Itália, 18 set. 2023. [artigo em jornal digital].

LANGONE, Hugo. A biblioteca de Marco Lucchesi. *O Globo*, Rio de Janeiro, 4 nov. 2014. Prosa & Verso. [artigo em jornal].

LAURITI, Nádia Conceição. De uma leitora... para potenciais leitores... *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; FUSARO, Márcia; LAURITI, Nádia Conceição. *Estética do labirinto. A poética de Marco Lucchesi.* São Paulo: Patuá, 2018. [posfácio].

LAURITI, Nádia Conceição. O projeto lúdico da criação de Marco Lucchesi em "Rudimentos da Língua Laputar" e "Catálogo da Biblioteca de Umbelino Frisão". *In:*

BAPTISTA, Ana Maria Haddad; FUSARO, Márcia; LAURITI, Nádia Conceição. *Estética do labirinto. A poética de Marco Lucchesi.* São Paulo: Patuá, 2018. [capítulo de livro dedicado a ML].

LAURITI, Nádia Conceição. A invenção da palavra em "Rudimentos da língua laputar": línguas, textos e vozes flutuantes em movimento. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; ROGGERO, Rosemary; D'AMBROSIO, Ubiratan. *Signos artísticos em movimento*. São Paulo: BT, 2017. [capítulo dedicado a M.L.].

LAURITI, Nádia Conceição. As rotas dialógicas de Marco Lucchesi em *Clio*. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, p. 129-144, jan./mar. 2016. [artigo em periódico].

LAURITI, Nádia Conceição. O "Modus dicendi" (o dizer) no manuscrito. *In: Pedagogia da Dialogicidade. Ressonâncias genéticas, intertextuais e discursivas em Pedagogia do Oprimido (o manuscrito)*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade 9 de Julho, São Paulo, 2018. [capítulo de tese dedicado a M.L.].

LEAL, César. Faces da utopia. *Diário de Pernambuco*, Recife, 5 ago. 1995. Caderno D. [artigo em jornal].

LEITÃO, Miriam; LOUREIRO, Marcelo. Presidente da ABL propõe ampliar acesso à educação, inclusive nas prisões. *O Globo*. Rio de Janeiro, 27 abr. 2018. [artigo em jornal].

LEITE Ascendino. O sorriso do caos. *A União*, João Pessoa, 6 maio 1997. [artigo em jornal].

LEITE, Ascendino. *A União*, João Pessoa, 10 mar. 2000. Alternativas Literárias. [artigo em jornal].

LEITE, Ascendino. *A União*, João Pessoa, 2001. Alternativas Literárias. [artigo em jornal].

LEITE, Ascendino. *Doces vozes do silêncio*. João Pessoa: Ideia, 2000. [passim].

LEITE, Ascendino. *Euísmos Jornal Literário*. João Pessoa: Ideia, 1997. [passim].

LEITE, Ascendino. Poemas à noite. *A União*, João Pessoa, 19 dez. 1996. [artigo em jornal].

LETA, Rennan. Padre Valdir: Quem concorda com o sistema carcerário não conhece a realidade de uma prisão. *Pastoral Carcerária*, São Paulo, 18 dez. 2017. [artigo em homepage].

LIMA, Diógenes da Cunha. Benditos Toscanos. *Tribuna do Norte*, Natal, 11 jan. 2004. [artigo em jornal].

LIMA, Felipe. A longa noite Síria, uma voz no deserto. *Comunità Italiana*, Niterói, 2016. [artigo em revista].

LIMA, Ludmilla de. Exclusão relatada em "Os Sertões" está presente hoje, diz neta de Euclides da Cunha. *Revista Época*. Rio de Janeiro, 21 mar. 2021. [artigo em revista].

LIMA, Ludmilla de. Está em jogo a formação pedagógica da leitura. *O Globo,* Rio de Janeiro, 17 agost. 2023. [entrevista em jornal digital].

LIMA, Sonia Albano. Insônia: Poema Cantado. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; *Marco Lucchesi: Estética do Interdisciplinar*. São Paulo: Patuá, 2020. [capítulo de livro dedicado a M.L.].

LIMA, Wanderson. A memória de Ulisses de Marco Lucchesi. Resenha de: LUCCHESI, Marco. A memória de Ulisses. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. *Revista DeSeNrEdOs,* Piauí, n. 12, jan./mar. 2012. [resenha em periódico].

LITERATURA e mística na compreensão do belo, das minorias: Entrevista com Marco Lucchesi. *Revista Instituto Humanitas on-line*, São Leopoldo, n. 133, 21 mar. 2005. [entrevista em revista].

LIVRO traz cartas da psiquiatria. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 5 ago. 2003. Folha Ilustrada, Caderno Dois, p. E-8. [artigo em jornal].

LOMBARDI, Andrea. *In:* LUCCHESI, Marco. *Teatro alquímico*. Rio de Janeiro: Artium, 1999. [orelha].

LONGO, Angelo. *In:* LUCCHESI, Marco. *Faces da utopia*. Niterói: Cromos, 1992. [orelha].

LONGO, Angelo. *In:* LUCCHESI, Marco. *Poemas de Khliénikov*. Tradução de Marco Lucchesi. Niterói: Cromos, 1993. [orelha].

LONGO, Ângelo. *Ismênia, Ismênia*. Niterói: Cromos, 1992. [M.L. como personagem].

LONGO, Angelo. Lucchesianamente um marco. *Opinião*, Niterói, 8 jan.1993. [artigo em jornal].

LONGO, Angelo. Lucchesianamente um marco. *In:* LUCCHESI, Marco. *Faces da utopia*. Niterói: Cromos, 1992. [orelha].

LONGO, Angelo. Marco Lucchesi: clássico, erudito e já filósofo. *SeteDias*, Niterói, 26 jul./ 01ago. 1987. [entrevista em jornal].

LONGO, Angelo. O inferno de Dante. *SeteDias*, Niterói, 3 maio 1987. [artigo em jornal].

LOSSO, Eduardo Guerreiro B. *Mallarséries*. Perambulando pela solidão do confinamento. Parte III. O confinamento do poço. [sobre o poema "Sombras do ocaso" de M.L., do livro *Bizâncio* (1997).].

LUCAS, Fábio. Marcos atuais da ficção brasileira. *Revista É Sesc*, São Paulo, jan. 2012. [artigo em revista].

LUCAS, Fábio. Momento alto da poesia brasileira. *Comunità Italiana*, Niterói, mar. 2007, p. 13. [artigo em revista].

LUCCHESI: poeta e cidadão do mundo. *A Tribuna*, Natal, 28 abr. 1996. [artigo em jornal].

LUNARDELLI, Tiago. Na oficina com Jabuti. *Comunità Italiana*, Niterói, dez. 2015. [entrevista em revista].

LUZ, Sergio. Prêmio Faz Diferença: Marco Lucchesi defende liberdade de expressão e de cátedra. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 mar. 2019. [artigo em jornal].

MACIEL, Pedro. Entre o medo do futuro e a saudade do passado. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 set. 1997. Caderno Ideias. [artigo em jornal].

MADUREIRA, Lea. Marco Lucchesi. *Jornal Poesia Viva*, Rio de Janeiro, dez. 2006, p. 1. [artigo em jornal].

MAFFESOLI, Michel. *In:* LUCCHESI, Marco. *Os olhos do deserto*. Rio de Janeiro: Record, 2000. [orelha].

MAFFESOLI, Michel. Os olhos do deserto. *In:* LUCCHESI, Marco. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Record, 2000. [posfácio].

MAGALHÃES, Cíntia. Niterói inspira escritor. *O Fluminense*, Niterói, 16 ago. 1998. Segundo Caderno. [entrevista em jornal].

MAINARDI, Diogo. Náufrago do tempo. *Veja*, São Paulo, 25 jan. 1995. Livros. [artigo em revista].

MAINARDI, Diogo. Poeta do tédio. *Veja*, São Paulo, 10 jun. 1996. Livros. [artigo em revista].

MALARD, Letícia. Gênio do desenho e da tesoura. *In:* LUCCHESI, Marco. *Meridiano celeste e Bestiário*. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 9-16. [prefácio].

MARCO LUCCHESI: Papel da Biblioteca Nacional na história do Brasil é tema do "Diálogos com o Supremo". *Supremo Tribunal Nacional*, 23 de jun. 2023. [Portal do STF].

MARCO LUCCHESI CONTA que tem fé nos livros e na cultura. *Correio Braziliense*. Brasília, 27 maio 2019. [entrevista em jornal].

MARCO LUCCHESI É reeleito para terceiro mandato na ABL. *Isto é Dinheiro*, 05 nov. 2019. [artigo em revista].

MARCO LUCCHESI É reeleito para terceiro mandato na ABL. Recife: *Folha de Pernambuco*, 05 dez. 2019. [artigo em jornal].

MARCO LUCCHESI está no Conversa com o Autor Especial. *Empresa Brasil de Comunicação, Radio MEC*. Entrevista radiofônica concedida a Katy Navarro. Rio de Janeiro, 07 jul. 2019. [entrevista em rádio].

MARCO LUCCHESI imortal da Academia Brasileira de Letra, participa de agenda no Acre em comitiva com a ministra Rosa Weber. *Poder Judiciário do Estado do Acre*, Acre, 23 mar. 2023. [artigo em blog].

MARCOLIN, Vitor. Acadêmico brasileiro fala sobre a importância da língua portuguesa. *Revista Esmeril*, São Paulo, 21 maio 2022. [artigo em revista].

MARCO LUCCHESI toma posse como novo presidente da ABL. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 dez. 2017. [artigo em jornal].

MARCO LUCCHESI toma posse como novo presidente da ABL. *Notícia quente*, Alagoas, 14 dez. 2017. [artigo em jornal].

MARCO LUCCHESI conta histórias deliciosas sobre o bibliotecário de Dom Pedro II. Globo News, Rio de Janeiro, 14 fev. 2014. Literatura. [reportagem em telejornal].

MARCO LUCCHESI lança obra para analisar Dante Alighieri. *Diário de Pernambuco*, Recife, 29 jun. 2013. [entrevista em jornal].

MARCO LUCCHESI é o novo membro da Academia Brasileira de Letras. *G1*, Rio de Janeiro, 03 mar. 2011. [artigo em jornal on-line].

MARIA, Cleusa. Reflexão do sucesso. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 out. 1989. Caderno B. [artigo em jornal].

MARIA, Luzia de. O bibliotecário do imperador. *In: Amor literário*: dez instigantes roteiros para você viajar pela cultura letrada. Niterói: Ler & Cultivar, 2016. p. 344-348. [capítulo dedicado a M.L.].

MARIA, Roberto. O mais de Artaud está na nostalgia. *O Fluminense*, Niterói, 21 nov. 1989. Segundo Caderno. [artigo em jornal].

MARIA, Roberto. Hölderlin, com Lucchesi: poema sem fim. *O Fluminense*, Niterói, 19 jul. 1987. Segundo Caderno. [artigo em jornal].

MARIA, Roberto. De Dante, o Inferno – em toque celestial. *O Fluminense,* Niterói, 11-12 maio 1986. [artigo em jornal].

MARTINS, Guilherme D'Oliveira. Brasil, tão perto...*Jornal de Letras,* Lisboa, 03 maio 2023. [artigo em jornal].

MARTÍNES, Alva. Nos rubros mares de Camões: a transfiguração do imaginário quinhentista em *Clio* de Marco Lucchesi. *In:* II *Colóquio Internacional "Interlocuções poéticas Brasil-Portugal*". Coimbra: Universidade de Coimbra, 2017. [Capítulo dedicado a M.L.].

MARTINESCHEN, Daniel. O lugar da tradução no *West-östlicher divan de Goethe*. Universidade Federal do Paraná, 2016. [Tese de doutorado com ampla citação ao trabalho tradutório de M.L.].

MARTINESCHEN, Daniel. O dom do crime: ironia e ficção no trato com o real. *Revista de Letras*, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, v. 15, n. 16, jan./jun. 2013. [artigo em periódico].

MARTINS, Ivone. Prefácio. *In:* LUCCHESI, Marco. *Domínios da insônia. Novos poemas reunidos*. São Paulo: Patuá, 2019. Ilustrações de Rose Marie Silva Haddad. [prefácio].

MARTINS, Floriano. A poesia e a diferença. *O Povo*, Fortaleza, 2 maio 1998. [artigo em jornal].

MARTINS, Floriano. A vertiginosa aventura da unidade. *In:* LUCCHESI, Marco. *Ficções de um gabinete ocidental*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. [entrevista em livro].

MARTINS, Floriano. Dois livros de Marco Lucchesi. *Agulha Revista de Cultura*. 30 ago.2017. [entrevista em revista].

MARTINS, Floriano. Ensaios em expansão. *O Povo*, Fortaleza, 26 abr. 1997. [artigo em jornal].

MARTINS, Floriano. Marco Lucchesi e sua fascinante viagem entre o traço e a vertigem. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 out. 2000. Prosa & Verso. [artigo em jornal].

MARTINS, Floriano. Um exercício de perplexidade. *O Povo*, Fortaleza, 15 mar. 1998. [artigo em jornal].

MARTINS, Floriano. Uma conversa com Marco Lucchesi. *Agulha Revista de Cultura*. 30 ago. 2017. [entrevista em revista].

MARTINS, Floriano. Vestígios da memória: Marco Lucchesi, Georges Dubby e José Maurício Gomes de Almeida. *In: A inocência de pensar*. São Paulo: Escrituras, 2009. [capítulo dedicado a M.L].

MARTINS, Wilson. Ensaios Literários. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 dez. 2006, p. 7. Ideias Livros. [artigo em jornal].

MARZULLO, Alexandre. Adeus, Pirandello e a Grosse Fuge - Aproximações entre o romance de Marco Lucchesi e a op.133 de Luwig van Beethoven. *Revista da Tulha* (USP), Ribeirão Preto, p. 191-223, v.7 (1), 2021. [artigo em revista].

MARZULLO, Alexandre. Adeus, Pirandello, de Marco Lucchesi. *Revista da Fundarte*. Montenegro, p. 01-09, ano 21, n. 46, set. 2021. [artigo em revista].

MARZULLO, Alexandre. Resenha - Margens da Noite/Ion Barbu - Seleção e Tradução de Marco Lucchesi. *FronteiraZ. Revista Do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária*. São Paulo, p. 200-2003, n. 27, set. 2021. [artigo em revista].

MARZULLO, Alexandre. Adeus, Pirandello e a Grosse Fuge - Aproximações entre o romance de Marco Lucchesi e a op.133 de Luwig van Beethoven. *In*: BAPTISTA, Ana Maria Haddad Baptista; CRUZ, Judite Maria Zamith (orgs.). *Práticas das transformações silenciosas*. ePub. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2022. [capítulo de livro].

MARZULLO, Alexandre. Resenha. Vestígios: Diário Filosófico, de Marco Lucchesi. *EccoS. Revista Acadêmica do Programa de Estudos pós graduados da Universidade Nove de Julho*. São Paulo, p. 01-06, n. 63, dez. 2022. [resenha em revista acadêmica]..

MARZULLO, Alexandre. Sorriso Infinito. Revista Humanitas. São Paulo, n. 148, 2022. [ensaio sobre M.L.].

MARZULLO, Alexandre. Microcosmo de Marco Lucchesi. *Revista Humanitas*. São Paulo, n. 165, 2023. [resenha em revista].

MASUTTI, Vivian. Amante dos livros. *Jornal Agora*, São Paulo, 02 fev. 2014. [artigo em jornal].

MATOS, Leticia de. Novalis e a matemática. *In:* LUCCHESI, Marco. *A memória de Ulisses*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 283-287. [entrevista em livro].

MATTOS, Leticia. Um poeta de dois mundos. *Comunità Italiana*, Niterói, jan. 2015. [entrevista em revista].

MEIRELES, Maurício. Uma viagem do inferno ao paraíso. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 jun. 2013. Segundo Caderno. [artigo em jornal].

MEKLER, Telma. Fascinante damasco das especiarias. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 jun. 2000. Caderno Viagem. [entrevista em jornal].

MELO, Igor. Novos Machados: exposição sobre o escritor revela facetas pouco conhecidas e promete surpresas descobertas no acervo da BN. *Revista Nossa História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, p. 92, set. 2008. Por dentro da Biblioteca. [artigo em revista].

MELO, Veríssimo. Todos os poetas são loucos. *A Tribuna*, Natal, 3 set. 1993. [artigo em jornal].

MELO, Walter. Apaixonados pelo Infinito: Nise da Silveira, contemporânea de Spinoza. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, vol. 5, n. 2. São João del-Rei, agosto/dezembro 2010. [passim].

MELLO, Luís Antônio. O que dizem os astros de Marco Lucchesi? Coluna do Lam, Rio de Janeiro, 19 maio 2020. [artigo em jornal].

MENDONÇA, Maurilo. Os papas e o acadêmico. Jornal Atual Notícia. Niterói, Rio de Janeiro, jul. 2020. [artigo em jornal].

MENDONÇA, Maurilo. A jovialidade do imortal. *Jornal Atual Notícia*. Niterói, Rio de Janeiro, jan. 2019. [artigo em jornal].

MENDONÇA, Maria Helena Magalhães de. *et al. Sobre crise: significados e perspectivas*. Ciência & saúde coletiva. vol. 24, n. 12. Rio de Janeiro, dez. 2019. Epub, nov. 25, 2019. [entrevista com M. L.].

MENESES, Carlos. Desafio poético de percorrer o inferno de Dante. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 nov. 1986. Segundo Caderno. [artigo em jornal].

MENEZES, Carla Maria. Reading under Marco Lucchesi's perspective. *In*: BAPTISTA, Ana Maria Haddad; VALCAN, Ciprian; FUSARO, Márcia (orgs.) Education and Research Topics. São Paulo: Tesseractum, 2023. [capítulo de livro - e-book].

MENEZES, Carla Maria. Por uma estética da Educação: Gilles Deleuze e Marco Lucchesi. São Paulo: Universidade Nove de Julho. 2023. [Dissertação de mestrado em Educação].

MENEZES, Margareth. Discurso de posse da Fundação Biblioteca Nacional. 30 maio 2023. [menção honrosa a ML].

MÉRO, Carlos. Lucchesi, Beatrice e a Academia. [locução dos 100 anos da Academia Alagoana de Letras].

MICOSSI, Milena Marques. A busca interior e a consciência coletiva por meio das obras de Marco Lucchesi: diálogos e encontros necessários. Eccos - Revista Científica, São Paulo, n. 66, p. 1-10, e 251 61, jul./set. 2023. [ensaio].

MIGLIAVACCA, Eva Maria. A ciência nova - Giambattista Vico. Site de livros da Internet Grátis (iG), São Paulo, 07 abr. 2001. [artigo em homepage].

MIRANDA, Ana. Lembrança de uma manhã. *In: Revista Brasileira*, n. 88. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2016.

MIRANDA, Ana. As eleições mais profundas: o anjo renascentista. *Revista Caros Amigos*, São Paulo, nov. 2006. [artigo em revista].

MIRANDA, Ana. *In:* LUCCHESI, Marco. *Viagem a Florença*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. [orelha].

MIRANDA, Ana. Moderno cântico dos cânticos. *Comunità Italiana*. Niterói, p. 53, maio. 2023. [artigo em revista].

MIRANDA, Ana. Braziu nheengatu. *O Povo 130,* Rio de Janeiro, 29 jun. 2023. [texto que menciona ML].

MIRANDA, Wander Melo. Giacomo Leopardi: poesia e prosa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 jun. 1996. Caderno Ideias. [artigo em jornal].

MONTEIRO, Gilson. Orquestra da Grota se imortaliza tocando no site da Academia Brasileira de Letras. Niterói de Verdade, Rio de Janeiro, 30 mar. 2020. [artigo em jornal].

MONTEIRO, Gilson. Niteroiense de alma preside imortais. *Niterói de verdade*, Niterói, 8 dez. 2017. [artigo em jornal].

MONTEZ, Luiz. O ponto de vista dos ratos: um estudo sobre a Alemanha. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 ago. 2002. Caderno Ideias, p. 4. [artigo em jornal].

MORAES, Karina Lima. Um dínamo em constante movimento de saberes conjugados numa expressão – oral e escrita – que ensina, comove e emociona. *Notícias do Centro,* Maceió, 13 agost. 2023. [entrevista em jornal digital].

MORAES, Maria Angélica de. Cartas revelam Nise da Silveira ao público. *Jornal A Gazeta*, Campo Grande, 29 nov. 2003. [artigo em jornal].

MORAES, Santos. Um estudioso de Dante. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 12 jun. 1986. [artigo em jornal].

MOREIRA, Lino Raposo. Lucchesi na ABL. *O Estado do Maranhão*, São Luís, 14 nov. 2010. [artigo em jornal].

MOREIRA, Ildeu de Castro. Poesia na Aula de Ciências? Física na escola. v. 3. n. 1. 2002. [poemas em periódico].

MOULIN, Nilson. Leopardi sempre atual. Resenha de: LUCCHESI, Marco. Poesia e prosa de Giacomo Leopardi. São Paulo: Nova Aguilar, 1996. *Revista USP,* São Paulo, n. 31, set./out. 1996. [resenha em periódico].

MOURA, Carolina. Novo presidente da Biblioteca Nacional fala de desafios e paixão pelo ofício. *O Dia*, Rio de Janeiro, 16 abr. 2023. [artigo em jornal].

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. Astronomia e Poesia. *Comunità Italiana*, Niterói, p. 14, dez. 2006. [artigo em revista].

MÜLLER-BOCHAT, Eberhard. Patmos e outros poemas de Hölderlin. *In:* LUCCHESI, Marco. *Faces da utopia*. Niterói: Cromos, 1992. p. 79-81. [prefácio].

MULLER, Weber. Entrevista com Marco Lucchesi. Revista Caparaó em Revista. Guaçu-ES, 26 maio 2019. [entrevista em revista].

MURRAY, Roseana. Nos presídios. *Blog da Roseana*. 29 abr.2018. [artigo em homepage].

MUSSA, Alberto. *In:* LUCCHESI, Marco. *O bibliotecário do imperador*. São Paulo: Azul, 2013. [orelha].

NAME, Daniela. Marco Lucchesi visita Constantinopla em busca de uma memória peregrina. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 mar. 1998. Prosa & Verso. [artigo em jornal].

NASCIMENTO, Dalma. Lucchesi no abissal mistério de Dante. *Revista Carmina*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 35-39, 1988. [artigo em periódico].

NAVAS, Diana. Entre o real e o ficcional: o jogo em O Dom do Crime. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; FUSARO, Márcia; LAURITI, Nádia Conceição. *Estética do labirinto. A poética de Marco Lucchesi.* São Paulo: Patuá, 2018. [capítulo de livro dedicado a ML].

NEJAR, Carlos. O fogo liberto da poesia. *In:* LUCCHESI, Marco. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 351-352. [posfácio].

NEJAR, Carlos. Poemas à noite. *A Gazeta*, Vitória, 30 jan. 1997. [artigo em jornal].

NEJAR, Carlos. Poemas à noite. *In:* LUCCHESI, Marco. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro, 2000. p. 376-377. [posfácio].

NERI, Mozilene. As linguagens na linguagem do amor. *Comunità Italiana*, Niterói, p. 18-19, ago. 2005. [artigo em revista].

NETO, Amador Ribeiro. Rebis, o lirismo sublime de Marco Lucchesi. *A União/ Correio das artes,* João Pessoa, ano LXIX, n.5, jul. 2018. [artigo em jornal].

NETO, Amador Ribeiro. Palavras e números: a sublime poesia de Marco Lucchesi. *Musa rara. Literatura e adjacências*. 04 jun. 2018 [artigo em homepage].

NETO, Amador Ribeiro. A poesia islâmica de Rûmî. *A União/ Correio das artes,* João Pessoa, abr. 2008. p. 14-15. [artigo em jornal].

NETO, Amador Ribeiro. Nossos meridianos. *A União/ Correio das artes,* João Pessoa, jul. 2007, p. 20. [artigo em jornal].

NETO, Amador Ribeiro. Palavras e números: a poesia sublime de Marco Lucchesi. *A União/ Correio das Artes*, João Pessoa, n. 3, maio 2017 [artigo em jornal].

NETO, Amador Ribeiro. *Poesia de viagem e alumbramentos*. Augusta Poesia, 13 fev. 2015. [artigo em homepage].

NÊUMANNE, José. Rûmî, poeta da tolerância sem limites e na moda. *Jornal da Tarde*, Belo Horizonte, 26 ago. 2000. Cultura. [artigo em jornal].

NICOLE, Amanda. Adeus Pirandello. *Eureka Mundo*. 12 jul. 2021. [artigo em homepage].

NINA, Cláudia. As viagens de Lucchesi. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 ago. 1997. Suplemento Niterói. [entrevista em jornal].

NINA, Cláudia. Novos ensaios do sábio renascentista. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 jul. 1997. Suplemento Niterói. [artigo em jornal].

NINA, Cláudia. O pós-modernismo me aborrece. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 abr. 1997. Caderno Ideias. [entrevista em jornal].

NISKIER, Arnaldo. A nova Biblioteca Nacional. *CG: informação, opinião, pensamento*. Rio de Janeiro, 02 mar. 2023. [artigo em blog].

NITERÓI PROMOVE A 1ª edição do Salão do Leitor nesta semana. Niterói: *Rede Brasil Atual*, 19 nov. 2019. [passim].

NORÕES, Everardo. Peregrino do Belo. *Revista Continente Multicultural*, Recife, jan. 2004, p. 62-63. [artigo em revista].

NOVO livro de Lucchesi. *O Fluminense*, Niterói, 13 jun. 1986, Segundo Caderno. [artigo em jornal].

NUNES, Benedito. Da caneta ao computador ou entre Filosofia e Literatura. *Conexões Itaú Cultural*, Belém, 12 fev. 2011. [passim].

O ALVO apaixonados por gatos. *Revista Pulo do Gato*, São Paulo, 2004, p. 37. [artigo em revista].

O POLÊMICO Artaud está em debate. *O Globo*, Rio de Janeiro, 01 out. 1989. [artigo em jornal].

O SALESIANO prestigiou o ex-aluno Marco Lucchesi em sua cerimônia de posse da presidência da ABL. *Salesiano Santa Rosa*, Rio de Janeiro, 15 dez. 2017. [artigo em homepage].

OLHAR NITEROIENSE sobre esse rico universo Dantesco. *Sou mais Niterói*, Niterói, 25 jun. 2013. [artigo em homepage].

OLINTO, Antônio. Poesia busca e achamento. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 29 abr. 1998. Tribuna Bis. [artigo em jornal].

OLIVEIRA, Alexandra Franzone. *Marco Lucchesi*: educação e diálogo epistolar. São Paulo: AKHAD Editorial, 2023.

OLIVEIRA, Alexandra Franzone. The dazzle of reading literature in teacher's development: inspired in Marco Lucchesi. *In*: BAPTISTA, Ana Maria Haddad; VALCAN, Ciprian; FUSARO, Márcia (orgs.) Education and Research Topics. São Paulo: Tesseractum, 2023. [capítulo de livro - e-book.].

OLIVEIRA, Alexandra Franzone. Deslumbrar a literatura como leitura na formação docente: inspirações em Marco Lucchesi. *In*: BAPTISTA, Ana Maria Haddad Baptista; CRUZ, Judite Maria Zamith (orgs.). Práticas das transformações silenciosas. ePub. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2022. [capítulo de livro].

OLIVEIRA, Karla Roberta Brandão de. Estética do Fractal. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; Marco Lucchesi: Estética do Interdisciplinar. São Paulo: Patuá, 2020. [capítulo de livro dedicado a M.L.].

ONETTO, João Domenech. Tradutor enfrentou desafio. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 jan. 1995. Caderno Ideias. [entrevista em jornal].

ORLANDO, José Antônio. O sorriso renascentista de Lucchesi. *O Tempo*, Belo Horizonte, 26 abr. 1997. [artigo em jornal].

ORSINI, Bety. Todos os meninos vão para o céu. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 nov. 2006, p. 2. [artigo em jornal].

ORSINI, Bety. Acordes Literários. *O Globo*, Rio de Janeiro, 02 abr. 2011. Caderno Ela. [artigo em jornal].

ORSINI, Bety. Coletânea de ensaios revela cartografia literária particular de Marco Lucchesi. *O Globo*, Rio de Janeiro, 5 abr. 1997. Prosa & Verso. [entrevista em jornal].

ORSINI, Bety. Doce prece para Helena. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 dez. 2006, p. 2. [artigo em jornal].

ORSINI, Bety. Iluminados: livro retrata amor da psiquiatra Nise da Silveira pela poesia e pelos gatos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 nov. 2003. Caderno Ela, p. 20. [artigo em jornal].

ORSINI, Bety. Mergulho na erudição barroca. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 jan. 1995. Segundo Caderno. [artigo em jornal]

ORSINI, Bety. O mundo perdido de erudição e espanto. *O Globo*, Rio de Janeiro, 2 ago. 1997. Prosa & Verso. [artigo em jornal].

ORSINI, Elisabeth. Autor sugere até mudança da cor de pássaro. O Globo, Rio de Janeiro, 13 jan. 1995. [artigo em jornal].

OSTROWSKI, Simone. Análise singular de textos literários. *In:* LUCCHESI, Marco. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 409-411. [posfácio].

OSTROWSKI, Simone. Análise singular de textos literários. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 abr. 2000. Caderno Ideias. [artigo em jornal].

PADILHA, Tarcísio. *Discurso de recepção de Marco Lucchesi na Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011. [discurso em homepage].

PAIVA, Fernando. Bizâncio. *Carta capital*, Rio de Janeiro, 24 jun. 1998. Coluna Bravo. [artigo em jornal].

PAIXÃO, Fernanda. Mundos dos livros. *O Fluminense*, Niterói, [s.d.]. [artigo em jornal].

PAIXAO, Fernanda. Um olhar sobre a divina comédia. *O Fluminense*, Niterói, 25 mar. 2013. [artigo em jornal].

PANIAGO, Paulo. Projeto de sobrevivência. *Correio Brasiliense*, Brasília, 5 nov. 2000. Caderno Pensar. [artigo em jornal].

PATRIOTA, Nelson. Marco Lucchesi. *Jornal O Galo*, Natal, 4 abr. 2002, p. 7-12. [entrevista em jornal].

PAULA, Jean Carlos Neris de. *Resenha do livro* O dom do crime*, de Marco Lucchesi*. 31 mar 2011. [artigo em homepage].

PAULO, João. A Beleza do Misticismo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19 nov. 2000. Caderno Espetáculo, p. 6. [artigo em jornal].

PAULO, João. Feito um rio no deserto: Marco Lucchesi festeja a estética da palavra pela palavra. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19 nov. 2000. Caderno Espetáculo, p. 6. [artigo em jornal].

PAULO, João. Leituras de um jovem sábio: *Teatro alquímico* mostra a vertente lírica e a erudição de Lucchesi. *In:* LUCCHESI, Marco. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 415-416. [posfácio].

PAULO, João. Leituras de um jovem sábio: *Teatro alquímico* mostra a vertente lírica e a erudição de Lucchesi. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 7 nov. 1999.

PAUVOLID, Elaine. Técnica e poesia de Marco Lucchesi. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 2-3 set. 2001, p. A-34. [artigo em jornal].

PAVAN, Rosane. Leopardi e a poesia extrema. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 27 abr. 1996. Caderno de Sábado. [artigo em jornal].

PAVAN, Rosane. Umberto Eco navega na erudição. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 18 jan. 1995. Caderno de Sábado. [artigo em jornal].

PAXE, Abreu. O Clio de Marco Lucchesi entre o Zamini e o Sasa. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; FUSARO, Márcia; LAURITI, Nádia Conceição. *Estética do labirinto. A poética de Marco Lucchesi.* São Paulo: Patuá, 2018. [capítulo de livro dedicado a ML].

PEIXOTO, Mariana. Para abrir os olhos do ocidente. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 30 out. 2001, p.6. [artigo em jornal].

PELLANDA, Luís Henrique. Paiol literário Marco Lucchesi (reedição trechos talados). *Jornal Rascunho*, Curitiba, jul. 2008, p. 12-13. [artigo em jornal].

PELUSI, Stefania. O Rio através do olhar poético dos italianos. *Comunità Italiana.* Niterói, mar. 2015. [artigo em revista].

PENNAFORT, Roberta. Relíquias do bruxo em duas mostras nos cem anos da morte de Machado de Assis, Academia Brasileira de Letras e Biblioteca Nacional reúnem no rio fotos, documentos, objetos Pessoais. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, set. 2008. Caderno Dois, p. D-3. [artigo em jornal].

PEQUENO, João. Rio das Artes: Da Vinci em 500 anos e mil facetas. Rio de Janeiro: Diário do Rio, 28 de out 2019 [citado em jornal].

PEREIRA, José Mário. *In:* TRAKL, Georg; RILKE, Rainer Maria. *Poemas à noite*. Tradução Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996. [orelha].

PEREIRA, Merval. *Discurso de posse*. Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 2022. [analisando a presidência de M.L].

PEREIRA, Merval. A busca do Diálogo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 nov. 2014. [artigo em jornal].

PEREIRA, Rogério. Estranhos Mundos de Solidão. *Jornal da Copel*, Paraná, 01 jul. 2001. [artigo em jornal].

PEREIRA, Gilberto. Onde Deus se assenta e se espalha, a poesia cria laços. *Jornal Opção*, ed. 2214, Goiânia, 16 dez. 2017. [artigo em jornal].

PEREIRA, Gilberto. O diálogo na tradição da poesia mística. *Jornal Opção*, ed. 2213, Goiânia, 9 dez. 2017. [artigo em jornal].

PEREIRO, Carlos. *In:* LUCCHESI, Marco. *Carteiro imaterial.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2016. [orelha].

PIERANGELI, Fabio. Il tempo donato della poesia: Marco Lucchesi e Valerio Casadio. *Comunità Italiana*. Niterói, [s.d.]. Suplemento Mosaico. [artigo em revista].

PIMENTEL, Luís Antônio. [haicai para Marco Lucchesi] É um nome legenda... *In: Haicais onomásticos*. Niterói: Nitpress, 2007. [poema dedicado a M.L.].

PIMENTEL, Luís Antônio. Biografia. *A Tribuna*, Niterói, 3 fev.1992. Letras Fluminenses. [artigo em jornal].

PIMENTEL, Luís Antônio. Marco Americo Lucchesi. *In:* BRAGANÇA, Aníbal (Org.). *Enciclopédia de Niterói*: pessoas - lugares - histórias. Niterói: Niterói Livros, 2004. [biografia de M.L.].

PIMENTEL, Luís Antônio. Marco Lucchesi. *A Tribuna*. Niterói. 11 jan. 2012. [artigo em jornal].

PIMENTEL, Luís Antônio. Um animador dos léxicos. Poemas de Georg Trakl. *In:* LUCCHESI, Marco. *Faces da utopia*. Niterói: Cromos, 1992. [prefácio].

PINHEIRO, Amilton. Memórias de uma traição imaginária. *Revista Brasileiros*, São Paulo, 16 nov. 2010. [artigo em revista].

PINHEIRO, Áurea. Filosofia e caminhada no calçadão de Icaraí. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 maio 1995. Suplemento de Niterói. [entrevista em jornal].

PINA, Guto. Os dons de Marco Lucchesi. *In:* Literatura no Brasil. 09 fev.2011. [resenha em blog].

PIÑON, Nélida. Lucchesi, jovem mestre. *In:* LUCCHESI, Marco. *O dom do crime*. Rio de Janeiro: Record, 2010. [orelha].

PINTO, Manuel da Costa. A ilha do dia anterior une erudição e aventura. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 21 jan. 1995. Caderno Ilustrada. [artigo em jornal].

PINTO, Sonia de Oliveira. *Espaços de morte, escritos de vida*: visões literária e jornalística do cárcere brasileiro. 140f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. [dissertação de mestrado].

PIQUET, Bianca. Ex-aluno salesiano é eleito presidente da Academia Brasileira de Letras**.** *Boletim Salesiano*, Brasil, 11 dez. 2017. [artigo em jornal].

PIRAS, Natalino. Il Nostos di Ulisse a Itaca. *Comunità Italiana*, Niterói, abr.2008, p. 21. Suplemento Mosaico. [artigo em revista].

POEMAS à noite. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 nov. 1996. Caderno Ideias. [artigo em jornal].

POEMAS de Georg Trakl. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 jun. 1991. Caderno Ideias. [artigo em jornal].

PORTELLA, Eduardo. A soma das distâncias. *In:* LUCCHESI, Marco. *Sphera*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 09-15. [prefácio].

PORTINARI, João Cândido. *In:* LUCCHESI, Marco. *À sombra da amizade: cartas de Israel Pedrosa a Marco Lucchesi*. Niterói: Eduff, 2021. [prefácio].

PRADO, Adélia. A tradução de Eco. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 out. 1995. Caderno Ideias. [artigo em jornal].

PRESIDENTE DA ABL recebe Prêmio Internacional para a Latinidade. Brasília: *Correio Braziliense*, 13 nov. 2019. [artigo em jornal].

PRESIDENTE DA CASA da FEB recebe fotografia histórica do imortal escritor Marco Lucchesi. *Casa da FEB*, Rio de Janeiro, 01 dez. 2017. [artigo em homepage].

Presidente do SFT entrega exemplar da Constituição traduzida para o nheengatu à Biblioteca Nacional. *SFT,* Brasília, 25 ago. 2023. [artigo em jornal digital].

PRESTES FILHO, Luís Carlos. O poeta chega ao futuro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 jun. 1993. Caderno Ideias. [artigo em jornal].

PRESTES, Zóia. *In:* LUCCHESI, Marco. (Org.) *Eu e a Rússia. Poemas de Khliébnikov*. Tradução de Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Colibri, 2014. [entrevista em livro].

PRESTES, Zóia. Marco Lucchesi e a tradução. *Agulha Revista de Cultura*. 30 ago.2017. [entrevista em revista].

PRIORE, Mary del. *In:* LUCCHESI, Marco. *Ficções de um gabinete ocidental*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 07-10. [prefácio].

PROENÇA FILHO, Domício. O filósofo entre a poesia e o deserto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 jul. 2001. Caderno Ideias, p. 7. [artigo em jornal].

PROPONO pri professoro Marco Lucchesi por la Honora Patrona Komitato de Universala Esperanto-Asocio. *Brazila esperanto-ligo*, Brasília, 16 jun. 2021. [artigo em revista].

PUGA, Antônio. Obra marca nova prosa de Lucchesi. *O Fluminense*, Niterói, 24 ago. 1997. Segundo Caderno. [entrevista em jornal].

PY, Fernando. Giacomo Leopardi. *Diário de Petrópolis*, Petrópolis, 24 nov. 1996. [artigo em jornal].

PY, Fernando. Poemas à noite. *Diário de Petrópolis*, Petrópolis, 13 abr. 1997. [artigo em jornal].

PY, Fernando. A paixão do infinito. *Diário de Petrópolis*, Petrópolis, dez. 1994. Diário Dois. [artigo em jornal].

PY, Fernando. Bizâncio. *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, 26 set. 1999. [artigo em jornal].

PY, Fernando. Faces da utopia. *Diário de Petrópolis*, Petrópolis, mar. 1993. [artigo em jornal].

PY, Fernando. Patmos e outros poemas de Hölderlin. *Diário de Petrópolis*, Petrópolis, 4 dez. 1988. [artigo em jornal].

PY, Fernando. Poemas de Georg Trakl. *Diário de Petrópolis*, Petrópolis, 29 mar. 1991. [artigo em jornal].

PY, Fernando. Poemas de Khliébnikov. *Diário de Petrópolis*, Petrópolis, 2 ago. 1993. [artigo em jornal].

PY, Fernando. Poemas de Khliébnikov. *In:* LUCCHESI, Marco. *Poemas de Khliébnikov*. Tradução de Marco Lucchesi. Niterói: Cromos, 1993. [prefácio].

PY, Fernando. Poemas de Khliébnikov. *In:* LUCCHESI, Marco. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 378-379. [posfácio].

PY, Fernando. Somente poesia. *Diário de Petrópolis*, Petrópolis, 7 fev. 1993. [artigo em jornal].

PY, Fernando. Triunfo da Vida. *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis 23 mar. 2003. [artigo em jornal].

QUEIROZ, Adalberto de. Leituras de verão (1) Sob o sol do Nordeste, "Os olhos do deserto". *Jornal Opção*, Goiânia, 17 jan. 2018. Cultural. [artigo em jornal].

QUEIROZ, Adalberto de. Por que o ano novo cochila dentro do leitor. *Jornal Opção*, Goiânia, 27 dez. 2017. [citado em artigo em jornal].

QUEIROZ, Adalberto de. Giacomo Leopardi – Além do pessimismo, a "Poesia consoladora", *Jornal opção*, n. 2208, 08 nov. 2017. [passim].

QUEIROZ , Christina. Marco Lucchesi: O poeta de fronteiras, *Pesquisa FAPESP,* 30 out. 2023. [entrevista com o autor].

RAMOS, Débora. Marco Lucchesi e a experiência do terceiro labirinto. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; *Marco Lucchesi: Estética do Interdisciplinar*. São Paulo: Patuá, 2020. [capítulo de livro dedicado a M.L.].

RAMOS, Débora. *Marco Lucchesi e Os olhos do deserto: a experiência poética do caminhante*. São Paulo: BT Acadêmica, 2019. [livro dedicado a M.L.].

RAMOS, Débora. *O século XIX no XXI: a composição ficcional de Marco Lucchesi em O Dom do Crime*. São Paulo: BT Acadêmica,2019. [livro dedicado a M.L.].

RAMOS, Débora de Freitas. Mal de amor, de Marco Lucchesi. *In: Revista Dialogia* (Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) da Universidade Nove de Julho), n. 31, 2019. [resenha em periódico acadêmico].

RAMOS, Débora. Un cantiere di idee chiamato faxinal do céu. *Comunità Italiana*, Niterói, mar. 2008, p. 26-28. Suplemento Mosaico. [artigo em revista].

REIS, Ney. Erudição poética. *Ele & Ela*, Rio de Janeiro, mar. 1995. [artigo em revista].

RESENDE, Thiago. Onda conservadora é regresso civilizacional. *In: Deutsche Welle*, 13 nov. 2018. [entrevista em portal].

RIBEIRO, Gilvan. Uma ilha de palavras como garantia de eternidade. *Tribuna de Minas*, Juiz de Fora, 20 fev. 1995. [artigo em jornal].

RIBEIRO, Luciano. Passeios que contam a história da cidade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 nov. 1999. Suplemento de Niterói. [entrevista em jornal].

RIBEIRO, Cláudio. A história à procura da ficção: os romances de Marco Lucchesi. *Revista Brasileira de Humanidades Nabuco*. Recife, v.1, 10 mar. 2016. [artigo em revista].

RICARDO CRAVO Albin: a Virada, um suspiro de esperança. *O Dia*, Rio de Janeiro, 25 dez. 2017. [citado em artigo em jornal].

RIOS, Peron. A musa nebulosa. Clio. *Jornal Rascunho*. Curitiba. ed. n. 191. mar. 2016. [resenha em periódico].

RIVAS HERNÁNDEZ, Ascensión. A poética do encontro. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 82, p. 153-164, jan./mar. 2015. [artigo em periódico].

RIZZI, Lucas. 'Em vez de armas, livros': Brasil leva literatura ao mundo. *Terra.* São Paulo 17 set. 2023. [artigo em jornal digital].

ROBSON, Ronald. Um oriente em cada objeto. Marco Lucchesi comenta sua saudade do oriente e como achou manuscrito inédito de Artur Azevedo. *Jornal O Imparcial*, São Luís, 4 jul. 2008, p. 16. [artigo em jornal].

ROCHA, Izaura. Como um sacerdote, Lucchesi reacende o fogo secreto de outras culturas. *Tribuna da Tarde*, Juiz de Fora, 30 set. 1992. [artigo em jornal].

ROCHA, Izaura. Marco Lucchesi, alquimista em busca de Deus. *Tribuna de Minas*, Juiz de Fora, 18 set. 2001. Caderno Dois, p. l. [artigo em jornal].

ROCHA-PEIXOTO, Gustavo Rev. Casa de Ulisses no Labirinto de Espelhos. Programa Pós Rev. Grad. Arquit. Urban. FAU USP. São Paulo, v. 25, n. 47, p. 126-156, set-dez 2018. [artigo em revista acadêmica].

ROCHA, Izaura. Dedicação à poesia. *Caderno Dois, Tribunas de Minas,* 18 set. 2001. [artigo em jornal].

RODRIGUES, Dartagnhan Salustiano. Les Belles traditores and Marco Lucchesi. *In*: BAPTISTA, Ana Maria Haddad; VALCAN, Ciprian; FUSARO, Márcia (orgs.) Education and Research Topics. São Paulo: Tesseractum, 2023. [capítulo de livro - e-book].

RODRIGUES, Dartagnhan Salustiano. Marco Lucchesi: Les Belles traditores. In: BAPTISTA, Ana Maria Haddad Baptista; CRUZ, Judite Maria Zamith (orgs.). *Práticas das transformações silenciosas*. ePub. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2022. [capítulo de livro].

RODRIGUES, Maria Fernandes. Volta para casa. O Estadão. 06 abr 2019. [nota em jornal].

RONDINELLI, Marcelo. Hölderlin (re)traduzido no Brasil: Constelações poético-tradutórias, acontecimentos. *Revista Graphos*, UFPB/PPGL, vol. 18, n° 2, João Pessoa, 2016. [artigo em periódico].

RONDINELLI, Marcelo. Patmos, de Hölderlin, por Lucchesi: 30 anos de uma experiência-itinerário. *Revista Pandaemonium Germanicum*, USP, v. 21, n. 34, São Paulo, 2018. [artigo em periódico].

ROSA. André. Em Maví, Marco Lucchesi faz de sua poesia uma busca pelo outro. *Le Monde Diplomatique Brasil,* n. 184, São Paulo, 23 nov. 2022. [resenha sobre livro de M.L.].

ROSA. André. Em Maví, Marco Lucchesi faz de sua poesia uma busca pelo outro. L*e Monde Diplomatique Brasil*, n. 184, São Paulo, 23 nov. 2022. revista eletrônica. [resenha sobre livro de M.L.].

Rosa Weber entrega Constituição em indígena e diz que cicatriz do 8/1 permanecerá. *Folha de S. Paulo.* São Paulo, 25 agost. 2023. [artigo em jornal digital].

RÛMÎ se utiliza do poder soberbo das metáforas. *Revista Instituto Humanitas on-line*, São Leopoldo, 04 jun. 2007. [entrevista em revista].

RÛMÎ: a mística reconhecida pela alta literatura. Entrevista especial com Faustino Teixeira. *Revista Instituto Humanitas online*, São Leopoldo, 24 out. 2008. [passim].

SÁ, Xico. Uma carta de amor vale por mil nudes. *El País*, Brasil, 15 dez. 2017. [citado em artigo em jornal].

SAAVEDRA, Edgar. out post. *Clio*: Buenos Aires; Cuenca Equador: La caída, 2023. [quarta capa].

SAMYN, Henrique Marques. A memória de Ulisses: (des)leituras de Marco Lucchesi. *Comunità Italiana*, Niterói, p. 13, jul. 2007. [artigo em revista].

SAMYN, Henrique Marques. Novas poéticas: a transmutação do verso *Sphera* de Marco Lucchesi. *Speculum*, São Paulo, 17 jul. 2006. [artigo em jornal].

SAMYN, Herinque Marques. A volta e o valor de Walmir. *Speculum*, São Paulo, 02 nov. 2008. [artigo em jornal].

SANCHES NETO, Miguel. Viagem ao Labirinto. *Jornal Rascunho*, Curitiba, dez. 2001, p. 15. [artigo em jornal].

SANTAELLA, Lucia. A atração congênita do fazer poético. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; FUSARO, Márcia; LAURITI, Nádia Conceição. *Estética do labirinto. A poética de Marco Lucchesi*. São Paulo: Patuá, 2018. [capítulo de livro dedicado a ML].

SANT'ANNA, Affonso Romano de. O Brasil não se dá conta. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 nov. 1998. Segundo Caderno. [artigo em jornal].

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Canudos em casa. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 set. 1997. Segundo Caderno. [artigo em jornal].

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Línguas estranhas. *In: A vida por viver*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. [passim].

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Línguas estranhas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 12 maio 1993. Segundo Caderno. [artigo em jornal].

SANTOS, Daniel Brás. A audácia desse homem: as leituras ficcionais de Dom Casmurro. *Revista DeSenRedOs*, Teresina, n. 19, p. 1-21, dez. 2013. [artigo em periódico].

SANTOS, Jânio Vieira dos. Um recorte poético e filosófico em Alma Vênus, de Marco Lucchesi. *Travessias Interativas*, São Cristóvão, v. 12, n. 25, p. 341-324, jan./abr. 2022. [artigo em periódico].

SANTOS, Jânio Vieira dos; ANDRADE, Alexandre de Melo. Alma Vênus, de Marco Lucchesi, e o diálogo com A Divina Comédia. *Revista Épicas*, Sergipe, Ano 5, número especial 4. p.119-131, fev. 2021. [artigo em periódico].

SANTOS, Jorge Fernando dos. Feito um rio no deserto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19 nov. 2000. Caderno Espetáculo. [artigo em jornal].

SANTOS, Roberto. Lucchesi: a fusão alquimia-poesia. *O Fluminense*, Niterói, 30 set. 2003. Segundo Caderno, p. 3. [artigo em jornal].

SANTOS, Roberto. Palavras transformadas em imagens poéticas. *O Fluminense*, Niterói, 05 dez. 2000. [artigo em jornal].

SANTOS, William Soares dos. Reflexões sobre a arte da escrita. A busca do divino em *Trívia* de Marco Lucchesi. Jornal de Letras. p. 9. 2020. [artigo em jornal].

SARAIVA, Isabella. Imortal da Academia Brasileira de Letras palestra sobre leitura em unidade prisional em Bangu. *Secretaria de Estado de Administração Penitenciária*, Rio de Janeiro, 21 nov. 2013. [artigo em homepage].

SCISINIO, Alaôr Eduardo. *Letras no Ar*. Niterói: J. Figueiredo, 1994. [passim].

SEFFRIN, André. A ilha do dia anterior. *Rio Zona Sul*, Rio de Janeiro, 15 jun.1995. Seção Livros. [artigo em jornal].

SEFFRIN, André. A paixão do infinito. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 dez. 1994. Segundo Caderno. [artigo em jornal].

SEFFRIN, André. Ascendino Leite, Marco Lucchesi. *Rio Zona Sul*, Rio de Janeiro, maio 1997. [artigo em jornal].

SEFFRIN, André. Bizâncio: pequena obra-prima. *Manchete*, Rio de Janeiro, 18 abr. 1998. Coluna Livros. [artigo em jornal].

SEFFRIN, André. *Concerto a quatro vozes*. Rio de Janeiro: Entrelivros, 2006. [artigo em revista].

SEFFRIN, André. Esboço do juízo final. *Manchete*, Rio de Janeiro, 18 out. 1997. Coluna Livros. [artigo em jornal].

SEFFRIN, André. Marco Lucchesi. *O Grito*, Rio de Janeiro, 08 dez. 1994. Seção Literárias e Afins. [artigo em revista].

SEFFRIN, André. Marco Lucchesi: a palavra encantada. *In:* LUCCHESI, Marco. *Alma Vênus*. Niterói: CIE, 2000. [prefácio].

SEFFRIN, André. Marco Lucchesi: a palavra encantada. *In:* LUCCHESI, Marco. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 361-364. [posfácio].

SEFFRIN, André. Saudades do paraíso. *Rio Zona Sul*, Rio de Janeiro, ago. 1997. Livros. [artigo em jornal].

SENA, André de. Antologia organizada por escritor brasileiro retrata a riqueza da cultura islâmica. *Jornal da Paraíba*, Campina Grande, 15 nov. 2002. [artigo em jornal].

SENA, Carla. Filósofo apaixonado por Dante. *O Fluminense*, Niterói, 4 jan. 2005. Segundo Caderno. [artigo em jornal].

SERVO, Eventa. Nova Membro de la Honora Patrona Komitato de UEA: Prof. Marco Lucchesi. *Esperanto em Brazilo*, 16 ago. 2021. [artigo em jornal].

SILVA, Gisele Batista da. *Giacomo Leopardi na crítica brasileira: Carpeaux, Bosi e Lucchesi. In:* XVII Congresso da Associação Brasileira de Professores de Italiano. XI Congresso Internacional de Estudos Italianos. VI Jornada de Italianística da América Latina. Trânsitos, migrações e circulações: a Itália e o italiano em movimento. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 23 a 27 out. 2017. [comunicação em evento].

SILVA, Beatriz Coelho. Marco Lucchesi: sou leitor do livro do mundo. *In: Revista Continente*. Recife, ano XI, n. 130, out. 2011. [entrevista em revista].

SILVA, José Mário da. Lucchesi e a 'Cultura da Paz'. A União, João Pessoa, 18 fev. 2021. Correio das Artes, p. 10. [artigo em jornal].

SILVA, José Mário da. Trívia: o diário filosófico de Marco Lucchesi. *A União*, João Pessoa, 11 fev. 2021. Correio das Artes, p. 10. [artigo em jornal].

SILVA, José Mário da. A Memória de Ulisses. *A União*, João Pessoa, 2-3 dez. 2006. Correio das Artes, p. 8-10. [artigo em jornal].

SILVA, José Mário da. Os celestes meridianos de Marco Lucchesi. *Jornal da Paraíba*, 22 out. 2006. Suplemento Cultural Augusto (s/l), p. 2. [artigo em jornal].

SILVA, José Mario da. Saudades do paraíso: uma obra-prima do ensaísmo contemporâneo. *A União*, João Pessoa, 6-7 abr. 2002. Suplemento Ideias, p. 22. [artigo em jornal].

SILVA, José Mario da. Um belo e alquímico teatro de leituras. *A União*, João Pessoa, 13-14 out 2001. Suplemento Ideias, p. 23. [artigo em jornal].

SILVA, José Otávio Motta Pompeu e. Marco Lucchesi, o poeta do espaço. *In: A arte na terapia ocupacional de Nise da Silveira*. Tese (Doutorado em Artes) Instituto de Artes – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2011. [capítulo de tese dedicado a M.L.].

SILVA, Laércio. Quarta-capa. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; FUSARO, Marcia; LESSA, Verônica (orgs.). *Marco Lucchesi*: Ensaios Escolhidos - Meta-Ensaios. São Paulo: Alma Mater, 2019. 104 p. [quarta-capa].

SILVA, Maurício. Notas a uma correspondência crítica: Marco Lucchesi e seu Carteiro Imaterial. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; FUSARO, Márcia; LAURITI, Nádia Conceição. *Estética do labirinto. A poética de Marco Lucchesi.* São Paulo: Patuá, 2018. [capítulo de livro dedicado a ML].

SILVEIRA, Nise da. A paixão do infinito. *In:* LUCCHESI, Marco. *A paixão do infinito*. Niterói: Cromos, 1994. [orelha].

SILVEIRA, Nise da. A paixão do infinito. *In:* LUCCHESI, Marco. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 399. [posfácio].

SILVEIRA, Nise da. A viagem de Dante. *In: O Fluminense*, Segundo Caderno, Niterói, 31 jan. 1993. [artigo em jornal].

SILVEIRA, Nise da. Carta de Nise da Silveira a Marco Lucchesi. *In:* RODRIGUES, Sergio (Org.). *Cartas Brasileiras*: correspondências históricas, políticas, célebres, hilárias e inesquecíveis que marcaram o país. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. [capítulo dedicado a M.L.].

SIMONETTI, Flora; DISTANTE, Carmelo. Idílios, sensualidade e sonhos inalcançáveis. *O Globo*, 21 nov. 1998. [artigo em jornal].

SIMONI, Karine. Molto più acute: memória, memórias em ação e reflexão em Marco Lucchesi. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; *Marco Lucchesi: Estética do Interdisciplinar.* São Paulo: Patuá, 2020. [capítulo de livro dedicado a M.L.].

SIMONI, Karine. A interminável partilha: Notas sobre o pensamento e as experiências de tradução em Marco Lucchesi. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; *Marco Lucchesi: Estética do Interdisciplinar.* São Paulo: Patuá, 2020. [capítulo de livro dedicado a M.L.].

SIQUEIRA, Luiz Augusto. Marinheiro de primeira viagem surfa na rede. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 jun. 1995. Caderno de Informática. [entrevista em jornal].

SOARES, Raimundo Nonato Gurgel. Marco Lucchesi: Amigo de Bizâncio e Acari. *In: Seis poetas para o próximo milênio*. 328f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. p. 295-307. [entrevista em tese].

SOARES, Raimundo Nonato Gurgel. Multiplicidade: Marco Lucchesi. *In: Seis poetas para o próximo milênio*. 328f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. [capítulo de tese dedicado a M.L.].

SOARES, Ana Paula. Lucchesi vai presidir a ABL. *O Fluminense*, Niterói, 9 dez. 2017. [artigo em jornal].

SOBRAL, Barcelos. Uma estreia. *A Tribuna*, Niterói, 4 ago. 1986. Artes Fluminenses. [artigo em jornal].

SOBREIRA, Ivan Bichara. Saudades do paraíso. *A União*, João Pessoa, 10 set. 1997. [artigo em jornal].

SOL, Vanessa. Gabinete ocidental: o espaço dos pensadores. *Olhar Virtual*: boletim da assessoria de comunicação da UFRJ, Rio de Janeiro, 16 mar. 2010. [artigo em jornal].

SOLHA, W. J. Visitação. *Jornal O Norte*, João Pessoa, 27 nov. 2004, p. C -2. [artigo em jornal].

SOUZA, Ricardo de. A Floresta de Kruskal. *In*: SOUZA, Ricardo de. *Marco Lucchesi*: literatura e matemática. Prefácio Ubiratan D' Ambrosio, Ana Maria Haddad Baptista. Belo Horizonte: Tesseractum editorial, 2021. [capítulo de livro dedicado a M.L.].

SOUZA, Ricardo de. Confraria Alfa do Cão Maior. *In*: SOUZA, Ricardo de. *Marco Lucchesi*: literatura e matemática. Prefácio Ubiratan D' Ambrosio, Ana Maria Haddad Baptista. Belo Horizonte: Tesseractum editorial, 2021. [capítulo de livro dedicado a M.L.].

SOUZA, Ricardo de. Hinos Matemáticos. *In*: SOUZA, Ricardo de. *Marco Lucchesi*: literatura e matemática. Prefácio Ubiratan D' Ambrosio, Ana Maria Haddad Baptista. Belo Horizonte: Tesseractum editorial, 2021. [capítulo de livro dedicado a M.L.].

SOUZA, Ricardo de. Leão Zeitgest. *In*: SOUZA, Ricardo de. *Marco Lucchesi*: literatura e matemática. Prefácio Ubiratan D' Ambrosio, Ana Maria Haddad Baptista. Belo Horizonte: Tesseractum editorial, 2021. [capítulo de livro dedicado a M.L.].

SOUZA, Ricardo de. Estética do Fractal. *In*: BAPTISTA, Ana Maria Haddad; *Marco Lucchesi: Estética do Interdisciplinar*. São Paulo: Patuá, 2020. [capítulo de livro dedicado a M.L.].

SOUZA, Ricardo de. *Marco Lucchesi*: literatura e matemática. Prefácio de Ubiratan D' Ambrosio, Ana Maria Haddad Baptista. Belo Horizonte: Tesseractum editorial, 2021. [organização de livro dedicado a M.L.].

SOUZA, Ricardo de. Menino infinito e seus amigos. *In*: SOUZA, Ricardo de. *Marco Lucchesi*: literatura e matemática. Prefácio Ubiratan D' Ambrosio, Ana Maria Haddad Baptista. Belo Horizonte: Tesseractum editorial, 2021. [capítulo de livro dedicado a M.L.].

SOUZA, Diego Mendes. Os domínios insones no exótico lirismo de Marco Lucchesi. *Domingo com poesia*. 25 nov. 2019 [artigo em homepage].

SOUZA, Jefferson de; LEÃO, Rodrigo de Souza. Sai o tradutor, fica o poeta: Marco Lucchesi, aos 37 anos, trabalha na tradução de Baudolino, e ao fim da empreitada, espera dedicar-se somente à poesia. *Jornal Rascunho*, Curitiba, jun. 2001, p. 4-5. [artigo em jornal].

SOUZA, Ricardo de. Traduções Euclidianas. *In*: SOUZA, Ricardo de. *Marco Lucchesi*: literatura e matemática. Prefácio Ubiratan D' Ambrosio, Ana Maria Haddad Baptista. Belo Horizonte: Tesseractum editorial, 2021. [capítulo de livro dedicado a M.L.].

SOUZA, Ricardo de. Uni(versos). *In*: SOUZA, Ricardo de. *Marco Lucchesi*: literatura e matemática. Prefácio Ubiratan D' Ambrosio, Ana Maria Haddad Baptista. Belo Horizonte: Tesseractum editorial, 2021. [capítulo de livro dedicado a M.L.].

SPARANO, Amélia. A brilhante tradução de Lucchesi. *O Fluminense*, Niterói, 29 set. 1987. Segundo Caderno. [artigo em jornal].

STERZI, Eduardo. Sobre-humanos silêncios. *Zero Hora*, Porto Alegre, 31 ago. 1996. Cultura. [artigo em jornal].

STERZI, Eduardo. Um novo bibliotecário para Babel. *In:* LUCCHESI, Marco. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 405-408. [posfácio].

STERZI, Eduardo. Um novo bibliotecário para Babel. *Zero Hora*, Porto Alegre, 26 abr.1997. Cultura. [artigo em jornal].

SUAREZ, Mirabel. Niterói na sua melhor tradução. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 jan. 1995. Suplemento Niterói. [entrevista em jornal].

SUTIL, Emanuelly Venção; FRANZ, Marcelo. Literatura e história - análise do romance o bibliotecário do imperador de Marco Lucchesi sob a perspectiva literária e teórica do romance histórico. *In: Anais do Seminário de Iniciação Científica* - SEMIC, 23. Curitiba: PUCPR, 2015. [artigo em anais].

TARDIN, Neyla. Dias tórridos. *A Gazeta*, Vitória, 9 jun. 2002. Caderno Dois. [artigo em jornal].

TARZIA, Shirley Aparecida Alves. Mal de amor: a transfiguração do devaneio amoroso pela alquimia das palavras. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad: *Marco Lucchesi: Estética do Interdisciplinar*. São Paulo: Patuá, 2020. [capítulo de livro dedicado a M.L.].

TAVARES, Sérgio. Ensaios marcados pelo primor. *Comunità Italiana*, Niterói, jun. 2017. [artigo em revista].

TEIXEIRA, Faustino. Paolo Dall´Oglio, místico e profeta do diálogo com o Islã. *Adital*. Instituto Humanitas Unisinos. 08 jan. 2021. [artigo em jornal].

TEIXEIRA, Faustino. *In:* Narrativa de uma travessia. Cadernos IHUideias. Instituto Humanitas. Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. São Leopoldo, RS. Ano 18. n. 298. vol.18. 2020. [artigo em periódico].

TEIXEIRA, Faustino. *In:* AREOPAGITA, Pseudo Dionísio. *Teologia mística.* Tradução de Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Fissus, 2004. [orelha].

TEIXEIRA, Faustino. *In:* LUCCHESI, Marco. *A longa noite síria*: uma voz no deserto. Rio de Janeiro: Dragão, 2016. p. 11-13. [prefácio].

TEIXEIRA, Faustino. Marco Lucchesi – Itinerários. *TEOLITERARIA - Revista de Literaturas e Teologias*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 200-207, maio 2011. [artigo em periódico].

TEIXEIRA, Jerônimo. A aventura dos náufragos do conhecimento. *Zero Hora*, Porto Alegre, 23 fev. 1995. Segundo Caderno. [artigo em jornal].

TEIXEIRA, Maria Célia. Se falta leitura, falta esperança. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 10 jan. 2000, p. 1. Tribuna Bis. [artigo em jornal].

TEIXEIRA, Faustino. Paolo dall'Oglio, o profeta do deserto. *Revista Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, 11 ago. 2016. [passim].

TEIXEIRA, Faustino. *In:* SILESIUS, Angelus. *Moradas*. [Tradução de Marco Lucchesi] Goiânia: Martelo Casa Editorial, 2017. [prefácio].

TELES, Adriana da Costa. O Dom do Crime, de Marco Lucchesi, e o intertexto com Dom Casmurro, de Machado de Assis. *FronteiraZ* (Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP). n.25. São Paulo, dez. 2020. p. 159-168. [artigo em revista].

TORRES, Antônio. Assim é (se me parece). *Revista Incomunidade*. Porto, 20 maio 2021. [artigo em revista].

TORRES, Bolívar. Nos 700 anos da morte de Dante, livro de Marco Lucchesi sobre o poeta ganha nova edição. Rio de Janeiro. *O Globo*. 19 set. 2021. [artigo em jornal].

TORRES, Bolívar. Marco Lucchesi, um imortal atípico. Rio de Janeiro. *Revista Época*. 29 jan. 2021. p. 63-65. [artigo em revista].

TORRES, Bolívar. ABL empossa sua nova diretoria para 2021. Em cerimônia virtual, acadêmico Marco Lucchesi iniciou seu quarto mandato à frente da instituição. *In:* O Globo, 11 dez. 2020. [artigo em jornal].

TORRES, Bolívar. Marco Lucchesi. Coronavírus fecha ABL, e presidente diz: "A epidemia vai trazer novas sociabilidades". Marco Lucchesi comenta suspensão das sessões da Casa, a primeira do tipo na história da instituição. *In:* O Globo, 15 mar. 2020 [entrevista em jornal]

TORRES, Bolívar. Marco Lucchesi. Vencedores Prêmio Faz a diferença. *In: O Globo,* Segundo Caderno/Livros: 31 jan.2018. [artigo em jornal].

TORRES, Bolívar. Biblioteca Nacional terá pólo Antártica com mais de 700 volumes. *O Globo.* 03 julh. 2023. [artigo em jornal eletrônico].

UM CONVITE à Divina Comédia. *Continente*. Recife, ago. 2013. [entrevista em revista].

UMA VIAGEM pelos mares da literatura. *Tribuna do Norte*, Natal, 02 nov. 2011. [entrevista em jornal].

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Superintendência de Documentação. Centro de Memória Fluminense. *Coleção Marco Lucchesi:* catálogo bibliográfico. (org. GUSMÃO, Antônio Carlos Marones de; VIANA, José Antonio Rodrigues; DAVID, Luiz Antônio Lopes; SANTOS, Katherine Lins dos) Niterói, v. 1, 2016. [catálogo].

VALCAN, Ciprian. Marco Lucchesi um herege. *In:* LUCCHESI, Marco. *Vestígios*. Belo Horizonte: Tesseractum, 2020. [prefácio de livro de M.L].

VALLE, Júlio César Augusto do. Náutilo. *In*: SOUZA, Ricardo de. *Marco Lucchesi*: literatura e matemática. Prefácio Ubiratan D' Ambrosio, Ana Maria Haddad Baptista. Belo Horizonte: Tesseractum editorial, 2021. [capítulo de livro dedicado a M.L.].

VALLE, Júlio César Augusto do. Sobre hinos que celebram a fecundidade do encontro da matemática com a língua. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad; *Marco Lucchesi: Estética do Interdisciplinar*. São Paulo: Patuá, 2020. [capítulo de livro dedicado a M.L.].

VANNI, Júlio. Lucchesi: a literatura, o cinema, a música e o desespero. *Comunità Italiana*, Niterói, 11 mar. 1995. Cultura. [artigo em revista].

VASCONCELLOS, Denílson. O criador de almas. *Crimideia,* Rio de Janeiro, n. 2, set. 1998. UFRJ/Letras. [artigo em revista].

VASCONCELOS, Denílson. Marco Lucchesi. *Crimideia*, Rio de Janeiro, n. 2, set. 1998. UFRJ / Letras. [entrevista em jornal].

VASSALLO, Marcio. Melodia em alto-mar. *Lector*, Rio de Janeiro, abr. 1995. [entrevista em jornal].

VASSALO, Márcio. O pensamento está sorrindo. *In: Nos bastidores do mercado editorial*: as entrevistas de maior repercussão do jornal Lector. Prefácio de Zuenir Ventura. Orelha Marco Lucchesi. Belém: Cejup, 1997. p. 118-127. [entrevista em livro].

VASSALO, Márcio. Páginas movediças do deserto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 nov. 2000. Caderno Ideias. [artigo em jornal].

VIANA, Nayara Oliveira. Literatura e matemática: uma leitura minuciosa. *In:* BAPTISTA, Ana Maria Haddad. (org.). *Tempo - Memória: Educação, Literatura e Linguagens*. São Paulo: B.T. Acadêmica, 2019. [capítulo de livro].

VICTER, Osvaldo. *O magistrado e as pombas e outros ensaios*. Niterói: Livraria Ideal, 1989. [passim].

VIEIRA, Ana Thereza Basílio. A paixão do infinito. *Comunità Italiana*, Niterói, abr. 1996. [artigo em revista].

VIEIRA, Ana Thereza Basílio. O *De passione* e a busca do conhecimento. *In:* LUCCHESI, Marco. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 370-373. [posfácio].

VIEIRA, Creusa Maria Nunes. Os olhos do deserto: narrativa, confissão, poesia e ensaio. *Jornal Debate*, Belo Horizonte, 11 out. 2000. [artigo em jornal].

VILLAÇA, Antônio Carlos. [Aqui está *Bizâncio*, do jovem Marco Lucchesi...]. *In: O livro dos fragmentos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 139-140. [Excerto dedicado a M.L.].

VILLAÇA, Antonio Carlos. [Às vezes, me pergunto...]. *In: O livro dos fragmentos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 63-67. [Excerto dedicado a M.L.].

VILLAÇA, Antonio Carlos. [Marco Antônio de Souza me telefona...]. *In: O livro dos fragmentos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 99-100. [Excerto dedicado a M.L.].

VILLAÇA, Antônio Carlos. Lucchesi, o saltimbanco Perfeito. *In: Os saltimbancos da Porciúncula*. Rio de Janeiro: Record, 1996. [capítulo dedicado a M.L].

VILLAÇA, Antônio Carlos. Marco Americo Lucchesi. *In:* LUCCHESI, Marco. *Breve introdução ao Inferno de Dante*. Poesia e Teologia. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1986. [orelha].

VILLAÇA, Antônio Carlos. Marco Lucchesi. *In: Diário de faxinal do céu*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1998. p. 155-156. [capítulo dedicado a M.L].

VILLAÇA, Antonio Carlos. Marco Lucchesi: cultura e sensibilidade. *In:* LUCCHESI, Marco. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 400-404. [posfácio].

VILLAÇA, Antônio Carlos. Marco Lucchesi: cultura e sensibilidade. *In:* LUCCHESI, Marco. *A paixão do infinito*. Niterói: Cromos, 1994. p. 15-20. [prefácio].

VILLAS-BOAS, Luciana. *In:* LUCCHESI, Marco. *O sorriso do caos*. Rio de Janeiro: Record, 1997. [orelha].

VILLAS-BOAS, Luciana. Marco Lucchesi. *Villas Boas & Moss*. Rio de Janeiro, 18 jun. 2015. O autor como leitor. [entrevista em blog].

WANDERLEY, Márcia Cavendish. Imensa diáspora das trevas. *Gazeta Mercantil*, Curitiba, 6-8 ago. 2004. Caderno Fim de Semana. [artigo em jornal].

WATTAGHIN, Lucia. O esquecimento do saber. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 8 nov. 1996. Jornal de Resenhas. [artigo em jornal].

WEBER, Rosa. Diálogos com o Supremo. *Comunità Italiana*. n. 300. São Paulo, jul. 2023. [artigo em revista destacando a importância de ML na oficialização da do Nheengatu na Constituição Federal de 1988].

WEBER, Rosa. Visita à Biblioteca Nacional Rio de Janeiro. *https:portal.stf.jus.br/.noticia* [discurso em portal digital].

WEFFORT, Francisco; SOUZA, Márcio. Um olhar sobre a cultura brasileira. Rio de Janeiro: Funarte, 1998. [passim].

WEHLING, Arno. *Giambattista Vico e Marco Lucchesi.* Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 2021. [ensaio sobre M.L].

WEINHARDT, Marilene. O dom do crime, uma obra ambígua ou a teoria dos sósias. *In:* PEREIRA, Helena Bonito (Org.). *Ficção brasileira no século XXI*: terceiras leituras. São Paulo: Mackenzie, 2013. [capítulo dedicado a M.L].

X FENART nos rumos da literatura de hoje: escrito fluminense debate em seminário e participa de recital. *A União*, João Pessoa, 17 nov. 2004, p. 2. [artigo em jornal].

XAVIER, José Messias. A máquina do tempo de Khliebnikov. *Jornal Toda palavra*, Niterói, ago. 2018, ano III, n. 31, p. 12. [artigo em jornal].

XAVIER, José Messias. Nobel: genialidade da obra e expressão internacional credenciam Lucchesi. *Jornal Toda palavra,* Niterói, jan. 2024, ano VIII, no. 85, p. 6. [artigo em jornal impresso e digital].

XAVIER, José Messias. Entre o Brasil real e o país das narrativas. *Jornal Toda palavra,* Niterói, fev. 2024, ano VIII, no. 86, p. 6. [artigo em jornal impresso e digital].

Exterior

A crazed doctor and a lethal scalped: the brutal femicide changed the history of Brazil forefer. *Breaking News,* Argentina, 19 agost. 2023. [artigo em jornal digital].

AL-DAHIM, Jawanhar. Al-Barazil ua al-Gharb. Riade, al-Jazira [Arábia Saudita], mar. 2009. [artigo em jornal].

ANDREI, Otilia. Marco Lucchesi, preşedintele Academiei Braziliene de Litere, în vizită la Bucureşti. *Adevarul,* Bucareste [Romênia], 21 jan. 2018. Cultura. [artigo em jornal].

ANDREI, Otilia. Traducătorul Marco Lucchesi: "M-am îndrăgostit de limba română din prima clipă". *Adevarul,* Bucareste [Romênia], 25 jan. 2018. Cultura. [artigo em jornal].

APA, Livia. Il senso s'immila in altri sensi. *In:* LUCCHESI, Marco. *Irminsul*. Lucca [Itália]: Accademia Lucchese delle Scienze, Lettere e Arti, 2014. [posfácio].

AVELLA, Aniello Angelo. Haroldo de Campos "trans-creazione" ovvero la traduzione come creazione e come critica. *Sincronie***:** rivista semestrale di letterature, teatro e sistemi di pensiero, Manziana [Itália], n. 14, p. 91-96, jul./dez. 2003. [artigo em periódico].

AVELLA, Aniello Angelo. L'anfibio che abita nel "pluritempo" e legge negli occhi dei gatti. *In:* PIERANGELI, Fabio; AVELLA, Aniello Angelo. *Marco Lucchesi, poeta del dialogo, "anfibio" fra Roma Tor Vergata e Rio de Janeiro*. Roma [Itália]: Edizioni Exòrma, 2017. [capítulo dedicado a M.L.].

AVELLA, Aniello Angelo. La fiamma attraverso la cenere, ovvero la sottile melanconia poetica di Marco Lucchesi. *Sincronie*: rivista semestrale di letterature, teatro e sistemi di pensiero, Manziana [Itália], v. 13, 25-26, p. 71-73, jan./dez. 2009. [artigo em periódico].

AVELLA, Aniello Angelo. Marco Lucchesi un poeta dantesco all'Università di Roma Tor Vergata. *In:* LUCCHESI, Marco. *Irminsul*. Lucca [Itália]: Accademia Luccchesi delle Scienze, Lettere e Arti, 2014. [posfácio].

AVELLA, Aniello Angelo. Marco Lucchesi, "la passione dell'infinito, o la nostalgia del più". *In:* LUCCHESI, Marco. *Irminsul*. Lucca [Itália]: Accademia Luccchesi delle Scienze, Lettere e Arti, 2014. [prefácio].

AVELLA, Aniello Angelo; PIERANGELI, Fabio. *Marco Lucchesi, poeta del dialogo, "anfibio" fra Roma Tor Vergata e Rio de Janeiro*. Roma [Itália]: Edizioni Exòrma, 2017. [livro dedicado a M.L.].

BAGNO, Vsevolod. God Dostoievskogo. *Russkaia Literatura*. São Petersburgo. n.3, 2021. [artigo em revista].

BÉRÉNICE. *Rivista quadrimestrale di studi comparati e ricerche sulle avanguardie*, VIII, n. 23. Paris [França], jul. 2000. Speciale Brasile. [artigo em revista].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Cultura da Paz. *Revista Lusófona de Educação*. Lisboa [Portugal]. [resenha sobre obra de M.L.].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Marco Lucchesi ya da Labirentin Estetiği. *In:* ALKAN, Tozan (org.) *Virüs*. Istambul-Turquia: Metro Mtbaacilik Ltda. Sti, 2021. p. 242-253 [capítulo de coletânea].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Marco Lucchesi: Diálogo entre Oriente e Ocidente. *Revista de Muscat (Omã)*. Nizwa: Editora Sultanate of Oman, n.105, 2021. [artigo em revista].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Educação e Leituras: um passeio pela solidão das estrelas de Marco Lucchesi. *Revista TRIPLOV*: de artes, religiões e ciências, Portugal, 2022. [artigo em revista].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Marco Lucchesi: o percurso de uma estrela ao infinito. *Revista TRIPLOV*: de artes, religiões e ciências, Portugal, 2022. [artigo em revista].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. O diálogo interdisciplinar na poética de Marco Lucchesi ou a estética do labirinto. *Revista TRIPLOV*: de artes, religiões e ciências, Portugal, 2022. [artigo em revista].

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. "Paisagem Lunar"de Marco Lucchesi. *Alpialdelapalabra*. Buenos Aires, fev. 2024. [resenha em revista eletrônica].

BONUCCELLI, Ilaria. Il poeta illustre di Ilaria del Carretto: Il Premio di Ciampi per Marco Lucchesi, enfant prodige della Letteratura. *Il Tirreno*, Viareggio [Itália], 11 maio 2002. [artigo em jornal].

BOSSENKO, Valérii. Vielimir Khliébnikov v Brasili i v Astrakhani. Volga Astrakan [Rússia], 17 jan.1997. [artigo em jornal].

Brazilia va publica prima sa Constitutie într-o limba indigena. *DIGI 24,* Romênia, 26 agost. 2023. [artigo em jornal digital].

BRUM, José Thomaz. (PUC-Rio de Janeiro). Laudatio în onoarea Domnului Profesor univ. Dr. Marco Lucchesi. Presedintele Academiei Braziliene de Litere. Universidade Federal de Arad. Romênia, 11 fev. 2020. [livro em homenagem a doutoramento Honoris Causa de M. L.].

CANDELIER, Bruno Rosario. Poética de la creación em Marco Lucchesi: sentido simbólico, interiorista y místico de lo viviente. *Boletín digital*, República Dominicana, n. 188, p. 9-15, 2022.

CLEP, Ana-Maria. Marco Lucchesi: star-poetcs-labyrinth. *Universitá di Napoli L'Orientale*. Unior Press: 2023. [resenha sobre um livro de ensaios de Ana M H Baptista].

COELHO, Gisela. Festival arrancou ontem: FMLSal quer levar literatura cabo-verdiana a Nova Iorque já em 2019. *A Nação*, Cabo Verde, 22 jun.2018. [citado em artigo de jornal].

CONFERÊNCIA: "DEFESA DE uma alteridade especular" por Marco Lucchesi (ABL). *Instituto Internacional da Língua Portuguesa*, Cabo Verde, 27 jun.2018. [artigo em homepage].

CATALOGUE DE PUBLICATIONS. Centre Gaston Bachelard de Recherches sur l'Imaginaire et la Rationalité. Université de Bourgogne [França], 2008. [citado em catálogo].

CILINA, Nicoleta. Limba română ocupă un loc de prim ordin în sufletul meu. *Cuvântul Libertății*, Craiova [Romênia], 6 abr. 2016. [artigo em jornal].

COANDE, Nicolae. Aş Dori să Propun un Paşport Latin. *Cuvântul Libertăţii*, Craiova [Romênia], 2003, p. 5. [artigo em jornal].

COANDE, Nicolae; LUCCHESI, Marco. Marco Luchessi: concertul acelei *Weltliteratur* nu se poate de vocea României. *In:* COANDE, Nicolae. *Celălalt capăt*. Bucuresti [Romênia]: Curtea Veche, 2006. p. 214-221. [capítulo de livro].

CONVERSATORIO CON PRESTIGIOSO poeta brasileño. *La nación*, Assunción [Paraguay], 10 abr. 2018. [artigo em jornal].

CREȚU, Nicolae. Poesia la Iaşi. *Ziarul de Iași*, Iasi [Romênia], 09 jun. 2017. [artigo em jornal].

DRAGOSTE, Cosmin. Divanul sau Împăcarea înţeleptlui cu Lumea. *Cuvântul Libertăţii*, Craiova [Romênia], 1-2 mar. 2003. [artigo em jornal].

DUEK, Paulo Saul. Hello, Pirandello: Marco Lucchesi and the invitation to dramaturgy. *Abordări moderne în ştiinţele socio-umane/Modern Approaches in Social Sciences* [Romênia], 2022. [artigo em revista].

DULVAC, Horia. Dialoguri cu Marco Lucchesi. *In:* LUCCHESI, Marco. *Surâsul haosului*. Craiova [Romênia]: Aius, 2013. [posfácio].

EMBAIXADA DO BRASIL e IILP lançam programa cultural esta tarde na Praia. *Santiago Magazine*, Praia [Cabo Verde], 19 jun.2018. [citado em artigo de revista].

ENE, Mihai. Marco Lucchesi şi poezia ca vehicul al cunoaşterii. Scrisul Românesc. Craiova (Romênia), 12 (184), decembrie 2018. [artigo em revista].

ECO, Umberto. *Dire quasi la stessa cosa*: esperienze di traduzioni. Milano [Itália]: Bompiani, 2004. [passim].

EDAD DE PLATA. *Conversación con Marco Lucchesi*. Intervienen Antonio Moura e Ascensión Rivas Hernández. Madrid [Espanha], 06 out. 2014. [jornadas de estudos dedicadas a M.L e oficina de poesia].

ELIAN, Smaranda Bratu. L'Italia al IX Festival Internazionale di Poesia di Bucarest (FIPB). *Rivista Interculturale bilingue Orizzonti Culturali Italo-Romeni*. Giu. 2018, anno VIII. [passim].

ESCARRAMÁN, Víctor. La indecisa aurora: creacíon de Marco Lucchesi. Moca, Rep. Dominicana. *Boletín digital no. 212*. Jan. 2024. [Encuentro Literario Del Ateneo Insular, out. 2023].

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. Marco Lucchesi e la sua inquietudine. *In:* LUCCHESI, Marco. *Irminsul*. Lucca [Itália]: Accademia Lucchese delle Scienze, Lettere e Arti, 2014. [posfácio].

FLĂMÂND, Dinu. Prezentare. *In:* LUCCHESI, Marco. *Meridian Celest & alte poeme*. Ediţie bilingvă. Traducere, prefaţă şi note de Dinu Flămând. Bucaresti [România], Tracus Arte, 2018. [apresentação].

FLĂMÂND, Dinu. Secrete armonii. *In:* LUCCHESI, Marco. *Meridian Celest & alte poeme*. Ediţie bilingvă. Traducere, prefaţă şi note de Dinu Flămând. Bucaresti [România], Tracus Arte, 2018. [prefácio].

GAMBOA, Martin Palacio. Marco Lucchesi: La textualidad de un ángel fieramente humano. *In: Los trazos de Pandora: otras voces otros territórios*. Antología bilíngüe de la poesía contemporánea brasileña. Fortaleza: Banda Hispanica, 2010. [capítulo dedicado a M.L.].

GENNA, Antonella. *Traduzione e poesia nell'opera di Marco Lucchesi, un'intellettuale fra Italia e Brasile*. Monografia. Facoltà di Lettere e Filosofia, Università degli Studi di Roma Tor Vergata, Tesi di Laurea, Roma [Itália], 2004. [Trabalho de Conclusão de Curso dedicado a M.L.].

GONGONEA, Silviu. Nuda coloană a viziunii: O Scurtă Prezentare. *Scrisul Românesc*, Craiova [Romênia], n. 1, 2-3 jan./ jun. 2003, p. 47. [artigo em revista].

GONZÁLEZ, Montserrat Villar. *Año de publicaciones conjuntas en Brasil y alguna sorpresa.* Salamanca [Espanha], 21 mar. 2019 [artigo em homepage].

GORDO, Alberto. Despues de Machado de Assís. *El Cultural*, Madrid [Espanha], 05 ago. 2016. [artigo em jornal].

GROSSO, Cristina. *Aurobindo tra Occidente e Oriente*. Monografia. Facoltà di Lettere, Università di Torino, Tesi di Laurea, Torino [Itália], 1990. [Trabalho de Conclusão de Curso dedicado a M.L.].

GUEDES, Maria Ester. *A diversão de Marco Lucchesi.* Revista Triplov. Portugal, primavera 2019. [artigo em revista].

HANSSON, Cecilia. *Translating poetry in the postdigital era*. Cecilia Hansson Författare & Översättare. Stockholm [Suécia], 30 sept. 2014. [citado em homepage].

HELGESSON, Stefan. Fenomenal Poeten Machado de Assis Är Poppis Än Brasilie. *Dagens Nyheter,* Estocolmo [Suécia], 13 abr. 2008, p. 5. [artigo em jornal].

HOJA PDG. El conocimiento y la afectividad unidos en una busqueda permanente. Santa Cruz de la Sierra [Bolívia], 1. dez. 2005. [artigo em jornal].

ILHA DO SAL: Segunda edição do Festival Internacional de Literatura arranca esta quinta-feira com cerca de 40 escritores. *A Semana,* Cabo Verde, 21 Junho 2018. [citado em artigo de jornal].

ÎN PATRIA Lui Marco Lucchesi. *Revista Autograf*. Craiova [Romênia], mar./ maio 2007, p. 39. [artigo em revista].

JAMSHAID, Umer. Contemporary Brazilian Literature Intertwined With Local Tradition: Dr. Yousuf Khushk. *UrduPoint*, Paquistão, 02 jun. 2022. [artigo em blog].

LA ESCRITURA es el caminho para uma sociedade libre. *Color ABC*, Asunción [Paraguay],12 abr. 2018 [artigo em jornal].

LA PANTERA d'oro va a Marco Lucchesi. *La Gazzetta di Lucca*. Lucca [Itália], 29 out. 2011. Cultura e Spettacolo. [artigo em jornal].

LEMMENS, Harrie. Dualisme. Marco Lucchesi. *In:* Zuca Magazine. Amsterdã [Holanda], 04 fev. 2019. [poesia traduzida em jornal].

LEOVEANU, Ema. Marco, un Brazilian la Craiova: poezia ca metaforă a prieteniei. *Jurnalul National*, Craiova [Romênia], 27 fev. 2003, p. 25. [artigo em jornal].

LETTURA di poesie di Antônio Cícero e Marco Lucchesi, in omaggio a Nello Avella. *In: VEREDAS. Convegno internazionale di studi in memoria di Nello Avella*. Roma [Itália], 24 genn. 2018. [leitura de poesia de M.L. em evento].

LILE, Ramona. (Rectorul Universiăţii „Aurel Vlaicu" din Arad). Laudatio în onoarea Domnului Profesor univ. Dr. Marco Lucchesi. Presedintele Academiei Braziliene de Litere. Universidade Federal de Arad. Romênia, 11 fev. 2020. [livro em homenagem a doutoramento Honoris Causa de M. L.].

LITERATURA ROMÂNA în spaţiul cultural brazilian. *Cuvântul Libertăţii*, Craiova [Romênia], 4 abr. 2014. [artigo em jornal].

LOTINA, Radmila. U Krugu Slebednika Stikha. *Novi Sad* [Sérvia], 2010. [artigo em jornal].

LUCCHESI, Marco. Não há segredo / Il n'y a aucun secret. Tradução Monique Le Moing. *Sigila Revista Transdisciplinar Luso-Francesa sobre o segredo*. Paris [França], n. 26, 2010. [artigo em revista].

LUCCHESI, Marco. МИР СПАСЕТ КРАСОТА. *In*: Vsevolod Evgenievich Bagno. (Org.). *РЕЦЕПЦИЯ ДОСТОЕВСКОГО В МИРОВОЙ КУЛЬТУРЕ ИСТОРИЯ И СОВРЕМЕННОСТЬ*. São Petersburgo: Casa Pushkinsky, 2021. [capítulo de livro].

LUCIANI, Luciano. Ilaria del Carretto di Jacopo della Quercia. *Libere Recesioni*, [s.l.], 06 fev. 2011. [artigo em homepage].

MAFFIA, Dante. *In:* LUCCHESI, Marco. *Lucca dentro*. Lucca [Itália]: Maria Pacini Fazzi, 2002. [prefácio].

MANCINI, Chiara. *Il nome dei gatti. Proposta di analisi linguistica e traduttologica di dodici saggi di Marco Lucchesi*. Roma [Itália]: Università degli Studi Roma Tre. Dipartimento di Lingue, Letterature e Culture Straniere. Corso di Laurea Magistrale in Letterature e Traduzione Interculturale. Tesi di Laurea in Lingue e traduzione portoghese e brasiliana, 2017/2018. [tese dedicada a M.L.].

MANCINI, Chiara. Letteratura e libertà. Su una raccolta di saggi di Marco Lucchesi. *In: VEREDAS. Convegno internazionale di studi in memoria di Nello Avella*. Roma [Itália], 24 genn. 2018. [comunicação em evento].

MARCO LUCCHESI'S love for Allama Iqbal and Urdu will bring the two countries closer; Dr. Yousuf Khushk. *Daily Times*, Paquistão, 03 jun. 2022. [artigo em jornal].

MARCO LUCCHESI: "En tiempos de barbarie, algunos se enorgullecen de su ignorancia". *Clarín*, Buenos Aires, 08 ago. 2019. [entrevista em jornal].

MARCO LUCCHESI realizará un conversatorio sobre poesía y literatura. *Academia Paraguaya de la Lengua Española*, Asunción, 10 abr. 2018. [artigo em homepage].

MARCO LUCCHESI, presidente de la Academia Brasileña de Letras, en Paraguay. *Color ABC*, Asunción,10 de abril de 2018. [artigo em jornal].

MARCO LUCCHESI, preşedintele Academiei Braziliene de Litere: "Limba română m-a fermecat cu parfumul adierii sale". *Instituto Cultural Român*, Romênia, 23 jan. 2018. [artigo em homepage].

MARCO LUCCHESI, preşedintele Academiei Braziliene de Litere, distins de Institutul Cultural Român. *Amos News*, Romênia, 19 jan. 2018. [artigo em jornal].

MARCO LUCCHESI: laudă limbii române. *Tibiscus*, Timisoara, n. 2, (87), p. 9-12, 2016. [artigo em revista].

MAURA, Antonio. Voces brasileñas: la vida de las palabras en la poesía de Marco Lucchesi. *Luke: revista virtual de literatura y creación contemporánea* [s.l], n. 146, fev. 2013. [artigo em revista]

MIRGHIATHI, Fatemeh. Marco Lucchesi tradutor de Rumi no Brasil. *Ibna,* Teerã, 09 jul., 2023. [artigo em revista digital].

NAKAYA, Nodoka. Marco Lucchesi: Microcosmo. *Haiku Weekly*. Tóquio, ago. 2023. [ensaio em revista digital]

NARDI, Raffaele. *In:* LUCCHESI, Marco. *Irminsul*. Lucca [Itália]: Accademia Luccchesi delle Scienze, Lettere e Arti, 2014. [prefácio].

NICOLETA, Calină. Limba română ocupă un loc de prim ordin în sufletul meu. *Cuvântul Libertății*. Craiova [Romênia], 06 abr. 2016. [artigo em jornal].

NICOLETA, Calină. Marco Lucchesi: de la surâsul haosului la irminsul - pe traseul. *Cuvântul Libertăţii*, Craiova [Romênia], [s.d.]. [artigo em jornal].

ONORATI, Aldo. La quiete delle rose. *La Voce del Sud*, Lecce [Itália], 08 mar. 2003, p. 3. [artigo em jornal].

OPINA EL escritor Brasileño Marco Lucchesi: latinoamerica vive una tragédia y paga culpas que no le pertenecen. *Nayarit*. Tepic, 10 fev. 2002, p. 2. [artigo em jornal].

PAREDES, Demian. "El don del crimen" de Marco Lucchesi. *Pagina 12,* Buenos Aires, 13 ago. 2023. [entrevista em jornal digital e impresso].

PĂTRĂSCONIU, Cristian. 30 de interviuri. *Jurnal La Punkt*. România [Romênia], 22 nov. 2015. [artigo em jornal].

PETERLE, Patrícia. Ruínas Orme Manchas: às voltas com Murilo Mendes, Marco Lucchesi e Giorgio Caproni. *In:* LUPETTI, Monica; TOCCO, Valeria. *Giochi di specchi*: modelli, tradizioni, contaminazioni e dinamiche interculturali nei e tra i paesi di língua portoghese. Pisa: ETS, 2016. [capítulo dedicado a M.L.].

PIERANGELI, Fabio. "La mia vita è un Danubio di versi e parole che unisce i paesi del mondo" per Marco Lucchesi. *In:* PIERANGELI, Fabio; AVELLA, Aniello Angelo: *Marco Lucchesi, poeta del dialogo, "anfíbio" fra Roma Tor Vergata e Rio de Janeiro*. Roma [Itália]: Exòrma Edizioni, 2017. [capítulo dedicado a M.L.].

PIERANGELI, Fabio. Marco Lucchesi e Nello Avella. Letteratura come amicizia tra Italia e Brasile. *In: VEREDAS. Convegno internazionale di studi in memoria di Nello Avella*. Roma [Itália], 25 genn. 2018. [comunicação em evento].

PIERINI, Pier Luigi. La poesia di Marco Lucchesi: incontro nella biblioteca comunale. *Incontro*, Massarosa [Itália], mar. 2001, p. 15. [artigo em jornal].

PIERINI, Pier Luigi. Lucca Dentro. *Incontro*, Massarosa [Itália], 20 jun. 2003, p. 17. [artigo em jornal].

PIERINI, Pier Luigi. Marco Lucchesi: un grande letterato e studioso. *Incontro*, Massarosa [Itália], set. 1999. [artigo em jornal].

PÎRLIGRAS, Viorel. Domnul L: biografii-cultural-sentimentale. *Autograf*, Craiova [Romênia], jan-mar./ 2007, p. 48. [artigo em revista].

PÎRLIGRAS, Viorel. Marco a fost în Craiova. *Lumi Paralele*, Craiova [Romênia], 10 fev. 2013. [artigo em jornal].

POEMS by Marco Lucchesi. Tradução Barbara Carle. *Journal of Italian Translation*. Brooklyn, v. 2, n. 2, p. 235-241, 2007. [artigo em jornal].

POETA MARCO LUCCHESI reeleito presidente da Academia Brasileira de Letras. Lisboa: *Observador*, 06 dez. 2019. [artigo em jornal].

POETA MARCO LUCCHESI reeleito presidente da Academia Brasileira de Letras. Portugal: *País ao minuto*, 06 dez. 2019. [artigo em jornal].

POMELLA, Marco. Dal covid a Pirandello: il Brasile visto dallo scrittore Marco Lucchesi. Itália: *Versiliatoday*, 31 mar. 2021. [artigo em revista].

POPESCU, George. Afinităţi (int)elective. *In:* LUCCHESI, Marco. *Surâsul haosului*. Craiova [Romênia]. Aius, 2013. [posfácio].

POPESCU, George. Literatura Română în Brazilia. *Cuvântul Libertăţii*, Craiova [Romênia], 10 abr. 2017. [artigo em jornal].

POPESCU, George. Marco Lucchesi: România - al treilea ţărm al fluviului care curge înăuntrul meu". *Cuvântul Libertăţii*, Craiova [Romênia], 20 fev. 2017. [artigo em jornal].

POPESCU, George. Marco Lucchesi: România - al treilea ţărm al fluviului care curge înăuntrul meu". *Lettre Internationale*, România [Romênia] n.101-102, p.97, 2017. [artigo em revista].

POPESCU, George. Orfeo in biblioteca: la poesia di Marco Lucchesi. *In:* LUCCHESI, Marco. *Irminsul*. Lucca [Itália]: Accademia Lucchese delle Scienze, Lettere e Arti, 2014. [posfácio].

POPESCU, George. Orfeu în biblioteca. *In:* LUCCHESI, Marco. *Surâsul haosului*. Craiova [Romênia]: Aius, 2013. [prefácio].

POPESCU, George. Poezie. *Autograf*, Craiova [Romênia], n. 7, 2005. [artigo em revista].

POPESCU, George. România – al treilea ţărm al fluviului care curge înăuntrul meu. *Cuvântul Libertăţii*, Craiova [Romênia], 20 fev. 2017. [artigo em jornal].

POPESCU, George. Ştefan Petică 140: recurs la valori modelatoare. *Luceafarul*, Bucuresti [Romênia], n.4, 2017. [artigo em revista].

POPESCU, George. Un cărturar transatlantic fan al României. *Cuvântul Libertatii*, Craiova [Romênia], 01 nov. 2013. [artigo em jornal].

POPESCU, George. Un Vizionar Sapiential. *In:* LUCCHESI, Marco. *Gradinile Somnului*. Craiova [Romênia]: Scrisul Românesc, 2003. [prefácio].

PRATU, Magda. Scriitorul Brazilian din Nou la Craiova. *Cuvântul Libertăţii*, Craiova [Romênia], 8-9 out. 2005, p. 4. [artigo em jornal].

PREŞEDINTELE ACADEMIEI Braziliene de Litere, distins de ICR pentru promovarea culturii române. *Agerpres*, Romênia, 23 jan. 2018. [artigo em jornal].

RACHIERU, Adrian Dinu. (Universitatea Tibuscus din Timisoara). Laudatio în onoarea Domnului Profesor univ. Dr. Marco Lucchesi. Presedintele Academiei Braziliene de Litere. Universidade Federal de Arad. Romênia, 11 fev. 2020. [livro em homenagem a doutoramento Honoris Causa de M. L.].

RAI RADIOTELEVISIONE ITALIANA SPA. *Il poeta brasiliano Marco Lucchesi legge in diretta le sue poesie*. Roma [Itália], 05 magg. 2006. [programa de TV].

RAI RADIOTELEVISIONE ITALIANA SPA. *Marco Lucchesi scrittore Niteroi.* Roma [Itália], 19 genn. 2016. [programa de TV].

RICCHI, Renzo. Resenha de: LUCCHESI, Marco. Poesie. Enna: Grilli Editore, 1999. *Nuova Antologia:* Rivista di lettere, scienze ed arti, Firenze [Itália], Fondazione Spadolini, v. 585, n. 2216, p. 351-352., out./dez. 2000. [resenha em periódico].

RODGERS, Christopher. Contemporary Brazilian Literature Intertwined with Local Tradition: Dr. Yousuf Khushk. *River and Sound Review*, United States, 02 jun. 2022. [artigo em jornal literário].

ROTIROTI, Giovanni. (Universitatea l´Orientale di Roma). Laudatio în onoarea Domnului Profesor univ. Dr. Marco Lucchesi. Presedintele Academiei Braziliene de Litere. Universidade Federal de Arad. Romênia, 11 fev. 2020. [livro em homenagem a doutoramento Honoris Causa de M. L.].

RUSSO, Mariagrazia. *Um só dorido coração*: implicazioni leopardiane nella cultura letteraria di língua portoghese. Viterbo [Itália]: SetteCittà, 2003. [capítulo dedicado a M.L.].

SALOMÉ, René. Un médico enloquecido y un bisturí letal: el brutal femicidio que cambió la historia de Brasil para siempre. *Leamos*. Argentina, 18 agost. 2023. [artigo em jornal digital].

SALVETTI, Paolo. DANTE Di Un omaggio al Sommo Poeta dal Presidente dell'Accademia Brasiliana di Lettere. *Toscana Daily* [Itália], 25 mar. 2020 [artigo em jornal].

SCHARF, Kurt. Portugiesisch-Deutscher VERSschmuggel. *Ostragehege*: Zeitschrift für Literatur und Kunst. Frankfurt [Alemanha], 2008.

SOUSA, Ilza Matias. Le carnet de lectures de Marco Lucchesi; ce que je lis et ce qu'il me dit. Traduction Julie A. Cavignac. *Sociétés: revue des sciences humaines et sociales*, Bruxelles [Bélgica] n. 70, p. 111-113, 2000. Resenha de: LUCCHESI, Marco. Teatro alquímico: diário de leituras. Rio de Janeiro: Artium, 1999. 160 p.

TADDEUCCI, Paola. Sono tornato a Lucca per risvegliare Ilaria con i miei versi più belli. *Il Tirreno*, Toscana [Itália], 26 out. 2014. [artigo em jornal].

TÜRK DILI. *Pelerin Dijital Fanzin*, Turquia, 04 dez. 2022. [artigo em revista].

UN ENCUENTRO de poetas. *ABC Color*. Paraguay, 06 jun. 2010. Artes y Espectáculos. [artigo em jornal].

UM NOBEL humanista. *Jornal de Letras*, Portugal, nov. 2021. [artigo em jornal].

VĂLCAN, Ciprian Habil. (Universitatea „Aurel Vlaicu" din Arad). Laudatio în onoarea Domnului Profesor univ. Dr. Marco Lucchesi. Presedintele Academiei Braziliene de Litere. Universidade Federal de Arad. Romênia, 11 fev. 2020. [livro em homenagem a doutoramento Honoris Causa de M. L.].

VĂLCAN, Ciprian. Interviu cu Marco Lucchesi: De la Dante şi poeţii arabi la Ion Barbu. Orizont Revistă a Uniunii Scriitorilor Din România. [Romênia], n. 3. Fev. 2020. [artigo em revista].

VĂLCAN, Ciprian. Interviu cu Marco Lucchesi: România este o Patriă Spirituală pentru mine. *Jurnal La Punkt*. România [Romênia], 05 dez. 2014. [artigo em jornal].

VĂLCAN, Ciprian. Poezia lui Cioran vie ca un foc. *Revista Orizont*, România [Romênia], n. 7, jul. 2014. [artigo em revista].

WEBER, Anne Françoise. *Zu Gast beim Sultam*. Deutschlandfunk Kultur. Alemanha, 30 nov. 2014. [citado em artigo em revista].

WEHLING, Arno. Giambattista Vico y Marco Lucchesi. *Letras interioristas*, Moca [República Dominicana], n. 26, p. 33-35, nov. 2022.

ZAMITH-CRUZ, Judite. *Arte e Ciência em Marco Lucchesi:* Perspectivas Transdisciplinares. São Paulo: Átopos Editorial, 2023. [livro dedicado a M.L.].

ZELETIN, C.D. Stefan Petică 140. *Revista da Academia Bârlădeană*, România [Romênia], jan./ mar. 2017. [artigo em revista].

ZINGAROPOLI, Silvia. Poesia del silenzio di Marco Lucchesi. *Musibrasil*, [s.l.], 12 dez. 2002. [artigo em revista].

ZIÓŁKOWSKA-BOEHM, Aleksandra. Jestem Trochę Polakiem, Ponieważ Jestem Wielojęzyczny. *Odra*, Wrocław [Polônia], n. 10-11-12, p. 72-73, dez. 2022.